

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

**D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, UM INTÉRPRETE DE SEU
TEMPO: O SER, O MUNDO E A VIDA NO PENSAMENTO IBÉRICO
SEISCENTISTA**

MAICON DA SILVA CAMARGO

GOIÂNIA
2014

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Maicon da Silva Camargo		
E-mail:	maiconcamargo.msc@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor			
Agência de fomento:	CAPES	Sigla:	
País:	Brasil	UF:GO	CNPJ:
Título:	D. Francisco Manuel de Melo, um intérprete de seu tempo: o ser, o mundo e a vida no pensamento ibérico seiscentista		
Palavras-chave:	D. Francisco Manuel de Melo, epistolografia, "perda de si", pensamento ibérico, modernidade.		
Título em outra língua:	D. Francisco Manuel de Melo un interprète de son temps : l' être, le monde et la vie dans la pensée ibérique du XVIIe siècle		
Palavras-chave em outra língua:	D. Francisco Manuel de Melo, épistolographie, "perte de soi", pensée ibérique, modernité.		
Área de concentração:	História, Memória e Imaginários Sociais		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	13/08/2014		
Programa de Pós-Graduação:	História		
Orientador (a):	Armênia Maria de Souza		
E-mail:			
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

MAICON DA SILVA CAMARGO

**D. FRANCISCO MANUEL DE MELO UM INTÉRPRETE DE SEU
TEMPO: O SER, O MUNDO E A VIDA NO PENSAMENTO IBÉRICO
SEISCENTISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás como critério parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Cultura, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais.

Orientadora: Prof.^a Doutora Armênia Maria de Souza.

GOIÂNIA

2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

Camargo, Maicon da Silva.

C172d D. Francisco Manuel de Melo, um intérprete de seu tempo [manuscrito]: o ser, o mundo e a vida no pensamento ibérico seiscentista / Maicon da Silva Camargo. - 2014. xv, 174 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Armênia Maria de Souza
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História, 2014.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Melo, Francisco Manoel de, 1608-1666 2. Europa - História 3. Cultura Ibérica. I. Título.

CDU: 94(4)“1492/1914”

MAICON DA SILVA CAMARGO

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO UM INTÉRPRETE DE SEU TEMPO: O SER, O MUNDO E A VIDA NO PENSAMENTO IBÉRICO SEISCENTISTA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Mestre, aprovada em _____ de _____, 2014, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof^a Dr^a Armênia Maria de Souza – FH/ UFG
(Presidente)

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha – INHIS/UFU
(Examinador)

Prof. Dr. Marlon Jeison Salomon – FH/UFG
(Examinador)

Prof^a Dr^a Libertad Borges Bittencourt – FH/UFG
(Suplente)

*Guilherme e Alice, meus amados
“filhos”, que me resgatam de
mim mesmo. O meu remédio para
a perda de mim.*

AGRADECIMENTOS

Não considero agradecer um “gesto nobre”, mas a “1ª parcela” de uma dívida impossível de saldar. Agradeço aqui aos que foram (e são!) para mim como o *Atlas* – mais que um “ombro amigo” me sustentam e seguram meu mundo.

Agradeço especialmente a minha orientadora professora Armênia Maria de Souza, que mais que orientar esse trabalho de pesquisa, apostou e confiou em mim e em meu trabalho. Nesses sete anos que estivemos trabalhando juntos demonstrou paciência, respeito, incentivo e compreensão. Agradeço à amizade e a todas as xícaras de café e pedaços de bolo.

Agradeço também aos professores da Faculdade de História: Ana Tereza, Sônia Magalhães, Jacqueline Vigário, Heloísa Capel, Rafael Saddi, Carlos Oiti, Fabiana Fredrigo e Dulce dos Santos. Suas aulas, na graduação e na pós, bem como as diversas conversas nos corredores constituíram a base da minha matriz curricular.

À professora Libertad Borges pela excelente disciplina na pós e pelas discussões em aula que certamente deram novos rumos a esse trabalho. Também por sua participação na qualificação desse trabalho, e aqui novamente mais uma excelente aula que, novamente, deu norte à minha pesquisa.

Ao professor Marlon Salomon por todas as “vírgulas” (a)creditadas nesse trabalho. Suas aulas, palestras, artigos, livros foram silenciosamente como uma bússola que direcionaram essa pesquisa. Agradeço também pela participação na banca de qualificação cujas críticas e sugestões foram fundamentais para o desenvolvimento do meu pensamento histórico e, conseqüentemente, para o amadurecimento deste trabalho. E também por participar da banca de defesa na certeza de que com seus comentários e avaliação poderei novamente aperfeiçoar meu pensamento histórico.

Ao professor Gilberto César de Noronha pelas contribuições dadas a este trabalho desde o projeto inicial, pelo grande incentivo, pela calorosa acolhida em Uberlândia, e por ter aceitado o convite para participar da banca de defesa deste trabalho.

Agradeço também à Capes pelo “incentivo” a pesquisa e à secretaria da Faculdade de História e, em particular, ao Gustavo, Fernando, Glorinha, Marco Aurélio e Daiany.

Aos amigos que serviram de consolo e alegria e que mesmo pouco sabendo do tema deste trabalho me ouviam e discutiam comigo, fatores necessários para a concretização desta dissertação. Nas palavras de Melo: “os parentescos da fortuna são mais apertados que os de sangue”. Por isso, obrigado William Macedo, Dáfny e Dáyla Fontenele que me ensinaram as veredas da amizade. Aos amigos do Grupo de Estudos *Sapientia*, em especial a Lorena Martins, Nezivânia, Ana Cecília, Débora Rosa, Alice Souza, Mariana Romero e Fernanda Moi pelo imenso carinho e companheirismo.

À Marina Geisiely, que me ensinou através de seu exemplo a lutar por uma ideia e um ideal, sempre com bondade e compaixão, lhe sou muito “gradicado”. À Marciane Sousa, Poliana Guimarães e Laiane Vaz, amigas muito queridas.

À Nathália de Freitas por me ensinar na prática que a ‘alegria e a tristeza não são como água e óleo, elas coexistem’. Lara Misquilin que torceu, sofreu e se desesperou por este trabalho mais que eu mesmo; a bolsa do mestrado nunca conseguirá pagar nossas contas telefônicas. À Maria Dailza sempre disposta a ajudar com alegria, carinho e eficiência. Aos queridos amigos que são verdadeiramente “irmãos”: Dielson Oliveira, o grande Arthur Coelho, Ana Cláudia (e nossos eternos “F5”) e Hellen Karine (a pessoa que fala por entre sorrisos).

À Cleire Romeiro que perdida em seus “câmbios de humor” lhe imputo a culpa de fornecer a segurança necessária para que eu pudesse “tocar em frente”. Tão perdida em seus medos e fantasmas não percebia que era fonte de luz para que eu afugentasse os meus próprios fantasmas.

À Maísa Mascarenhas com quem divido minha alma (e também a “específica de humanas”) e que com suas mãos sinto a segurança para caminhar no mundo. À Daniela Cristina que me ensinou a importância e o sabor que a “loucura” possui nas nossas vidas. E à Cleusa Teixeira por me fornecer calma ao longo desse caminho, pela sabedoria e prudência com que sempre me aconselhou. Obrigado pelos momentos de discussões e também de bagunças, fofocas, “farofagens” e pelas maravilhosas tardes de francês.

À Lohayne Dias, Regiane Pereira e Isabela Sousa. Amigas que me acompanharam no (per)curso da história. Compartilhamos juntos nossas jornadas, sonhos, sofrimentos, risadas, medos e até mesmo a comida. Aprendi com vocês o humor-negro, a ironia e o sarcasmo – devo ser grato a vocês pela pessoa (pior!) que me tornei. A dor resultante do esforço intelectual necessários para a produção desse trabalho não se compara com a dor de não tê-las mais no meu cotidiano, embora sempre estejam na minha vida.

À Aline Lima e Hallhane Machado – bem como à sua acolhedora família da qual já me sinto parte – a vulga “Trindade”. Da arrogante-depressão da Aline à estupidez-autista da Hallhane: aprendi com vocês a ver o que há de pior e me divertir muito com isso. A rir onde não cabia o riso, mas não um riso de desespero, e sim um riso de superioridade, indiferença e narcisismo. Uma amizade que nasceu em meio a tanto ódio e desprezo, sou grato ao profundo desespero que nos uniu e também por nossas calorosas discussões que fizeram de vocês verdadeiras co-autoras desse trabalho. E assim, humildemente divido com vocês todas as críticas recebidas, já os elogios são fruto apenas dos meus esforços! A vocês desejo sempre <<<beijos de luz>>>.

E por fim, agradecer à minha família: Rodrigo e Bianca; Jonathan e Nyuara; João Batista, por todas as brigas e discussões sem sentido que dão mais graça à vida. À minha avó Odete Gomes que em sua simplicidade até mesmo sente orgulho de ter um neto historiador. Aos meus amados tios Rodolfo e Ivana pelo empréstimo da fazendinha que se tornou a extensão da biblioteca e para onde me “refugiei” na esperança de adiantar esta dissertação.

E principalmente aos meus amados pais Gaspar e Marly. Que em meio a sua humildade me ensinaram a importância e o prazer dos estudos, não por acreditaram na instrução como forma de “subir na vida”, mas como meio de elevar em todos os sentidos o ser humano. Em uma carta, me entregue na formatura da 8ª série, me disseram que lamentavam só poder ter me dado o que julgavam tão pouco. Aqui, depois desses anos, posso com toda a certeza afirmar que me deram tudo o que podiam, tudo o que me foi necessário e tudo o que precisava. Seria impossível me darem mais se já tinha tudo. Jamais poderei lhes retribuir, e por meio do exemplo de vocês compreendi o que significa amar com tudo o que tem, entendi a abnegação e a felicidade resultantes no dar e não no receber.

Agradeço também a Jeová Deus, pois meu interesse pela história surge como uma busca a inquietações espirituais.

“A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano [...] faço poesia não porque seja poeta mas para exercitar minha alma [...] Existir é tão completamente fora do comum que se a consciência de existir demorasse mais de alguns segundos nós enlouqueceríamos”.

Clarice Lispector, Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres

RESUMO

A investigação que ora propomos com o trabalho intitulado “*D. Francisco Manuel de Melo um intérprete de seu tempo: o ser, o mundo e a vida no pensamento ibérico seiscentista*” procura compreender como a Península Ibérica buscou uma solução para a crise da cultura que atravessava a Europa no século XVI. A modernidade foi uma experiência dolorosa para a Europa, e neste sentido a Península Ibérica também sofreu com esta, buscando por meio do seu próprio sistema de crenças, (re)construir os fundamentos do seu pensamento e de sua cultura. Nesse processo, D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) apresentou-se como importante representante de seu tempo, por isso buscamos nele, sem descurarmos de suas particularidades, identificar o que realmente envolveu a “perda de si”, tema recorrente do Barroco e da cultura ibérica, e como essa cultura buscou soluções para resolver os problemas que a atravessavam. As *Cartas Familiares* (1664), primeiro livro epistolar publicado em língua portuguesa, nos apresentam considerações do autor sobre fatos ordinários e as reflexões que se desenrolam através destas. Captar, por meio dessas cartas, como Melo e os homens de seu tempo concebiam o homem, o mundo e a vida do homem no mundo, bem como encontrar as repostas ibéricas para a referida crise e como procuraram construir uma nova imagem do homem no mundo. Perceber o que estava por trás da modernidade ibérica – as ideias que alicerçavam essa matriz cultural – consiste no esforço desta investigação.

Palavras-Chave: D. Francisco Manuel de Melo, epistolografia, “perda de si”, pensamento ibérico, modernidade.

RÉSUMÉ

L'oeuvre que nous vous proposons avec l'ouvrage intitulé “*D. Francisco Manuel de Melo un interprète de son temps : l' être, le monde et la vie dans la pensée ibérique du XVIIe siècle*” cherche à comprendre comment la Péninsule Ibérique a cherché une solution à la crise de la culture qui a traversé l'Europe au XVIe siècle. La modernité a été une expérience douloureuse pour l'Europe, et en ce sens la Péninsule Ibérique a également souffert de cela, en regardant à travers son propre système de croyances, de (re)construire les fondements de leur pensée et de leur culture. Dans ce processus, D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) apparaît comme un représentant important de son temps, de sorte que le cherche, sans négliger leurs particularités, identifier ce qui est vraiment impliqué dans la "perte de soi", un thème récurrent du baroque et de la culture ibérique, et comment cette culture a cherché des solutions pour résoudre les problèmes qui l'ont traversés. Les *Lettres Familiales* (1664), premier livre épistolaire publié en portugais, présente dans les considérations de l'auteur sur des faits ordinaires et réflexions qui ont lieu. Capturer, à travers ces lettres, comment Melo et les hommes de son temps s'approchèrent de l'homme, du monde et de la vie humaine dans le monde ainsi que de trouver les réponses ibériques à la crise et comment cela a cherché à construire une nouvelle image de l'homme dans le monde. Comprendre ce qui était derrière la modernité ibérique – les idées qui justifient cette matrice culturelle – consiste à cet effort de recherche.

Mots-clés : D. Francisco Manuel de Melo, épistolographie, “perte de soi”, pensée ibérique, modernité.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	
O papel das cartas: a epistolografia de Melo e a perda de si	25
1.1 – A objetivação de si e a subjetivação do mundo: conhecer, sentir e escrever na epistolografia de D. Francisco Manuel	28
1.1.1 <i>Correspondências entre vida e obra</i>	28
1.1.2 <i>A escrita de si: epistolografia e a construção da obra</i>	34
1.2 – Da alma ao papel: o problema da perda de si em D. Francisco Manuel de Melo	45
1.2.1 <i>“Fugir de mim”</i> : a perda de si na literatura portuguesa quinhentista	45
1.2.2 <i>A confusão de Babel: a identificação do problema em Melo</i>	47
1.2.3 <i>A natureza e a expressão da “perda de si” nas Cartas Familiares: um problema legítimo</i>	59
CAPÍTULO 2	
Entre ruínas e papéis: D. Francisco Manuel de Melo leitor, escritor e intérprete do mundo	72
2.1 – A certeza da dúvida e a incerteza de si e do mundo no alvorecer da modernidade	73
2.1.1 <i>Sistema de crenças e o desmoronamento do mundo moderno</i>	73
2.1.2 <i>O europeu diante do espelho: a descoberta do mundo e do outro</i>	82
2.1.3 <i>A crise da razão</i>	90
2.1.4 <i>Do ser que duvida à dúvida do próprio ser</i>	95
2.2 – “Do mundo em que não vivo, não posso nem quero ser cronista”	101
2.2.1 <i>“Viver não é preciso”</i>	103
2.2.2 <i>... morrer é preciso!</i>	111
2.2.3 <i>Os homens no mundo, o mundo em Melo</i>	115
CAPÍTULO 3	
<i>Cartas Familiares</i>, um “edifício da memória”, e os caminhos da busca de si na Ibéria seiscentista	121
3.1 – As mezinhas nas <i>Cartas Familiares</i> : de polígrafo à boticário	122
3.2 – O Renascimento da Fênix: a mezinha ibérica para a perda de si	132
3.3 – Arquivo-me, logo, existo	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
REFERÊNCIAS	166

INTRODUÇÃO

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

João Cabral de Melo Neto, *Catar Feijão*.

Michel de Certeau¹ lembra-nos que a escolha do historiador quanto a seu objeto de pesquisa é orientada por uma busca de identidade. Olhamos para o passado a procura de algo do presente. Nesse primeiro momento nos encontramos com o outro por meio de nossa imaginação, reconstruímos um mundo que nunca conheceremos de fato. Aí existe, por ora, um erudito, e não um historiador. Nossa busca é como a de um catador de lixo, que revira o entulho e através dos restos que encontra sonha e imagina a vida e a casa que nunca terá. Aqui o pesquisador permanece o mesmo. Em seguida, por meio do contato mais próximo com a documentação, numa relação de força², há um estranhamento com o outro e um afastamento de seu mundo. Percebemos que este mundo nos escapa, que não é como imaginávamos ou como sonhávamos. O objeto de pesquisa se torna um outro, um estranho. Mas o que mudou com relação ao nosso primeiro contato não foi o passado, mas sim a maneira como o percebemos – uma mudança do próprio pesquisador diante de sua pesquisa. É nessa transformação que o erudito se torna, enfim, um historiador. Fazer história é mais que produzir narrativas históricas, é ter consciência de que algo se passou,

¹ CERTEAU, Michel. *História e Psicanálise: entre a ciência e a ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 163 *et seq.*

² GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

está morto, e é inacessível como vivo, mas que ainda pode ser acessado, porque ainda produz sentido aos homens do presente. O trabalho do historiador deve fazer aparecer a alteridade. A história direciona nosso olhar para o passado a fim de nos aproximarmos dele como a um estranho. O discurso histórico nos revela essa presença ameaçadora, tal qual a psicanálise, embora se utilizando de diferentes procedimentos³.

Nossa relação com as *Cartas Familiares*⁴ (1664) de D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) é fruto dessa tensão. Essa foi a primeira obra em cartas publicada em português. Até então só havia traduções de coletâneas de cartas tanto dos clássicos como de autores mais modernos, bem como manuais que normatizavam e ofereciam modelos para a escrita deste gênero – como a *Corte na Aldeia e Noites de Inverno* (1619) de Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622). Acreditamos que as *Cartas Familiares*, e os meios necessários para sua produção, foram um acontecimento. Ressaltamos, no entanto, que a atividade epistolar não era uma novidade e reflexões acerca da condição do homem no mundo, embora fosse uma problemática mais moderna, também não foi uma discussão inaugurada por D. Francisco Manuel. Então, aonde reside o acontecimento? No fato do autor utilizar do suporte epistolar para realizar suas reflexões e, para além das próprias correspondências em si, na produção das *Cartas Familiares* enquanto obra. Sua reflexão não é fruto de sua correspondência com certo destinatário, pois seus correspondentes não tiveram acesso a ela da mesma maneira que o leitor das *Cartas Familiares*. Essa é uma reflexão que perpassa a obra. É sua atividade epistolar como um todo que nos permite observar essa reflexão e organizada enquanto obra ganha dimensões literárias, ensaísticas, autobiográficas e de diário.

Nas suas missivas o autor não está preocupado em elaborar um manual, ou guia, de consolo para problemas cotidianos – uma fórmula para situações-problemas, como: casamento, criação de filhos, moral, religião ou para se enfrentar a morte. O que ele procurou foi compreender o que se passava em seu próprio tempo. A obra de Francisco Manuel é uma novidade por realizar/apresentar tal reflexão por meio de cartas⁵ e por ir além dessa reflexão, extrapolando-a ao perceber que mais importante que definir o

³ CERTEAU, Michel. *História e Psicanálise...*, op cit., p. 163 et seq.

⁴ As referências às *Cartas Familiares*, nosso principal documento de análise, serão feitas em conformidade com o que observamos na historiografia, ou seja: o título da obra e o número da carta na presente edição. Ex: *Cartas Familiares*, 581.

⁵ Não podemos ignorar o conteúdo do pensamento do autor com o suporte que utilizou para desenvolvê-lo. Ele poderia ter escrito um livro filosófico, uma ficção ou um tratado para desenvolver tais ideias já que escrevia e possuía obras publicadas em todos esses gêneros, mas as fez por meio de missivas, o que sugere que o próprio fazer epistolar se relaciona com a concepção dessas ideias.

problema era encontrar a solução, ou pelo menos os meios para armar/equipar os homens para suportarem/superarem a condição em que se encontravam. E mais, o fato dele arquivar e decidir publicar suas cartas, e isso já no século XVII, não foi algo que passou despercebido aos nossos olhos.

Acreditamos que a atividade epistolar foi essencial para Francisco Manuel de Melo não apenas escrever suas meditações, mas também para desenvolvê-las. A própria atividade epistolar em si já é um importante exercício para a reflexão. Segundo Foucault⁶, a escrita epistolar se relaciona com a meditação e através do pensamento elabora princípios que ajuda-nos a enfrentar o real. Assim, a carta age sobre o próprio remetente, pois necessita produzir sentido para si para que seja capaz de escrevê-la, e também sobre o destinatário que irá se debruçar em lê-la. Dessa forma, embora Melo tenha esboçado tais ideias em outras obras, em nenhuma delas ele as desenvolveu de maneira tão complexa como nas *Cartas Familiares*. É esse exercício de si que o fez refletir não apenas sobre sua situação, mas considerar a dos homens de seu tempo.

Outro acontecimento marcante em sua produção foi a ocorrência de sua prisão. Ficou preso de 19 de novembro de 1644 (por volta de 36 anos) à 17 de abril de 1655, quando foi desterrado para o Brasil e aqui permaneceu até março de 1658 – e parte do tempo em que se encontrou preso, sequer sabia o porquê⁷. Não acreditamos que esta fosse importante para lhe conceder mais tempo e assim pudesse meditar melhor sobre a vida. Ele era um nobre e desde 1635 tornou-se um fidalgo cavaleiro, isso significava que detinha privilégios contidos na legislação, o que envolvia o sustento provido pelo rei⁸.

Por outro lado, a prisão lhe permitiu intensificar sua atividade epistolar, que acreditamos ser a força motriz de seu pensamento. Ela também lhe permitiu – ao ser retirado da vida cortesã – conhecer diferentes experiências e o colocou em contato com problemas diários, necessidades, sofrimentos, injustiças e abandono pelos quais passavam os “homens comuns”. Todas essas experiências aumentaram a sensibilidade do nosso autor, fator importante para a construção de suas ideias. Para ele a “tranquilidade” era uma

⁶ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 144-162.

⁷ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel de Melo Esboço Biographico*. Coimbra: Editora da Universidade, 1914, *passim*.

⁸ Segundo Prestage haviam três graus de nobreza o *Moço Fidalgo*, o *Fidalgo Escudeiro* e o *Fidalgo Cavaleiro* – estes recebiam o privilégio de morar na Corte e um salário dado pelo rei. Francisco Manuel foi nomeado moço fidalgo aos 10 anos, no dia seguinte o próprio rei D. Felipe III da Espanha, II de Portugal, achou por bem nomeá-lo fidalgo escudeiro, e 17 anos depois, foi nomeado fidalgo cavaleiro, por D. Felipe IV. Isso lhe resultou no privilégio de receber 3.100 réis de salário por mês e um alqueire de cevada por dia – Cf. PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, *op. cit.*, p.19, 73, 74.

condição “necessária para a escritura”⁹ e seu cárcere o obrigou a ficar “fora do mundo”¹⁰, assim, a prisão lhe forneceu as circunstâncias necessárias para a escrita, tanto é que suas principais obras foram escritas durante o período que ficou no cárcere. No mesmo sentido, Descartes (1596-1650) para escrever suas *Meditações* (1641) afirma “Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões”¹¹. A prisão para D. Francisco, assim como a solidão e o recolhimento para Descartes, lhe serviu para a devida retirada do mundo, criando uma ocasião favorável à vida contemplativa, que é propícia não à ação ou ao trabalho, mas ao pensamento. É um estado de vida artificial, pois não existe na vida cotidiana. A diferença é que Descartes procurou voluntária e conscientemente tal estado e ao nosso autor este foi-lhe imposto.

A bibliografia sobre o pensamento de D. Francisco Manuel de Melo é deveras escassa. Em 2008, ano em que se comemorava o quarto centenário de seu nascimento, o Centro Nacional de Cultura de Portugal (CNC) divulgou em seu sítio uma observação sobre a importância do autor e em seguida apresentou uma “nota habitual [feita ao final de cada ano] com a escolha das dez obras publicadas em Portugal que consideramos dignas de destaque”¹², e nestas nenhuma obra de nosso autor. Ainda no sítio da CNC

Porventura, a depreciação do barroquismo até o século XIX, usado como sinónimo de decadência, atingiu a memória de D. Francisco e dos do seu tempo [...] Daí que um certo esquecimento sobre a memória do grande escritor, a que assistimos, seja de espantar. Há um século, também não houve significativas celebrações, mas temos de lembrar que foi à volta dessa efeméride que tivemos a biografia séria e sistemática de Edgar Prestage (Coimbra, 1914), que constitui hoje ainda o mais precioso dos auxiliares para conhecer D. Francisco Manuel de Melo¹³.

Parece-nos que o CNC concorda, sutilmente, com esse “esquecimento”. Afirma ter consciência da comemoração do quarto centenário de D. Francisco, porém, mesmo assim, opta por não escolher nenhuma de suas obras para se publicar naquele ano. Para se “justificar” lembra-se que há quase um século atrás um inglês, Edgar Prestage, escreveu e

⁹ *Cartas Familiares*, 167.

¹⁰ *Cartas Familiares*, 104.

¹¹ DESCARTES, René. *Meditações*. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1996, p.257, 258.

¹² MARTINS, Guilherme. *A vida dos livros*. Disponível em: <<http://www.cnc.pt/Artigo.aspx?ID=623>>. Acesso em: 09 de maio de 2013.

¹³ *idem*.

publicou uma biografia de Melo, utilizando para isso, dentre outros documentos, as *Cartas Familiares* – como se dessa forma não houvesse mais a necessidade de estudar Melo. Até hoje tal biografia é a principal referência para quem pesquisa o autor. De lá pra cá pouco esforço foi dispensado à sua obra e ao seu pensamento.

Como forma de lembrar D. Francisco Manuel e sua obra, as Universidades do Porto e de Coimbra, realizaram, em 2008, um Congresso Internacional denominado *D. Francisco Manuel de Melo e o Barroco Peninsular*. Em 2010 foi lançado um livro¹⁴ fruto desse encontro. Contudo, sem desmerecer sua importância, percebemos que a maioria dos trabalhos não foram produto de pesquisa sistemática, são mais apontamentos sobre dados biográficos, estilísticos, e contextuais do autor e sua obra. Aníbal Pinto de Castro e a maioria da bibliografia “especializada” concluem o mesmo sobre a atividade epistolar de Melo:

O seu comércio epistolar com os amigos, críticos ou simples conhecidos é, sob este aspecto, uma verdadeira mina de preciosas informações, para a melhor compreensão do seu perfil estético, do seu tempo de escrita, das características da sua obra e do seu tino crítico, sempre norteado por equilibrado bom gosto¹⁵.

O valor de seu epistolário se resume a preceitos da estilística e da estética. No mais, encontramos no Brasil algumas dissertações e teses sobre ele, especificamente sobre suas obras históricas e poéticas. Sobre as *Cartas Familiares* nenhum trabalho foi por nós localizado, embora referências a elas fossem frequentes na bibliografia – e exclusivamente para alcançar dados biográficos. Essa parece ser uma constante nos trabalhos sobre epistolografia, conforme nos aponta Marlon Salomon:

Os estudos monográficos sobre o epistolário desta ou daquela personagem tendem a multiplicar um conjunto idêntico de questões a diferentes missivistas. Onde certa prevalência da análise das peculiaridades e particularidades biográficas do missivista sobre as cartas e a prática que elas designam. [...] É o autor das correspondências e o tempo de sua história individual que se encontram em primeiro plano nessas análises¹⁶.

¹⁴ ANACLETO, Marta; AUGUSTOS, Sara; SANTOS, Zulmira (coord.). *D. Francisco Manuel de Melo e o Barroco Peninsular*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

¹⁵ CASTRO, Aníbal Pinto de. D. Francisco Manuel, um Polígrafo de <<Cartas Familiares>>. In: ANACLETO; AUGUSTOS; SANTOS. *D. Francisco Manuel de Melo e o Barroco Peninsular*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 190.

¹⁶ SALOMON, Marlon. *Arquivologia das correspondências*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 2.

LaCapra¹⁷ considera que nem sempre a vida do autor e seu texto partilham de uma mesma identidade. Embora exista a tendência em tomar a obra como um reflexo das experiências do autor, não podemos justificar ou interpretar uma obra apenas pela relação texto e biografia. Contudo, o autor não nega a existência dessa relação, ou a importância dela. O erro reside em estabelecer uma ligação teleológica entre ambas. Ao analisarmos documentos epistolares essa consideração se faz especialmente importante, frente à forte inclinação de resolvermos as problemáticas propostas através da biografia. Mas, afinal, não deveria a palavra do autor ser imperativa nos relatos sobre sua própria vida? Isto é uma “ilusão biográfica”. Para Pierre Bourdieu¹⁸ os relatos de vida são uma apresentação oficial de si, como um *curriculum vitae*, representam um “indivíduo construído” frente a um “indivíduo concreto”. Os relatos biográficos e autobiográficos (cujas características se encontram também nas *Cartas Familiares*) possuem a preocupação de fornecer coerência da história de vida da pessoa, estabelecendo uma conexão entre causa e efeito, são narrativas que objetivam a construção de sentidos, de finalidades.

Isso nos levanta alguns problemas: os estudos acerca da epistolografia de Francisco Manuel já se esgotaram? Suas cartas já nos falaram tudo o que poderiam? Isto é, sua única relevância histórica são os dados biográficos que nos apresentam? Como então realizar essa dissertação cujo objetivo inicial era a análise desta obra?

Quanto à fonte, nosso primeiro desafio foi em relação a que edição utilizar. Encontramos em nossa pesquisa apenas três edições das *Cartas Familiares*. A primeira de 1664, organizada e publicada pelo próprio autor juntamente com seu amigo, professor de Humanidades, Antônio Luís de Azevedo, contendo ao todo 499 cartas¹⁹. A segunda edição, em 1752, por Luís de Moraes e Castro, com as 500 missivas originais. E a terceira edição de 1981, pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, com prefácio e notas de Maria da Conceição Moraes Sarmiento – a escolhida para nosso estudo –, não por comodidade, mas por ter reunido todas as cartas escritas já encontradas de Francisco Manuel de Melo, resultando numa edição com 581 missivas. Além disso, ela trouxe inovações ao organizar a obra em ordem cronológica, opção diferente a do próprio autor, que preferiu organizá-la

¹⁷ LACAPRA, Dominick. *Repensar la historia intelectual y leer textos*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1998.

¹⁸ BOURDIER, Pierre. *A Ilusão biográfica*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

¹⁹ O projeto contava com 500 epístolas, mas a Inquisição retirou a carta 537 da presente edição por ser destinada a um ministro de certa religião protestante, “sobre negócios tocantes ao bom governo dela” – Cf. *Cartas Familiares*, 537.

sem lhe conferir nenhuma ordem – quer cronológica, temática ou quanto aos destinatários²⁰.

As *Cartas Familiares* nos trazem apenas as missivas escritas por Melo (não temos acesso às cartas que recebia) e na tentativa de manter um espírito de correspondência, para alcançar melhor a linha de raciocínio do autor, optamos, metodologicamente, por analisar as cartas enviadas para cada destinatário, uma de cada vez, sucessivamente e em ordem cronológica. Privilegiamos, a princípio, criar unidades a partir dos destinatários. Percebemos que essa não foi uma boa escolha, pois o pensamento do autor não se desenvolvia no interior da correspondência com seus destinatários – suas ideias não se revelavam à medida que sua comunicação com certa pessoa evoluía, visto que não foram construídas ao longo de um diálogo com seus interlocutores. Elas se desenvolveram ao longo do tempo e não para *um outro*, mas para *si mesmo*. Logo, decidimos analisá-las em ordem cronológica e dessa forma perceber como Francisco Manuel desenvolveu seu pensamento. Observamos que havia dois universos de leitura que deveríamos respeitar – o da carta e o da obra. Cada carta, por si só, deveria (e foi) respeitada como um todo, isolado e independente – um pensamento. Mas isso não era suficiente, necessitávamos observar a missiva inserida no interior da obra, e aqui vê-la como parte de um todo, como um pensamento inserido em um sistema. Mesmo porque, tínhamos em mente que cada carta foi escrita não com o objetivo de ser uma parte da obra, o autor apenas matinha seu fazer epistolar. Contudo, não podemos negar que cada carta que compõe a obra foi escolhida com uma intencionalidade ou um motivo.

Mas, diante deste arquivo escrito num período de 30 anos (entre 1634 e 1664), com cartas remetidas a mais de 80 destinatários diferentes catalogados, como retirar daí um problema de pesquisa? Como perceber qual é de fato a tensão (ou tensões) presente na obra?

Listamos as temáticas mais significativas encontradas na obra. Temas pelos quais poderíamos realizar um trabalho histórico a partir das *Cartas Familiares* e daí

²⁰ “O livro vai *sem ordem* escrito, tendo por mais agradável aqui a variedade” (Cf. *Cartas Familiares*, 303, grifo nosso), “As cartas espero para que as vamos *salpicando* entre as mais” (Cf. *Cartas Familiares*, 386, grifo nosso). Com essas palavras em cartas a Antônio Luís Azevedo, Melo mostra que as *Cartas Familiares* seriam impressas sem tal ordem. Isso nos parece ser uma opção, não desídia, visto que o autor preparou cada carta antes de publicá-las. Em outra carta a Azevedo diz “vou-me ocupando em *alimpar* algũas destas cartas” – Cf. *Cartas Familiares*, 295, grifo nosso. “Alimpar” sugere essa preparação, o que envolvia suprimir passagens, ocultar nomes, corrigir ortografia. Podemos perceber esse trabalho de “alimpamento” através da missiva 499. Na presente edição essa carta foi publicada conforme o próprio autor a publicou em 1664 e também a transcrição do manuscrito da mesma, dessa forma, por meio da comparação de ambas (a original escrita e a original publicada) podemos perceber o que envolvia esse “alimpamento”.

classificamos cada carta dentro de uma, ou mais, temáticas. Chegando ao seguinte indício (tema/nº de cartas):

- ✓ Cotidiano de Francisco Manuel e a vida na prisão: 68.
- ✓ Questões jurídicas e liberdade: 57.
- ✓ Melo enquanto crítico de obras suas e de outros: 75.
- ✓ Visão de mundo: 99.
- ✓ Organização das *Cartas Familiares*: 21.
- ✓ Vida na Corte e a urbanidade: 20.
- ✓ Atividade epistolar: 78.
- ✓ Sobre a importância da Razão, Ciência, Filosofia (Saber): 64.
- ✓ Reflexões sobre a História: 34.
- ✓ Relação do autor com escrita/leitura (relação pessoal): 97.
- ✓ Valor da escrita e da leitura para os homens (de modo geral): 28.
- ✓ Cartas de pêsames, consolo e felicitações: 39.
- ✓ Considerações sobre as virtudes: 26.
- ✓ Sobre a vida e a morte: 18.
- ✓ Memória e esquecimento: 32.
- ✓ Acerca da dor e do sofrimento: 51.
- ✓ Estado da alma do autor: 79.
- ✓ Remédio para a dor na alma: 86.
- ✓ Os sentidos: 14.
- ✓ Sensibilidade: 27.
- ✓ Sentimentalismo: 24.
- ✓ Tradição e cultura popular: 26.
- ✓ Espiritualidade: 12.
- ✓ Dados biográficos: 42.
- ✓ Acerca do mundo, dos homens e do seu tempo: 74.

Diante desta pluralidade de temas encontrados, nosso desafio foi alcançar a matriz da obra. O que norteava o pensamento de Francisco Manuel? Que ideia-chave perpassa todas estas temáticas e a própria obra? Demos voz ao autor de *Cartas Familiares*:

Pouco importa, Senhor, vencer os inimigos aquele que a si mesmo se não sabe vencer. Nem tem para se prezar das vitórias dos outros quem de si

próprio a não alcança. E por ventura que, por esta causa, é esta a derradeira; ordenando-o assi a Providência, por que não entremos bisonhos [soldado novato, inexperiente] na batalha em que nos vai o ganho ou a perda de nós mesmos. [...] Sabem todos quão grande vitória aquela é que V. S. de si mesmo vai alcançando, conhecendo-se a si e ao mundo [...]”²¹.

Podemos identificar nessa carta o que nos parece ser a verdadeira preocupação de nosso autor e o que, deveras, perpassa toda a obra: o homem em busca de si. D. Francisco Manuel de Melo concebe o mundo e a própria vida como inimigos escarnecedores dos homens. Estes vivem, então, numa batalha em que o que está em jogo é a perda ou o ganho de si mesmo. Cada problema, dor, ferida na alma que os homens vão passando contribuem para a perda de si. Por outro lado, é necessário agarrar-se a tudo o que existe de mais firme, sólido e constante para conseguir alcançar a si mesmo e garantir a própria existência. Melo aplica os “documentos da Filosofia no sofrimento”²², desenvolve um “remédio” para a alma cujo objetivo é ajudar os homens a vencerem essa batalha contra o mundo e a vida e evitar, assim, a perda de si. Por conseguinte, nosso objetivo nesta dissertação é analisar como o autor interpreta seu próprio tempo e o contexto histórico no qual está inserido.

O século XVI foi um período de grandes transformações históricas, um período marcado pela novidade que gera um novo contexto no qual nosso autor se insere. Seu lugar de fala não é apenas Portugal, mas o mundo ibérico. Viveu parte de sua vida no período da União Ibérica (1580-1640). Sua mãe era castelhana, escreveu e publicou muitas obras em espanhol, foi diretamente influenciado por Francisco de Quevedo, grande escritor espanhol do século XVII e com quem Melo correspondia. Cresceu na Corte de Madri, que na primeira metade do século XVII

[...] era o verdadeiro centro artístico e literário da Europa, sendo a Corte [Ibérica] uma antecipação da do Grande Monarca, Luiz XIV. Isto devia-se a paixão que o Rei [D. Felipe IV] nutria pelas artes e pelas letras.[...] Naquelle meio, D. Francisco afinava seu talento de músico e poeta [...]”²³.

Contudo, essa corte não estava isolada do resto da Europa. Inclusive, com a União das Coroas a monarquia ibérica detinha, no seu apogeu, os domínios da Península Ibérica, de regiões da Itália, Reino dos Países Baixos, América, África e as Índias

²¹ *Cartas Familiares*, 319.

²² *Cartas Familiares*, Carta à Academia dos Generosos, p. 50.

²³ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p.59.

Orientais. O pensamento de D. Francisco Manuel é ibérico, e não apenas português, não ao acaso escreve grande parte de sua produção em castelhano, inclusive algumas das cartas que compõe a obra em questão. Contudo, não podemos ignorar a enorme influência de outras matrizes culturais em seu pensamento, com destaque para a italiana, a qual faz constantes referências. O pensamento não conhece as fronteiras assim como a política, economia ou a organização social. Logo, para nosso estudo, o recorte espaço-temporal se faz entre os séculos XVI e XVII na Ibéria.

A natureza da documentação analisada nos apresentou alguns desafios. Conforme era o estilo da época as missivas deveriam ser curtas e breves, devendo evitar a prolixidade e longas considerações. Como bem observa Sarmiento:

[...]é, no entanto, no campo das ideias que seu espírito gosta de movimentar. O caso real acontecido – nascimento ou morte de alguém, o casamento, festa do calendário, a vida na corte – é o ponto de partida para reflexões filosóficas e morais que, muitas vezes, se sintetizam em frases curtas e incisivas que impressionam pela força e veracidade do conceito²⁴.

Dessa forma, alcançar o pensamento do autor através dessas “frases curtas e incisivas” não se revelou uma tarefa fácil. Tais frases não são um simples resumo, uma recapitulação de seu pensamento, mas a expressão condensada de toda uma forma de pensar que o autor não nos apresenta, e é este pensamento por trás de tais frases que necessitamos compreender. Além disso, temos acesso apenas a uma parte da correspondência: as cartas que Melo escreveu e não as que recebia. Tivemos que “ouvir” parte da “conversa” e tentar compreender todo o assunto. Surge então uma preocupação real: o que nos garante que estávamos alcançando realmente o pensamento do autor e não apenas fazendo especulações ilusórias?

Tendo em mente as dificuldades impostas pela tipologia documental nos prendemos a um método que acreditamos ter nos fornecido “rédeas interpretativas”. Analisamos cada epistola respeitando dois universos: o da carta em si e o da carta na obra. Cada carta fora escrita sem o objetivo de se tornar parte de um livro. Respeitamos tais cartas como se fossem únicas, desprendendo das suas relações com a obra. Aqui, para melhor analisá-la evocamos dados biográficos, as relações sociais do autor e nos prendemos ao assunto da carta que o próprio autor, conforme estilo da época, escrevia no

²⁴ SARMENTO, Maria da Conceição Morais (Notas e prefácio). In: MELO, Francisco Manoel de. *Cartas Familiares*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional - Casa da Moeda, 1981, p. 40.

cabeçalho da missiva. No segundo momento, inserimos cada carta no contexto da obra. Melo não apenas reuniu cartas avulsas, havia escrito muitas outras, de modo que cada uma presente nas *Cartas Familiares* estava ali por algum propósito. Nesse âmbito, para auxiliar nossa interpretação fez-se necessário compreender as intenções do autor e o processo de construção da obra. Além disso, nos apoiamos em outras documentações e na historiografia para captarmos o espírito da época e dessa forma nos assegurar dos limites da interpretação, entre o provável e o anacrônico.

A análise das *Cartas Familiares*, bem como o texto deste trabalho, foi desenvolvida como uma colcha de retalhos. (Des)construímos e (re)construímos o documento diversas vezes. Costuramos uma parte na outra procurando conferir o sentido que existia para os homens daquele tempo, mas que para nós causa estranheza. Enquanto procurávamos analisar as cartas de Melo nos ocorria sempre às palavras de João Cabral em *Catar Feijão*, ao refletir sobre o processo de escrita e de produção de sentido por meio dela.

Para alcançarmos nosso objetivo organizamos esta dissertação em 3 capítulos. No primeiro discorremos acerca dos aspectos da vida e da produção intelectual de D. Francisco Manuel de Melo, dados que julgamos importantes para compreender as *Cartas Familiares*, visto que o contexto em que tais cartas foram produzidas e seu próprio conteúdo primário privilegiam esses aspectos. Nesse sentido, procuramos inteirar-nos acerca do processo de produção das *Cartas Familiares*, ou seja, como o autor fez de suas cartas uma obra. Faz-se importante entendermos sobre os meios de produção da obra, pois nosso método de análise, como já dito, privilegiou os dois universos das missivas – ela enquanto carta e enquanto obra. Em seguida, historicizamos o problema que norteia este trabalho: a “perda de si”. Observamos como ela apareceu na literatura barroca quinhentista, depois como esteve presente no pensamento do autor e por fim a identificamos nas *Cartas Familiares*. E desse modo legitimamos o problema desta investigação ao identificar que a “perda de si” da qual Melo nos informa possui um caráter psicológico, mas principalmente uma natureza epistêmica.

No segundo capítulo, retrocedemos um pouco no tempo para compreendermos essa natureza epistêmica. A obra de Alexandre Koyré foi-nos de grande valia em todo o trabalho, mas aqui ela se mostrou essencial. Percorremos sua tese para dessa forma entendermos a crise que se passava no século XVI. Melo sentia e procurava uma resposta para essa crise, no entanto não era sua preocupação compreender sua gênese. Houve aqui a

necessidade de lançarmos mão de outra documentação para compreendê-la. E depois desse retorno procuramos perceber como ela foi sentida por Melo na forma como concebia o homem, a vida e o mundo.

Por fim, no capítulo terceiro nossa preocupação foi a de analisar as repostas pensadas por Melo para solucionar essa “perda de si”. Como ele propõe a resposta tanto para a parte psicológica quanto para a epistêmica do problema. Todavia, perceberemos como o autor se mostra aqui apenas um representante do pensamento ibérico, de modo que nos foi possível captar como a Ibéria procurou responder a essa crise. No entanto, Melo também pensou algo de original nesse “remédio” e aqui o problema se volta para sua própria epistolografia.

Pensamos assim nosso trabalho não de forma evolutiva ou progressiva, não percorremos uma ordem temporal dos acontecimentos. Mas procuramos construí-lo como uma trama, pois todos esses aspectos do pensamento do autor se inter cruzavam, não se encontravam de maneira isolada, e num esforço de puxar o fio não o alcançaríamos, mas o destruiríamos. Buscamos compreender não apenas Melo e seu pensamento, tampouco tomá-lo apenas como uma “amostra do período” e dessa forma ter por alvo o pensamento ibérico. Procuramos entender um homem, seu tempo e especialmente a relação entre eles na construção e solução do problema da “perda de si” nos séculos XVI e XVII.

CAPÍTULO 1

O PAPEL DAS CARTAS: A EPISTOLOGRAFIA DE MELO E A PERDA DE SI

De que me serve fugir
De morte, dor e perigo,
Se me eu levo comigo?

Camões, *Mote*.

Camões sentia uma vontade de fugir da morte, da dor e do perigo, mas nada disso adiantaria visto que mesmo assim estaria na sua própria companhia – e este era seu maior inimigo. Poderia passar despercebida aos nossos olhos tal inquietação do autor, contudo essa não é uma inquietação camoniana, ela se faz nitidamente presente na literatura ibérica dos séculos XVI e XVII – é um traço típico do Barroco. Ao nos debruçarmos sobre as *Cartas Familiares* de D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) encontramos essa mesma inquietação. Ora, porque uma característica da forma literária se fazia presente na escrita de missivas pessoais? Melo foi um grande escritor de seu tempo publicou inúmeras obras literárias, especialmente poemas. Esse estilo literário poderia “contaminá-lo” de tal forma, que influenciasse toda sua maneira de escrever. Ou, talvez o movimento fosse outro: tal inquietação poderia ser fruto de um problema da época, de modo que perpassou os homens do período e se fez perceber nas mais diferentes expressões culturais, como a escrita – quer literária, quer epistolar. Não se trata de achar que a literatura seja um reflexo da sociedade²⁵, mas ambas se relacionam e de alguma forma, tanto pelo conteúdo quanto pela estética, ela deixa submergir uma tensão social²⁶.

Acreditamos nesse segundo caminho. Trata-se da alteração ocorrida no século XVI, quando o homem passou a meditar sobre sua condição e a questionar e pôr em dúvida toda sua forma de conhecer as coisas e, em consequência disso, todo o mundo – foi uma

²⁵ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudo de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

²⁶ CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: _____ (org.). *História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 126.

crise da cultura²⁷. Diante desse contexto, no mínimo caótico, a atividade epistolar de D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) é de nosso especial interesse, pois nos permite não apenas um estudo de tal indivíduo, mas dele enquanto um intérprete de seu tempo. Um sujeito histórico que sentiu toda essa alteração do século XVI e que em seu tempo agiu no mundo, por meio da escrita, na tentativa não de salvar as aparências, mas de devolver um lugar ao homem no mundo.

Os manuais de Literatura Portuguesa são contundentes ao classificar e analisar suas obras como Barrocas. Os poucos trabalhos históricos que encontramos acerca dele também não o separam de tal conceito. De modo que não poderíamos simplesmente desconsiderá-lo. Massaud Moisés afirma que “D. Francisco Manuel de Melo passa em revista, *elogiosamente, a literatura barroca*”²⁸. Segundo Abdala Jr. e Paschoalin “Foi na epistolografia que o autor mais se destacou (mais de 20 000 cartas): moralista, suas cartas *refletem* o estado contraditório do homem, com seus hábitos e costumes *autenticamente barrocos*”²⁹. Para Teófilo Braga “Este esforço, que o aproxima da tradição popular, tornou-o *perfeito lírico do século XVII*”³⁰. Assim, Melo entrou para a crítica literária e para a historiografia como um dos maiores representantes do Barroco peninsular.

Entendemos que o conceito de Barroco é importante e perpassa a maioria dos trabalhos sobre o século XVII na Península Ibérica, especialmente quando o que está em foco é uma obra literária. Contudo, evitaremos o uso desse conceito em nosso trabalho, porque ele se torna uma forma interpretativa na qual o passado se faz inteligível através de fórmulas prontas, modelos pré-determinados pelo historiador no presente, em que seu papel é simplesmente de enquadrar, ou acomodar, sua história dentro dos moldes estabelecidos pelo conceito³¹. O Barroco nos serve como ponto de partida, não como resposta. Esse conceito nos serve para elucidar questões gerais, contextuais – mas geralmente se torna uma forma que prende o historiador e nos leva a perceber questões já dadas no interior do conceito. Não é que não concordamos com as definições de Barroco, ou que acreditamos que ele não sirva para compreender algumas questões. A armadilha reside em sobrepor o conceito ao problema histórico que se pretende responder e dessa

²⁷ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes*. Lisboa: 1963, p 43.

²⁸ MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 81, grifo nosso.

²⁹ ABDALA JR., Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994, p. 59, grifo nosso.

³⁰ BRAGA, Teófilo. *História da Literatura Portuguesa: os seiscentos*. Açores: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984, p. 90, grifo nosso.

³¹ GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma Morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politéia, Vitória da Conquista*, v. 3, n.1, p. 41-62, 2003.

maneira, toda a resposta apresentada ao problema proposto se sustenta em um conceito dado anteriormente ao próprio problema.

Para Rubem Barboza Filho³², o Barroco é na Ibéria mais do que um estilo de arte, pois estabelecia um verdadeiro estilo de vida; mais do que um ambiente histórico, uma subjetivação da vida e do mundo. É uma resposta dada ao colapso dos princípios e valores medievais, uma reconstrução do estilo de vida Ocidental. O Barroco ibérico mais do que produzir arte, produziu homens e representações do mundo, baseadas num sentimento de perda, de melancolia e solidão, permeadas de um tom trágico e angustiante. Uma dramatização da sociedade que se sente desamparada e perdida. Uma tentativa de se reconciliar com Deus perdido num Universo no qual o homem não conhece mais seu próprio lugar.

Hatzfeld³³ também considera o Barroco para além dos elementos estéticos, é uma cosmovisão que busca o equilíbrio e o sossego final. No entanto, não desconsidera as batalhas existenciais e os conflitos entre Deus e o Mundo, Alma e Corpo, Bem e Mal. O Barroco é um olhar indiferente, e também uma desconfiança, ao equilíbrio pretendido pelo humanismo.

José Antonio Maravall³⁴ considera o Barroco como um conceito de época (uma realidade única, uma conjuntura) que remete à cultura europeia do século XVII. Sustenta a tese de que todas as manifestações da cultura nesse período são barrocas porque vêm como resposta às mesmas necessidades, aos mesmos problemas, e é isso que as une: a busca por tais respostas – não necessariamente características compartilhadas. São diferentes respostas dadas em diferentes campos, mas ao mesmo problema – uma consciência de desconforto que provoca desarranjos sociais, provenientes de novas formas de comportamentos, novas crenças, ideias, aspirações, crise que tem sua origem nas relações econômicas.

O conceito de Barroco nos oferece, de modo geral, uma representação de mundo trágica e um homem que perpassa por “crises existenciais”. Em vez de simplesmente identificarmos a obra de Melo como barroca e oferecermos isso como resposta ao nosso problema, optamos por analisar a documentação da época, guiados por

³²BARBOZA FILHO, Rubem. A Ocidentalização Barroca da América. In: *Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-Americano*, 2004, Rio de Janeiro. p. 37-56.

³³HATZFELD, Helmut. *Estudos sobre o Barroco*. São Paulo: Perspectiva: EDUSP, 2002.

³⁴MARAVALL, José Antonio. *A cultura do Barroco*. São Paulo: EDUSP, 2009.

uma preocupação conceitual³⁵, para compreendermos essa “crise” e ver como ela atinge nosso autor e sua obra. O conceito de “crise” oferecida pelo Barroco é muito amplo e nos parece muito mais com um problema antropológico do que histórico (um problema ligado ao próprio homem e não um problema definido no tempo), e talvez por isso se abre a possibilidade, e a tentativa, de procurar por Barroco desde o Egito Antigo à América Contemporânea³⁶. Partimos de um problema apontado pelo conceito de Barroco, mas não deixamos que este limitasse nossa pesquisa – foi nosso ponto de partida e não de chegada. Nossa intenção é a de compreender o pensamento de D. Francisco Manuel de Melo nas suas *Cartas Familiares*, por isso devemos lhe conferir voz, e treinar nossos ouvidos para escutá-lo enquanto o que de fato ele representa, um homem do século XVII, pois o maior pecado cometido por um historiador é “o esquecimento da diferença dos tempos”³⁷.

1.1 A objetivação de si e a subjetivação do mundo: conhecer, sentir e escrever na epistolografia de D. Francisco Manuel

1.1.1 Correspondências entre vida e obra

Três condições são necessárias para se compreender o pensamento de D. Francisco Manuel de Melo: sua relação com a escrita, especialmente a epistolar, pois é no seu interior que esse pensamento se desenvolve; o espírito da época, já que nosso autor ao se descrever, também descreve seu ambiente histórico; e o aparato por ele utilizado para interpretar o mundo, os recursos pelos quais acredita ser capaz de alcançar o conhecimento acerca de si e do mundo. Esses aspectos se imbricam e fornecem o substrato de tal pensamento. Quanto ao primeiro aspecto, que nos ocuparemos nesse momento, não podemos (des)cartar o suporte que sustenta a reflexão de Francisco Manuel. Seu epistolário não é apenas um meio de divulgação das suas ideias, mas o espaço onde elas se arquitetam. É no seu interior que a reflexão existe, não apenas para seus leitores, mas para o próprio autor.

³⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.

³⁶ MARAVALL, José Antonio. *A cultura do Barroco...*, *op.cit.*, p. 43.

³⁷ CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 24, nº 69, 2010, p. 19.

Edgar Prestage, utilizando-se especialmente das *Cartas Familiares* e da obra poética de Melo, construiu em sua tese de doutorado uma biografia deste autor. Trabalho publicado em 1914, no qual além de dados biográficos, Prestage realiza um estudo da sociedade em que o autor estava inserido procurando percebê-lo nas relações com seu tempo. Publica também muitos documentos inéditos que ampliam nossa compreensão sobre o próprio Melo. Insistirmos na sua biografia seria de fato vão. Não conseguiríamos trazer nada de novo ao estudo já realizado por Prestage, e não julgamos que tal empreendimento corrobore com nosso trabalho. Contudo, alguns dados biográficos se fazem necessários para atingirmos nosso objetivo.

Francisco Manuel de Melo nasceu em 1608, proveio de uma família com membros pertencentes tanto a um grupo social influente, mas sem nobreza, quanto a uma nobreza de linhagem real. Prestage encontrou em sua descendência indivíduos tais como Ruy Gonçalves da Camara, descobridor das Ilhas da Madeira; D. Maior Manuel [de Faro e Noronha] descendente da família de D. Fernando III rei de Castela e Leão (1217 - 1252); Antão Rodrigues da Camara, que era conhecido como “O Mulato”, por ser filho de uma negra; Francisco Manuel da Camara que serviu no processo de colonização da Índia. Esse regresso à família dos Melos Manueis³⁸ é interessante, pois revela um caráter duplo na constituição dessa família e que influenciou a obra de Francisco Manuel de Melo. Sua descendência pertence tanto aos meios de uma cultura popular quanto à cortesã. Na sua obra encontramos uma confluência desses dois níveis de cultura. Além disso, a experiência com as navegações e com a vida militar, tanto familiar quanto pessoal, foram relevantes, pois lhe forneceu uma bagagem que frequentemente foi retomada, na forma de comparações e metáforas, em sua escrita.

“Sobre ser mozo y vivirlo entre los divertimientos de las Cortes, donde nací y me he criado [...] desde los primeiros años, con mi padre, me faltó quien me dispusiese a los empleos dignos de los hombres de bien [...] de diecisiete fui soldado, seguía hasta ahora”³⁹. Melo nasceu e foi criado na Corte⁴⁰. Perdeu seu pai aos 6 anos, e por isso lamenta não ter sido educado por ele. Aos 10 anos torna-se moço fidalgo e no dia posterior fidalgo

³⁸ Nomenclatura utilizada pelo próprio Prestage para se referir à essa família – Cf. PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 1.

³⁹ *Cartas Familiares*, 3.

⁴⁰ Trata-se aqui da Corte tanto portuguesa quanto espanhola, visto se tratar do período da União das Coroas Ibéricas.

aprendiz, e com 17 anos torna-se soldado⁴¹. Ainda na infância, estudou no Colégio de Santo Antão, primeiro colégio que os Jesuítas fundaram em Portugal. Desse modo, Melo adquire uma formação jesuítica.

É provável que D. Francisco seguisse os cursos prescritos pela *Ratio Studiorum* de 1599, que eram pouco mais ou menos os mesmos em todos os collegios da Companhia. Constavam dos clássicos antigos, seguidos de tres annos de Philosophia, denominação esta em que se incluía a Logica, a Physica, a Cosmologia, a Astronomia, a Metaphisica, a Psychologia e a Ethica⁴².

O curso de Latim, o estudo dos “clássicos antigos”, envolvia provavelmente a Retórica, as Humanidades, a Gramática e os Casos de Consciência⁴³. Foi nessa atmosfera que se desenvolveu intelectualmente Francisco Manuel. Provavelmente, o colégio de Santo Antão fora a única educação formal que recebera, não havendo registros de ele ter ingressado em alguma Universidade.

Além dos estudos no Colégio de Santo Antão, Melo era um ávido leitor. Encontramos nas *Cartas Familiares* inúmeras referências a outros escritores. As referências mais frequentes são da Bíblia, dos santos da Igreja, de hagiografias, literatura e filosofia clássica, humanistas italianos, cronistas portugueses e de literatura contemporânea portuguesa e espanhola.

A carta 414 é especialmente fecunda nesse sentido. Nela, ele nos apresenta seu projeto de organizar e publicar a *Biblioteca Lusitana de Autores Modernos*⁴⁴ e podemos notar aí o quanto Melo estava envolvido no contexto intelectual de Portugal. Da notícia de autores e obras portuguesas de seu tempo em diversos campos do saber: faz 25 referências a autores das Ciências Divinas; 5 de Filosofia; 4 de Retórica; 3 de Latinidade; 5 de Gramática; 5 de Poesia; 6 de Filosofia Moral, Especulativa e Controversa; 23 Poetas; 4 das Matemáticas; 4 de Cosmografia; 5 de Especulação e Vaticínio; 19 de Medicina e 5 de Cirurgia; 11 de Política; 24 de História, 10 de Epítomes, mais todos os cronistas-mor; 8 de Apologias; 15 de Genealogia; 11 de Teologia Mística; 9 de Moral; 8 sobre Música; 22 de Ciências Políticas; e 12 sobre Cânones Sagrados. Talvez nem todos esses fossem autores que Melo tenha lido, mas significa ao menos que tinha conhecimento das suas ideias, e

⁴¹ Cf. nota nº 8 da Introdução.

⁴² PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 30.

⁴³ *ibidem*, p. 21.

⁴⁴ Tal projeto nunca se concretizou, mas percebemos sua organização nas *Cartas Familiares*. Consistia em uma enciclopédia de referência dos principais intelectuais portugueses do tempo de Melo nas mais diversificadas áreas do saber.

mencioná-los já nos ajuda-nos a perceber seu universo intelectual. Melo foi um homem de conhecimento enciclopédico.

Após os estudos, se envolveu intensamente na vida militar. Entre os 17 e os 29 anos encontrava-se ativo nas Armadas portuguesas como soldado, combatendo inclusive piratas. Aos 24 anos entrou para a Ordem de Cristo, ordem religiosa e militar, herdeira dos privilégios dos Templários e intimamente relacionada aos descobrimentos portugueses. Sua experiência militar é intensamente presente nas suas obras. Possuiu interesse por fatos e personagens relacionados à guerra. Sobreviveu a um naufrágio que considerou a maior tragédia sofrida por Portugal depois da perda de D. Sebastião⁴⁵.

Obteve grande experiência pessoal e cultural devido às viagens que fez e aos contatos que estabeleceu, o que contribuiu e muito para a formação de sua visão acerca do mundo e dos homens. Dedicou sua juventude à carreira militar e não intelectual, embora essas não fossem incompatíveis – já cantava Camões “Numa mão sempre a espada e noutra a pena”⁴⁶. Essa aparente antítese entre a espada e a pena, a carreira militar e a intelectual, a vida ativa e a vida contemplativa não foi um problema para nosso autor, nem para os homens dos séculos XVI e XVII. Tanto que isso não o impediu de produzir e publicar alguns estudos. Contudo, é no isolamento proporcionado pela prisão que lhe ocorreu um maior amadurecimento de seus escritos.

D. Francisco Manuel é preso pela primeira vez em 1637 (Lisboa), depois em 1638 (Lisboa) e em 1640 (Madrid). Estas foram prisões de curto período, e provavelmente relacionadas à sua atividade militar. Mas em 1644 é acusado e preso pelo assassinato de Francisco Cardoso, embora só tome plena consciência do motivo de sua prisão em janeiro de 1650⁴⁷, o que lhe resultou num cárcere que durou até 1655 quando foi desterrado para o Brasil e aqui permaneceu até 1658. Prestage em sua minuciosa pesquisa pouco conseguiu lançar luz sobre esse fato, pois não localizou o processo de D. Francisco no Arquivo do Tribunal da Relação de Lisboa, embora acredite que ele se encontre ali. Mas por meio de documentos escritos pelo próprio Melo podemos ter noções acerca de sua prisão: tais documentos são dois *Memoriais* dirigidos ao Rei D. João IV (1640 - 1656) e a *Epístola Declamatória*⁴⁸. Em síntese: João Vicente, um criado de Melo, fora por ele demitido e com isso se alia a inimigos poderosos do autor. Mandou três homens para matar Francisco

⁴⁵ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 50.

⁴⁶ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, Canto VII, 79.

⁴⁷ *Cartas Familiares*, 305.

⁴⁸ Documentos anexados por Prestage em seu trabalho.

Cardoso (que cometia adultério com a mulher de João Vicente). Os “assassinos” ao serem presos e inquiridos atribuem a Melo o mando do crime. O pai da vítima, Domingos Cardoso, acredita na versão desses homens culpabilizando-o pela autoria do crime. Assim, o juiz secular o condena à prisão.

Melo recorre, devido ao fato de ser Cavaleiro de Cristo, detendo o privilégio de ser julgado por um juiz da Ordem. Ao conseguir isso, ele é absolvido. Depois, o mesmo juiz marca outra sessão de julgamento onde aparecem 4 testemunhas contra Melo e 40 a seu favor e, mesmo assim, o juiz volta atrás em sua decisão mandando Melo pagar uma multa e cumprir degredo perpétuo na África. Melo recorre e perde, devendo desta vez pagar uma multa, de menor valor, e cumprir degredo perpétuo na Índia (pena que só poderia ser dada com a permissão do Rei, o que não foi o caso). Recorreu novamente, mas a pena permaneceu a mesma, substituindo o desterro da Índia para o Brasil. Em seguida, o próprio Rei D. João IV, por meio de um Alvará, decretou que Melo cumprisse a sentença e o proíbe de ser ouvido quanto a qualquer alegação deste caso. Seus inimigos eram, de fato, poderosos. Conforme os padrões de justiça e as penas da época para alguém que detinha privilégios como nosso autor, foi no mínimo estranha a forma como seu processo fora conduzido e a severidade das penas apresentadas em comparação ao crime em questão.

Além do mais, Melo contava com uma carta de ajuda/intervenção do Rei Luís XIV da França ao Rei D. João IV de Portugal. Esse último, de fato, pouco ou nada fez em favor de Melo, o que resultou em algumas narrativas posteriores à sua morte que afirmavam que o verdadeiro inimigo dele era o próprio Rei devido ao fato de certa disputa que tiveram por causa de uma dama. Nada encontrou Prestage acerca da veracidade dessas narrativas. Acredita que o Rei não intervém a favor de Melo porque como acabara de conquistar o poder⁴⁹ este ainda estava em processo de legitimação e evitara assim conflitos com a alta fidalguia⁵⁰ – e por isso mantém uma postura de neutralidade. Também não nos parece que houvesse algum problema pessoal entre o Rei e Melo, tanto é que D. João IV confiara a Melo a encomenda de escrever a biografia de seu pai, D. Teodósio⁵¹. Mas o que nos interessa aqui não é o crime em si, nem averiguar a inocência ou não de Melo. Em meio a esse processo o que nos chama a atenção é a injustiça sofrida por ele – quer de ter

⁴⁹ Sabe-se que D. João IV é o rei Restaurador, fundador da dinastia de Bragança e que alcançou o poder após lutar contra a Espanha para separar a coroa portuguesa da espanhola.

⁵⁰ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 205.

⁵¹ *Cartas Familiares*, 168.

sido preso inocentemente, ou se de fato cometeu o crime, ter sofrido uma pena maior do que deveria, segundo a Justiça da época –, resultando em um sentimento de aversão à justiça humana, de desilusão com as pessoas e com o mundo e na convicção de que permaneceria preso injustamente, apesar de seus esforços. Todos estes sentimentos encontram-se presentes nos seus escritos.

Assim, em 1644 D. Francisco é acusado e preso na Torre de Belém em Lisboa. Em 1646 é transferido para a Torre Velha na freguesia de Caparica, o que provoca grande tristeza para o autor, pois essa transferência resultou em um empecilho à sua atividade epistolar⁵². Em 1650 é transferido para o Castelo de Lisboa, o que lhe gerou refrigério⁵³. Em 1655, parte para o Brasil em degredo e retorna em 1658. Com sua volta, ao que parece, ganha também sua liberdade, e daí em diante tem uma intensa vida política tanto dentro, como fora de Portugal, atuando em diversas missões diplomáticas com a Inglaterra, França e Roma, e participando da vida cultural de Portugal, tornando-se membro da Academia dos Generosos, instituição de cunho linguístico e literário de Portugal, ao caráter da Academia de Letras.

Passou assim 11 anos na prisão. De modo geral, Melo ficava numa cela individual, com seus livros e papéis⁵⁴. Podia sair, receber e hospedar visitas⁵⁵. Também recebia e enviava cartas⁵⁶, presentes⁵⁷ e livros⁵⁸. Obviamente, a vida de preso era pesada e tediosa – “Mas em verdade que vão por cá tanto de monte os enfadamentos e fastios desta vivenda (ruim pra tudo)”⁵⁹. Contudo, era das injustiças que nosso autor mais se queixava, muito mais que do seu cárcere em si. “Sobre três anos de cárceres exquisitos, cheo de trabalhos, injúrias e enfermidades, cada vez mais perseguido, mais só e peor tratado [...] e sobre não ser ainda ouvido, nem me ser lícito até agora meu livramento e natural defesa”⁶⁰. O autor relata a um remetente o caso de Paulo Ramos, jovem de 14 anos, que já estava

⁵² “Não tendo observado todavia este círculo de ir e vir o correo de Lisboa a essa terra [Caparica], e quanto gasta de tempo; donde virá muita parte da minha queixa” – Cf. *Cartas Familiares*, 91.

⁵³ “Cinco dias há que estou neste Castelo: paraíso se comparado ao que deixei [à Torre]” – Cf. *Cartas Familiares*, 393.

⁵⁴ *Cartas Familiares*, 472.

⁵⁵ Podemos observar esse tráfego na prisão por meio das cartas 82, 94, 107, 108, 122, 171, 176, 179, 207, 260, 293, 458, 481, 520, e outras.

⁵⁶ *Cartas Familiares*, 429, 165.

⁵⁷ *Cartas Familiares*, 202.

⁵⁸ *Cartas Familiares*, 77, 335, 409.

⁵⁹ *Cartas Familiares*, 155.

⁶⁰ *Cartas Familiares*, 95.

preso há 7 anos (foi preso aos 7 anos!) por vender carvão mal medido⁶¹. Assim, parece-nos que a vida na prisão fez com que nosso autor tivesse de lidar diretamente com a injustiça, tanta a sua como a de outros, e isso marcou sua obra.

“Porém, se cada homem é um mundo, governe-se cada qual a si mesmo, que ao mundo grande não falta quem o governe”⁶². Aparece aqui a ideia de que cada homem constitui um universo próprio. Desenvolve tal relação por analogia – e a metáfora entre o mundo/sociedade e o corpo é deveras comum desde a Idade Média. No entanto, ao passo que tal escritor constitui um intérprete de seu tempo, a relação entre ele e o mundo é recíproca – à medida que é influenciado pelo mundo, o influencia também, pois ao interpretá-lo deixa nele marcas de personalidade. Daí o porquê de considerarmos importante evocar alguns de seus dados biográficos – Melo tem consciência de que sua visão de mundo é fruto de sua experiência nele, de modo que não pretende ser imparcial na sua reflexão.

1.1.2 A escrita de si: epistolografia e a construção da obra

“Antes, como o ânimo queixoso desafoga pelas palavras, a alma afligida pelas lágrimas se alivia”⁶³. Assim como as lágrimas são uma expressão da alma, uma forma dela se aliviar, as palavras constituem uma forma de tornar um “ânimo queixoso” (no sentido de entristecido e não de lamento ou reclamação) mais suportável. Melo utiliza-se da escrita para suportar os problemas e obter consolo. Desse modo, sua obra o revela, não completamente, mas leva seu leitor a conhecê-lo através dela. Por isso, envia seis livros de sua autoria a uma pessoa que o deseja conhecer melhor⁶⁴. É o próprio autor que reconhece que sua obra o revela: não apenas suas ideias, mas também sua pessoa.

Em certa carta⁶⁵ pergunta ao destinatário se uma determinada obra que escreveu obteve, ou não, “glória”. Em seguida explica que o que desejava não eram os “aplausos dos grandes”, mas divulgar seus pensamentos, afinal “importava-me saber o sucesso da outra lisonja por fundar nela ãa diligencia”. Mais do que fama ou reconhecimento, ao menos é isso o que nosso autor nos diz, ele queria difundir suas ideias,

⁶¹ *Cartas Familiares*, 581.

⁶² *Cartas Familiares*, 290.

⁶³ *Cartas Familiares*, 411.

⁶⁴ *Cartas Familiares*, 405.

⁶⁵ *Cartas Familiares*, 200.

pois acreditava no potencial que elas tinham para fornecer orientação aos homens de seu tempo. De todo modo, embora ateste que algumas de suas produções eram ruins⁶⁶, ele era um escritor que desfrutava de certo prestígio e reconhecimento: “Os meus trabalhos são tão grandes que nem aos que estão muito altos deixou de alcançar a notícia deles”⁶⁷. No Memorial que escreveu ao Rei D. João IV na tentativa de defender-se contra as acusações que lhe foram feitas declarou: “Havendo hoje neste Reino tantos sujeitos grandes, teve V. M. [o Rei] por bem, que sendo eu o menor deles, me ocupasse em historiar a vida, e feitos do Senhor Duque D. Teodósio que Deus haja seu pai sereníssimo”⁶⁸. De fato, o Rei, no seu esforço de se legitimar e de legitimar a dinastia de Bragança, não confiaria tal tarefa – a de escrever sobre a vida de seu pai e assim construir a memória de sua família, uma família digna de ocupar o trono – a qualquer simples letrado de sua época. Escolheria, obviamente, um escritor ilustre para essa empreitada, e julgara que Melo fosse este homem. Suas obras eram amplamente lidas e conhecidas, seu nome já desfrutava de certa reputação, por exemplo, quando publica *El Fénix de África*⁶⁹ venderam-se apenas no primeiro dia “300 volumes”⁷⁰. Sobre tal obra, nos diz Prestage, que “foi nelle que estudavão a língua Castelhana no Collegio Romano os alumnos destinados às missões da Hespanha”⁷¹. Também, conforme nos apresenta Prestage, Jacinto Cordeiro em seu *Elogio Lusitano* (1631) já louvava Melo por seu trabalho poético: “Dom Francisco Manuel, pompa gloriosa/ De las Musas, amparo em su assistência”⁷². Nesse momento nosso autor tinha apenas 22 anos e já era estimado como poeta e sequer havia publicado suas principais obras.

D. Francisco Manuel de Melo produziu uma vasta bibliografia, diversificada tanto nas temáticas trabalhadas quanto nos gêneros – e por isso foi-lhe atribuído o título de polígrafo. Escreveu obras literárias em verso e em prosa; tragédias, comédias, autos; obras históricas; biografias; hagiografias; tratados políticos e militares; sobre religião, moral e esoterismo; estudos sobre cultura popular; memoriais; epistolografias. Foram publicadas em vida 21 obras. Além dessas, Melo nos dá notícias de parcela de sua produção nas suas

⁶⁶ Não afirma especificamente quais ele considerava assim, mas diz que por essas ele merecia pena maior que sua prisão – Cf. *Cartas Familiares*, 331.

⁶⁷ *Cartas Familiares*, 151.

⁶⁸ MELO, Francisco Manuel de. Memorial a El-Rei D. João IV N.S.. In: MELO. *Carta de Guia de Casados*. Porto: Lello & Irmão, 1971, p. 105.

⁶⁹ Uma obra de cunho moral e hagiográfica sobre Santo Agostinho, publicada em 1648.

⁷⁰ *Cartas Familiares*, 220.

⁷¹ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 231.

⁷² *ibidem*, p. 55, 56.

Obras Morales, dividindo-as em: Métricas (10), Históricas (11), Políticas (9), Demonstrativas (6), Solenes (10), Exquisitas (7), Familiares (6), Várias (12) e Imperfeitas (7) – todas publicadas postumamente. Nas *Cartas Familiares*, no entanto, o autor nos aponta mais sete obras que não foram publicadas nem em seu tempo – e nem posteriormente –, de modo que pouco se sabe a respeito delas. Por fim, alguns escritos de autoria desconhecida foram atribuídos a ele, rendendo-lhe mais 19 títulos, somando-se um total de 125 trabalhos escritos. Embora alguns sejam breves estudos, ou pequenos poemas publicados separadamente, questionamos esse número, e é de se esperar que nessa listagem algumas obras com diferentes títulos se refiram na verdade a mesma obra. Não obstante, indiferente ao número exato de obras que tenha escrito, interessa-nos o fato de que nosso autor dedicou sua vida à elaboração de conhecimento e à escrita, e de toda essa produção o que mais chama a atenção – nossa, da crítica e do próprio autor! – é seu fazer epistolar. Melo informa-nos o porquê desse particular interesse por sua epistolografia:

Aquí, Señor, os ofrezco una copia de las mias, un rasguño igual de lo padecido y discursado, para que, en virtud de sus letras, se unam nuestro corazones, como quien en el espejo por la reflexión de los rayos nota y comprende la forma de distantes objetos. Aquí leereis la conformidad o iniquidad de mi ánimo, el fin de mis juicios, el útil de mis consideraciones, cuya bajeza, ilustrada con la doctrina de Santos y Filósofos, podrá en su manera hacerse digna de que la pongais los ojos y la acerqueis al corazón⁷³.

A escrita das missivas é intrínseca à afetividade. Ela une corações, produz empatia, pois é fruto de uma reflexão acerca de si. Tal como a imagem refletida num espelho nos mostra um objeto (e não é o objeto em si, mas uma representação desse), as cartas, embora se direcionem a outros – e, são uma tentativa de se representarem ao outro – se tornam também um espelho da própria alma para o remetente. Através das considerações acerca de si, elas dão acesso a esse outro e a si mesmo. Especificamente neste caso, é por meio delas, e das reflexões que originaram, que nosso autor consegue realizar as considerações necessárias para desenvolver suas ideias e seu consolo, e assim alcançar seu destinatário – unir os corações, por conseguir refletir e organizar seus pensamentos num esforço de se fazer inteligível para o outro e para si.

⁷³ *Cartas Familiares*, 4.

Embora a matéria-prima destas epístolas fossem aspectos da vida e reflexões do próprio autor, “falo com a alma e o coração tudo o que sinto e desejo”⁷⁴, elas são fruto de uma intensa reflexão, exige-se esforço para alcançar essa matéria subjetiva, em tal grau que quando estava afligido a ponto de sequer conseguir pensar, Melo não foi capaz de manter sua atividade epistolar⁷⁵. Diante de um papel (carta) que não conseguia responder, nosso autor tomou “então por partido lê-lo muitas vezes, já que ãa lhe não sabia dar resposta. Isto tenho eu muito bem feito”⁷⁶. Exigia-se verdadeiro esforço hermenêutico alcançar a si para falar ao outro, e alcançar a si por meio da escrita do outro. E nem sempre fora possível atingir esse objetivo: “não há que culpar-me de que não saiba o que digo, se não sei o que quero”⁷⁷; “visto que não é a primeira vez que os meus papeis não tem pés nem cabeça”⁷⁸. Contudo, esse parecia, ao menos para D. Francisco, o meio mais seguro de se lançar nessa empreitada. “Cada dia mais necessito de que V.M. me ouça sequer ãa hora, por que trago minhas fantasmas com que mal me aviriguo; e toda a luz de juízo de V.M. é necessária para as ver de todo”⁷⁹. Diante de tantos fantasmas, medos, ansiedades, angústias, tornava-se difícil esse acesso a si, daí a importância da escrita de si – é a correspondência que lança luz nesse caminho penoso. Se sozinho mal poderia se averiguar, analisar, experimentar, é com auxílio do outro que isso se tornou possível.

Desse modo, percebemos que a atividade epistolar para nosso escritor é de importância vital. Não é por menos que afirma que “com vinte e trinta cartas por dia, nem sou gente, nem entendo a gente”⁸⁰. É esse fazer que lhe permite *ser* humano e *entender* os homens. O seu conhecimento acerca de si e do mundo lhe foi assegurado por meio da escrita de cartas. Por isso deixar de se corresponder era por ele encarado como um “jejum d’alma”⁸¹ ou um pecado que precisaria do perdão de Deus⁸².

Diante de importância de tal atividade, podemos entender o porquê de Melo em apenas seis anos de prisão ter escrito 22.600 cartas⁸³. Ele se deleitava em receber e ler

⁷⁴ *Cartas Familiares*, 20.

⁷⁵ *Cartas Familiares*, 152.

⁷⁶ *Cartas Familiares*, 498.

⁷⁷ *Cartas Familiares*, 339.

⁷⁸ *Cartas Familiares*, 376.

⁷⁹ *Cartas Familiares*, 300.

⁸⁰ *Cartas Familiares*, 361.

⁸¹ *Cartas Familiares*, 349.

⁸² *Cartas Familiares*, 19.

⁸³ Ocorre aqui uma contradição na obra. Na Carta aos Leitores Melo afirma esse número de 22.600 cartas durante os primeiros seis anos de prisão, já na carta 292 ele diz apenas 2.600. Em que número acreditar? Optamos pelo primeiro valor, pois Melo reclama em algumas ocasiões da imprensa pelo fato desta muitas

cartas⁸⁴. Afinal, era por meio delas que renovava seu espírito, “a qualquer das palavras que V.S. pôs neste papel, que recibi ontem, é pouca paga ãa vida, por que cada ãa me deu ãa alma”⁸⁵. Mas seu contentamento era também derivado não apenas do consolo que recebia de outrem, mas do que fornecia a outros por meio da reflexão característica da escrita de si. Em uma carta de pêsames a um marido enlutado o autor confessa:

[...] dando todo meu poder a estas regras e renunciando nelas todo o meu coração, para que não só signifique a V.S. o meu sentimento em seu sentimento, mas para que me saiba tanto aproveitar da causa dele, que traga dessas sombras claridades e dessas lágrimas avisos, com que possa alumiar minhas trevas e advertir meus desconcertos⁸⁶.

Embora seu objetivo fosse levar consolo ao amigo que se encontrava lutando contra a dor causada pela morte, ele não nega que aproveitou da oportunidade para ele mesmo se consolar, lançar luz sobre as trevas em que vivia.

Para o autor, no entanto, seu fazer epistolar também continha outra importante característica – a de lhe conferir voz no mundo. “Porque na verdade isso hei mister mais que tudo: ser ouvido”⁸⁷. Especialmente por se encontrar preso, o maior desejo de Melo era o de falar e de ser ouvido. Suas cartas lhe possibilitavam isso. Em uma ocasião que se sentiu muito melancólico disse que ficou em “silêncio”⁸⁸ por não escrever cartas. Foi por intermédio delas que nosso autor atuava sobre o mundo. “Contudo, como só com palavras posso (por ora) mostrar a V.M. a estimação que faço da boa vontade que comigo exercita [...]”⁸⁹. Sim, a prisão não paralisou Melo, não porque ele aproveitou dessa situação para se dedicar à leitura e a escrita, ou porque ele foi “forte” e não se deixou abater – foi por intermédio de suas missivas que ele conseguiu atuar no mundo. De fato “As letras [cartas] são livres por natureza [...] por mais sutis, podem romper muros, sem embargo da teima

vezes copiar errado o texto do autor (exemplo dessas reclamações se encontram nas cartas 272 e 340). Assim parece-nos que o número 2.600 foi fruto de um desses “pecados originais da impressa”, como dizia Melo, visto que na carta 292 esse número de “2.600” aparece escrito em algarismos enquanto na Carta aos Leitores o número “vinte e duas mil e seiscentas” aparece escrito por extenso – daí se o erro for do impressor, é mais plausível que tenha apenas se esquecido de colocar o “2” no número “2.600” da carta 292, do que ter acrescentado o “vinte e” no número “vinte e duas mil e seiscentas” da Carta aos Leitores. Edgar Prestage também acredita que essa diferença se dá por um erro na imprensa – Cf. PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 236, nota nº 3.

⁸⁴ *Cartas Familiares*, 416 e 545.

⁸⁵ *Cartas Familiares*, 331.

⁸⁶ *Cartas Familiares*, 411.

⁸⁷ *Cartas Familiares*, 186.

⁸⁸ *Cartas Familiares*, 271.

⁸⁹ *Cartas Familiares*, 159.

dos poderosos”⁹⁰. Para quem estava preso a liberdade tinha grande valor. E suas missivas possuíam esse preço! Embora encarcerado, sentia-se livre por meio delas. Estas lhe conferiam certa medida de liberdade e poder. Quebravam os muros da sua “toca”⁹¹. As “letras” não conhecem obstáculos, não possuem fronteiras. Por isso, pôde afirmar “saiba, Senhor meu, que estou solto e livre, porque a alma não está na Torre Velha”⁹². Sua epistolografia o lança num movimento duplo: de *reflexão* acerca de si e de *ação* no mundo. Ambas intimamente relacionadas num ritmo cíclico porque essa reflexão lhe permite a ação, que por sua vez resulta em uma nova reflexão, que moverá uma nova ação...

Talvez pela escrita epistolar representar tanto para D. Francisco que seu volume de missivas fosse acentuado. Estava preso, mas não paralisado e isso graças às suas missivas. Mas em que Melo tanto atuava? Nas suas tentativas de liberdade, de abrandar seu cárcere ou de pelo menos ser ouvido pelos tribunais. Era ainda um importante intelectual da época: era solicitado para criticar, corrigir e avaliar o trabalho de outros escritores; mesmo preso, recebia a encomenda de escrever algumas obras ou prefácios da produção de outros autores; e trabalhava em projetos literários como o da *Biblioteca Lusitana dos Autores Modernos*. Melo era conhecido por ter uma opinião ponderada e seus conselhos eram frequentemente solicitados. Também era um homem de importantes contatos e por isso constantemente auxiliava outros, promovendo intervenção e ajuda junto aos homens influentes que conhecia. Contudo, a escrita era para Melo não apenas seu instrumento de atuação no mundo, mas também seu maior legado para o mundo, ao menos era esse o conceito que desenvolveu sobre sua própria obra⁹³.

As *Cartas Familiares*, contudo, apresentam um estatuto diferenciado do restante do fazer epistolar do autor. Além de (re)apresentar todas essas características e considerações acima ponderadas, elas possuem um diferencial – foram selecionadas, organizadas e publicadas como uma obra. Desse modo, elas nos revelam algo mais do autor e de seu tempo. LaCapra⁹⁴ adverte-nos sobre os problemas da relação entre as intenções do autor e o texto. Embora essa relação nos ajude a compreender a obra, ela não pode ser tomada como única via de acesso à interpretação. Quando um autor declara suas intenções, ele está lançando apenas uma interpretação possível, esta não é, contudo, o

⁹⁰ *Cartas Familiares*, 14.

⁹¹ *Cartas Familiares*, 222.

⁹² *Cartas Familiares*, 209.

⁹³ No capítulo 3 desta dissertação trabalharemos mais acerca desta relação do autor com sua escrita.

⁹⁴ LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José. "*Giro lingüístico*" e *história intelectual*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1998, p. 237 - 293.

critério último para se realizar uma interpretação válida. Devemos estar cientes de que as intenções do autor podem ser incoerentes e incertas, e às vezes suas intenções se tornam mais claras, ou até mesmo mudam, ao longo do processo de escrita – o que nos parece ter sido o caso nas *Cartas Familiares*.

Sobre as intenções de D. Francisco Manuel, António Luís de Azevedo, professor de Humanidades, amigo íntimo do autor e quem o incentivou a organizar e publicar as *Cartas Familiares*, declara:

Um centro de preciosas pedras que servirão ao edifício da memória, porque, tendo em pedra sólida o fundamento de vossa doutrina, tendes como natural a imortalidade [...] Gozará deste modo não só esta maravilha, mas aquela de ser o único livro de cartas que se publicou em nosso idioma; o qual, por que nunca seja despojado deste privilégio, também será o último, porque depois deste pouco lugar fica à confiança para que se esperem outros⁹⁵.

A intenção da obra seria a de ser um “edifício da memória”, não apenas as memórias do autor, mas um registro de sua época, já que suas extensas teias de contatos permitia-lhe acessar toda uma sociedade, em seus diferentes níveis. Existia um reconhecimento do *valor histórico* da obra. Azevedo comenta também a *importância literária* dela visto que foi o primeiro livro de cartas publicado em português. Isso nos leva a um questionamento: o valor da obra residia também em ser um manual para bem se escrever uma carta? Ou visto que já existiam tais manuais como a *Corte na Aldeia* publicado em 1619, as *Cartas Familiares* representavam também um compêndio que mostrava na prática como bem elaborá-las?

Acreditamos que sim, embora não julgamos ser esse seu real propósito ele existia ao menos para António Luís de Azevedo. A sociedade portuguesa enfrentava certa dificuldade na escrita epistolar. Em *Corte na Aldeia*, existem dois capítulos⁹⁶ destinados a expor os “problemas” corriqueiros na escrita de cartas missivas⁹⁷ e ensina-se a

⁹⁵ *Cartas Familiares*, Carta à Academia dos Generosos, p. 47, 48.

⁹⁶ Diálogo II – *Da polícia e estilo das cartas missivas* e Diálogo III – *Da maneira de escrever e da diferença das cartas missivas*.

⁹⁷ Francisco Rodrigues Lobo define cartas missivas/mandadeiras retomando a definição proposta por Marco Túlio: “é uma mensageira fiel que interpreta nosso ânimo aos ausentes, em que lhes manifesta o que queremos que eles saibam de nossas cousas, ou das que a eles lhes relevam” (Cf. LOBO, Francisco Rodrigues. *Côrte na Aldeia e Noites de Inverno*. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1945, p. 51.). São as cartas com o propósito de comunicação, as cartas que tradicionalmente são hoje chamadas apenas por cartas – em oposição a outros tipos de correspondência, como o cartão postal, a mala direta, a circular, as cartas empresariais, as oficiais. Existem três gêneros dessas cartas missivas: as familiares (que se divide em outros 3

confeccioná-las. Um dos problemas apresentados consistia no excesso de formalismo das cartas e o rebuscamento comum neste tipo de escrita, que as prolongavam e dificultavam o seu entendimento. Além desse documento, o próprio rei D. Filipe II da Espanha e I de Portugal (1580-1598), que levou sua corte para Portugal entre os anos de 1580 e 1583 (e por isso possuía conhecimento de causa) escreveu um despacho intitulado *Provisão do nosso rei e senhor, de como se há de falar e escrever* (1597). Nele expõe estas mesmas queixas – do excesso de formalismo e rebuscamento da linguagem – tanto na fala quanto na escrita, com destaque para a escrita de missivas, inclusive listando uma série de multas a serem pagas em espécie⁹⁸ caso ocorresse o descumprimento desta sentença real. Assim, conhecendo esse “problema” comum entre os portugueses, talvez fosse intenção do autor, além da do próprio Azevedo, produzir um manual a partir das suas cartas sobre como os portugueses poderiam produzir correspondências em diversas situações. Provavelmente por isso Azevedo foi enfático ao afirmar sobre a obra que

O estilo não é o de que muitos usam, culto e enigmático; é o de que haviam de usar todos: claro, breve, sentencioso e próprio; sem afeite, sem rodeos, nem metáforas. A parecer de Lípsio, o escrever cartas há-de ser conforme ao falar: a escritura não é bem desdiga da prática. O modo como se escreve é um pouco mais apurado do com que se fala⁹⁹.

As características da obra se enquadram, perfeitamente, na explicação de Rodrigues Lobo sobre “o que há-de ter uma carta para ser cortês e bem escrita”¹⁰⁰. O estilo de Melo “havam de usar todos”, era um exemplo, ou modelo, para a sociedade, um estilo mais simples e direto em oposição ao estilo “culto e enigmático”, tão ampla e erroneamente utilizados.

Mas como se deu a construção deste arquivo? Ocorreu, primeiramente, uma seleção das cartas. Sabemos que, diante de sua enorme atividade epistolar, o autor fez uma seleção das cartas que julgara interessante publicar¹⁰¹. Já no ano de 1641, declarou sua

subgêneros); as entre amigos (6 subgêneros) e graves (7 subgêneros). Francisco Manuel de Melo embora denomine a obra de *Cartas Familiares* na verdade apresenta no corpo da obra cartas com todos esses 16 subgêneros. Hoje, todos esses subgêneros se enquadram dentro do mesmo gênero epistolar conhecido como cartas familiares ou pessoais.

⁹⁸ Para os de menor condição, por exemplo, a multa cobrada assumia um valor reduzido somado a um ano de degredo.

⁹⁹ *Cartas Familiares*, Aos Discretos, p. 50.

¹⁰⁰ LOBO, Francisco Rodrigues. *Côrte na Aldeia ...*, op. cit., p. 29.

¹⁰¹ Sobre como o autor realizou a organização e a preparação das cartas selecionadas ver nota 20 deste trabalho.

intenção de trazê-las à lume numa epístola a um amigo para quem pede algumas de suas correspondências para a produção do livro: “Trato de ajuntar de esmolos algũas obras minhas porque, enfim, havemos de dar conta de nossas obras [...] Vou com este papel pedir a V. M. se sirva de mandar-me os que tiver meus, que eu prometo torná-los logo, se não com melhoria, com puntualidade”¹⁰². Percebemos, então, que a maior parte das cartas publicadas já foram escritas tendo pelo menos a ciência do autor de seu interesse de organizar este livro de epistolas, pois a maior parte das cartas publicadas foram escritas posteriormente a esse pedido. Solicitação semelhante é feita também à Luís Azevedo:

Mandando-me V. M. as cartas que tem, ficará este livro em boníssimo estado; e, agora que V. M. me meteu em atentar para elas, vejo que têm algum jeito. Sirva-se V. M. de me remetar as com que se acha em que eu fundo meu crédito, não só escolhidas de V. M. mas por escritas a tal pessoa.

Se V. M. fosse servido de acompanhar a obra com algũa introdução sua, teria eu grandíssima confiança e benefício nesse favor. Parecia-me se fizesse prólogo e introdução, ou prólogo que fosse; e que V. M. houvesse por bem descrever ãa dedicatória da obra ao senhor Rui de Moura Teles, que, por sábio bom e bom amigo meu, e dos bons (com que de força o há de ser de V. M.), muito a merece¹⁰³.

Dos mais de 80 destinatários identificados por Sarmiento¹⁰⁴ nas *Cartas Familiares*, Azevedo é o correspondente mais achegado de Melo – “[...] porque também V.M. [Azevedo] é o primeiro de toda a maneira em minha estimação”¹⁰⁵. No trecho supracitado podemos perceber que quem chamou a atenção do autor para a possibilidade de se publicar um livro com suas missivas foi Azevedo, o qual lhe fez “atentar para elas”. Por isso, em reconhecimento, pediu ao amigo que escrevesse o prólogo, a introdução e a dedicatória do livro. De acordo com o que já dissemos na Introdução a esse trabalho, o projeto inicial do livro teria quatrocentas cartas, mas, por fim, foram publicadas, já na primeira edição, quinhentas, sendo uma carta retirada pela Inquisição¹⁰⁶.

¹⁰² *Cartas Familiares*, 39.

¹⁰³ *Cartas Familiares*, 303.

¹⁰⁴ Organizadora da edição crítica que adotamos das *Cartas Familiares*.

¹⁰⁵ Na edição que trabalhamos das *Cartas Familiares* das 66 cartas destinadas a Azevedo apenas 14 foram publicadas por Melo, as outras 52 cartas foram encontradas e publicadas por Edgar Prestage, e são especialmente importantes para compreendermos como o autor organizou e pensou as *Cartas Familiares*.

¹⁰⁶ Cf. nota 19 deste trabalho.

O escritor também menciona sua preocupação com a recepção da obra. Afinal, “os livros até isso têm de filhos, honrarem uns e deshonrarem outros a quem os gerou”¹⁰⁷. Sabia que seria julgado por seus leitores através de sua obra, por isso ela poderia, assim como um filho, honrá-lo ou desonrá-lo.

Assi como pede a cortesia que saíamos a receber à porta de nossas casas, com algũa cortês demonstração a nossos hóspedes, manda a urbanidade que, com algũa advertência, vamos a encontrar nossos leitores ao princípio de nossos livros [...] Do mesmo vos peço que vos lembreis, quando o julgardes, para que vos não deis por ofendidos de sua pobreza [...] Cinco centúrias de cartas minhas vos oferecem neste livro: as mais foram escritas com sangue, enxutas com lágrimas, dobradas com singeleza, seladas pela desgraça, levadas pela mofina¹⁰⁸.

D. Francisco vai ao encontro de seus leitores, recebe-os na porta, através da Carta aos Leitores. Aí, já no início da obra, ele se senta na cadeira dos réus, e pede a compaixão deles “quando o julgares”. Deixa claro que o que oferece são cartas “escritas com sangue, enxutas com lágrimas, dobradas com singeleza, seladas pela desgraça, levadas pela mofina”. Aqui, talvez sem se dar conta, o autor revela as reais intenções de sua obra. Se sua atividade epistolar como um todo buscava lhe dar voz no mundo e o auxiliar no processo de busca de si – as *Cartas Familiares* têm um sentido de retorno ao mundo, é a expressão e fruto dessa reflexão, é uma retribuição de Melo ao mundo.

Ora, “donde há razão, há dor”¹⁰⁹. Sofrer é algo intrínseco aos homens, porque o sofrimento é fruto da característica que nos concede humanidade – pensar. Assim, visto que Melo “escreveu-as peregrinando pelo mundo, e depois, entre as maiores tribulações, preso em hũa Torre, falto de saúde, sem gosto, sem liberdade, deixado dos parentes, desamparado dos amigos”¹¹⁰, *Cartas Familiares* é uma obra alicerçada no sofrimento que sentia o próprio autor – não apenas no seu sofrimento pessoal, mas também no que partilhava com todos os homens, um sofrimento próprio “donde há razão”. Acredita que ela apresenta pequena variedade quanto aos assuntos das missivas “porque sempre o humor da sorte estava fixo na melancolia”¹¹¹, as cartas foram escritas “com suma infelicidade. Prisão, desordem, espírito ocupado de dores”¹¹². *Cartas Familiares* é, portanto, uma

¹⁰⁷ *Cartas Familiares*, 384.

¹⁰⁸ *Cartas Familiares*, Carta aos Leitores, p. 51.

¹⁰⁹ *Cartas Familiares*, Aos Discretos, p. 50.

¹¹⁰ *Cartas Familiares*, Aos Discretos, p. 49.

¹¹¹ *Cartas Familiares*, Carta aos Leitores, p. 52.

¹¹² *Cartas Familiares*, 283.

retribuição de Melo ao mundo porque almeja no decurso da obra fornecer não esperança, mas um remédio, ou pelo menos um consolo aos homens.

“Assi pode suceder-me que, de costumado males, desgostos e trabalhos, poderei facilmente mostrar o caminho da temperança a outros sujeitos granais [jovens] que andam como perdidos entre a dor que, enfim, é o mato e a mata do mundo”¹¹³. Para ele, a dor era o cenário no qual os homens viviam, era o que havia de mais primordial na situação dos homens de seu tempo e acreditava ser hábil em seu trato, por isso se julga capaz de mostrar o melhor caminho aos outros.

Eu queria oferecer alívios a um espírito afligido, e lhe represento, ou lhe mostro, os sinais de minha aflição. Ora também pode ter propósito, porque os pequenos males, quando muito, fazem companhia aos maiores; mas os maiores consolam os iguais e aliviam os menores¹¹⁴.

Melo considerava difícil que alguém tenha sofrido mais do que ele nesse mundo – se coloca enquanto um parâmetro neste assunto. Assim, por meio de toda sua bagagem poderia fornecer auxílio tanto para os que sofriam demasiadamente como ele quanto para os outros que sofriam menos. “Sou certo [diz Azevedo] que, se lerdes suas Cartas, lhes aplicareis a lástima, porque males alheos sempre fizeram ânimos compassivos. Será pelo temor que temos de ver em nós o que estamos vendo no outro”¹¹⁵. Azevedo acreditava também nesse potencial da obra porque julgava que o sofrimento de uma pessoa podia dar lições práticas para outras. “Bem é verdade que não seria o primeiro que, havendo-se perdido a si, se alugasse para guiar outros”¹¹⁶. Melo não seria o primeiro a fazer isso. Qual seria então o diferencial das *Cartas Familiares*? “Aqui vemos por experiência os documentos da Filosofia no sofrimento”¹¹⁷. Mediante a experiência de Melo os leitores poderiam ter acesso à aplicação da filosofia (do conhecimento, do saber) ao sofrimento – o saber como remédio da alma. Isso seria possível porque “V.M. bem sabe que dei eu em ser como nuvem: vou tomar as águas ao oceano para as chover sobre a terra”¹¹⁸. Assim, como uma nuvem se forma em cima dos oceanos e leva água para a terra, assim era Melo: apenas um mediador entre o que fornecia verdadeiro consolo – o saber – e seus leitores. Ele

¹¹³ *Cartas Familiares*, 510.

¹¹⁴ *Cartas Familiares*, 568.

¹¹⁵ *Cartas Familiares*, Aos Discretos, p. 50.

¹¹⁶ *Cartas Familiares*, 268.

¹¹⁷ *idem*.

¹¹⁸ *Cartas Familiares*, 516.

retirava consolo de outras fontes de conhecimento (do oceano) e por meio de sua experiência levava consolo a outros (a terra).

De vasta bibliografia que produziu as *Cartas Familiares* foi o instrumento utilizado pelo autor para realizar tal empreendimento. Visto que “não é pequena obrigação dos bons sujeitos acomodar-se ao auditório; assaz fará a filosofia que fizer tanto, e inútil será aquela que o não fizer, porque saber um para seu martírio é prova da inorância”¹¹⁹. Não era um favor que os “bons sujeitos” faziam acomodando-se ao “auditório”, para divulgar seus pensamentos, porque uma filosofia que se entesoura, que é guardada, é inútil. Para Melo divulgar seus pensamentos, sua filosofia, era uma obrigação – e assim o faz recorrendo às *Cartas Familiares*. Vejamos então, qual era o problema do seu tempo pelo qual Melo acreditava apresentar a solução por meio dessa obra.

1.2 Da alma ao papel: o problema da perda de si em D. Francisco Manuel de Melo

1.2.1 “Fugir de mim”: a perda de si na literatura portuguesa quinhentista

Um problema legítimo na literatura barroca é o sentimento de perda de si. O sujeito enquanto seu próprio inimigo, mas não em uma batalha moral entre o certo ou o errado ou em uma depressão existencial fruto da meditação sobre “o que eu quero/espero da vida”. Tal perda tratava-se de um homem em (re)construção, em um movimento de busca de si e de um lugar no mundo, pois fora justamente isso que perdera. São inúmeros os exemplos de tal sentimento, mas vejamos como alguns autores portugueses nos apresentam esse problema, para compreendermos melhor a tradição que existia sobre o assunto e como ele é retomado e se renova em D. Francisco Manuel de Melo.

Bernadim Ribeiro (c. 1490 - ?) sintetiza o problema nos seguintes versos:

Antre mim mesmo e mim
 Não sei que se alevantou,
 Que tão meu inimigo sou.

Uns tempos com grande engano
 Vivi eu mesmo comigo,
 Agora no mor perigo

¹¹⁹ *Cartas Familiares*, 222.

Se me descobre o mor dano.
Caro custa um desengano
E pois m'este não matou
Quão caro que me custou.

De mim me sou feito alheio,
Antre cuidado e cuidado
Está um mal derramado
Que por mal grande me veio.
Nova dor, novo receio
Foi este que me tomou
Assi me tem, assi estou¹²⁰.

O sujeito lírico nos informa que se levanta um muro, uma barreira, entre ele e ele mesmo, e isso ocorreu de maneira repentina e por motivos desconhecidos – embora essa perda fosse sentida por muitos, nem todos tomaram consciência dos motivos dela. Por certo período, enquanto vivia no “engano”, vivia igualmente consigo mesmo. Esse estado, contudo, modificou-se, ocorreu um “desengano”, ele saiu do engano por descobrir a verdade, mas isso foi seu “mor dano” porque “caro [lhe] custa”. Agora, se encontrava alheio a ele mesmo, não se (re)conhecia. Tal situação lhe causava “nova dor, novo receio”. Essa condição que lhe “tomou”, foi atingido por ela, o tem como que por refém e também lhe transforma. Assim, essa perda de si do século XVI é uma crise do ser, e consequentemente da relação desse com o mundo.

Sá de Miranda (1487 - 1558) já anunciava esse rompimento do sujeito consigo mesmo: “Comigo me desavim/Sou posto em todo perigo,/Não posso viver comigo/Nem posso fugir de mim”¹²¹. De modo que se torna “inimigo de mim”¹²². Martim Castro do Rio (1548 - 1613) também nos fala desse problema: “Perdi-me dentro de mim como em deserto,/ Minh'alma está metida em labirinto”¹²³. Compara essa perda de si como estar peregrinando em um deserto ou perdido em um labirinto. Em outro poema declama: “Querendo achar firmeza na mudança”¹²⁴. Procura por si, por firmeza, e só encontra mudanças, instabilidade. Diante de tantas novidades históricas e mudanças que ocorrem neste período, o homem se vê obrigado a reconstruir uma imagem de si, já que não se reconhece mais.

¹²⁰ HUE, Sheila Moura. *Antologia de Poesia Portuguesa, século XVI: Camões entre seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p.119.

¹²¹ *ibidem*, p.122.

¹²² *idem*.

¹²³ *ibidem*, p. 123.

¹²⁴ *idem*.

Baltazar Estação (c. 1565 - ?) foi outro poeta que sentiu e escreveu sobre esse problema. “Nem fugindo de mim posso valer-me/Nem vivendo comigo, contentar-me”¹²⁵. Não suportavam tal perda, mas também não podiam mais viver consigo mesmo. O cenário no qual os homens do período se encontravam era de profundas mudanças das quais não poderiam simplesmente ignorar, afetava-os diretamente. Fazia-se necessário uma atitude: “De mim mesmo me sinto tão contrário,/Que quando me reformo me destruo,/E quando me destruo, me reformo”¹²⁶. Essa perda de si compelia em um esforço de construção e reconstrução contínuo até o homem elaborar uma imagem de si que lhe conferisse novamente um lugar nesse mundo em transformação. Estevão Rodrigues de Castro (1559-1638) também nos informa sobre o quanto o homem estava desorientado: “Quando me quis salvar dei num perigo,/Julgando por verdade o que era engano,/Provei, com mostras de remédio, um dano,/ E depois de provado ainda o sigo”¹²⁷. Esse processo de busca de si era uma aposta, pois nada conferia segurança no acerto.

Para Castelo Branco (c. 1560- 1619) era como se o homem estivesse em uma batalha consigo mesmo. Uma “guerra sem despojo e glória”¹²⁸ onde todos saem perdendo, pois “o que é vencedor fica vencido”¹²⁹. Todo esse processo em que o homem se perdeu e o esforço de se encontrar foi um empreendimento árduo e caro aos homens do período, não é à toa que essa temática se faz tão presente no Barroco. Quando a estrutura básica da ideia da qual o homem faz de si mesmo é questionada, sua segurança se vê também ameaçada. Desse modo, o que acreditava estar certo se torna incerto e passa-se a viver à deriva, desorientado, pois é justamente a concepção que o homem cria acerca dele mesmo que lhe permite se relacionar com outros (em sociedade) e com o mundo¹³⁰.

1.2.2 A confusão de Babel: a identificação do problema em Melo

A fim de compreendermos melhor este sentimento de perda de si presente no pensamento do autor em epígrafe evocamos os seguintes textos: o *Salmo 137*¹³¹, *Babel e*

¹²⁵ HUE, Sheila Moura. *Antologia de Poesia Portuguesa...*, op. cit., p.119.

¹²⁶ *ibidem*, p.120.

¹²⁷ *ibidem*, p.121.

¹²⁸ *ibidem*, p. 124.

¹²⁹ *idem*.

¹³⁰ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 81.

¹³¹ ESCRITURAS SAGRADAS. *Livro de Salmos*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

*Sião*¹³² e *O Canto de Babilônia*¹³³. O primeiro, também denominado de *Canto do exilado*¹³⁴ é uma súplica coletiva que faz referência as consequências da queda de Jerusalém em 587 a.C. e do exílio dos judeus em Babilônia¹³⁵. Camões faz uma paráfrase desse salmo em sua redondilha, e por último Melo parafraseia Camões.

No *Salmo 137* os judeus são representados chorando às margens dos “canais de Babilônia [...] com saudades de Sião”¹³⁶ e os “raptos queriam alegria”¹³⁷ – em uma atitude de escárnio solicitavam aos judeus que cantassem “um canto de Sião”¹³⁸. Os judeus rejeitam o pedido, preferiam que “cole a língua ao paladar”¹³⁹ – preferem o silêncio que cantar a “Iahweh numa terra estrangeira”¹⁴⁰, pois isso significaria para eles o esquecimento de Jerusalém.

Sião se refere ao Monte Sião, onde se localizava o Templo de Salomão na cidade de Jerusalém, centro político e religioso do antigo Israel. Esse cântico revela uma atitude de resistência dos exilados que sofriam por terem sido expulsos de sua terra natal e estarem em uma terra estrangeira, Babel ou Babilônia¹⁴¹. Deveriam guardar o silêncio como uma forma de manterem Jerusalém na memória, pois se adorassem a Deus com alegria, com cânticos, em Babilônia, logo estariam aceitando sua nova condição e se esqueceriam de sua origem. É essa a ideia que Camões parafraseia: um canto de lamentação acerca de um exílio e a necessidade de resistência.

Em *Babel e Sião* Camões se encontrava em Babilônia, e chorando, lembrava-se de sua vida em Sião. Não há comentários nas biografias sobre o autor, como por exemplo, na de Faria¹⁴² – primeiro biógrafo do poeta – de que ele tenha viajado para qualquer uma dessas regiões. Camões foi para as Índias, e há registros de ter ido também para Ceuta e

¹³² CAMÕES, Luís de. *Lírica: redondilhas e sonetos*. São Paulo: Publifolha, 1997.

¹³³ MELO, Francisco Manuel de. O canto de Babilônia. In: MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *História e antologia da literatura portuguesa: século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

¹³⁴ *Canto do Exilado* é o título conferido a este salmo pela tradução Bíblia de Jerusalém.

¹³⁵ Cf. com nota *b* do Salmo 137 da Bíblia de Jerusalém, 2002.

¹³⁶ Salmo 137:1.

¹³⁷ Salmo 137:3.

¹³⁸ *idem*.

¹³⁹ Salmo 137:6.

¹⁴⁰ Salmo 137:4.

¹⁴¹ Babel e Babilônia se referem à mesma região, onde conforme o relato bíblico Deus diversificara a língua dos homens, que até então toda humanidade falava uma só língua, causando uma grande confusão, impedindo assim que uma torre, que desafiava à autoridade divina fosse construída – Cf. Gênesis 11: 1-9. Babel, em hebraico *Babhel* significa “confundir” (Cf. com nota *d* de Gênesis 11 da Bíblia de Jerusalém, 2002) de modo que a escolha de Camões, e de Melo, por esse salmo já é por si só interessante.

¹⁴² FARIA, Manuel Severim de. *Discursos Vários Políticos*. Évora: impressos por Manoel Carvalho, impressor da Universidade, 1624.

Moçambique. Mas, não parece que esse poema se refira a uma lamentação do autor que sentia “amor da Pátria”¹⁴³ e, no entanto, não se encontrava mais nela. O que então representa Babel e Sião? “Babilônia ao mal presente,/Sião ao tempo passado”¹⁴⁴. O exílio sofrido por Camões não era um exílio geográfico, mas representa uma mudança de situação. Sião denota um momento passado e por ser muito bom é um espaço de memórias saudosas. Já Babel personificava o presente estado do poeta: que vivia uma “Variedade de mágoas/E confusão de Babel”¹⁴⁵, “na terra da dor,/De confusão e de espanto”¹⁴⁶. Sentia a alma “de mágoas tão cheia”¹⁴⁷ que não podia, estando em “terra alheia”¹⁴⁸ entoar um “doce canto”¹⁴⁹, pois todas essas circunstâncias lhe deixaram “alheio está de si”¹⁵⁰.

Ocorre uma ruptura que faz o escritor sair de Sião e ir para Babel. Tal mudança que o coloca em um cenário tão sofrido faz com que se perca de si mesmo. Questionamos: O que ocasionou tal exílio? E o que significa estar alheio a si mesmo?

E vi que todos os danos
Se causavam das mudanças
E as mudanças dos anos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo às esperanças¹⁵¹.

Camões identifica como causa desse exílio mudanças no cenário em que vivia. Tais transformações, fruto do passar do tempo, o fizeram perceber os “enganos” que o tempo faz às “esperanças” – as expectativas frustradas. Ao passo que o exílio do salmista era geográfico, o exílio camoniano é histórico. É um sentimento de ter sido retirado de um tempo e lançado em outro. Sente uma profunda ruptura diante da antiga e atual conjuntura em que vive. Além disso, há o sentimento de que o homem não está no pleno controle dessas mudanças: “Pois não pudestes mover/Desconcertos da ventura”¹⁵². De modo que são estas mudanças históricas, ocasionadas com a passagem “dos anos”, somadas à percepção de que não se tem total controle dessas mesmas transformações que lançam o autor ao

¹⁴³ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, Canto I, 10:1.

¹⁴⁴ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 2: 4, 5.

¹⁴⁵ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 9: 4, 5.

¹⁴⁶ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 48: 2, 3.

¹⁴⁷ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 29:2.

¹⁴⁸ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 29:5.

¹⁴⁹ *idem*.

¹⁵⁰ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 29:4.

¹⁵¹ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 5: 1-5.

¹⁵² CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 16: 4, 5.

exílio. E a metáfora do exílio é, de veras, interessante. Remete tanto a um deslocamento, quanto ao sentimento de solidão, de expulsão e punição. É esse afastamento do homem de si mesmo, essa situação de não encontrar mais seu lugar no mundo, ser expulso de Sião, que traduz o que denomina ficar “alheio de si”.

Um gosto que hoje se alcança,
Amanhã já não o vejo:
Assim nos traz a mudança
De esperança em esperança
E de desejo em desejo¹⁵³.

Ficar em Babel, alheio de si, significa viver em constante inquietação: o que hoje é um “gosto” quando é alcançado logo em seguida o perde. Ficar em Babel é estar em constante estado de insatisfação, sempre em busca de uma nova “esperança” e um novo “desejo”. Pois “que tudo que o tempo gastava,/da tristeza que tomei”¹⁵⁴ – a sensação é de que o tempo tudo consome, e perceber essa insegurança e essa fragilidade diante do tempo causa, no poeta, tristeza.

Mas como viver em Babel? Como suportar esse exílio? “Cantando, refreia o medo”¹⁵⁵. “E o trabalhador cantando,/ o trabalho menos sente”¹⁵⁶. Cantar ajudaria a suportar o exílio – a vida nos dias do autor –, pois cantar ajuda a distrair, e o fardo se tornaria mais leve. Cantar aqui é apenas arrumar pequenas distrações, passar o tempo, direcionar os pensamentos a outras atividades que não o exílio em Babel.

Mas “¿Como poderei cantar/Quem em choro banha o peito?”¹⁵⁷. O canto seria um bom remédio, mas de maneira similar ao que ocorreu no salmo, a situação pesarosa não permitia o entoar de cânticos. Neste caso,

Nem na fruta cantarei
O que passo e passei já,
Nem menos escreverei;
Porque a pena cansará
E eu não descansarei¹⁵⁸.

¹⁵³ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 19: 1-5.

¹⁵⁴ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 11: 2, 3.

¹⁵⁵ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 27:5.

¹⁵⁶ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 28: 4, 5.

¹⁵⁷ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 30: 1, 2.

¹⁵⁸ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 34: 1-5.

Escrever foi outra solução pensada, porém igualmente não sortia efeito, já que se poderia cansar de tanto escrever e mesmo assim o indivíduo não conseguiria a paz e o alívio que procurava. “Razão é que canse a pena/De escrever pena tamanha”¹⁵⁹. O poeta pensa em utilizar a escrita como fonte de consolo, como um meio de desabafar: usar da pena, o objeto utilizado na escrita, para escrever sobre sua própria pena, seu sofrimento – talvez em um exercício reflexivo. Contudo, este nem sempre funcionaria, de modo que a melhor solução seria:

Porém se, para assentar
O que sente o coração,
A pena já me cansar,
Não canse para voar
A memória em Sião¹⁶⁰.

Levar a memória à Sião. Fazer dela um local seguro. Lembrar-se deste passado saudosamente, fazer dele e da tradição um abrigo, visto que por já serem conhecido são mais estáveis e certos. E dessa forma tentar amenizar as confusões de Babel. Além dos cantos, da escrita e da memória, Camões indica outras formas para sobreviver em Babel: através da “ajuda celeste”¹⁶¹ e da Igreja, “Na Pedra, que veio a ser/Enfim cabeça do canto”¹⁶².

Por fim, Camões nos surpreende resignificando Sião, passando a denotar a própria vida celeste. Transformara-se na “pátria divina”¹⁶³, na “santa Cidade”¹⁶⁴ e “terra excelente /[...] /Que, depois de a ti subir, /Lá descansa eternamente!”¹⁶⁵. O passado e o futuro são representados por meio de Sião. Há uma supressão, uma rejeição, do tempo presente em prol de um passado que se deveria lembrar, mas que era também o fim último e, por isso, a fonte de esperança. O Sião camoniano está fora do alcance dos homens, pois ou reside no passado ou no futuro, e é nele que se deve manter os pensamentos para conseguir refrigério de Babel. Se o tempo em que vivia o do poeta era desolador fazia-se preciso lembrar-se das épocas passadas e se projetarem na que há de vir, na vida celeste, para sobreviverem ao exílio no qual se encontravam.

¹⁵⁹ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 35: 4, 5.

¹⁶⁰ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 36: 1-5.

¹⁶¹ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 64:2.

¹⁶² CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 67: 4, 5.

¹⁶³ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 42: 5.

¹⁶⁴ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 43: 4.

¹⁶⁵ CAMÕES, Luís de. *Babel e Sião*, 73: 2, 4, 5.

E como D. Francisco Manuel de Melo poetisa esse exílio em *O Canto de Babilônia*? O autor preserva a ideia de um exílio de Sião a Babel. Em seu texto, no entanto, fica explícito que tais regiões se referem à diferentes estados de espírito do homem.

E se eu, por vida cruel,
 idolatrar contra ti,
 ó Jerusalém fiel,
 dure eternamente em mi
 a confusão de Babel¹⁶⁶.

Babel e Sião não representam espaços geográficos como no *Salmo 137*, ou temporalidades como em Camões, mas diferentes modos do homem se sentir no mundo. Babel e Sião estão dentro do homem – “dure eternamente *em mim* a confusão de Babel”. Não lhes é algo exterior, mas é algo que pertence ao âmago dos homens. A Babel e o Sião de Melo carregam muito das conotações presentes no poema de Camões. Contudo, nele a referência diz respeito mais a um tempo, e como os homens viviam nele, e em Melo essas cidades se relacionam mais com o estado dos homens, embora sua relação com o tempo permaneça: Sião ao passado e Babel ao presente.

Sião é um estado de “paz antiga”¹⁶⁷, pois já não existe mais. Babel um cativo onde foram levados todos, “ricos e cansados”¹⁶⁸. Ali se encontram “cheio[s] de dor e fadiga”¹⁶⁹, vivem com “grandes tormentos”¹⁷⁰, de modo que em Babel “vi voar meus pensamentos”¹⁷¹ – o sofrimento de Babel fez com que os homens se perdessem de si, ficassem afastados dos seus próprios pensamentos, apartados de si mesmos.

De toda a literatura portuguesa do período, que consultamos, não encontramos rimas que descrevessem esse sentimento de solidão e abandono do homem em relação ao seu lugar no mundo de modo tão elaborado quanto em Melo. A temática, mais que recorrente, perpassa a literatura barroca, sem grandes elucidaciones. Embora seja uma fórmula frequentemente adotada por esses poetas, e por isso tal sentimento se torna característica fundamental desta literatura, parece-nos que a repetição se dá muito mais por um gosto estético da estilística do que propriamente fruto de uma reflexão acerca desse sentimento, quer em âmbito pessoal ou coletivo. Parece-nos que a temática, embora

¹⁶⁶ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 100: 1-5.

¹⁶⁷ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 8: 1.

¹⁶⁸ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 1: 5.

¹⁶⁹ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 2: 2.

¹⁷⁰ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 4: 1.

¹⁷¹ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 4: 3.

sentida, fosse difícil de ser estruturada e explicitada. As pessoas inseridas neste processo de transformação da autoimagem do homem não estavam necessariamente cientes dele¹⁷². Talvez pela própria dificuldade de se traduzir o espírito angustiado por meio da sistematização de ideias que tais poetas recorressem a uma escrita laboriosa, fatigante, quase incompreensível e obscura, valendo-se do exagero das formas e dos vocábulos, na profusão de ideias e conceitos a fim de transpor ao leitor a dor que sentiam na alma. Buscaram, à sua maneira, transmitir o que sentiam – a dor e confusão em si – visto que sequer conseguiram compreendê-la.

Nesse sentido, a obra de Melo, tanto a poética quanto a epistolar, nos surpreende. Também não apresenta grandes considerações sobre esse sentimento, mas consegue extrapolar as fórmulas prontas e as rimas já dadas e procura de modo ainda incipiente entender esse sentimento que lhe consome e envolve sua sociedade.

Assim, viver em Babel é para o autor:

Aquele sempre temer,
aquele nunca acertar,
aquele nada entender,
aquele tanto enganar,
que outra cousa quer dizer?
[...]
Cada dia experimentada
nova dor, nova penúria;
e, entre os golpes dessa fúria,
apenas ã é passada,
quando já chega outra injúria

A inveja, a detracção,
a fraude, o engano, o temor,
a dúvida, a confusão,
a indignação, o rigor,
sobretudo a sem-razão¹⁷³.

Babel é um estado de profunda perturbação. É um “nunca acertar”, “nada entender”, “tanto enganar”, “dúvida”, “confusão”, “indignação” e “sem-razão”. Consequência de uma vida com profusão de sofrimento e tribulações: “sempre temer”, “nova dor”, “nova penúria”, “golpes desta fúria”, “inveja”, “detracção”, “fraude” e “engano”. Como ficaria o homem neste cenário, vivendo sob essas condições?

¹⁷² ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos... op. cit.*, p. 85.

¹⁷³ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, estrofes 84, 91 e 92.

Triste idade fradulenta
 donde todo o mal respira
 e a verdade se retira,
 porque os campos que apascenta
 lhos vem pastando a mentira
 [...]
 Quantas vezes persuadido
 da fé dos olhos, errei,
 e quantas vezes busquei
 rosas no campo florido
 onde só serpes achei
 [...]
 Ai de quem se persuade
 da teima do pensamento
 e para julgar o intento
 manda assentar a vontade
 o trono do entendimento!¹⁷⁴.

Vivia-se em tempos de desengano. O homem estava rodeado pela mentira. Melo, baseando-se também na sua própria experiência¹⁷⁵ realizou uma longa consideração sobre a mentira no sentido moral, dos problemas da vida na corte, da traição que existia, de certa “fraqueza humana”¹⁷⁶ que consistia na necessidade de se fazer o mal ao próximo¹⁷⁷. Por isso acreditava que essa era uma “idade fraudulenta”. Todavia, sua reflexão extrapola, e muito, essa crise moral que nos apresenta. O que fez de sua época um tempo de engano era a ignorância a qual os homens estavam fadados.

Existe em Melo um tom cético na maneira como concebe a existência humana. Ele percebia que não podia confiar no que via – a “fé dos olhos” o conduziria ao erro. Não acreditamos que exista aqui uma crítica ao conhecimento aristotélico, cuja base epistemológica encontrava-se nos sentidos, assim como há em Sanchez, Montaigne ou Descartes. No entanto, fica evidente e, não apenas nesses versos, mas ao longo de toda a poesia, que o homem não tem condições de conhecer as coisas, de modo que se vivia no engano e na incerteza. Trata-se de uma constatação de que os homens se encontravam desorientados no mundo. Esse não é o estado de algumas pessoas que se recusaram, ou não puderam, buscar o conhecimento e por isso eram ignorantes. Esse é um estado inerente a todos os homens, porque não podiam alcançar o conhecimento, logo todos viviam na ignorância. Não podiam acreditar na “teima do pensamento”, embora persistisse em se

¹⁷⁴ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, estrofes 75, 85 e 87.

¹⁷⁵ Nas estrofes 50 a 52 existem uma nítida referência biográfica.

¹⁷⁶ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 64: 5.

¹⁷⁷ Esses temas aparecem, por exemplo, nas estrofes 60 a 74 de *O Canto de Babilônia* e são muito recorrentes também nas *Cartas Familiares*.

apresentar como verdadeiro ele nada sabia. Não poderiam “julgar o intento”, decidir por um caminho ou outro, por meio do “entendimento”, pois não têm conhecimento acerca das coisas para que possam se orientar verazmente. “Ai de quem” confia no conhecimento humano, lastima o autor.

Mas o que levou os homens a Babel?

Tudo quanto em outra idade
se fez amar e querer,
antes de bem se entender,
ali mandava a verdade
que se fosse conhecer¹⁷⁸.

Tudo aquilo que nos tempos de Sião lhes conferiam sentido, aquilo que mais ‘amavam e queriam’ deixara de lhes servir de orientação na vida e no mundo. Sião era, na verdade, tempos em que os homens estavam ignorantes quanto à sua própria ignorância – contudo, o autor não nega que ali houvesse paz¹⁷⁹. As ideias que forneciam orientação aos homens eram acreditadas justamente porque não as compreendiam bem. Mas impelidos pela “verdade” – como se essa fosse uma força sobrenatural impulsionadora dos homens – chegaram a conhecer que, de fato, viviam no erro e aquilo que lhes fornecia segurança era falso.

Sião e Babel, mais que representação de uma *mudança do tempo* – passado e presente – significam uma mudança conjuntural provenientes de *mudanças do próprio homem no tempo*. Em Camões, Babel e Sião são momentos históricos distintos, mas em Francisco Manuel de Melo: “Não é o tempo mudado:/um foi bom, e o outro também;/o gosto, si, que é trocado”¹⁸⁰. Não é que o passado fosse melhor que o presente – não existe em Melo um apego ao passado em si – o que está em constante transformação são os homens, e em consequência a sociedade, o tempo e a história. O autor prossegue o raciocínio: o sol que aquece os homens é o mesmo, a lua que os ilumina também, as estações do ano continuam seu ciclo progressivamente¹⁸¹. “Logo, se é nossa a mudança,/ não jogo do tempo vão”¹⁸². A mudança no tempo que aparece em Melo não é a do tempo natural, e sim do tempo dos homens e, portanto, a transformação entre Sião e Babel é

¹⁷⁸ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 5: 1-5.

¹⁷⁹ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 8: 1.

¹⁸⁰ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 33: 3-5.

¹⁸¹ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, estrofes 34 a 37.

¹⁸² MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 38: 1, 2.

também histórica. Todavia, diferentemente de Camões, não é a história que muda os homens, mas os homens que alteram o curso da história.

Melo, além de buscar entender o que levou os homens à Babel, está mais interessado em pensar uma fórmula, ou melhor, combater a proposta da fórmula camoniana, na tentativa de auxiliar os homens a saírem, ou pelo menos sobreviverem, a esse cenário. Se para Camões a solução para suportar Babel é fixar a memória em Sião, em Melo encontramos exatamente o contrário. A memória em Sião é perturbadora, destrói a paz da alma¹⁸³. A paciência é uma forte arma e com ela é possível suportar quase tudo: “Fados maus, dura violência,/vil afronta, triste história,/grave dor, mudada glória”, contudo ela não consegue vencer as dores advindas pela lembrança de Sião¹⁸⁴. A memória é fonte de sofrimento: as boas recordações os fariam tomar consciência daquilo que já perderam e as más trariam grandes culpas¹⁸⁵. Melo é enfático: “manda afastar a lembrança: caminhará vencedor”¹⁸⁶.

Porque o autor quer promover o esquecimento de Sião?

Mas neste campo de errónia,
de injúria e de maldição,
que merece a cerimônia
de se lembrar de Sião
quem padece em Babilónia?
[...]
que mereço em me lembrar
de ti, cidade a melhor,
pois, se a lembrança não for,
como poderei levar
nem a mi nem minha dor?¹⁸⁷.

Quem está completamente flagelado em Babel não merece, nem deve, aumentar seu sofrimento por ficar se lembrando dos bons tempos de outrora. Nunca mais teriam Sião de volta, então por que fixar ali sua memória? Isso apenas os frustraria e aumentaria sua dor. “E quem de coisa saudosa/tolher-nos quer a saudade?”¹⁸⁸. Manter Sião na memória era uma atitude paralisante, que não conduziria os homens à ação, apenas a ficarem lamentando o que já não possuíam mais. O autor concorda que este saudosismo

¹⁸³ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 7: 1-5.

¹⁸⁴ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 9: 1-5.

¹⁸⁵ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 11: 1-5.

¹⁸⁶ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 97: 4-5.

¹⁸⁷ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, estrofes 26 e 29.

¹⁸⁸ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 20: 4, 5.

pode “às vezes mata[r] a dor”¹⁸⁹, contudo é apenas uma medida paliativa: engana a dor, mas não cura. “Quem se lembra na miséria,/não califica a vontade”¹⁹⁰. A lembrança de Sião é algo fugaz, não a traz de volta e não mataria o desejo dos homens de tê-lo novamente. A vida já era por si só um fardo tão pesado que não se poderia carregar mais este peso adicional, as lembranças de Sião, pois além de não curarem, acrescentariam um fardo adicional.

Essa memória conduziria os homens para um estado de profunda tristeza, e era isso que nosso autor procurava evitar. Tal estado é petrificante e sua reflexão se baseia propriamente na ação, ou melhor, em uma reação dos homens diante da vida. Assim, apesar dos homens viverem no erro e terem de aceitar que nada podem conhecer, Melo faz uma apologia ao pensamento que “se deixa ser governado pelas mãos do entendimento”¹⁹¹. O problema é: não poderiam confiar cegamente no conhecimento que tinham, mas também não poderiam viver parados, então já que deveriam julgar, tomar decisões, agir, fariam melhor em guiar suas escolhas através do pensamento e não pelas emoções. Essas, devido ao pesar no qual o homem se encontrava, estavam ainda mais perdidas que o pensamento. Por isso seu remédio consiste em não deixar Babel invadir a alma e desse modo alterar o juízo, que por sua própria natureza já não era tão certo.

Contra o pinheiro do monte
forceje o sul indinado,
que, quando muito forçado,
se a rama lhe muda a frente,
o tronco nunca é mudado.
[...]
Porém a contrariedade
Faz-se ao corpo, à alma não¹⁹².

Melo acreditava que o sofrimento de Babel não precisava necessariamente, invadir a alma humana. Os homens deveriam combater o estado de confusão de Babel não permitindo que lhe pervertessem o juízo. Arrancar “a rama”, as galhas, de um pinheiro não o tornaria outra espécie de árvore, do mesmo modo, o sofrimento que aflige os homens provoca dores, mas não os obriga a mudarem o “tronco” – aquilo que realmente somos. E dessa forma, ainda seria possível utilizar da capacidade de pensar como meio de promover

¹⁸⁹ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 21: 4.

¹⁹⁰ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 27: 1, 2.

¹⁹¹ MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 43: 4, 5.

¹⁹² MELO, Francisco Manuel de. *O Canto de Babilônia*, 53: 1-5; 55: 4, 5.

orientação, por se esforçarem em controlar o juízo, livrando-o das influências corrompedoras da dor e tristeza provenientes de Babel.

Os três textos que evocamos nos ajudam a entender este sentimento tão presente na literatura barroca: a perda de si. Nosso interesse não é o de verificar tal sentimento na obra de Melo. Ele mesmo nos atesta isso. Tal fato é acessível a qualquer leitor de sua obra. Tampouco tentaremos provar se o autor tinha esses sentimentos. Nosso intento é o de historicizar¹⁹³ essa forma de se sentir no mundo e que está presente no pensamento do autor. Esse empreendimento é válido, pois toda forma de sentir “é produto de uma sensibilidade que é construída socialmente”¹⁹⁴ e, portanto histórica. A releitura de Camões do *Salmo 137*, e por sua vez a de D. Francisco Manuel ao poema de Camões, auxiliam-nos a compreender melhor o que os autores do período entediam por perda de si. Como já dito, foi um sentimento muito poetizado, muito experimentado, mas pouco compreendido e analisado pelos homens do período. Buscamos então, por meio desses poemas, captar o que estava envolvido nessa perda de si. Os leitores da época compreendiam o que se tratava, pois partilhavam desse mesmo sentimento. Mas nós precisamos definir e estabelecer limites e possibilidades acerca do que implicava esta perda para tais homens.

“Inimigo de mim”, “alheio de si” ou “perder a si mesmo” foram denominações que os homens de meados dos séculos XVI e XVII deram à forma como se sentiam no mundo. Não se tratava de uma crise decorrente de um mal-estar em que o homem se via perturbado diante da incerteza sobre o que fazer com sua própria existência. Não era uma “depressão” coletiva de gênese psicossocial. Nem um estado de tristeza crônico que afligia a sociedade da época – uma espécie de “peste negra psicológica” do período¹⁹⁵. Embora, a documentação literária aparente esse aspecto, não é isso o que ela realmente nos diz. Como poderia um escritor com seu arsenal literário (rimas, figuras de linguagem como a metáfora, representações, símbolos ...) descrever esse sentimento? Não podemos aceitar

¹⁹³ KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 134-146.

¹⁹⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As Sombras do Tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 117-139.

¹⁹⁵ A perda de si é um tema trabalhado tanto pelos filósofos dos séculos XVI e XVII quanto pelos existencialistas do século XX. Contudo, trata-se de problemas diferentes. Norbert Elias afirma que ao passo que as filosofias existencialistas “concentram-se em problemas que afetam o indivíduo isolado, como a solidão, a angústia, a dor e a morte”, os filósofos do XVI e XVII “buscam respostas para perguntas concernentes ao lugar do homem no mundo, ou suas relações com as outras pessoas” – Cf. ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos... op. cit.*, p. 100, 101.

um dado literário como mero reflexo de uma realidade, mas ele revela uma tensão e cabe ao historiador que se aventura em examiná-lo atingir os diferentes níveis que esse arquivo alcança – linguagem, estético, simbólico, psicológico, social – até atingir seu substrato, o nível histórico. As expressões de dor, sofrimento, confusão, insegurança, desamparo, incerteza e desorientação presentes nesta literatura são a tentativa de traduzir o espírito de uma época em que o homem se apercebe inserido num cenário histórico no qual se sente perdido no mundo e no tempo. Dessa forma, o que estava implicado na maneira como tal homem construía sua imagem no mundo?

A palavra de ordem que esses textos literários nos transmitem é *exílio*. Especialmente na Península Ibérica, detentora dos maiores domínios ultramarinos o exílio foi comumente utilizado como forma de *punição*. O desterrado sofreria com o *abandono* e a *saudade*. Além disso, o cristianismo em toda sua experiência monástica medieval conotou essa palavra com sentidos de *deserto*, *isolamento* e *solidão*. O próprio *Salmo 137*, matéria-prima das releituras de Camões e Melo, transmite a ideia de exílio como ser arrancado de seu local de origem, *desenraizado*. São essas ideias que permeiam o sentimento de perda de si dos autores barrocos. Sentimento semelhante ao de quem sofre um exílio sem possibilidade de retorno, de estar deslocado, sem raiz, abandonado – e pior, um exílio para Babel, a terra da confusão. Não se trata de um simples abandono, mas um movimento abrupto no decurso da história que arremessa o homem e o faz sentir-se assim. É uma sensação de perder seu “lugar natural” no mundo. E por isso passa a refletir sobre seu lugar no mundo e ao fazer isso se torna o sujeito e o objeto da reflexão filosófica, na tentativa de (re)construir uma concepção acerca de si mesmo.

1.2.3 A natureza e a expressão da “perda de si” nas *Cartas Familiares*: um problema legítimo

A perda de si é um problema que perpassa as *Cartas Familiares*. Melo não está preocupado em explicar a seus leitores mais precisamente que estado é esse¹⁹⁶ ou o porquê dos homens se encontrarem nele¹⁹⁷, embora faça isso incipientemente. A obra tem um caráter emergencial e pragmático: Melo procura uma solução para tal problema. Ora, como poderia encontrar, ou formular, essa solução sem refletir sobre as causas e origens deste

¹⁹⁶ Por isso evocamos os textos literários analisados acima.

¹⁹⁷ Discorreremos mais sobre esse assunto no próximo capítulo, através dos textos filosóficos de Sanchez e Montaigne.

estado? Não acreditamos que o autor negligenciasse isso, apenas não se preocupou em escrever, ou publicar, sobre o assunto, pois não era seu objetivo. Ao pensar as *Cartas Familiares* enquanto obra, o autor realizou uma seleção das suas missivas em que optou pelas que discorriam sobre a dor resultante do problema e sobre o remédio para essa dor. Essa certa ausência do tema nas cartas não significa uma ausência da reflexão sobre o assunto. Tanto é que podemos captá-lo em algumas de suas epístolas, embora também nestas esse problema não ocupe o lugar central da reflexão. Desse modo, não é impossível alcançarmos como o autor entendia essa perda de si.

Grande miséria por certo que o marinheiro navegue pelo mar incógnito, e o caminhante atravesse o ermo nunca visto; e maior miséria que, sendo nós navegantes e passageiros deste mundo, cheo de baixos e precipícios, tão pouco conhecemos dele em toda a vida, que de ordinário (*quando não nos perdemos*) perigamos à entrada da morte que é porto e fim e que depois de nascidos caminhamos!¹⁹⁸.

Nas *Cartas Familiares* a ideia de exílio também perpassa esse estado de perda de si. Vivia-se como que em um “mar incógnito” ou em um “ermo nunca visto”: completamente perdidos, desorientados. A existência dos homens neste mundo é semelhante à travessia de um navegante ou peregrino, que é lançado num mar/deserto (o próprio mundo) no qual não conheciam, mas teriam que passar por ele para alcançarem o outro lado. O que os esperava do outro lado? A morte! E aqui há um parêntese interessante: essa caminhada conduziria inexoravelmente à morte, mas correr-se-ia o risco de neste ínterim se perderem. Melo acreditava que a perda de si era um problema real para os homens de seu tempo.

Se até alcançarem seu destino, a morte, os homens poderiam se perder, já que viviam num mundo por eles desconhecido, qual seria o resultado dessa peregrinação pela vida? Ficar com “ũa alma despedaçada”¹⁹⁹. Por quê? “Eu me chamara ditoso, se só o fosse da violência a pessoa, com que o espírito se perdoasse. Lá [no espírito] chegam as lanças da sem-razão, lá fere a dor, lá mata a melancolia”²⁰⁰. Todas as dores, sofrimentos e melancolias que os homens enfrentassem nesse percurso lhes machucariam o íntimo, o espírito, a ponto de despedaçarem sua alma. “Pienso yo que la melancolia también muda

¹⁹⁸ *Cartas Familiares*, 101, grifo nosso.

¹⁹⁹ *Cartas Familiares*, 259.

²⁰⁰ *idem*.

estilos como transtorna juícios²⁰¹. Este estado de melancolia que pairava o cenário da época era perigoso, pois distorcia o juízo – a forma como os homens julgavam as coisas ao seu redor, a lente pela qual analisavam e avaliavam o mundo. Assim, esse estado de perda de si influenciava na forma dos homens se relacionarem com o mundo.

Diante de certo problema em que o autor deveria tomar uma importante decisão ele implorou ao amigo que lhe o ajudasse, pois: “estou em mão de ganhar ou perder o jogo, e, se o perco, me perco”²⁰². Melo acreditava estar incapaz de tomar sábias decisões, pois a melancolia alterava seu juízo, deixando-o desorientado e incapaz de fazer boas escolhas e assim logo se perderia.

Esta perda se agravava. Diante de tal “desesperação”²⁰³:

Eu confesso de mi que, havendo sempre sido para pouco agora sou já para nada. Não ando gente estes dias; porém nem por isso deixam os desgostos de me tratar muito como a gente. Foram tantas neles as ocasiões de descontentamento, que de todo me levaram de mi isso que de mi ainda havia²⁰⁴.

O homem poderia se perder não apenas no mundo, mas isso o levaria a perder-se também de si mesmo. Para Melo, ele já não era nada, nem andava mais gente – como que se desumanizasse –, não sabia sequer o que lhe conferia humanidade. Tal situação lhe roubou “isso que de mi ainda havia”, houve uma ruptura consigo mesmo, estava apartado de si. Portanto, podia afirmar: “Ando fora de mim há tempos; e agora ando sem mi”²⁰⁵. Mais do que não se reconhecer – como quem olha pra trás e se apercebe de uma mudança – Melo estava perdido, “ando sem mi”, não sabia mais o que era o homem nem qual era seu lugar no mundo.

Nesse sentido, sistematizamos duas explicações sobre como esse problema aparece no pensamento de Melo: uma psicológica e outra epistêmica. Não ocorre na obra do autor tal distinção, elas aparecem interligadas e complementares. Embora o caráter psicológico do problema possa parecer ser sua raiz principal, às vezes se confunde com o próprio problema em si, no entanto sua natureza é realmente epistêmica e o caráter psicológico apenas se funde a ele, servindo-lhe de uma roupagem exterior. Ambos são

²⁰¹ *Cartas Familiares*, 15.

²⁰² *Cartas Familiares*, 33.

²⁰³ *Cartas Familiares*, 240.

²⁰⁴ *idem*.

²⁰⁵ *Cartas Familiares*, 259.

sentidos na forma de uma dor, e por isso, são percebidos de maneira semelhante, confundindo o próprio autor²⁰⁶ e, conseqüentemente, seus leitores. No entanto, podemos marcar essa distinção em alguns momentos. Nas epístolas em que o autor menciona aspectos da sua vida, sua prisão ou sua experiência – as cartas de cunho pessoal –, podemos captar o caráter psicológico. Já nos momentos em que medita acerca da “natureza” ou “condição humana”²⁰⁷ – nas missivas em que seu interesse não é o de relatar sua própria vida, mas refletir sobre o próprio ser e o mundo – apresenta-nos a natureza epistêmica do problema.

A ideia da perda de si está presente em seu pensamento de maneira combinada, mesclada, contudo essa estruturação foi elaborada por nós, e não pelo autor, na tentativa de melhor compreendê-la. Embora exista a correlação entre ambas cada uma reflete um problema distinto pelo qual compõem a perda de si para o autor. A explicação psicológica²⁰⁸ nos conduz ao problema da melancolia do autor – fruto do sofrimento que o afligiu durante sua vida, como por exemplo, sua experiência na prisão, a perseguição e o desterro. Já a explicação epistêmica é consequência de um problema maior ao próprio autor e no qual se encontrava: a crise do século XVI. Aqui, o problema sai da competência propriamente literária e ganha dimensões históricas.

Sobre essa crise²⁰⁹, a tese de Koyré, da qual compartilhamos, é a de que houve no século XVI um “Alargamento sem igual da imagem histórica, geográfica, científica do homem e do mundo”²¹⁰. Essa tudo abala e destrói, de modo que o homem sente-se perdido em uma profusão de ideias, privado de tudo aquilo que lhe fornecia orientação para a vida de modo que o mundo se tornou um lugar incerto e inseguro restando-lhe apenas a dúvida.

Portanto, a explicação epistêmica é de nosso maior interesse, pois quando Melo formula o remédio para este mal, a perda de si, ele o faz projetando-o para além de seu

²⁰⁶ A dificuldade em explicar o problema se dá pela própria confusão que este provocava nos homens do período. Melo confessa “Na confusão de minhas palavras se lê também a de meu espírito. O que não digo dizendo, digo não dizendo. [...] Para os entendidos, acenos bastam” – Cf. *Cartas Familiares*, 244.

²⁰⁷ Ambos os termos aparecem na carta de resposta do Bispo Conde (Cf. *Cartas Familiares*, pp. 617 – 621) à carta 499 de Melo e suas ideias se fazem presente também no epistolário do nosso autor, inclusive a palavra *natureza* é constantemente por ele utilizada. Natureza aqui significa características comuns a todos os homens e se relacionam ao fato do homem ter sido criado e ser descendência de Adão e, portanto herdaram características comuns tais como o pecado e a tendência à desobediência. Já a *condição humana* refere-se ao ambiente histórico no qual os homens se inserem, todo o cenário que compõe as circunstâncias nas quais se vive.

²⁰⁸ Essa não nos interessa em si, mas como se relaciona com a epistêmica, que é o foco de nossa análise, perpassamos por ela para melhor compreendermos a epistêmica.

²⁰⁹ Tema que trabalharemos de maneira mais sistemática no capítulo 2 desta dissertação.

²¹⁰ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes...*, op. cit., p. 24, 25.

próprio caso: não é um remédio para seu sofrimento, sua dor, é um remédio para uma dor resultante de uma circunstância na qual os homens de seu tempo estão inseridos e para os quais a sua prisão e os seus problemas nada corroboram – era um remédio para um mal da época. Tanto que em nenhuma das 581 cartas analisadas a autor afirma que seu remédio seria a justiça ou sua liberdade. Embora o caráter psicológico ganhasse destaque em sua obra – até mesmo porque muitas missivas tinham o intuito de informar o que lhe ocorrera e dessa forma solicitar ajuda e intervenção para seu problema com a Justiça²¹¹ – a origem do sofrimento de Melo é devido a esse problema epistêmico, e é sobre ele que medita e procura formular o remédio.

São inúmeras as cartas nas quais Melo nos informa sobre sua dor, sobretudo na forma de queixa ou de lamúria. Nestas, fica claro o caráter psicológico da perda de si. “O que não pode sair do ânimo nestes afeitos se resolve nele em não pequena confusão”²¹². Todos os problemas que estava enfrentando com relação à Justiça e à sua prisão, bem como as consequências delas como fome, frio, injustiça, desterro, descrédito, falatórios, perda de alguns bens, solidão, maus tratos – todos estes mencionados pelo próprio autor – atingiram diretamente seu íntimo. Especialmente porque podia fazer muito pouco, ou nada, a respeito, se sentia impotente, e dessa forma, tudo isso que não podia resolver resultava em grande “confusão” para o ânimo. Notadamente, a adjetivação que o autor utiliza para caracterizar essa perda de si é idêntica tanto quando o que está em questão é o caráter psicológico, quanto nas ocasiões em se trata do problema epistêmico. É no interior da própria epístola, por identificarmos seu assunto principal, que conseguimos diferenciar um do outro.

Melo nos informa sobre essa dor: “Estive tão afligido estes dias que não tive ânimo para dar razão de mim”²¹³. O autor a define como uma aflição na qual não entendia nem a si mesmo, como se estivesse apartado de si. Nesse estado encontrava-se “na maior confusão, na maior incerteza do mundo”²¹⁴ e em “ũa mortal melancolia”²¹⁵ em que “Todos

²¹¹ A carta 165 nos informa do propósito de Melo de enviar cartas para seus conhecidos, e estes a outros, solicitando intervenção ao seu problema jurídico. Em anexo ele colocava outra carta explicando mais detalhadamente de que problema se tratava. Através de suas missivas Melo pretendia criar uma rede de contatos a seu favor. Outros exemplos de pedidos de ajuda, direta ou indiretamente, se encontram nas cartas: 86, 93, 95, 149, 161, 162, 162, 164, 198, 211, 134, 143, 337, 408, 410, 412, 421, 463 e 503.

²¹² *Cartas Familiares*, 479.

²¹³ *Cartas Familiares*, 309.

²¹⁴ *Cartas Familiares*, 249.

²¹⁵ *Cartas Familiares*, 271.

os mais [caminhos] são incertíssimos. Sobre este desengano, nenhũa esperança diz bem”²¹⁶. O problema em todos esses casos é de caráter psicológico. Na carta 309 o autor está se referindo a como se sentia diante da sua prisão e dos seus problemas jurídicos. Na 249, sua incerteza se refere a uma escolha que deveria fazer: permanecer preso ou ser desterrado para o Brasil. A carta 271 é um pedido de desculpas por sua ausência, em não responder as cartas que recebia deste amigo, e explica que isso era devido a fadiga que sentia por estar preso e pela falta de esperanças em ser inocentado.

A descrição de Melo diante de suas circunstâncias na prisão é próxima à forma como certos cétricos do período se sentiam diante do mundo. Sentia-se “na maior confusão em que me vi jamais, e sem algũa esperança de sair dela, depois de ver borrados os rumos e os caminhos, ou os não ver”²¹⁷. Além disso, estava em “suma infelicidade”, “desordem”, “pouco gosto”, “espírito ocupado de dores”²¹⁸. Via-se em profunda “desesperação”²¹⁹. Igualava-se a um edifício que se encontrava em ruínas prestes a desmoronar²²⁰. E diante deste quadro questiona seu correspondente: “Que posso eu dizer a V.M. de mi, se eu de mi não sei parte?”²²¹. Novamente, a importância de nos atentarmos ao contexto em que a carta nos remete. Na carta 263 o que ocorre é que Melo se encontra ansioso, aguardando o resultado de um pedido que realizara em relação ao seu processo jurídico. Na missiva 283 o autor apenas está lamentando sua vida de cárcere. A de número 286 é um pedido de ajuda a um amigo que fora promovido a um importante cargo na Corte para que este pudesse interceder por ele. E, por fim, na 278 o autor está mostrando a importância dos seus amigos para suportar esses fardos da prisão, e que, embora às vezes fosse até mesmo enfadonho, pede ao destinatário para que continuasse a suportá-lo, pois necessitava do apoio, ajuda e consolo dos amigos, assim como um prédio velho necessitava de colunas de apoio para não cair.

Temos de estar conscientes desse caráter psicológico no estado da perda de si que Melo nos apresenta em suas *Cartas Familiares* e reconhecer seu devido lugar no pensamento do autor. Essa dor caracteriza a perda de si, mas não a é. Não podemos aqui fazer uma sinédoque do problema, substituindo esse caráter psicológico por toda a perda de si. São, de fato, inúmeras as vezes em que as queixas do autor se referem à sua prisão. Em

²¹⁶ *Cartas Familiares*, 271.

²¹⁷ *Cartas Familiares*, 263.

²¹⁸ *Cartas Familiares*, 283.

²¹⁹ *Cartas Familiares*, 286.

²²⁰ *Cartas Familiares*, 278.

²²¹ *Cartas Familiares*, 263.

tantas outras cartas sequer conseguimos identificar o motivo da dor que descreve. Contudo, não podemos reduzir o problema apenas a esse caráter, como fez, por exemplo, José Adriano de Carvalho²²².

Em seu estudo, Carvalho percorre um caminho similar ao nosso. Perpassamos pelos mesmos temas-problemas em Melo – vida, morte, mundo, sofrimento, existência, lugar do homem no mundo –, contudo tal autor deu primazia à documentação lírica e nós à epistolar, talvez resida aí o distanciamento de nossas conclusões. O conceito chave em seu trabalho é o de desengano, e por meio dele sintetiza o pensamento de Melo. O desengano é uma reação de quase indiferença à vida, e de se colocar enquanto espectador da própria vida resultante de uma “consciência de vida, encarada esta nos seus aspectos vãos e passageiros”²²³. “Este engano, completamente interior, fugitivo, que nos põe diante da insegurança do próprio <<eu>>, é, tal como o desengano causado pela vida do mundo”²²⁴. Fica claro que a conclusão do autor baseia-se na perspectiva psicológica. Essa insegurança do sujeito, de Melo, é interior e fruto do seu desengano com a vida, diante dos problemas que enfrentava.

Carvalho considera que, para Melo, o pior problema que a vida apresenta aos homens é ter de viver num mundo onde o homem é um “farsante”, sua vida não passa de uma atuação. O homem vive como um ator, não no sentido de ser aquele que opera e controla sua própria vida, mas no sentido de que sua vida é meramente uma representação pública, não vive para si, mas para agradar uma plateia. Trata-se de uma “crítica de costumes, moral no sentido mais profundo da palavra”²²⁵. Carvalho defende que Melo, através de uma introspecção, fruto da sua elaboração literária e da sua meditação sobre a vida, analisa esse “homem-actor” e desenvolve sua ideia acerca da morte, da melancolia e do desespero²²⁶. Sua tese é a de que o desengano de Melo é uma “consequência da meditação no <<eu>> e na aparência dos outros [a farsa dos homens]”²²⁷ que resulta em uma atitude de “reserva perante o mundo”²²⁸. “O desengano aparece assim como uma

²²² CARVALHO, José Adriano de. Aspectos do desengano e da aceitação da vida em D. Francisco Manuel de Mello. *Revista Brotéria*. Lisboa, v. LXXVIII, nº 3, p. 277-291, 1964.

_____. Aspectos do desengano e da aceitação da vida em D. Francisco Manuel de Mello (II). *Revista Brotéria*. Lisboa, v. LXXVIII, nº 4, p. 423-438, 1964.

²²³ CARVALHO, José Adriano de. *Aspectos do desengano...*, *op. cit.*, p. 277.

²²⁴ *ibidem*, p. 278.

²²⁵ *ibidem*, p. 285.

²²⁶ CARVALHO, José Adriano de. *Aspectos do desengano (II)...*, *op. cit.*, p. 429.

²²⁷ *ibidem*, p. 433.

²²⁸ *idem*.

faceta da meditação do homem na existência”²²⁹. A tese de Carvalho, bem como a argumentação que a sustenta, se baseia na interpretação psicológica da obra de Melo. Optar por essa interpretação é uma escolha possível. O problema reside justamente em deslocar o que seria uma faceta do problema ao próprio problema em si, o que nos impedira de alcançar sua matriz que acreditamos ser de ordem epistêmica.

É o próprio D. Francisco que testifica que a dor que sente e da qual escreve possui várias causas. “Seis anos de dor na alma, muito é para quem já a não trazia sã”²³⁰. Escreve essa missiva em janeiro de 1650, quando já havia 6 anos de sua prisão, e declara que essa condição de preso lhe causava dores na alma, contudo, também afirma que sua alma antes mesmo dessa prisão já não se encontrava sã. A prisão (principal fator desse caráter psicológico) aumenta a dor da sua alma, aumentando a perda de si, mas não lhe é a causadora, pois já se encontrava assim antes mesmo da prisão.

Há infinitos tempos que me faltam novas de V.M.. E é esta ã das circunstâncias que bem ajuda a minha confusão e tristeza, que se funda em tantas causas, como V.M. haverá conhecido, e conhecerá o mundo, quando ouvir o eco das sem-razões que se me fazem, respondendo nos efeitos²³¹.

Novamente o autor revela que sua dor tem vários fatores envolvidos – “se funda em tantas causas” –, como por exemplo, a “falta de novas” do seu correspondente quando este deixava de lhe mandar missivas, ficando assim, no esquecimento. Sobre os fatores psicológicos de sua dor, o próprio autor atesta que já os informara a seu destinatário, neste caso Azevedo, mas notemos que Melo diz que ao conhecer esses fatores ele também conheceria o mundo.

A dor a qual sentira, essa perda de si, não está relacionada apenas aos problemas pessoais do autor, e é por isso que ao entendê-la Azevedo não apenas conheceria Melo, mas o que se passava no mundo. Existia algo na dor de Melo que não era meramente pessoal. Sua dor também pertencia a um problema que ocorria no mundo, e neste caso ela era um indício deste problema. Por isso, ao entender essa dor seu correspondente entenderia algo que sobrevinha no mundo, porque algo da dor de Melo não era apenas propriedade sua, mas um aspecto de algo que pairava no espírito da época. Esse

²²⁹ CARVALHO, José Adriano de. *Aspectos do desengano (II)*..., op. cit., p.436.

²³⁰ *Cartas Familiares*, 307.

²³¹ *Cartas Familiares*, 264.

algo é a natureza epistêmica do problema. Verificaremos como esse problema aparece nas *Cartas Familiares*, e no próximo capítulo procuraremos compreender sua natureza.

Melo, logo após mencionar que a matéria-prima de suas cartas foi seu próprio sofrimento, diz sobre as *Cartas Familiares*: “Em os assuntos há pouca variedade, porque sempre o humor da sorte estava fixo na melancolia”²³². Acreditava que nas 500 cartas que publicava o sentimento que as perpassava era a melancolia. Já Azevedo julgava que: “Estas cartas mais parecem de quem vive entre as delícias de um sossegado retiro, que de quem lida com os cuidados de hũa prisão penosa”²³³. Ora, o que explica esta contradição? Afinal, a obra é marcada pela melancolia ou um estado de bem-aventurança?

Ambos estão falando de coisas distintas e por isso ocorre essa aparente contradição. O tema dor/sofrimento/problemas perpassa intensamente toda a obra, é o que Melo chama de melancolia. Quando Azevedo nos aponta este aspecto sereno da obra trata-se de uma postura de Melo diante dessa dor. Apesar das frequentes reclamações do autor quanto a esses problemas, sua atitude diante deles é de ação. Esse fato nos revela algo interessante. Embora Melo utilize o vocábulo melancolia, devemos entender o que realmente estava tentando dizer e respeitar as dimensões históricas desse conceito.

Até o século XV existiam tanto no discurso médico quanto no eclesiástico uma preocupação em “compreender, analisar, teorizar, e ordenar o sofrimento e controlá-lo”²³⁴. Segundo Santos²³⁵ as paixões da alma, as emoções e sentimentos humanos, quando descomedidos representavam o ponto de cruzamento entre o corpo e a alma, quadro que conduzia os homens tanto ao pecado quanto às enfermidades, e destes a melancolia, humor melancólico ou estado melancólico. A autora ainda nos afirma que nos textos médicos a melancolia é entendida como uma predisposição física, bem como uma doença, causada pelo excesso da bile negra²³⁶ no organismo. Já nos discursos eclesiásticos a melancolia é relacionada com a acídia ou tristeza, que depois passou a ser substituída pelo pecado da preguiça – tratava-se de um conjunto de sentimentos e comportamentos autodestrutivos que necessitavam de correção.

²³² *Cartas Familiares*, Carta aos Leitores, p. 52.

²³³ *Cartas Familiares*, Aos Discretos, p. 50.

²³⁴ SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. Paixões da alma, melancolia e medicina (sécs. XIII-XV). In: MACEDO, José Rivair (org.). *A Idade Média portuguesa e o Brasil*. Porto Alegre: Vidrágua, 2011, v. 1, p. 107.

²³⁵ *ibidem*, p. 107 – 119.

²³⁶ “A bile negra, mais imaginária que real, era um dos quatro humores ou líquidos constituintes do corpo humano na teoria humoral da escola hipocrática sistematizada por Galeno” – Cf. SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. *Paixões da alma...*, *op. cit.*, p. 111.

Em ambos os casos a caracterização de tal estado se assemelhava:

Pode ser avaliada, tanto como um estado normal quanto um sinal de perturbação mental, tanto um conjunto de sentimentos, tristeza, apatia, abatimento, desespero, angústia, exaustão quanto formas de comportamento, tais como, inércia, prostração, ociosidade²³⁷.

D. Duarte (1433-1438) no *Leal Conselheiro* apresenta-nos um testemunho pessoal de seu estado melancólico. Concebe a melancolia tanto como um pecado quanto como uma doença do corpo. Acreditava que “o excesso da bile negra (o humor corporal imaginário) em seu organismo teria sido responsável pelo acometimento do conjunto de emoções diversas, tais como a tristeza intensa, o medo da morte, a prostração e a ausência do prazer de viver”²³⁸.

A melancolia de Melo não é como a do rei D. Duarte. Não se trata de uma enfermidade ou pecado. Não se caracteriza da mesma forma que o descrito acima. Por isso, Azevedo diz que o autor escreve as *Cartas Familiares* como se estivesse em um retiro, e não numa prisão. A dor, sofrimento e melancolia de nosso autor, embora às vezes descritas de forma parecida à melancolia de D. Duarte, não podem ser as mesmas. Embora a descrição do que *sentissem* fosse semelhante, o *comportamento* e o *modo como encaravam a vida*, de acordo com o que nos informa, eram distintos. Melo se mostrava inquieto, agitado, revoltado, era enérgico, ativo, um homem e pensador voltado à ação. Não foi a melancolia a matéria-prima para suas cartas, pois o próprio Melo nos diz: “A melancolia, ainda que negra, não dá boa tinta ao que escreve”²³⁹. É verdade que em alguns momentos, por exemplo, quando perdeu alguns privilégios no seu cárcere, entre as cartas 301 a 356²⁴⁰, ocorreu uma nítida mudança no humor do autor que se assemelhava ao estado melancólico de D. Duarte. Alguns sinais disso podem ser observados na diminuição da sua atividade epistolar, e quando escreve, notamos missivas com conteúdo completamente obscuro e vazio, em que percebemos nitidamente um esforço do encobrimento de si.

Não estamos procurando realizar um “diagnóstico” do nosso autor, mas buscando entender os diferentes conceitos e realidades históricas por trás da ideia de melancolia. De modo geral, ao longo da obra – e vale lembrar que nem todas as cartas que

²³⁷ SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. *Paixões da alma...*, op. cit., p. 111.

²³⁸ *ibidem*, p. 115.

²³⁹ *Cartas Familiares*, 88.

²⁴⁰ Compreendendo um período entre 05 de janeiro e 25 de fevereiro de 1650.

a constituem foram escritas enquanto o autor estava preso – a melancolia que o autor menciona, define e da qual procura uma mezinha é o que entendemos como o problema epistêmico da obra. “Isso não é senão porque, como é outro o amor de agora, é outra também a dor de agora”²⁴¹. Tiramos deste excerto dois dados interessantes quanto ao pensamento do autor: 1º) embora os sentimentos fossem individuais existia uma forma de sentir comum aos homens do período, e 2º) que esta era condicionada historicamente à medida em que se transformava com o tempo. Existia uma “dor de agora”, uma dor que foi sentida por ele e seus contemporâneos e que estava ligada a um contexto porque ela é própria do seu tempo.

Para o autor, existe uma “natureza humana” que os conduziria a essa dor, a essa perda de si. “Porém como nossa natureza, já do antigo avoengo [antepassados], seja rebelde a toda autoridade, bebendo sempre como à força aquele saudável, bem que amargoso, licor do desengano, muito parece que importa animar nosso medo e confortar nossa tristeza”²⁴². Encontrava-se nos homens uma força exterior que os conduzia ao erro, levando-os ao medo e tristeza. Essa força impessoal e exterior é o que ele designa de *natureza*, com “n” minúsculo²⁴³, algo ligado à constituição do ser humano. Existia também outra *Natureza*, com “N” maiúsculo, distinta da primeira: “Por quanto tem a Natureza trocado seus costumes”²⁴⁴. Essa Natureza troca seus costumes, muda seus padrões, altera-se. Assim, o que Melo denomina de Natureza se assemelha ao sentido de certo “espírito de época” que atravessa os homens inseridos em um determinado contexto, é uma Natureza mais histórica.

E qual seria a causa desta dor? “Donde há razão, há dor; basta que não haja desesperação”²⁴⁵. Essa dor não é fruto de um estado de melancolia, é uma dor causada não pelo sofrimento que se passa na vida, mas porque os homens são dotados de “razão” – que aqui significa a capacidade de aprender as coisas, de conhecer, a fonte do raciocínio. Ter “razão”, ser uma criatura pensante e ter que tomar decisões por meio dessa capacidade, é o que causa tal dor.

O homem, para Melo, é formado assim por duas forças antagônicas. “Nesta maneira e vida, poucos acertos se podem esperar de aquele que a padece. Vem aqui os

²⁴¹ *Cartas Familiares*, 411.

²⁴² *Cartas Familiares*, 319.

²⁴³ Cf. com nota 207 deste trabalho.

²⁴⁴ *Cartas Familiares*, 411.

²⁴⁵ *Cartas Familiares*, Aos Discretos, p. 50.

preceitos da filosofia. Senhor, que importa, se primeiro somos homens e depois filósofos?”²⁴⁶. Somos peregrinos errantes na vida, pois residem nos homens dois ímpetos: uma ‘natureza humana’ e um ‘espírito filosófico’. Essa natureza conduz o homem inexoravelmente ao erro. Já a filosofia, o fruto da razão humana, poderia os levar ao erro ou ao acerto. O fato dos homens serem também “filósofos” indica a possibilidade de superarem a natureza humana, por poderem acertar utilizando eficazmente a razão. Essa natureza é uma força mais potente, pois lhes é intrínseca, ‘antes de serem filósofos eram homens’, e por isso vivia-se no erro, não afirma, no entanto a impossibilidade do acerto, apenas destaca que estavam mais propícios ao erro. Por isso, certo bispo correspondente de Melo afirma: “é condição humana saber o que não importa e quando importa não saber”²⁴⁷. O homem está condicionado, sujeito, a viver perdido, embora tenha a capacidade de conhecer as coisas – por meio da razão – parece que as coisas que de fato são importantes não as alcançam.

Desse modo, essa *natureza* fez com que os homens chegassem ao estado no qual se encontravam: no erro, perdidos de si – na crise do século XVI. A razão fez com que tomassem consciência dessa situação e deveriam então utilizar da filosofia, dessa mesma razão, para transformarem a *Natureza* em que se encontravam, já que essa podia modificar-se diferentemente da sua *natureza*.

“Porque como o mundo todo esteja impecado de dúvidas, como o está de interesses, aquele que cortar estes nós, esse será quem faça ao mundo o maior benefício”²⁴⁸. O problema é epistêmico, “o mundo todo” se encontra nessa circunstância – desorientado, perdido, “impecado de dúvidas”. É essa situação que provoca a melancolia de Melo, essa perda de si – um problema real e latente. “Isto é certo, porque, se alguém não teme de se perder, e só um perdido”²⁴⁹. Os homens estavam inseridos nesse cenário e todos poderiam se perder, não aceitar esse fato já era sinal de que se encontrava perdido.

O autor menciona uma “batalha em que nos vai o ganho ou a perda de nós mesmos”²⁵⁰. Esse quadro no qual os homens se encontravam não era, necessariamente, algo no qual estavam inseridos e que não podiam fazer nada – não se tratava de uma essência humana, mas de um estado no qual poderiam reverter. Vivia-se em tempos em

²⁴⁶ *Cartas Familiares*, 201.

²⁴⁷ *Cartas Familiares*, Carta de resposta do Bispo Conde, p. 617-621.

²⁴⁸ *Cartas Familiares*, 414.

²⁴⁹ *Cartas Familiares*, 568.

²⁵⁰ *Cartas Familiares*, 319.

que o homem se perdia, mas ele poderia – e deveria, conforme proclama o autor – batalhar contra essa situação. “Pouco importa, Senhor, vencer os inimigos aquele que a si mesmo se não sabe vencer. Nem tem para que se prezar das vitórias de outros quem de si próprio a não alcança”²⁵¹. A maior batalha que os homens participam é aquela em que o que está em jogo é a si mesmo, seu ser e seu lugar no mundo. Essa é a maior vitória que os homens poderiam alcançar – justamente por ser a mais difícil. No entanto todos já estavam lançados nesse campo de batalha, fazia-se necessário vencer, e ganhar a si, ou ser derrotado, e perder a si mesmo.

²⁵¹ *Cartas Familiares*, 319.

CAPÍTULO 2

ENTRE RUÍNAS E PAPÉIS: D. FRANCISCO MANUEL DE MELO LEITOR, ESCRITOR E INTÉRPRETE DO MUNDO

Diz o Criador a Adão: coloquei-te no meio do mundo, para que mais facilmente possas olhar a tua volta e ver tudo o que te cerca. Criei-te como um ser nem celestial nem terreno, nem mortal nem imortal apenas, para que sejas tu a moldar e superar livremente a ti próprio. Podes degenerar-te em animal ou recriar-te à semelhança divina. [...] Somente a ti foi dado crescer e desenvolver-se conforme tua vontade: tens em ti os germes de toda espécie de vida.

Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem*.

Feliz a criatura
Que fez a sepultura
No ventre materno!
Feliz aquele cuja vida,
Ao nascer se viu atingida
Por um sono Eterno!

Du Bellay, *Lamentação do Desesperado*.

Pico della Mirandola viveu no final do século XV e o poeta Du Bellay na primeira metade do século XVI. Todavia, a diferença entre a mensagem de seus escritos representa um enorme salto, um verdadeiro deslocamento da concepção e do lugar do homem no mundo.

Mirandola confere ao homem um alto grau de dignidade, representando bem o espírito do Renascimento. Acredita que o homem, por estar no centro do Cosmo, e se no centro encontra-se em uma posição de destaque conferido pelo próprio Criador, possui a

capacidade de descobrir o mundo e a si mesmo. O homem deveria conhecer tudo ao seu redor, contemplar e admirar a beleza do tudo que o cercava e, desse modo, deveria construir a si mesmo. Quando Moisés questionou a Deus sobre quem era, ele respondeu: “Eu sou o que eu sou”²⁵², empregando aqui uma forma arcaica do verbo hebraico *ser* que destaca a potência divina para se transformar naquilo que for do seu agrado, da sua própria vontade – não haveria limites para o desenvolvimento divino. Ao sublinhar que o homem foi criado à semelhança de Deus, é esse aspecto da constituição humana que o autor está destacando: o potencial para se desenvolver livremente e segundo sua própria vontade. O homem do Renascimento sentia-se livre e capaz para cumprir a ordem bíblica de crescer, multiplicar, desenvolver-se e dominar tudo o que há na terra²⁵³.

Já em Du Bellay existe uma profunda descrença da vida e do próprio homem. Feliz o homem que sequer sai do ventre da mãe. O ideal era fazer do ventre a própria sepultura. O sofrimento humano seria concomitante ao próprio nascimento, de modo que a morte era algo almejado por ele. Ora, o que aconteceu com toda a beleza daquele Cosmo? O que aconteceu com aquele espírito humano que se sentia digno e seguro para descobrir os mistérios do mundo e de si mesmo e que agora não se sente capaz sequer de sair do “ventre materno”?

Nos séculos XVI e XVII percebemos que há um problema na imagem que o homem tinha de si mesmo e de seu mundo, problema esse que perpassa as *Cartas Familiares*. Procuraremos compreender melhor esse contexto e perceber como ele influencia as concepções que D. Francisco Manuel de Melo faz do homem, da vida e do mundo.

2.1 A certeza da dúvida e a incerteza de si e do mundo no alvorecer da modernidade

2.1.1 Sistema de crenças e o desmoronamento do mundo moderno

Cada sociedade, segundo suas necessidades e de acordo com o que dispõe, desenvolve um sistema cultural, uma forma de dar sentido e de produzir uma ordem que

²⁵² Êxodo 3: 13-15, *nota d.*

²⁵³ Gênesis 1: 28.

assegure sua existência, de modo que possa viver e refletir sua relação com o mundo, com outras sociedades e consigo mesma²⁵⁴. “Qualquer sistema cultural implica uma aposta que se impõe a todos os seus membros, embora nenhum deles seja responsável por isso”²⁵⁵. Para Chartier²⁵⁶, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Isso conduz à constatação de que o mundo é construído por representações coletivas, que formam identidades sociais as quais hierarquizam a estrutura social e transformam o mundo em uma arena de representações, onde os diferentes grupos procuram impor sua percepção de mundo e seus valores. Essas representações de mundo são, no entanto, apostas, pois não podem oferecer garantias quanto a sua veracidade e validade. Por isso, elas podem, e vão, em algum momento, perder o sentido, deixar de traduzir a impressão dos homens sobre o mundo.

Nos séculos XVI e XVII, podemos observar um sistema cultural fragmentando-se e, conseqüentemente, rompendo com as representações de mundo até então vigentes. Assim, o próprio modo dos homens interpretarem a si mesmos e o mundo ia-se desfazendo e, conseqüentemente, arruinando identidades sociais e representações vigorantes, surgindo à necessidade de construir outras que dessem conta desta nova realidade histórica.

Ortega y Gasset considera

[...] que o homem tenha que estar sempre em alguma crença e que a estrutura de sua vida dependa primordialmente das crenças em que ele *esteja* e que as mudanças mais decisivas na humanidade sejam as mudanças de crenças, a intensificação ou o enfraquecimento das mesmas. O diagnóstico de uma existência humana – de um homem, de um povo, de uma época – tem que começar assentando o repertório de suas convicções, que são a base da nossa vida. Por isso se diz que o homem *está* nelas. As crenças são o que verdadeiramente constitui o estado do homem [...] A crença não é, sem mais nem menos, a idéia que se pensa, mas aquela em que, além disso, se acredita. E o acreditar não é mais uma operação do mecanismo “intelectual”, mas uma função do ser vivente como tal, a função de orientar sua conduta, sua tarefa²⁵⁷.

A vida dos homens é regida por um conjunto de crenças, que se apresentam não necessariamente de forma coerente e lógica como um sistema de ideias, ou uma

²⁵⁴ CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. *Estudos Avançados*. São Paulo, 2010, vol.24, nº. 69, p. 16.

²⁵⁵ CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise...*, *op.cit.*, 138.

²⁵⁶ CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, 1991, vol.5, no.11, p.173-191.

²⁵⁷ GASSET, Ortega Y. *História como Sistema...*, *op. cit.*, p. 27, 28.

filosofia. Este “repertório”, no qual os homens se encontram é historicamente construído. Ele fornece as convicções “de um homem, de um povo, de uma época”, possibilitando ao ser humano tomar decisões, agir no mundo, viver. São por meio delas – destas ideias que mais que pensadas são acreditadas – que o homem consegue segurança necessária para orientar sua vida. “As crenças constituem o extrato básico mais profundo da arquitetura da nossa vida. Vivemos delas e, por isso mesmo, não acostumamos pensar nelas [...] nossas crenças, mas do que tê-las, nós as somos”²⁵⁸. Talvez seja impossível reconstruir toda a ordem de certo repertório, todavia, existe nele uma crença que o reforça e que suporta em si todas as outras, a qual Gasset²⁵⁹ denomina de *crença fundamental*. Ela é o esqueleto de todo o repertório de crenças, e por isso é possível de ser identificada pelo historiador. Esta, quando posta em xeque – e se posta em dúvida deixou de ser uma fé viva²⁶⁰ – entra em crise ela e todo o repertório o qual sustentava. Percorramos, então, o contexto em busca da crença fundamental que sustentava a concepção de mundo e de si do homem renascentista, pois é neste contexto que se dá a crise que Melo e seus contemporâneos atravessavam.

Para Falcon e Rodrigues²⁶¹ o humanismo renascentista constituía um programa cultural e educativo, um movimento que agia sobre o homem, despertando-o para novos temas de estudo, bem como para a necessidade do estudo em si – e daí o retorno aos textos antigos. “Enquanto a escolástica reforçava os vínculos de dependência do homem com Deus, por meio da sabedoria da Igreja, os novos autores buscavam a imanência, o entendimento do mundo pelo homem”²⁶². Dotava-se o homem da capacidade de conhecer as coisas. O Renascimento conferiu certa glorificação ao homem e, sem negar a teologia, enfatizava-se o desejo de conhecer o homem, o mundo, e tudo que envolvia a vida secular. O homem viu-se realmente enquanto “imagem e semelhança de Deus” e essa dignidade lhe conferiu a autonomia e a liberdade necessárias para explorar e entender os “mistérios do mundo”²⁶³.

²⁵⁸ GASSET, Ortega Y. *História como Sistema...*, *op. cit.*, p. 31.

²⁵⁹ *ibidem*, p. 28.

²⁶⁰ “[...] acreditamos em algo com fé viva quando essa crença nos basta para viver, e acreditamos em algo com fé morta, com fé inerte, quando, sem tê-la abandonado, *estando ainda nela*, não atua eficazmente na nossa vida. [...] Não apoiamos nossa existência naquele algo acreditado, não brotam já dessa fé as incitações e orientações para viver” – Cf. GASSET, Ortega Y. *História como Sistema...*, *op. cit.*, p.30.

²⁶¹ FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antonio. *A Formação do Mundo Moderno: A construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006.

²⁶² *ibidem*, p. 73.

²⁶³ *idem*.

No Cosmo medieval após a nona esfera encontrava-se o Empíreo, o lugar de Deus, e este envolvia todo o espaço finito. Deus encontrava-se, desse modo, dentro e fora da alma humana, em todos os lugares, e por isso o interesse privilegiado e superior do conhecimento sobre Deus – a base para todo e qualquer conhecimento. No Renascimento, o homem convicto de ser a imagem de Deus desloca esse interesse do conhecimento de Deus para si próprio, visto ser o reflexo de Deus, o conhecimento sobre si e sobre o mundo natural eram de grande valor, uma vez que a criação revelava também o Criador. Não há aqui uma alteração do lugar do homem no Universo – o que ocorrera apenas com a Revolução Científica²⁶⁴ –, mas um deslocamento da atenção dispensada ao homem. Trata-se de uma “redefinição do lugar a partir do qual o homem olha o seu entorno”²⁶⁵. O homem torna-se o sujeito e o objeto do conhecimento.

Burckhardt²⁶⁶ acredita que um espírito de aventura somado à ânsia pelo saber elevaram o nível de desenvolvimento do homem, conduzindo-o em uma empreitada pelo descobrimento de si e do mundo. “À descoberta do mundo, a cultura do Renascimento acrescenta um feito ainda maior, na medida em que a primeira a descobrir e trazer à luz, em sua totalidade a substância humana”²⁶⁷. Ora, o verdadeiro descobridor não é aquele que casualmente encontra algo, mas aquele que tendo procurado encontra²⁶⁸. Portanto, o homem do Renascimento foi aquele que num esforço consciente buscou compreender o mundo e o próprio homem. Por isso, as produções artísticas e literárias do período procuram representar o homem em sua plenitude, desde seus aspectos exteriores à “objetivação da interioridade humana e da sua riqueza espiritual”²⁶⁹. Nesse sentido, mesmo sendo um “homem barroco” Melo também partilhava desse espírito humanista.

A descoberta do mundo compreendia o interesse pela história natural. A natureza foi, aos poucos, sendo “absolvida de seus pecados e libertando da influência demoníaca”²⁷⁰ que marcava a relação do homem medieval com a natureza. O mundo natural então ganhou a atenção dos homens que passaram a ver beleza nesses antigos espaços dominados pelo medo. A descoberta do homem envolvia um retrato tanto das inquietações da alma, uma contemplação da sua interioridade, bem como da sua

²⁶⁴ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes*. Lisboa: Editorial Presença, 1963, p. 66-68.

²⁶⁵ FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antonio. *A Formação do Mundo Moderno...*, op. cit., p. 88.

²⁶⁶ BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

²⁶⁷ *ibidem*, p. 226.

²⁶⁸ *ibidem*, p. 212.

²⁶⁹ *ibidem*, p. 227.

²⁷⁰ *ibidem*, p. 220.

materialidade, um interesse por sua anatomia e fisiologia. O homem é importante não apenas no caráter individual, mas igualmente em sua coletividade. Cidades e populações inteiras se tornam alvos de descrição e julgamento, juntamente com um crescente fascínio pelos aspectos da vida real e cotidiana.

O Renascimento, para Jean Delumeau²⁷¹, realiza um retorno ao clássico, “às origens da beleza, do conhecimento e da religião”²⁷², mas apenas para dar um salto. É um regresso ao passado, mas para progredir, visto que o foco era o novo. Ao mesmo tempo em que foi uma época de progresso técnico, material e espiritual do homem, “deu início à uma libertação do indivíduo retirando-o do anonimato medieval e começando a livrá-lo das obrigações coletivas”²⁷³. Produz com isso, certa “melancolia” e um sentimento de solidão e pequenez. O homem desse período vai emancipando-se dos laços sociais, endossando a crítica das hierarquias sociais e iniciando um processo de individualização do homem frente à coletividade.

Esse processo foi doloroso. “Ao ver-se mais só do que nunca, o homem sentia-se, ao mesmo tempo, mais desarmado face às intrigas de Satanás. [...] a promoção do indivíduo e do sentimento de culpabilidade pessoal foram duas realidades inseparáveis”²⁷⁴. Delumeau, dessa forma, não nega as contradições do Renascimento, que juntamente com todo esse esplendor dado ao homem apresenta temas como o suicídio, a morte e um pânico do Juízo Final. “A ideia de que a vida não vale a pena ser vivida é frequentemente expressa pelos escritores. Por conseguinte, o Renascimento conheceu o medo e o desejo da morte”²⁷⁵. Há para o autor um Renascimento que vê o homem e o mundo em um tom otimista e outro nem tanto.

Por fim, Delumeau considera que o Renascimento deixou três legados à sociedade que lhe procede: “Matemática, beleza e caridade”²⁷⁶. Sua herança foi uma orientação para os caminhos de uma ciência quantitativa, feita em linguagem matemática; uma valorização da vida terrestre – que também era reflexo de Deus – e uma atração para a beleza do mundo; e a formação de um homem cujo espírito estava voltado para a liberdade e a felicidade.

²⁷¹ DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2011.

²⁷² *ibidem*, p. 12.

²⁷³ *ibidem*, p. 13.

²⁷⁴ *ibidem*, p. 318.

²⁷⁵ *ibidem*, p. 316.

²⁷⁶ *ibidem*, p. 416.

Mas o maior mérito do Renascimento foi o de destruir o aristotelismo – nesse ponto a historiografia converge²⁷⁷. Contudo, – e aqui talvez se explique melhor o que Delumeau denomina de “melancolia do Renascimento” – esse aristotelismo forneceu ao homem desde a antiguidade todo um aparato que lhe permitiu conhecer as coisas e assim orientar a vida²⁷⁸ e, no entanto, o humanismo renascentista não foi capaz de criar um sistema próprio que substituísse a escolástica medieval. Essa é a crença fundamental que é questionada e ao ser duvidada perde seu valor de fé e desestrutura todo o repertório da época, provocando uma grande crise. Sobre essa crise tomamos emprestada a tese de Koyré, a qual afirma:

[...] crítica, abalo, e enfim dissolução e mesmo destruição e morte progressiva das antigas crenças, das antigas concepções, das antigas verdades tradicionais que davam ao homem a certeza do saber e a segurança da acção.

[...] Que tudo abalou, tudo destruiu [o Renascimento do século XVI]: a unidade política, religiosa, espiritual da Europa; a certeza da ciência e a da fé; a autoridade da Bíblia e de Aristóteles; o prestígio da Igreja e do Estado.

Um amontoado de riquezas e um amontoado de escombros: tal é o resultado desta actividade fecunda e confusa, que tudo demoliu e nada soube construir, ou pelo menos, acabar. Por isso, privado de suas normas tradicionais de juízo e de escolha, o homem sente-se perdido num mundo que se tornou incerto. Mundo onde nada é seguro. E onde tudo é possível. Ora, pouco a pouco, a dúvida instala-se. Porque se tudo é possível é que nada é verdadeiro. E se nada é seguro, só o erro é certo²⁷⁹.

Não afirmamos, com isso, que tal crise criou uma nova organização social totalmente diferente de sua antecessora, que em nada lhe deve, uma sociedade órfã, desconectada com seu passado, com sua história. Não! É impossível negarmos a contribuição da experiência do homem medieval e renascentista para as sociedades

²⁷⁷ Notamos essa ideia em toda a bibliografia consultada neste trabalho sobre o Renascimento, a saber: Koyré (1963), Falcon e Rodrigues (2006), Burckhardt (1991), Delumeau (2011), Woortmann (1997).

²⁷⁸ Para Aristóteles “todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”. Em sua epistemologia o conhecimento se dá em estágios: o primeiro, que é “comum a todos”, e, portanto a base de todo o conhecimento são as *sensações*. Estas podem gerar a *memória*, que por sua vez origina a *experiência*, visto que é fruto de recordações repetidas sobre uma mesma coisa. Através da experiência o homem cria *arte (techné)*, que é o uso da prática (adquirida pela experiência) juntamente com a razão para se produzir algo. Como prolongamento das artes surge então à *ciência (episteme)*, que se caracteriza pela compreensão das causas e dos princípios (os porquês). Há, no entanto uma forma mais elevada de ciência – a filosofia/sabedoria – que busca o saber pelo próprio saber, livre de uma finalidade ou utilidade – Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, Livros I e II.

²⁷⁹ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, p. 25.

posteriores. As permanências são muitas e sutis²⁸⁰, inclusive ultrapassam o Atlântico juntamente com os europeus²⁸¹.

Mas, da mesma forma que a crise do aristotelismo suscitou essa crise geral, ela se fez sentir por toda a sociedade e em todos os âmbitos: social, cultural, econômico, político, filosófico, científico, religioso, literário, artístico. Segundo Hilário Franco Júnior²⁸², existem dois “instrumentos de deciframento do mundo”, duas formas de pensar “inerentes ao ser humano de todas as épocas e de todos os locais, são formas igualmente válidas de conhecimento do mundo e de si mesmo” – o pensamento analógico e o pensamento lógico. São formas possíveis de o homem compreender o seu mundo interior e exterior. Uma forma de pensar não anula a outra, ao contrário, são complementares. Porém, cada período histórico mescla esses instrumentos de interpretação de modo bem particular. Até a Idade Média a forma predominante de pensamento foi o analógico. Esse tipo de pensamento é questionado no século XVI, e já no século XVII observamos a predominância do pensamento lógico, caracterizado principalmente pela busca do conhecimento através da razão.

O pensamento analógico procura semelhanças, sem, contudo negar as diferenças, e através de algo comum, compara e interpreta os fatos. É um pensamento indutivo, que cria conexões consideradas capazes de explicar a integralidade do mundo. Tal tipo de pensamento, predominante na Idade Média, é resultante do pensamento analógico herdado das culturas clássicas, bíblica e germânica. O silogismo aristotélico é um exemplo dessa forma de pensar, assim como o trabalho exegético, que busca interpretações bíblicas através da aproximação entre as passagens das Escrituras Sagradas. “Para o homem medieval [e também para o homem do século XVI], Deus falava por meio de analogias”²⁸³. Segundo o Apóstolo Paulo “as suas qualidades invisíveis [de Deus] são claramente vistas desde a criação do mundo em diante, porque são percebidas por meio das coisas feitas”²⁸⁴. O conhecimento, até mesmo sobre Deus, se dava por meio de analogias –

²⁸⁰ LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 14, 15.

²⁸¹ Richard Morse defende que existe uma pré-história europeia da América que torna-se pano de fundo para compreender os séculos da colonização do Novo Mundo. Esta pré-história se encontra entre os séculos XII e XVII, período em que “foram feitas opções e construídos modelos conceituais que viriam a produzir os diferentes padrões do que chamamos ‘civilização ocidental’ ” – Cf. MORSE, Richard. *O Espelho...*, *op. cit.*, p. 22.

²⁸² FRANCO JR, Hilário. *Os três dedos de Adão: Ensaios de Mitologia Medieval*. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 99.

²⁸³ *ibidem*, p. 98.

²⁸⁴ Romanos 1:20.

era por observar a criação que se aprendia sobre o Criador. “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado”²⁸⁵. O conhecimento era confuso e limitado porque não se podia ver diretamente, apenas por meio de um espelho – não se conhecia as coisas diretamente, pelo que de fato eram, mas através de analogias, comparações, de imagens e não sobre o próprio objeto em si – é um conhecimento indireto.

Jacobo de Varazze (1230 - 1299) – autor e compilador da *Legenda Áurea*, uma das principais hagiografias medievais –, ao narrar vida de São Matias (apóstolo que substituiu Judas Iscariotes) narra também a vida do próprio Judas²⁸⁶. Em certo momento de sua explanação, para explicar o interesse de Pilatos – governador da província romana da Judéia – por Judas, o autor afirma que “as coisas semelhantes se atraem”²⁸⁷. Aqui, percebemos como o pensamento analógico foi entendido pelos próprios medievais: Pilatos era traidor e falso, logo se sentia atraído pela personalidade de Judas, pois, analogicamente eram parecidos e, por conseguinte tinham afinidade.

Montaigne, já no século XVI, também pensa por analogias, realiza um “estudo comparativo acerca dos pontos comuns ou análogos entre nós e os bichos”²⁸⁸. Nesse estudo, mostra-nos diversas situações que pelo fato de um animal agir como um ser humano são-lhe atribuídas características humanas: como a abelha que é *inteligente* por apresentar uma organização social admirável²⁸⁹; os cães demonstram *lealdade* e *inteligência*²⁹⁰; fala de um elefante que disputou uma mulher com Aristófanes e de certos macacos que se apaixonaram por mulheres, ou mesmo, animais que “se entregam a carícias amorosas com indivíduos do mesmo sexo e espécie”; e tudo isso, pois foram “impelidos a *desregramentos análogos* aos nossos”²⁹¹.

D. Francisco Manuel de Melo partilhava ainda desse pensamento analógico. Por exemplo, acredita que a soberba é um fruto da prosperidade, então, por analogia, o oposto também é verdade, e assim afirma que a humildade nasce da miséria, e por isso os

²⁸⁵ 1 Coríntios 13:12.

²⁸⁶ Varazze narra tal biografia segundo “o relato da história apócrifa, cuja credibilidade deixo ao juízo do leitor, ainda que considere que ela deva ser mais rejeitada que aceita” – Cf. VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 276. O interessante é que esse relato é uma releitura da própria história do Édipo Rei, se faz uma analogia entre a vida de Judas antes de se encontrar Jesus com a vida de Édipo.

²⁸⁷ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...*, *op. cit.*, p. 275.

²⁸⁸ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 404.

²⁸⁹ *ibidem*, p. 383.

²⁹⁰ *ibidem*, p. 396.

²⁹¹ *ibidem*, p. 397, grifo nosso.

miseráveis eram mais agradecidos²⁹². Além disso, também acreditava que o conhecimento acerca da criação se relacionava ao Criador²⁹³ e que, dessa maneira, um revelava o outro²⁹⁴.

Interessa-nos perceber, no entanto, é que o pensamento analógico constrói uma visão de mundo em que todas as coisas estão ligadas, como em uma fileira de peças de dominó, de modo que quando uma é derrubada, as outras vão conseqüentemente caindo. Cada peça é fundamental para a compreensão do todo. Sanchez afirma que “sea necesario conocerlas todas [as coisas] para adquirir el perfecto conocimiento de una sola”²⁹⁵. Acredita que todas as coisas se encontram encadeadas, de modo que se faz necessário conhecer todas as coisas para chegar ao conhecimento perfeito de apenas uma coisa, e conseqüentemente, o conhecimento de uma determinada coisa é fundamental para conhecer todo o restante das coisas. Assim, o problema da crise do século XVI é que ao se questionar o aristotelismo, questionava-se a validade de tudo o que se conhecia, pois todo conhecimento até então construído fora feito por meio da epistemologia aristotélica, que se baseava no conhecimento sensível, possibilitando, assim, levantar dúvidas acerca de qualquer coisa. Nada mais estava seguro e, deste modo, ia derrubando gradualmente todo o mundo até então construído, num efeito dominó. Cada conhecimento que se colocava em dúvida não desestruturava apenas certo campo do saber, mas ajudava a demolir todo o conjunto de crenças, arruinava um aspecto do pensamento em que cada coisa tinha seu devido lugar, mas que se interligava com todo o restante do que os homens julgaram conhecer do mundo e de si mesmos.

Desse modo, o que aconteceu no século XVI foi que as novidades²⁹⁶ – os frequentes e novos acontecimentos ocorridos nesse período – apresentaram ao homem europeu um mundo pelo qual seus tradicionais esquemas interpretativos não conseguiram mais produzir sentido, o novo apresentou-se como uma ameaça ao que acreditavam estar firmemente estabelecido. E a partir daí o ser, as formas de elaboração de conhecimento e o próprio mundo se encontravam ameaçados. São os próprios homens do período que tiram

²⁹² *Cartas Familiares*, 113.

²⁹³ *Cartas Familiares*, 101.

²⁹⁴ Analisaremos mais detalhadamente esse aspecto no item 3.2 deste trabalho, intitulado *O Renascimento da Fênix: a mezinha ibérica para a perda de si*.

²⁹⁵ SANCHEZ, Francisco. *Que nada se sabe*. Buenos Aires: Aguilar, 1977, p. 92.

²⁹⁶ Koyré assinala algumas novidades desse período “Os seus sábios tentaram fundar uma ciência nova, uma física nova e uma nova astronomia; os seus viajantes e aventureiros sulcaram os continentes e os mares, e os relatos de suas viagens levaram à concepção de uma geografia nova, de uma nova etnografia” – Cf. KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, p. 24.

essa conclusão, conforme nos mostra Koyré²⁹⁷, dentre eles Agrippa, Sanchez e Montaigne. Desdobremos, então, a tese de Koyré acerca dessa crise oriunda do Renascimento no século XVI e vejamos como os próprios homens da época meditaram e sentiram o impacto dessa nova realidade em seu mundo. Embora, na obra de Melo não encontramos uma elaboração mais minuciosa sobre essa crise, a “perda de si” que nos informa, em sua natureza epistêmica, é fruto dessa crise, e por isso é fundamental compreendê-la.

2.1.2 *O europeu diante do espelho: a descoberta do mundo e do outro*

Camões, n’*Os Lusíadas* (1572), nos apresenta brevemente a tensão do homem português (e por que não do europeu?) que se lançava nessa modernidade, mas não podia ter o controle da situação, vivia como uma nau em mares agitados. Consideremos as seguintes passagens profícuas nesse sentido.

*O sonho de D. Manuel I*²⁹⁸. Durante uma noite de sono do rei D. Manuel (1469 - 1521), lhe aparecera Morfeu (deus grego dos sonhos) em um sonho/visão. Nesse, D. Manuel I sobe até a esfera da Lua, primeira esfera celeste no sistema ptolomaico, e de lá observava todo o mundo e todos os povos. Dirigiu seu olhar para onde nasce o dia, ou seja, o Oriente, e lá percebe duas fontes d’água nascer de altos montes. Esses estavam num verdadeiro paraíso, nunca antes pisado pelo homem, um paraíso perdido, talvez o próprio Jardim do Éden, uma vez que este, segundo o imaginário medieval, se localizava no Oriente. Dessas fontes d’água saíram dois homens velhos, de cor baça (morena, num tom de mate), de barba comprida, coroados com ervas desconhecidas. Um tinha o aspecto mais cansado, como de quem andava há mais tempo. Esse brada ao Rei para ir dominar àquela terra e diz que ele é Ganges e o outro é Indo (rios indianos). Ganges, alerta, contudo, que a dominação seria a custa de duras guerras; todavia, se o rei insistisse ganharia a guerra e dominaria aquele povo.

*O Velho do Restelo*²⁹⁹. Durante a partida da expedição de Vasco da Gama de Lisboa para às Índias, enquanto muitos choravam a ida de seus maridos e filhos, um Velho de boa aparência, mostrando-se sábio e respeitável, fez uma pronúnciação na praia do Restelo – uma região de Lisboa – aos navegantes, balançando a cabeça três vezes num ar de reprovação, com a voz pesada e num tom de grande autoridade. Nessa pronúnciação (ou

²⁹⁷ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, p. 26.

²⁹⁸ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, Canto IV, 68 – 80.

²⁹⁹ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, Canto IV, 94 - 104.

profecia?), o Velho dizia que o que movia os portugueses nessa expedição eram a Fama e a Glória, e isso devido às fantasias da vaidade³⁰⁰. Mas fama e glória já haviam destruído muitos reinos e impérios – temia que essa busca causasse desastres e levasse os portugueses ao pecado e à desobediência. Assim, o Velho amaldiçoou o primeiro homem que se lançou no mar e navegou. Mostrou-se temeroso e desiludido para com essas novas buscas. “Dura inquietação d’alma e da vida/ [...] / A que novos desastres determinas/ De levar estes Reinos e esta gente?”³⁰¹.

O que buscava o português quando se lançou ao mar nas grandes navegações? O que esperava encontrar? Ora, esse futuro próximo lhes era tão incognoscível e incerto quanto o futuro é para qualquer homem. Mas sabiam que essa grande ação causaria grandes consequências. Medo, angústia, desespero, curiosidade, esperança, sonhos – provavelmente esse amálgama de sentimentos envolvia tais homens que se guiavam por um espírito aventureiro. Camões nos revela que essa empreitada grandiosa não foi fruto de um consenso e de uma certeza. Segundo sua narrativa, o que moveu o rei D. Manuel³⁰² foi um sonho, uma visão – seus empreendimentos marítimos foi uma aposta, não podia ter certeza da proporção destes para ele mesmo, seu reino e a Europa.

Por outro lado, foi o Velho do Restelo, sábio e experiente, a personificação da tradição em oposição ao novo, que os avisava, quase que profetizando, acerca das desgraças decorrentes dessa nova empreitada. Não negou o potencial econômico e político desta, o Velho temia as consequências que estas descobertas, que essas novidades, trariam ao homem – sua preocupação era quanto aos efeitos dessas novidades para o espírito humano. Os descobrimentos portugueses datam do século XV³⁰³ e Camões publicou *Os Lusíadas* já no último quartel do século XVI. Como homem de seu tempo, ele pode perceber alguns desdobramentos desse fato, e por isso, embora sua epopeia visasse narrar os grandes feitos da nação portuguesa, era impossível fechar os olhos para os problemas acarretados por esta novidade – daí a voz do Velho do Restelo que desprezava esta empreitada marítima. Mas o que este Velho tanto temia? Camões não se alonga nessa

³⁰⁰ Delumeau apresenta a busca por fama e glória como uma característica do homem renascentista – Cf. DELUMEAU, Jean. *A civilização...*, op. cit., p. 311-313.

³⁰¹ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*, Canto IV, 96:1; 97:1, 2.

³⁰² Foi durante o reinado de D. Manuel I, e com seu apoio, que os descobrimentos portugueses se desenvolveram a ponto de constituir o Império Português foi, portanto, o primeiro rei português que se intitulava “rei de Portugal e dos Algarves daquém e dalém mar em África, senhor da Guiné, da navegação, comércio e conquista de Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia” – Cf. COELHO, Maria Helena da Cruz. O final da Idade Média. In: TENGARRINHA, José. *História de Portugal*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, p. 59.

³⁰³ A conquista de Ceuta foi em 1415, e é considerado o marco inicial desses descobrimentos.

questão. Acreditamos que o receio presente nas palavras dessa personagem representa as dúvidas que surgiram em decorrência da expansão marítima, da descoberta do Novo Mundo e do contato com outros povos e culturas.

Sanchez questiona a validade do saber de seu tempo após as descobertas oriundas das grandes navegações.

Serviéndote de tu ciência perfecta decías hace poco, igual que se há venido diciendo desde hace siglos, que toda la tierra estaba rodeada por el oceano, y la dividias em tres partes universales: Asia, Africa y Europa. Pero, ¿qué dirás ahora? Há sido descubierto un nuevo mundo y una nueva realidad [...] Construye, pues, outra ciência, porque la de antaño ya no vale. ¿Cómo te atreves a afirmar, miserable gusano, que tus proposiciones no pueden ser de outra manera, cuando ni siquiera sabes qué eres, de donde vienes y a donde vas?³⁰⁴.

Uma certeza tão aceita, defendida e ensinada era a da geografia da Terra, estruturada em três continentes. Mas esse conhecimento dito como certo se revelou falso, conforme se passou a observar a partir da experiência adquirida com as navegações³⁰⁵. Se o saber humano equivocou-se quanto à geografia, o que garantiria que não errava quanto a outros saberes? O que estava certo e o que estava errado na “ciência” do período? Não se podia saber. Qualquer coisa poderia estar certa ou errada. Se não eram capazes de saber sequer quem eram, de onde vieram e para onde iriam, como poderiam confiar neste conhecimento produzido por tal homem miserável? Um problema como o da geografia da Terra acabava por questionar todo o conhecimento adquirido até então, além da própria ciência e do sujeito que a produzia – o homem. Esse é o impacto da novidade no século XVI – ela se deu não apenas como um acréscimo ao repertório intelectual do homem, ou como uma correção ao conhecimento já estabelecido, mas provocou uma tensão entre o homem, o mundo e as coisas do mundo. É em uma sociedade com essas estruturas abaladas que viveu D. Francisco Manuel.

Ptolomeu, que foi personagem de realce, determinara os limites de nosso mundo; os filósofos antigos pensavam nada ignorar a esse respeito acerca do que existia [...] E eis que nesse século se descobre um continente de enorme extensão, não uma ilha, mas uma região quase igual em superfície às que conhecíamos. Os geógrafos de nosso tempo não deixam

³⁰⁴ SANCHEZ, Francisco. *Que nada se...*, *op. cit.*, p. 110, 111.

³⁰⁵ Em contrapartida, Delumeau afirma que mesmo a experiência provando o contrário, diversos mapas e geografias continuaram representando o mundo em três continentes, como por exemplo a geografia de Boemius que fora impressa até 1558. Isso ocorreria, pois “o público culto era mais atraído pela cultura antiga do que pelos novos conhecimentos geográficos” – Cf. DELUMEAU, Jean. *A civilização...*, *op. cit.*, p. 397.

de afirmar que agora tudo é conhecido: “pois nos comprazemos com o que temos, o que nos parece superior ao resto”. Pergunto então se, visto que Ptolomeu se enganou outrora acerca do que consistia o ponto de partida de seu raciocínio, não seria tolice acreditar hoje resolutamente nas idéias de seus sucessores, e se não é provável que esse grande corpo denominado “mundo” seja bem diferente do que julgamos?³⁰⁶

Não apenas o anterior conhecimento fora questionado, mas passou-se a inquirir até mesmo sobre a capacidade do homem de conhecer as coisas. O mesmo se deu a respeito do encontro do europeu com outros povos e culturas. Tanto Montaigne quanto Sanchez se alargam nas suas observações sobre outros povos – parece que essa variedade etnográfica e cultural que se lhes apresentou colocou em risco a própria identidade deles enquanto humanos. A concepção de *ser humano* passou a ser bem mais ampla, pois os antigos conceitos não davam mais conta de toda essa variedade. Alguns europeus, imbuídos de uma visão extremamente cêntrica, chegaram a negar a humanidade de certos povos – quão prolongada e ferrenha fora a questão acerca da humanidade ou não dos indígenas³⁰⁷. Mas Montaigne e Sanchez percorreram outro caminho, não tentaram “salvar as aparências” e encontraram o erro não no outro, mas em si mesmos³⁰⁸. Acompanhemos a descrição de Montaigne sobre esse outro

Os índios pintam essa beleza negra e queimada de sol, lábios espessos e carnudos, nariz chato e largo, a cartilagem das narinas ornada de argolas que a esticam até a boca, o lábio inferior enfeitado com anéis incrustados de pedrarias e caído até o queixo a mostrar os dentes e as gengivas. No Peru a orelha quanto maior tanto mais bonita. Alguém diz ter visto em um país do Oriente aumentarem-na e carregarem-na de joias pesadas e a furarem com buracos tão amplos que podiam por eles passar o braço sem levantar a manga. Há povos que enegrecem os dentes cuidadosamente, porque os dentes brancos são desprezíveis; outros, pintam-nos de vermelho. Entre os bascos, as mulheres pensam desenvolver seus encantos raspando a cabeça; em outros lugares o mesmo se verifica e, o que é mais estranho, nas regiões boreais, segundo Plínio. As mexicanas acham bela uma testa estreita, por isso arrancam os pelos do corpo e se esforçam por fazer com que nasçam na frente. Os seios grandes são tão apreciados, que há mulheres que dão de mamar aos filhos por cima dos ombros. A isso chamaríamos horror. Entre os italianos o ideal de beleza está em ser gorda e atarracada; entre os espanhóis em ser magra e esbelta; entre nós [franceses] em ser loura para uns e morena para outros; mole e delicada ou rija e vigorosa, há quem exija dela graça e doçura e quem a

³⁰⁶ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio...*, op. cit., p. 478.

³⁰⁷ CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise...*, op. cit., p. 168.

³⁰⁸ Não se trata de afirmar que eles defendiam estes povos, o problema é que não conseguem também afirmar que a cultura europeia é a certa, única, ou melhor, diante desta variedade – a dúvida obriga-lhes a perceber que existem muitas culturas e a deles é apenas uma – não ocorre uma aceitação do outro, existe apenas um processo de negação/desconstrução do eu.

queira ativa e majestosa. Platão acha que nada é mais belo do que a forma esférica, ao passo que Epicuro prefere a pirâmide e o cubo, e não admite um deus à semelhança de uma bola³⁰⁹.

Montaigne observa este outro como um espelho, o examina não apenas como um ser excêntrico, mas em um exercício de voltar-se para si, procurando no outro diferenças que constituem sua própria identidade. Contudo, nessa relação de alteridade, Montaigne observa que ser diferente não transforma esse outro em uma anomalia. Embora essas diferenças sejam abundantes, nota que elas são comuns na variedade humana. Tais questões acerca da beleza e da fealdade física, aspectos culturais que perpassam a exterioridade, não deveriam hierarquizar os homens, apesar dos gostos serem diferentes, tratam-se apenas de padrões culturais. O outro, neste caso o ameríndio, parecia-lhe exótico, mas isso constituía apenas uma diferença no gosto – em menor proporção, assim como ocorria na Europa: uma variedade e diferenças nos padrões de beleza. Mas chegar a essa conclusão custa caro à Montaigne, observar as diferenças sem organizá-las hierarquicamente, embora se espante com elas, lhe revela que há várias maneiras de *ser humano* – que padrões culturais são escolhas e que neste campo não existe o correto e o falso. Ao aceitar a pluralidade, o contato com o outro lhe indica que os valores e padrões de um povo são apenas um dentre um leque de possibilidades. Ora, em meio a esse leque alguém estaria certo? Como saber? A variedade apresentava uma multiplicidade de formas de se viver, mas como saber qual era a melhor delas? Todas elas eram válidas, ou existiria apenas uma forma? Montaigne opta pela incapacidade humana de conseguir obter tais respostas.

Seu olhar sobre o outro não lhe denota apenas diferenças, ele observa também muitas semelhanças, busca por elos, diminuindo a distância existente entre ele e o outro.

[...] pois neste mundo novo, vêem-se povos que nunca ouviram falar de nós, e entre os quais se pratica a circuncisão. Alguns há cujo governo cabe às mulheres, e entre eles observam-se o jejum e a quaresma, bem como a castidade. Descobriram-se outros que possuíam a cruz de Santo André como proteção contra as alucinações noturnas e a colocam sobre os leitos das crianças para que as proteja contra feitiços; em certa nação no interior das terras, encontrou-se uma grande cruz de madeira e que era adorada como deus das chuvas. Observou-se práticas penitenciárias exatamente iguais às nossas, o uso de mitras, o celibato eclesiástico, a arte da adivinhação pelo exame das vísceras dos animais sacrificados, a abstinência em matérias de carnes, e peixes, o emprego pelos sacerdotes de uma língua especial. [...]

³⁰⁹ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, op. cit., p. 405.

Entre alguns povos existe a crença no juízo final [...]

O comércio aí se pratica por meio de trocas e existem feiras e mercados com tal objetivo. Anões e indivíduos disformes são empregados no divertimento dos príncipes. A caça com falcões ou pássaros análogos é praticada. Há impostos abusivos. A arte da jardinagem decorativa é conhecida. E conhecidas são as danças, as peloticas, a música instrumental, os brasões, os jogos de bola, de dados e de azar, a que se entregam apaixonadamente, a ponto de jogarem a própria liberdade. A prática da medicina compreende exclusivamente atos de magia e encantamento. A escritura compõe-se hieróglifos. Encontra-se a crença em um Deus que desceu à terra e viveu na castidade, jejuando e fazendo penitência, pregando a lei natural e a observância do culto, e que desapareceu sem ser atingido pela morte que a todos atinge. Acreditam em gigantes. Usam bebidas suscetíveis de provocar a embriaguez e bebem até o estado da inconsciência. Dispõem de ornamentos religiosos com imagens de caveiras e ossos, de água benta, de manto e fazem aspersões³¹⁰.

O estranhamento de Montaigne com o outro também é fruto da percepção de que este não se faz tão distante assim. Ele consegue perceber inúmeras semelhanças entre a matriz cultural na qual está inserido e a daqueles povos. Aspectos da religião (instituição) e da religiosidade (crenças), da organização social como as “práticas penitenciárias”, da economia (comércio), do saber (escrita e medicina), da vida cotidiana e da cultura (arte, música, jogos, entretenimento). Ora, esse outro tão diferente, que causou tantas interrogações, que mal se acreditava em sua humanidade, esse outro partilhava de coisas em comum com o homem europeu. De que maneira aspectos tais como as formas de diversão, práticas complexas de organização social como os de comércio e justiça, crenças tão específicas da religiosidade judaico-cristã como o Juízo Final, a Queda, o Dilúvio ou a Encarnação, podem estar presentes em povos tão distantes da cultura Ocidental e que se encontraram pela primeira vez?

Observar o outro e perceber as diferenças e semelhanças entre eles provocaram uma série de questionamentos para os quais não se conseguia obter respostas. Sanchez traduz bem o cerne de tais questionamentos “¿ Cuánta variedad no se da dentro de la misma especie humana? [...] Pues, ¿ quié puede hablar con certeza de todo lo que fue, o es, o será?”³¹¹. Observar toda essa variedade de povos e culturas levou o homem europeu a questionar *o que foi* (sua tradição, o conhecimento que tinha como verdade), *o que é* (sua própria identidade) e *o que será* (necessidade de formular um novo sistema de crenças,

³¹⁰ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, op. cit., p. 480, 481.

³¹¹ SANCHEZ, Francisco. *Que nada se...*, op. cit., p. 109, 110.

pois o atual se encontrava abalado). D. Francisco foi um desses homens, que não apenas se fez essas indagações, mas procurou elaborar respostas a elas.

[...] a irrupção do Novo Mundo suscitou um problema fundamental para o Ocidente porque ele quebrava uma segurança e a homogeneidade com um passado. [...] como compreender essa realidade surpreendente que fazia irrupção já não (como na nossa experiência de historiadores) sob a modalidade de um passado outro, mas sob o modo de um presente outro? De fato, a alteração produzida no presente pela emergência de um novo mundo tumultuava, também, a tradição, além de rejeitar uma parcela dessa tradição que se tornara um passado³¹².

Dito de outra forma, o encontro com o outro criou no homem europeu um problema de alteridade com o próprio presente, o que gerou um problema também da forma como lidavam com seu passado. Este, que antes se mostrava na forma de tradição e de autoridade, se torna um passado morto. Essa alteridade provocou um problema do homem com a própria história. Rompeu com o sistema de crenças, ocorrendo a necessidade de criar um novo repertório, mas não encontravam mais nem no passado, nem no presente, um lugar seguro para edificá-lo³¹³.

As grandes navegações, a descoberta do Novo Mundo, o encontro com o outro foram novidades que desestabilizaram todo um sistema de crenças até então constituído. Contudo, essas não foram às únicas novidades fragmentadoras que o europeu quinhentista necessitou enfrentar. Não nos esqueçamos da Reforma Protestante e de suas repercussões³¹⁴. Lucien Febvre, em seu esforço de atestar a impossibilidade do ateísmo/irreligião no século XVI, nos mostra a importância do cristianismo na vida do homem europeu deste século. Ser cristão não era uma escolha, podia-se, de fato, não meditar na fé cristã, mas era impossível não praticá-la. “Se se quisesse ou não, se se percebesse claramente ou não, as pessoas achavam-se mergulhadas desde o nascimento num banho de cristianismo, do qual não se evadiam nem mesmo na morte”³¹⁵. Práticas cristãs estavam presentes desde o nascimento (registro e batismo) até o casamento e a morte, das formas de se alimentar ao cuidado com a saúde, o mundo dos estudos e do trabalho, a vida pública/social e a própria forma de interpretar e de se organizar no tempo.

³¹² CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise...*, op. cit., p. 168.

³¹³ Esta tensão se faz presente nos poemas de Camões e Melo que analisamos no item 1.2.2 *A confusão de Babel: a identificação do problema em Melo* desta dissertação.

³¹⁴ Melo também refletiu sobre as consequências da Reforma para a sociedade de seu tempo, conforme veremos no tópico 2.2 “Do mundo em que não vivo, não posso nem quero ser cronista” do presente trabalho.

³¹⁵ FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: A religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 292.

Tudo isso mostra a igreja estabelecida em pleno coração da vida dos homens, de sua vida sentimental, de sua vida profissional, de sua vida estética, se se pode empregar essa grande palavra: de tudo o que os ultrapassa e de tudo o que os liga, de suas grandes paixões, de seus pequenos interesses, de suas esperanças e de seus sonhos... Tudo isso atesta, mais uma vez, a influência insidiosa e total da religião sobre os homens³¹⁶.

Na Europa do século XVI, o cristianismo não foi apenas uma fé, ele se relacionava com toda a organização social. As formas de o indivíduo ser, pensar, sentir, agir, enfim, viver, estavam diretamente ligadas à religião. Assim, ser católico ou protestante não era simplesmente adotar uma forma de cristianismo ou um caminho que religasse os homens a Deus. Era pertencer a um modo de vida, uma representação de mundo que definiria a identidade do indivíduo e o colocava numa relação de alteridade com as outras formas possíveis de ser cristão – uma alteridade não menos perturbadora que a que existia entre o europeu e o indígena. Montaigne também sentiu os reflexos da Reforma em seus dias:

Nada mais do que as leis está sujeito a variações contínuas. Desde que nasci, vi mudarem três ou quatro vezes as dos ingleses, e não somente quanto à política interna, que se admite não ser fixa, mas também com referência ao *ponto mais importante de todos: a religião*³¹⁷.

Recomendou-lhe o livro [*Teologia Natural ou Livro das Criaturas*, Raymond Sebond, escrito entre 1434 e 1436] por ser muito útil e apropriado às circunstâncias, pois estávamos na época em que a Reforma de Lutero começava a *expandir-se e a abalar em muitos países as antigas crenças*³¹⁸.

Novamente o problema aparece: a novidade abala as crenças existentes. As novas formas de viver o cristianismo alteraram não apenas a espiritualidade, mas colocaram o homem diante de um leque de possibilidades de como viver, sem oferecer, contudo um material sólido que o auxiliasse nessa escolha. Não se trata aqui de escolher ou não ser cristão, isso não era uma alternativa para os homens do período, porém de escolher a forma de viver esse cristianismo. Não se tratava de uma mera questão de preferência, mas de decidir entre qual “o caminho” que o conduziria de fato à verdade e à vida³¹⁹

³¹⁶ FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade...*, op. cit., p. 304.

³¹⁷ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, op. cit., p. 484, grifo nosso.

³¹⁸ *ibidem*, p. 371, grifo nosso.

³¹⁹ João 14:6.

2.1.3 A crise da razão

Outra novidade que se apresentou ao homem europeu quinhentista foram os frutos do Renascimento e do Humanismo Renascentista³²⁰. O levantamento e estudo cada vez maiores e mais variados dos clássicos conduziram tais homens à desorientação diante de tantos pensamentos e sistemas filosóficos que lhes foram apresentados³²¹. A segurança que tinham no pensamento aristotélico/escolástico foi colocada em dúvida a partir do momento em que se revelou que esta era apenas *um* sistema de interpretação do homem e do mundo. Continuemos com Montaigne:

Ainda que se adote o melhor partido, nunca será ele tão seguro que não se faça necessário, para defendê-lo, atacar e combater centenas de partidos contrários. Não será melhor ficar fora da confusão? Se a qualquer pessoa se permite defender como a honra e a vida a crença de Aristóteles na eternidade da alma; se se admite que se discuta o ponto de vista de Platão a respeito, por que se há de impedir que duvidem os cétricos? Se Panécio se abstém de opinar acerca do conhecimento do futuro pelas entranhas, os sonhos, os oráculos, os vaticínios em que acreditam os estoicos, por que não ousariam um sábio, em relação aos demais assuntos, o que ousa Panécio acerca dos pontos que seus mestres aceitam e aprovam? Se é uma criança que emite em juízo, dizem que o faz por ignorância; se é um sábio, está sendo vítima de suas preocupações³²².

Na opinião de Pitágoras só a dúvida existe; acerca de tudo podemos discutir, inclusive acerca da afirmação de que tudo é discutível. Nausífanos diz que as coisas que parecem ser nem são nem não são; que só a incerteza é certa; Parmênides, que nada deve existir, à exceção de um Ser único; Zenão, que nem sequer um Ser único existe e que não há nada. Se houvesse um Ser único, observa, estaria em outro e não em si mesmo; se estivesse em outro, já seriam dois e se estivesse em si mesmo seriam igualmente dois: o continente e o conteúdo. A conclusão de todos esses conceitos é que a natureza não passa de uma sombra confusa e vã³²³.

³²⁰ Tais conceitos embora sejam usados quase como sinônimos são, de veras, diferentes. Ambos existiram em um período delimitado entre os séculos XIV e XVI. O primeiro se refere a um retorno ao clássico, uma busca de orientação por meio dos modelos e padrões da Antiguidade, não de modo pacífico, mas como matéria para se produzir um novo conhecimento. Enquanto o segundo faz referência não a um sistema filosófico ou uma tendência, mas a um programa cultural e educativo, os *studia humanitas*, que compreendia no século XV as disciplinas de gramática, retórica, história e filosofia. Posteriormente, foram acrescentadas outras disciplinas como a filosofia natural, matemática, metafísica, astronomia, medicina, direito e teologia – Cf. FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antonio. *A Formação do Mundo Moderno: A construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006, p. 65-88.

³²¹ “Os seus eruditos [do século XVI] desenterraram todos os textos enterrados nas velhas bibliotecas monásticas. Leram tudo, estudaram tudo, editaram tudo. Fizeram reviver todas as doutrinas esquecidas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente: Platão e Plotino, o estoicismo e o epicurismo, o cepticismo e o pitagorismo, o hermetismo e a cabala” – Cf. KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, p. 24.

³²² MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, *op. cit.*, p. 422.

³²³ *ibidem*, p. 441.

Nessas passagens, o filósofo faz considerações acerca do pensamento e filosofia de Aristóteles, Platão, Panécio, os estoicos, Pitágoras, Nausífanos, Parmênides e Zenão. Sobre os pontos ponderados, cada um emitiu uma opinião diferente e cada uma fazia sentido se julgada dentro de seu próprio sistema de ideias. Então, neste caso, onde estaria a verdade? Montaigne percebeu a impossibilidade de se ter a resposta a essa pergunta, daí afirmou que, de fato, existem razões para as dúvidas dos céticos. Vivia-se numa profusão de ideias. Como apontou Montaigne, por fim, a diferença entre a criança e o sábio era apenas o estatuto privilegiado, pois ambos viviam na ignorância.

Sua conclusão, ao olhar para essa pluralidade, foi de que “a natureza não passa de uma sombra confusa e vã”. Esta passagem é deveras interessante, pois se evoca a alegoria da caverna de Platão³²⁴: os homens viviam presos no interior de uma escura caverna contemplando as sombras de tudo, tomando-as pela realidade. Contudo, certo indivíduo é libertado e forçado a caminhar e a sair daquele lugar. Do lado de fora, primeiramente fica incomodado com a luz e depois vai se acostumando à realidade exterior. Enfim, toma consciência de que o que via dentro da caverna eram apenas sombras, projeções, da realidade. Esse indivíduo, então, resolve voltar para a caverna para revelar aos outros a situação ilusória na qual se encontravam. Nessa alegoria, o homem que conseguiu sair da caverna representa o filósofo – o indivíduo capaz de olhar a realidade tal como ela lhe é apresentada e ver além das aparências, o indivíduo que sai da ignorância por conhecer de fato as coisas, que se encontram não na realidade sensível, mas no mundo das ideias. Montaigne ao afirmar que “a natureza não passa de uma sombra confusa e vã”, mostra que todos vivem dentro dessa caverna, com a impossibilidade de sair dela, e os filósofos que julgavam lançar luz às sombras, eram tão ignorantes quanto uma criança e se encontravam igualmente envoltos por essas sombras. A realidade não podia ser revelada, estavam todos presos ao obscurantismo.

O que se nos apresenta no século XVI é uma crise da razão. As formas de conhecerem a si mesmos e o mundo estavam sendo questionadas, pois se mostravam apenas como um caminho possível diante de uma variedade que já existia desde a Antiguidade. Ademais, novos conhecimentos estavam se desenvolvendo, corroborando para arruinar os antigos. Vejamos, como em três áreas do saber – Medicina, Matemática e Astronomia – modelos novos de conhecimento modificaram não apenas sua “ciência”, mas reforçaram a dúvida no século XVI.

³²⁴ PLATÃO. *A República*. Livro VII.

Quanto à medicina:

Há quanto tempo existe a medicina? Afirma-se, entretanto, que um inovador chamado Paracelso modifica e destrói as regras antigas e sustenta que até hoje só serviram para matar. Creio que provará facilmente suas afirmações, mas confiar-lhe minha vida para que a teste a superioridade de seus métodos seria grande estupidez. Não se deve confiar em todos, diz a máxima, porque todos são capazes de dizer qualquer coisa que lhe passe pela cabeça.³²⁵

Delumeau³²⁶ considera Paracelso um grande alquimista do século XVI. Aplicava o conhecimento que tinha sobre alquimia na medicina, desenvolvendo uma nova medicina. Queimou publicamente os livros de Galeno, negando assim, a tradição clássica nessa área do saber e rompendo com todas as universidades que estudavam os escritos galênicos. Afirmava que os médicos deveriam usar astrologia e alquimia para diagnosticar e curar – sua medicina era mais complexa. Ele afirmava que todos os elementos da natureza possuíam um poder, um espírito, uma virtude, no seu interior. Os médicos deveriam conhecer essas propriedades. Acreditava que havia um problema na medicina com relação à proporção e as doses dos remédios. Contudo, embora suas teorias fossem plausíveis, Montaigne não arriscaria sua vida, não confiava nessa nova medicina, pois percebia que em seu tempo floresciam novas ideias, mas assim como as antigas, não se podia conhecer sua validade. “Todos são capazes de dizer qualquer coisa que lhe passe pela cabeça”, e não apenas de dizer, mas de “provar” suas “afirmações” – percebemos, com isso, o quanto o século XVI é um período propício ao desenvolvimento de novas concepções. O saber tradicional estava em crise, o problema não era falta de propostas para substituí-lo, muitas propostas se apresentavam, mas justamente em qual dessas acreditar – o que poderia legitimar um frente ao outro? Montaigne não tinha respostas, apenas dúvidas, “incerteza e vazio”³²⁷. É esse “espírito cético”, que se fazia presente também no século seguinte, que Melo buscava combater, como podemos observar, por exemplo, na sua carta a Marsílio³²⁸.

Outra novidade importante no século XVI é referente à matemática e à astronomia. Em meio à crise do conhecimento sensível, a matemática avançava como

³²⁵ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, *op. cit.*, p. 477.

³²⁶ DELUMEAU, Jean. *A civilização...*, *op. cit.*, p. 402.

³²⁷ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, p. 27.

³²⁸ Trata-se da missiva nº 562 das *Cartas Familiares*, que ainda será retomada e analisada ao longo desse trabalho.

proprietária de uma verdade, pois apresentava uma exatidão e coerência que não se via mais de modo tão obstinado nas concepções aristotélicas. Não que estas negassem a exatidão e precisão das matemáticas. O que ocorre nos tempos de Montaigne é a utilização destas para se explicar a realidade.

Afirmaram-me que em geometria (ciência que pretende ter alcançado o mais alto grau de exatidão) há demonstrações incontestáveis que contradizem tudo o que a experiência declara verdadeiro. [...] Em tudo empregam os pirrônicos unicamente seus argumentos e seu raciocínio para combater as aparências sob as quais se apresentam, e é maravilhoso ver até onde a sutileza de nossa razão obedece ao desejo de lutar contra a evidência; eles demonstram que não nos mexemos, não falamos, que o peso e o calor não existem; e isso com uma vigor de argumentação que nos convence a veracidade das coisas mais inverossímeis³²⁹.

Física e matemática não andavam juntas, tal como se nos apresenta hoje. Segundo Koyré³³⁰, a física aristotélica é antimatemática, já que se baseava na percepção sensível. “Ela se recusa a substituir por uma abstração geométrica os fatos qualitativamente determinados pela experiência e pelo senso comum, e nega a própria possibilidade de uma física matemática”³³¹. Montaigne mostra que em seu tempo a geometria passou a ser utilizada por alguns para se estudar a realidade. É essa atitude que vai permitir que, no século XVII, Galileu afirmasse que “o livro da natureza é escrito em caracteres geométricos”³³². O que significava a substituição de “dados concretos da realidade imediata”, obtidos por meio da experiência sensível, por “modelos ideais, matemáticos” uma “realidade matemática”³³³.

Montaigne, no entanto, não se mostrava adepto dessa nova apropriação da geometria, embora declarasse que a *razão* era fortemente seduzida por esses raciocínios, admite que aceitá-la era “lutar contra a *evidência*”. Aqui podemos observar uma transformação. Razão e evidência não são postuladas em concordância. Para o autor, as evidências são produzidas a partir das aparências, do que percebemos através dos sentidos, e são essas que nos fornecem a verdade mais do que a pura abstração racional. Mas não

³²⁹ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, *op. cit.*, p. 478.

³³⁰ KOYRÉ, Alexandre. Galileu e a revolução científica do século XVII. In: *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1991, p. 185, 186.

³³¹ *idem*.

³³² *ibidem*, p. 184.

³³³ SALOMON, Marlon Jeison. Alexandre Koyré e o nascimento da ciência moderna. In: _____ (org.). *Alexandre Koyré, historiador do pensamento*. Goiânia: Almeida & Clément, 2010, v. 1, p. 86.

eram justamente essas verdades oriundas da percepção sensível que estavam sendo questionadas? Se essas certezas estavam sendo questionadas, e o espírito de Montaigne ainda não era capaz de acreditar nas verdades chegadas através da pura abstração – isso só será possível ao longo da Revolução Científica – logo, não existia nenhum conhecimento que conferia o valor de verdade. Vemos aqui que o espírito renascentista destrói o aristotelismo e nada constrói em seu lugar.

Montaigne sente também as consequências da Revolução iniciada por Copérnico. Embora a Revolução Científica tenha como principais representantes Galileu e Descartes, as concepções de Copérnico já marcavam transformações importantes que se fizeram sentir no século XVI.

O céu e as estrelas foram durante três mil anos considerados em movimento. Todos acreditaram, até que Cleantes de Samos ou, segundo Teofrasto, Nicetas de Siracusa, se lembrou de sustentar que a terra é que girava em torno de seu eixo, seguindo o círculo oblíquo do zodíaco; e em nosso tempo Copérnico demonstrou tão bem esse princípio, que deles se valem seus cálculos astronômicos. Que concluir, se não que não temos que nos preocupar com saber qual dos sistemas é o verdadeiro? “Assim, o tempo modifica o valor das coisas; o objeto apreciado cai em descrédito, enquanto o desprezado passa a ser apreciado; desejam-no dia a dia mais, é admirado ocupa o primeiro lugar na opinião dos homens”³³⁴.

Essa Revolução não marca apenas uma transformação na história das ciências. “Não é de um simples problema de ciência’ que se trata ao longo de todos estes debates, mas de um problema de filosofia, ontologia, metafísica, de um acontecimento na ordem do próprio pensamento”³³⁵. Ela possui implicações na própria relação do indivíduo consigo mesmo, seu mundo e sua forma de conhecer o mundo. Afinal, a realização dessa Revolução só se fez possível após criar e construir um contexto em que essas descobertas se tornassem possíveis, houve a necessidade de “reformular nosso próprio intelecto; fornecer-lhe uma série de novos conceitos; elaborar uma nova idéia da natureza, uma nova concepção da ciência, vale dizer, uma nova filosofia”³³⁶. Para além de tirar a Terra do centro do Universo, a Revolução desorganiza toda uma representação de mundo, todo um sistema de coisas, todo um sistema de crenças que orientavam o homem há mais de três mil anos. É viver nesse mundo abalado e em escombros que provoca a dor, o sofrimento e

³³⁴ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, op. cit., p. 477.

³³⁵ SALOMON, Marlon Jeison. Dados da experiência e objetos do saber: em torno da história de uma distinção filosófica. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; PIAZZA, Maria de Fátima (orgs.). *História e Arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, v. 1, p. 51.

³³⁶ KOYRÉ, Alexandre. *Galileu e a revolução...*, op. cit., p. 183.

o sentimento de solidão e abandono sentidos pelos homens do barroco. Essa é a base epistêmica da perda de si que encontramos em Melo.

Segundo Alexandre Koyré³³⁷, o Cosmo helênico, de Aristóteles e da Idade Média possuem uma ordem e hierarquia perfeitas, em que todas as coisas tinham seu lugar e possuíam a tendência de o procurarem naturalmente. Tal mundo é ordenado e finito em uma hierarquia em que o próprio lugar do ser corresponde ao seu grau de perfeição numa “escala que vai da matéria a Deus”. “Além disso – para o cristão, pelo menos, se não para o filósofo – esse Cosmo, de que a terra forma o centro, está todo construído para o homem”. É esse Cosmo que Copérnico abala ao retirar a Terra, e o homem, do centro do Cosmo, e em seu lugar propõe a construção de um Universo infinito. O que significou para a consciência do homem um mundo em que “já não há lugar nem para o homem nem para Deus”.

A conclusão de toda essa transformação é tão assustadora para Montaigne que ele prefere não decidir sobre qual dos dois sistemas (ptolomaico ou copernicano) é o verdadeiro, embora não tenha encontrado nenhum erro no sistema copernicano. Conclui apenas que o conhecimento verdadeiro não está ao alcance dos homens, qualquer conhecimento humano pode cair em descrédito, e até mesmo o que está mais firmemente entrincheirado pode desabar.

2.1.4 *Do ser que duvida à dúvida do próprio ser*

Todas essas novas que se apresentaram aos homens quinhentistas – expansão marítima; chegada do europeu na América e no extremo Oriente; encontro com outros povos e culturas; Reforma Protestante; Renascimento Humanista; a medicina de Paracelso; Revolução Copernicana, não ocorreram de modo independente e provocaram fortes marcas nessa sociedade. Esses acontecimentos se interligavam, criando uma conjunção que apartava os homens daquilo que lhes atribuíam sentido, ameaçava destruir tudo que conheciam, tudo o que eram, tudo o que tinham – a modernidade se apresentou como uma “ameaça radical a toda sua história e tradições”³³⁸. A sensibilidade moderna é dada por uma atmosfera de “agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das

³³⁷ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, op. cit., pp. 66-68.

³³⁸ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007, p. 15.

possibilidades de experiência”³³⁹. Essa modernidade é constituída por um homem perturbado, em meio a toda essa agitação, interior e exterior, causada por tais novidades, que diante de seu desassossego passou a questionar sua própria forma de conhecer as coisas, a si mesmo e ao mundo frente a esse contexto marcado pela “incerteza” e pela “confusão”³⁴⁰.

As obras de Francisco Sanchez e de Montaigne estão permeadas por esse tom cético e pessimista. Uma constante nelas é a demolição do conhecimento aristotélico. O aristotelismo chega ao Ocidente Medieval através das traduções e comentários dos árabes, especialmente na Península Ibérica. Por volta do final do século XII e no século XIII, o aristotelismo ganha espaço nas universidades, que se tornam também o principal meio de sua propagação. “É *ciência*, antes de ser qualquer outra coisa, antes mesmo de ser filosofia, e é por seu valor de *saber científico*, e não por seu parentesco com uma atitude religiosa, que ele se impõe”³⁴¹. Seu foco de estudo não é a alma, mas as coisas, a natureza, o mundo. Naturalmente, teremos então na Idade Média, e na Moderna, não o aristotelismo de Aristóteles, mas um “Aristóteles, de certa forma cristianizado por Santo Tomás”³⁴². Foi essa forma de pensar, presente desde os séculos XII e XIII na Igreja, no meio intelectual e nas Universidades, que os séculos XVI e XVII contestaram, não sem prejuízo. Ora, ao se fazer isso desestruturava-se não apenas um método de ensino; o problema é mais amplo, pois se corrompe todo um mundo construído por meio dessa visão aristotélica/tomista.

Sanchez reconhece que “La ciencia silogística podría compararse a uno de esos edificios viejos [...] construidos sobre arena o algún outro lugar inestable”³⁴³. A ciência silogística – refere-se aqui ao pensamento aristotélico, que se dava em grande parte por meio de silogismos – é cabalmente entendida como um saber em ruínas, inapto para interpretar essa nova realidade que se apresentava. Não servia mais para orientar os homens, era um edifício velho, construído sobre a areia. “De lo cual se sigue que no es ciencia que lo que se obtiene mediante silogismos, divisiones, predicaciones y otros actos parecidos de la mente”³⁴⁴. Esse saber não era mais válido, não era mais ciência, não passava de mera opinião. Ou, conforme Montaigne, “Do mesmo modo age a filosofia,

³³⁹ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007, p. 15.

³⁴⁰ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, p. 24.

³⁴¹ KOYRÉ, Alexandre. *Aristotelismo e Platonismo na Filosofia da Idade Média*. In: Estudos de história do pensamento científico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991, p. 35.

³⁴² *idem*.

³⁴³ SANCHEZ, Francisco. *Que nada se...*, *op. cit.*, p. 194.

³⁴⁴ *ibidem*, p. 142.

apresentando-nos, não o que é ou crê ser, mas o que imagina como solução mais elegante e adequada às aparências”³⁴⁵. O aristotelismo não passava de uma consideração, ou mesmo um palpite mais elaborado, sofisticado, que procurou interpretar a realidade. Montaigne foi incisivo “O homem não pode impedir que os sentidos não sejam os soberanos mestres dos conhecimentos que possui; mas estes não oferecem certeza e sempre podem induzi-lo em erro. É preciso insistir nesse ponto”³⁴⁶. Não se podia mais confiar nos sentidos para se produzir conhecimento, não simplesmente por um capricho de Montaigne, mas em virtude desses se mostrarem incapazes de produzir certezas, e conduzirem os homens inexoravelmente ao erro.

Ora, se esse sistema de crenças tão antigo e do qual estavam tão seguros se encontrava em ruínas, o que lhes garantiria que poderiam substituí-lo por outro que de fato fosse capaz de superar as aparências e lhes conduzisse à verdade? “Hoje assinala a morte de ontem, amanhã assinalará a de hoje. Nada é imutável”³⁴⁷. Assim como o aristotelismo se mostrou falho, o esforço de encontrar uma nova ciência era vão, pois no futuro ela também se mostraria falha e cairia – a conclusão é pessimista: o homem encontrava-se fadado a viver num mundo que não conhecia e sequer sem se conhecer, vivia-se na dúvida, na incerteza, no erro. De acordo com Montaigne, a “faculdade de pensar, a compreensão, a perspicácia, a razão em suma”³⁴⁸ não levou o homem a lugar algum, foi incapaz de oferecer alívio para a dor, curar os males, aproximá-los da perfeição, em síntese, não os conduziu à felicidade. Foi a “ciência e [o] saber” que na verdade o Diabo, na forma de serpente, ofereceu a Eva no Jardim do Éden³⁴⁹: “vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, versados no bem e no mal”³⁵⁰ – o conhecimento era o fruto proibido, que levou a humanidade à Queda, conduzindo-a a imperfeição e ao erro. Por isso:

Somos vítimas da inconstância, da irresolução, da incerteza, do luto, da superstição, da preocupação com o futuro, inclusive o de depois da morte, da ambição, da avareza, do ciúme, da inveja, dos apetites desregrados e insopitáveis, da guerra, da mentira, da deslealdade, da intriga e da curiosidade³⁵¹.

³⁴⁵ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, *op. cit.*, p. 450.

³⁴⁶ *ibidem*, p. 495.

³⁴⁷ *ibidem*, p. 503.

³⁴⁸ *ibidem*, p. 408.

³⁴⁹ *ibidem*, p. 409.

³⁵⁰ Gênesis 3:5.

³⁵¹ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, *op. cit.*, p. 407.

Sanchez acredita que a filosofia (conhecimento) de seu tempo era como o Labirinto da antiga cidade de Creta³⁵², em cujo interior se encontrava o Minotauro. Com exceção de Teseu, nenhuma outra pessoa conseguiu sair do Labirinto. “Una vez que entramos, no podemos volver atrás, ni orientarnos. Y si seguimos hacia adelante, caemos en poder del Minotauro que nos quita la vida”³⁵³. Esta filosofia não mais orientava o homem de seu tempo, entretanto não havia nada que lhe substituísse, estavam condenados à destruição – se viam presos numa situação angustiante e sem solução.

O mundo construído pelo aristotelismo se desfazia, mas levava consigo não apenas o mundo, mas o próprio indivíduo. A Filosofia procura responder às perguntas: “que sou? e onde estou? isto é, o que significa *ser* e o que é o mundo? e, enfim, o que faço e o que devo fazer neste mundo?”³⁵⁴. Segundo Koyré, nas “épocas «críticas», épocas de crise, em que o Ser, o Mundo, o Cosmo se tornam incertos, se desagregam e estilhaçam, a filosofia volta-se para o homem”³⁵⁵. E o que essa filosofia quinhentista encontrou no homem? Um reflexo do que percebia no mundo. “Pois en el [o indivíduo], como en las demás cosas del mundo, tiene lugar un cambio constante”³⁵⁶. O homem, assim como o mundo, vivia em constante transformação, de modo que se tornava impossível conhecê-lo, do mesmo modo como já não se conhecia o mundo. “A inteligência humana perde-se ao querer tudo sondar e controlar a fundo. É o que nos acontece”³⁵⁷. Embora o homem do renascimento ansiasse conhecer todas as coisas, percebesse de que elas não estavam ao seu alcance, a verdade acerca das coisas lhe escapulia, estava perdido em seu próprio conhecimento. “Acordados, estamos mais adormecidos do que se dormíssemos; nossa sabedoria é menos sábia do que a loucura; nossos sonhos valem mais do que nossos raciocínios; o pior lugar que podemos ocupar está em nós mesmos”³⁵⁸. A filosofia/saber/ciência produzidas pelo homem eram tão válidas como um sonho, o saber produzido por estas era tão eficaz quanto os raciocínios de um louco. Mas a impossibilidade de se conhecer as coisas não se dava porque eram indecifráveis, mas devido ao fato dos próprios homens não serem capazes de alcançarem essa verdade. Nesse ponto, afirma Sanchez:

³⁵² SANCHEZ, Francisco. *Que nada se...*, op. cit., p. 197.

³⁵³ *ibidem*, p. 127.

³⁵⁴ KOYRÉ, Alexandre. *Aristotelismo e Platonismo...*, op. cit., p. 26.

³⁵⁵ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes...*, op.cit., p. 27.

³⁵⁶ SANCHEZ, Francisco. *Que nada se...*, op. cit., p. 206.

³⁵⁷ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, op. cit., p. 465.

³⁵⁸ *ibidem*, p. 475.

El hombre, que es un ser insignificante, miserable e imperfecto ¿ cómo conocerá otras cosas si no puede conocerse a sí mismo, a pesar de que su propio yo está en él y con él? ¿Cómo podrá conocer lo que hay de más abstruso en la naturaleza, entre lo que se encuentra lo espiritual – como nuestra alma –, si ni siquiera entiende aquello que es manifiesto en extremo y que puede comer, beber, tocar ver y oír?³⁵⁹.

Montaigne o corrobora:

[...] se o homem não se conhece a si mesmo, como pode conhecer sua força e por que se encontra na terra? É por acaso que temos alguma noção da verdade, é como é igualmente por acaso que o erro penetra nossa alma, não somos capazes de distinguir o certo e o errado, nem escolher entre um e outro³⁶⁰.

Se um sábio pode ter desilusões, cem homens e nações inteiras o podem também, e, em verdade, a meu ver, o gênero humano inteiro se engana há séculos acerca disto ou daquilo. Que certeza podemos alimentar de que por vezes cesse de se enganar e que no século atual não esteja laborando em erro?³⁶¹.

Se o homem é incapaz de conhecer a si mesmo, como poderia acessar o mundo? Esta crise do *conhecimento*, do *mundo* e do próprio *ser*, é generalizada – atinge a todos os homens, a “nações inteiras”. Mais que um problema histórico, foi sentido na época como um problema ligado ao próprio homem, logo não conseguiram perceber alguma solução ou esperança. Tais pensadores não consideravam esse um problema inerente ao século XVI, contudo, esse foi o momento em que a humanidade passou a tomar consciência de sua “natureza” tão miserável.

Montaigne concluiu, após enérgico esforço: “Nesse longo estudo, a ignorância, que nos é naturalmente inerente, ficou confirmada e demonstrada”³⁶². A ignorância é *naturalmente* inerente aos homens, Montaigne apenas a aceita, seu esforço consiste em amparar os homens, despertando-os para o fato de que não adiantaria seus esforços em busca de sabedoria/ciência/filosofia, pois nunca as alcançariam. O conhecimento

³⁵⁹ SANCHEZ, Francisco. *Que nada se...*, *op. cit.*, p. 134.

³⁶⁰ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios...*, *op. cit.*, p. 469.

³⁶¹ *ibidem*, p. 482.

³⁶² *ibidem*, p. 419.

verdadeiro não pertence aos homens e, uma vez que sua *natureza* é contrária ao conhecimento, estavam presos à ignorância³⁶³.

Todos esses novos acontecimentos trouxeram grande experiência àqueles homens, mas também provocaram grandes escombros. Demoliu-se o que já tinha como certo, provocando um sentimento de dúvida, de desamparo e de desassossego. A dúvida, eis a grande contribuição do século XVI! A dúvida se alastra como uma praga e possui grande poder de destruição. O oposto à dúvida não é apenas a verdade ou a certeza, o que se opõe à dúvida é a própria fé, é o repertório de crenças. O cristianismo criou essa noção de fé, um regime de verdades baseado na confiança³⁶⁴. Se a fé se sustenta pela confiança, é a dúvida que lhe pode corromper, pois para perder a confiança não é preciso novas certezas, a dúvida é suficiente para miná-la³⁶⁵. Ao procurar desencaminhar Adão e Eva, o Diabo, por meio de uma serpente, procurou minar-lhes a fé através da dúvida. Após criar o primeiro casal humano, Deus lhes deu apenas uma restrição: a de não comerem do fruto da “árvore do conhecimento,”³⁶⁶ que teria como consequência a morte. Outrora, a serpente ao conversar com Eva levanta a dúvida: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal”³⁶⁷. E assim, segundo a exegese bíblica, é por meio da dúvida que o homem erra, peca e é expulso do Paraíso, perdendo sua condição perfeita e sua relação com Deus. A dúvida levou o primeiro casal humano a comer do “fruto do conhecimento” e ao “abrir seus olhos” caíram em desgraça. Esse é o Pecado Original, “um arquétipo de outros pecados [...] é decisivo e dramático porque se transmite de Adão a todos os outros homens, tornando-os causa e princípio de outros pecados”³⁶⁸. Por meio dessa elucidação podemos perceber o

³⁶³ Assim como Montaigne, Melo acredita nessa constituição humana dada ao erro (Cf. nota 207), todavia, diferentemente desse, nosso autor considera a possibilidade de superar tal condição, conforme veremos no próximo capítulo.

³⁶⁴ BOUREAU, Alain. Fé. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006.

³⁶⁵ Um exemplo dessa oposição entre fé e dúvida se encontra no relato bíblico de Mateus 14:23-34. Em certa ocasião, no mar da Galiléia, os discípulos de Jesus avistaram uma pessoa andando sobre as águas em meio à madrugada. Pedro para certificar-se de que se tratava mesmo de Jesus, pede para que o faça igualmente caminhar sobre as águas. Jesus consentiu com o pedido de Pedro, e este passa a caminhar sobre as águas em direção a ele, porém, diante da situação, Pedro fica com medo e começa a afundar. Estendendo a mão a Jesus, esse o pega e afirma “Homem *fraco na fé*, porque *duvidaste?*”. É o próprio Cristo que constrói a oposição entre *fé* e *dúvida*. Ceder à dúvida - é isto o que corrompe a fé. “Porque aquele que duvida é semelhante às ondas do mar, impelidas e agitadas pelo vento” – Cf. Tiago 1:6. A dúvida não é orientada, ela se lança como uma força destrutiva em todas as direções, desordeiramente.

³⁶⁶ Gênesis 2:17.

³⁶⁷ Gênesis 3:1-7.

³⁶⁸ CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006, p. 339.

poder que a dúvida teve em destruir até mesmo as coisas mais fortemente estabelecidas – neste caso, o conhecimento aristotélico e com ele o *ser* e o *mundo*, que foram construídos por seu intermédio. A simples dúvida é o que corrompe o homem e o separa de Deus. A dúvida foi o “fruto proibido” do século XVI. Com efeitos não menores ao fruto que Adão e Eva comeram.

Vejamos, então, como todo esse espírito da época perpassa as *Cartas Familiares* e influi na forma como Melo concebe o homem e o mundo.

2.2 “Do mundo em que não vivo, não posso nem quero ser cronista”

Por meio desta afirmação de Melo³⁶⁹ em epígrafe, notamos que não ansiava escrever sobre o que estava acontecendo no mundo e, nesse sentido, sua prisão não foi um empecilho. Prova deste fato é sua capacidade de poder atualizar certo destinatário das coisas que estavam ocorrendo no mundo: “Antes darei, pelas que havia de dar minhas, algũas novas a V.M. deste mundo”³⁷⁰. Não se sentia mais parte do mundo, não pelo isolamento provocado pela prisão, mas por não se reconhecer, se identificar, com o mundo no qual vivia. Nosso escritor se via como uma pessoa “doce na morte e agra [azedada] na vida”, como uma “criatura deixada do mundo”³⁷¹. Note-se que não diz que foi deixado *no* mundo, não é que se sente só ou abandonado, mas se sente deixado *do* mundo, o sentimento aqui é de rejeição, não tem interesse no mundo porque o mundo o repudiou, e por isso era azedo – rude, desagradável. Talvez, à vista disso, se veja como “porfioso”³⁷² e doido³⁷³ – não consegue se ver seguindo os padrões do mundo, doido para ele tem conotação irônica para explicar que se sente diferente e talvez até mesmo estranho ao que era padrão, “normal”, habitual em seu tempo. Existe aqui uma relação de alteridade entre Melo e o Mundo. Tal como Sanchez e Montaigne, Melo reconhece as transformações, as novidades, pelas quais o mundo passava e sente as consequências dessas mudanças.

³⁶⁹ *Cartas Familiares*, 173.

³⁷⁰ *Cartas Familiares*, 94.

³⁷¹ *Cartas Familiares*, 202.

³⁷² *Cartas Familiares*, 478.

³⁷³ Essa concepção acerca de si é constante nas *Cartas Familiares*. Afirma que muitas coisas das quais escreve são “doudice” (Cf. *Cartas Familiares*, 331), sente verdadeiro “amor aos desvarios” (Cf. *Cartas Familiares*, 478) e escreve ironicamente a uma tia religiosa que não era sem propósito que era “devoto de um santo sem cabeça” já que era um “pecador sem cabeça” (Cf. *Cartas Familiares*, 282), ou seja, era devoto de S. João Batista (que faleceu degolado), pois também se considerava sem cabeça, insensato, louco.

Nosso autor comenta com seus destinatários algumas dessas transformações que ocorriam no mundo. Menciona a morte do rei Carlos I da Inglaterra (1649), que foi executado por Cromwell, dando início ao processo que extingue o absolutismo na Inglaterra, indignando-se com tal execução³⁷⁴. Ao mesmo tempo, considera as concepções políticas de “Juan Bodino” e “Nicolás Machiavelo” (Jean Bodin e Niccolò Machiavelli) como um “pestífero licor”³⁷⁵. Quanto ao cenário político, Melo apoia as ideias de Gaspar de Sexas Vasconcelos em sua *Política Cristã*, por meio da qual incentiva a prudência aos príncipes católicos e a harmonização entre Razão e Estado, Religião e Império, opondo-se à violência e à tirania como formas de governo e baseando sua obra nas Sagradas Escrituras e nos doutores e santos da Igreja³⁷⁶.

O contexto religioso também não lhe passa despercebido. Escreveu uma carta a um importante sacerdote de certa religião Protestante, “sobre negócios tocantes ao bom governo dela”³⁷⁷ – as responsabilidades que adquiria e como cuidar bem da sua comunidade de fiéis. “A paz e modéstia da religião padece; perturba-se o governo; o cabedal das esmolos se diverte; escandalizam-se os povos; esfria-se a devação, e tudo vem a pagar depois em confusão, a descrédito, os inocentes igualmente que os culpados”³⁷⁸. Não culpabilizava uma ou outra religião, mas salientava que esse contexto da Reforma quebrou com a ordem estabelecida, criando adversidades no contexto religioso, político, moral e espiritual.

Não estava alheio também ao que se passava em sentido científico. Fez apontamentos acerca da “civildade dos algarismos”³⁷⁹ e da procura pelos segredos que buscavam conhecer dos “céus e das estrelas”³⁸⁰. Não podemos afirmar o quanto nosso escritor conhecia de tais assuntos, mas ao que nos parece ele não se encontrava totalmente alheio a tais mudanças. Melo foi também astrólogo, inclusive possui uma obra publicada postumamente sobre astrologia, *Da Arte Cabalística* (1724). Assim é provável que tivesse conhecimento sobre hebraico, matemática, geografia, álgebra e geometria, pois tais

³⁷⁴ *Cartas Familiares*, 219.

³⁷⁵ *Cartas Familiares*, 2.

³⁷⁶ *Cartas Familiares*, 2.

³⁷⁷ *Cartas Familiares*, 537.

³⁷⁸ *idem*.

³⁷⁹ *Cartas Familiares*, 27.

³⁸⁰ *Cartas Familiares*, 145.

conhecimentos eram necessários para os esotéricos daquele período. Afirma, porém que abandonara essas práticas tal como um “hereje convertido”³⁸¹.

Embora não desejasse ser cronista do mundo, D. Francisco Manuel não estava alheio ao que se passava nele. Então, como se sentia diante deste mundo no qual estava inserido, mas que não se reconhecia, “deste mundo que tanto nos despreza”³⁸²? “O tempo parece se vai acomodando por ser também temporário como os homens dele”³⁸³. D. Francisco percebe que a experiência humana no mundo não é constante e inalterável, percebe que o tempo se transforma assim como os homens desse tempo, ou seja, nota que cada época produz uma sociedade e essas são passageiras. Considera que cada sociedade é histórica. Portanto, não são as novidades em si que lhe causam estranhamento, mas como elas deixaram o mundo devastado, suas consequências e desdobramentos. “Eu há muitos dias que tenho dado em que nos trata o mundo como quem nos conhece, por mais que nós o não conheçamos”³⁸⁴. Vivemos como se soubéssemos viver, como se nossa caminhada no mundo nos fosse conhecida, mas de fato não conhecemos o mundo, e por isso vivemos no erro. O “mundo todo esteja impecado de dúvidas”³⁸⁵. Para Melo, o mundo estava empecado, embaraçado, cheio de obstáculos, confuso, em meio a tantas dúvidas e incertezas.

A dúvida, essa ameaça do século XVI, ainda se fazia presente. Não obstante, diferentemente de Montaigne e de Sanchez em que a dúvida aparece como um veneno paralisante que apenas revela sua condição, em Melo, a dúvida, essa relação conflituosa com o mundo, o obriga a voltar-se para si mesmo. Vejamos, o que nosso autor encontra nesse retorno a si.

2.2.1 “Viver não é preciso”

Nosso interesse é perceber D. Francisco Manuel enquanto um intérprete de seu tempo, e dessa forma, acessarmos uma representação de mundo, não particular, mas de uma dada sociedade – neste caso a Ibéria dos séculos XVI e XVII³⁸⁶.

³⁸¹ *Cartas Familiares*, 79.

³⁸² *Cartas Familiares*, 411.

³⁸³ *Cartas Familiares*, 144.

³⁸⁴ *Cartas Familiares*, 433.

³⁸⁵ *Cartas Familiares*, 414.

³⁸⁶ No interior de suas cartas Melo não apresenta um recorte espacial – de modo que embora reflita sobre a situação humana cingido de uma visão ibérica de mundo, ele não fez uma limitação de que apenas a

As *Cartas Familiares* não possuem o objetivo de sistematizar uma consideração filosófica acerca deste tema, contudo o faz à medida que o autor reflete sobre sua própria condição no mundo – atividade intimamente relacionada à escrita de si. Desta maneira, não encontraremos uma meditação pormenorizada a respeito das circunstâncias as quais os homens de seu tempo estão inseridos. Mas através das observações de Melo acerca da vida e da morte, da situação do mundo e da sociedade humana de seu tempo, e sobre sua própria experiência neste mundo, podemos compreender como ele entende a relação entre o sujeito e o mundo.

Como, então, nosso autor considera a vida humana em seu tempo? Quais eram as condições existentes no mundo no século XVII pelas quais os homens deveriam lançar-se na vida? Melo nos explica isso em sua carta a Marsílio, um cético, na tentativa de persuadi-lo a respeito da possibilidade de conhecer-se a si mesmo e a Fortuna (as circunstâncias nas quais vivem os homens).

Vida es ante que muerte, afirmo, a mi ver, engañada, la filosofía. Y dijera mejor: vida es intervalo de dos muertes. [...] Ser y no ser, son términos de toda entidad. Primero no era el Hombre que ló fuese; y después de haber sido; luego la muerte no sucedió a la vida, sino la vida a la muerte³⁸⁷.

Melo não concebe a vida como a existência em si, aquilo que se inicia no nascimento e se encerra na morte, de modo que a diferença entre viver e morrer é apenas a de existir ou não, logo, que viver significa meramente existir. A vida seria um intervalo entre duas mortes: uma que precede o ser e outra que o sucede. Vida aqui ganha outras dimensões, se aproxima muito mais do sentido de *ser* do que o de *existir*. A vida seria a pessoa que de fato somos. É a tomada de consciência da própria existência e a escolha do que queremos ser – que tipo de pessoa decidiu se tornar – isso é o que caracterizará a vida. Portanto, embora existíssemos, não éramos vivos até nos transformarmos no ser – termos percepção e condições de dar um sentido a nossa existência. Antes de ser, mesmo existindo, era como se estivéssemos mortos, porque nossa real existência não se dá pelo

sociedade ibérica estivesse mergulhada nessas condições. Ao contrário, parece-nos que tal condição não possui fronteira geográfica. Por outro lado, ela é delimitada no tempo. Melo acredita nas variantes históricas pelas quais os homens estão inseridos, mas não data seu pensamento, de modo que embora saibamos que sua reflexão é válida apenas para um tempo determinado não podemos estabelecer que período fosse esse. Podemos afirmar que tal período se estende por volta do século XVI, em que tais mudanças históricas, já consideradas, foram importantes para criar o mundo nos tempos de Melo, e não há marcas de que essas características tenham se findado durante sua vida. De modo que só podemos afirmar que sua reflexão girou em torno de meados dos séculos XVI e XVII, qualquer marcação temporal além dessa seria mera especulação.

³⁸⁷ *Cartas Familiares*, 562.

nascimento, mas temos a necessidade de *ser* humanos – de construir uma autoimagem e um lugar para si no mundo. Viver é ser e morrer é não ser.

Tal passagem remete inexoravelmente a *Hamlet* de Shakespeare, tanto por sua fraseologia quanto pela intimidade dos temas propostos. Segue-se a célebre meditação do jovem príncipe dinamarquês:

Ser ou não ser – eis a questão.
 Será mais nobre sofrer na alma
 Pedradas e flechadas do destino feroz
 Ou pegar em armas contra o mar de angústias –
 E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;
 Só isso. E com o sono – dizem – extinguir
 Dores do coração e as mil mazelas naturais
 A que a carne é sujeita; eis uma consumação
 Ardentemente desejável. Morrer – dormir –
 Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!
 Os sonhos que hão de vir no sono da morte
 Quando tivermos escapado ao tumulto vital
 Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão
 Que dá à desventura uma vida tão longa.
 Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,
 A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,
 As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei,
 A prepotência do mando, e o achincalhe
 Que o mérito paciente recebe dos inúteis,
 Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso
 Com um simples punhal? Quem agüentaria fardos,
 Gemendo e suando numa vida servil,
 Senão porque o terror de alguma coisa após a morte –
 O país não descoberto, de cujos confins
 Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade,
 Nos faz preferir e suportar os males que já temos,
 A fugirmos pra outros que desconhecemos?
 E assim a reflexão faz todos nós covardes.
 E assim o matiz natural da decisão
 Se transforma no doentio pálido do pensamento.
 E empreitadas de vigor e coragem,
 Refletidas demais, saem de seu caminho,
 Perdem o nome de ação³⁸⁸.

D. Francisco Manuel expressará quase 60 anos depois em suas *Cartas Familiares* reflexões sobre o estado do homem no mundo de uma forma muito próxima a de Shakespeare, em 1603. Não podemos saber se este era leitor daquele. Acreditamos que sim, pois Melo foi, além de um grande escritor, um ávido leitor e tinha contatos com a cultura literária de seu tempo e de várias regiões da Europa. Mas isso não nos permite

³⁸⁸ SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Ato III, Cena I.

afirmar com precisão a relação entre ambos. Entretanto, o texto de Shakespeare elucida a carta de Melo – e é por isso que o evocamos.

As palavras de Hamlet mostram uma visão de vida e de mundo que se assemelham a do nosso autor. A vida nos lança “pedradas” e “flechadas”. Vivemos num “mar de angústia” e estamos sujeitos a “mil mazelas naturais” (naturais porque já são intrínsecas aos homens) de um mundo que nos oferece “açoite” e “insultos”. Diante de tais circunstâncias, a conclusão imediata é uma “consumação ardentemente desejável”. Qual? “Morrer – dormir – Dormir!”. Conforme salienta o autor, diante da vida que o mundo nos oferece morrer se torna mais que uma alternativa, é algo que se cobiça fervorosamente – a morte é um alívio, comparada ao descanso do sono³⁸⁹.

Em Shakespeare, embora a morte seja uma alternativa tentadora, os homens não a acolhem, preferindo suportar o mundo por um único motivo: é melhor “suportar os males que já temos, a fugirmos para outros que desconhecemos”. A morte só não se torna uma solução porque ela é um mar desconhecido. Nesse caso, era mais seguro suportar a vida neste mundo, porque já se conhecia seus problemas, diferentemente do que os esperava após a morte, sendo essa desconhecida, poderiam se deparar com problemas piores que os em vida. Nesse ponto, o pensamento de ambos se diferencia. Melo, mais apegado à concepção cristã-romana, se sente mais seguro em relação ao que existe após a morte. “Se somos obrigados a crer não morrem os que bem vivem, antes melhoram de vida”³⁹⁰. A certeza na esperança religiosa da vida celestial é tão grande que se sente “obrigado a crer” – não por falta de opção, mas por não poder ser de outra forma, é uma convicção. Acreditara que essa vida após a morte, melhor inclusive que a vida neste mundo, era uma dádiva dos “que bem vivem”. Por outro lado, ao passo que *o que* existe na vida após a morte é conhecido, *quem* ganhará essa vida já é uma incerteza. Melo, nesta carta a Marsílio, apercebe-se da fragilidade humana diante do mundo e da vida – não apenas porque nossa vida é perecível e podemos subitamente morrer, mas porque vivemos como que vítimas/reféns do mundo.

³⁸⁹ Delumeau considera que para além do otimismo renascentista houve também uma faceta “melancólica” deste em que temas como o desejo da morte, o suicídio e um sentimento de descrença para com a vida se tornaram manifestos – Cf. DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 305-327.

³⁹⁰ *Cartas Familiares*, 246.

“¿ Defenderá le por ventura la sangre que le vivifica? Antes le ahoga. ¿ Recreará le el aire que ya respira? Antes le mata”³⁹¹. O sangue e o próprio ar que respiravam, estes fluidos que são fonte da vida, na verdade os levavam à destruição. Ao propiciarem a vida faziam guiados, ou motivados, por certo anseio de assistir o sofrimento humano. “Verdadeiramente a Fortuna faz escárnio de nós”³⁹². Ocorre no pensamento de Melo uma vitimização do homem diante da vida – que nos é dada, e é mantida, não como uma dádiva, mas como uma capricho da Natureza/Fortuna/Destino (uma certa força impessoal que move as coisas no mundo), que persiste e sente prazer em assistir a desgraça humana em sua peregrinação pelo mundo. Assim, em seu pensamento ocorre um processo de personificação do mundo, que assume a figura de um carrasco.

“Às cousas estranhas, como às raras, chamamos peregrinas”³⁹³. Há no pensamento do autor uma relação de alteridade, de estranheza, entre o homem e o mundo. “¿Qué es el hombre, sino un vaso de ânsias, un libro de tribulaciones, un sello de tragédias?”³⁹⁴. Os homens viviam em um mundo que os odiava e estavam fadados a viverem não como sujeitos de sua própria vida, mas apenas como espectadores de uma vida cheia de *ânsias*, *tribulações* e *tragédias*. Eram apenas um *vaso*, um *livro*, um *selo*: meramente aqueles que recebiam as desgraças, o receptáculo delas. Não viviam enquanto autores de sua própria vida eram apenas o papel em branco no qual sua história seria tristemente escrita – meramente o fio na mão das Moiras.

Embora vivessem nessa condição deveriam agir. Melo não aceita que o sujeito simplesmente se torne plateia ou expectador de sua própria vida, mas sim o protagonista. “Si eres este, Marsílio, se todos somos éstos, acaba ya de creer que, en ser miserable, ningún agravio te há hecho la Fortuna. Conócela, conócete, y seas bueno”³⁹⁵. Melo tenta persuadir esse cético acerca da possibilidade de conhecermos as coisas partindo de um ponto em comum para ambos: que a vida nos fez miseráveis. Ora, se Marsílio podia concluir isso era porque ele podia conhecer a condição dos homens – o desprezo pelo qual eram tratados pela vida neste mundo. Essa conclusão por si só provava a veracidade de que poderiam conhecer as coisas. Isso os deveria levar a ação: conhecerem sua Fortuna (seu *mundo*) e si mesmos (o *ser*). Esse é o conselho de Melo a seu destinatário! Por meio do

³⁹¹ *Cartas Familiares*, 562.

³⁹² *Cartas Familiares*, 492.

³⁹³ *Cartas Familiares*, 298.

³⁹⁴ *Cartas Familiares*, 562.

³⁹⁵ *Cartas Familiares*, 562.

conhecimento de si e do mundo o indivíduo poderia escolher “ser ou não ser”, construir uma autoimagem de si no mundo. A “Fortuna faz escárnio de nós, *porque não fazemos escárnio dela*”³⁹⁶. Essa condição dos homens é fruto justamente desta passividade na vida. Se a Fortuna zombava deles era porque permaneciam parados e não tomavam a iniciativa de ridicularizá-la primeiro. A relação conflituosa entre o *ser* e o *mundo* é mantida, mas aqui ela se nivela, encontravam-se em pé de igualdade, a vida poderia escarnecê-los, mas isso poderia ser recíproco – havia uma esperança de superar essa condição, por devolverem à Fortuna, ao mundo, o tratamento que recebiam³⁹⁷.

Por isso, se fazia importante questionar: “que somos? Ou que esperamos da vida?”³⁹⁸. Melo faz essas indagações após finalmente conseguir ser transferido da Torre Velha para o Castelo de Lisboa, que apresentava melhores condições carcerárias e por se localizar em Lisboa facilitava o fluxo de cartas e visitas. Ficava satisfeito com tal mudança, pois como acreditava que passaria o resto da vida preso, ao menos que fosse aonde houvesse melhor tratamento e condições, neste caso, o Castelo de Lisboa. Mas logo se apercebeu que não conseguiria se conformar com esta situação. Por quê? “Porque me resulta tamanha dor da vizinhança e do que sei que está nela doendo, que vivo com desgosto e inquietação”. Seu cárcere aumentara a sua sensibilidade e a sua empatia. Ao observar de perto sua própria desgraça, e a de outros, gerando-lhe grande “desgosto e inquietação”, foi levado a questionar a si mesmo sobre a vida, o mundo e a situação dos homens no mundo. E ao realizar tal reflexão a que conclusão chegou?

O quadro pintado por Melo acerca do seu mundo é bastante sombrio. Um lugar hostil, um inimigo que sente prazer em assistir a peregrinação humana, uma “fortuna que tanto me *persegue*”³⁹⁹. Contudo, dois fatores contribuiriam para esse cenário: as condições naturalmente apresentadas pelo mundo e as criadas pelos homens. Melo também acusa os homens de seu tempo de piorarem as condições já existentes no mundo. E que condições eram essas? Viviam num “século turbulento”⁴⁰⁰, conforme escreveu ao próprio papa Inocêncio X (1644-1655). Eram tempos “intratáveis”⁴⁰¹ – que não se prestava para (con)viver – momento repleto de condições adversas aos homens. “Do mundo não sei

³⁹⁶ *Cartas Familiares*, 492, grifo nosso.

³⁹⁷ Analisaremos no capítulo 3 desta dissertação as considerações de D. Francisco Manuel de Melo acerca do modo como podemos agir, atuar no mundo, e assim superar a condição humana que se apresentava em seu tempo.

³⁹⁸ *Cartas Familiares*, 479.

³⁹⁹ *Cartas Familiares*, 551, grifo nosso.

⁴⁰⁰ *Cartas Familiares*, 64.

⁴⁰¹ *Cartas Familiares*, 186.

mais, senão que é um velho velhaco”⁴⁰². O mundo era um “velho velhaco”, um rabugento trapaceiro e traiçoeiro que pirraçava os homens. Mais que desprezo, era como se o mundo sentisse prazer em afrontar e ofender a humanidade. Era “dor” o que o mundo tinha para oferecer em abundância⁴⁰³.

Sempre tive para mi que muito peor estava o mundo quando nos alegramos muito das cousas bem feitas, que quando com as mal feitas nos entristecemos; porque o alegrar muito e muito entristecer em ãa e outra cousa supõem novidade. E desta sorte, melhor tempo será aquele em que, de costumado ao bem, com as cousas mal feitas nos entristeçamos, que não aquele em que, de costumados ao mal, com as bem feitas nos alegramos⁴⁰⁴.

Melo acentua que algo que nos causa estranheza, seja ela boa ou ruim, é porque não é algo comum, “supõem novidade”. Dessa forma, se nos alegramos com as coisas boas que ocorrem no mundo é porque elas são raras, pois se fossem fatos ordinários passariam despercebidas aos nossos olhos. Igualmente, quando choramos pelas coisas ruins é porque não nos acostumamos com elas. “Melhor tempo *será* aquele”⁴⁰⁵ em que choramos mais com as coisas ruins do que nos alegramos com as coisas boas, pois isso significará que não estamos familiarizados com a maldade e sim com as boas novas. Assim, Melo considera que as pessoas já haviam se habituado ao sofrimento e se admiravam dos bons acontecimentos, devido à sua raridade.

Diante da tirania de tal mundo, conseqüentemente, encontramos nas *Cartas Familiares* uma concepção depreciativa da vida e uma apologia à morte.

Perguntando um dia Sócrates se na vida podia haver descanso, respondeu que não, porque era vida de homem que se passava entre homens. O Séneca: que aquela vida era de contado mais Felice, que fosse mais breve. Eurípedes: que a vida era tão chea de moléstias, que duvidava se à vida chamasse morte, ou se à morte chamasse vida. Aqueles sagrados lumes da Igreja que disseram! Mas para que são mais autores que nós mesmos, nossos olhos, nosso conhecimento? Quem gostou jamais à glória do mundo, que a não desse por bem não conhecida? Verdadeiramente aqueles a quem se dá, parece que se lhes dá por prémio, senão por castigo⁴⁰⁶.

⁴⁰² *Cartas Familiares*, 102.

⁴⁰³ *Cartas Familiares*, 510.

⁴⁰⁴ *Cartas Familiares*, 281.

⁴⁰⁵ O verbo se encontra conjugado no futuro do indicativo, logo não era desse modo que se encontrava seu mundo, se refere a uma esperança de um mundo ainda por vir.

⁴⁰⁶ *Cartas Familiares*, 411.

Melo evoca tais pensadores porque partilha das suas opiniões. Não poderiam ter sossego na vida, pois eram homens – a aflição já lhes era intrínseca – e viviam entre homens – a humanidade também era responsável pela vida sem paz que existia neste mundo. A vida é essencialmente ruim, de modo que quanto menor for seu tempo mais afortunada era. A vida é tão cheia de sofrimento que é difícil diferenciá-la da morte. Contudo, não era necessário recorrer a Sócrates, Sêneca ou Eurípedes para se chegar a tais conclusões – elas eram tão latentes que qualquer um conseguiria identificá-las, bastava observar o mundo com seus próprios olhos. Diante dessa situação, ter a glória do mundo, viver plenamente a ponto de servir de modelo para os outros homens, embora parecesse um prêmio, uma dádiva, era um castigo – porque viver e estar no mundo é um castigo. “E não é necessário que a vida seja penosa para que seja cansada; basta que seja grande. É como um madeiro que se leva ao ombro que, quanto é maior, é mais pesado. O tamanho sempre descreve o peso de cada coisa, e na vida mais que nada”⁴⁰⁷. Viver é um fardo, por isso quanto mais viverem maior seria o cansaço. Tal comparação se dá indiferentemente a se ter, ou não, muitos problemas na vida, pois essa é fundamentalmente penosa.

Eu há muitos dias que tenho dado em que nos trata o mundo como quem nos conhece, por mais que nós o não conheçamos. Faz conosco como nós fazemos com nossas alimárias: que se nos não trabalham muito, não lhes damos de comer, ele nos carrega para nos sustentar; e assi, Senhor, que os maiores que logram alguma coisa mais dele, bem salgado lhes sai⁴⁰⁸.

Novamente, a relação de estranheza entre os homens e o mundo é destacada. Não se conhecem, não são íntimos, mas, mesmo assim, o mundo insiste em oferecer aos homens certo trato. Qual? O mundo trata os homens de maneira similar ao tratamento que os humanos dispensam a seus animais de criação, como o gado. Os animais devem trabalhar muito para ganharem comida, suas vidas dependem de servirem aos propósitos humanos e ainda os carregarem. A vida não é vista aqui como algo do qual poderiam desfrutar, ao contrário, o mundo quer vê-los trabalhar demasiadamente, labutar para poderem sobreviver. Teriam que sentir o peso do mundo nas suas costas. Deveriam não usufruí-lo, mas servi-lo⁴⁰⁹.

⁴⁰⁷ *Cartas Familiares*, 509.

⁴⁰⁸ *Cartas Familiares*, 433.

⁴⁰⁹ Esta passagem da carta lembra-nos a condenação que Deus deu a Adão em decorrência do pecado original: “[...] maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimentos dele te nutrirás todos os dias de tua vida. Ele produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos. Com o suor do teu rosto comerás teu pão” – Cf. Gênesis 3:17-19. Será que essa relação entre o homem e o mundo no pensamento de Melo era uma

Diante dessa situação, resta alguma esperança ao homem? “La semana pasada se pasó todo en buenas esperanzas (si puede llamarse buena, cosa tan mentirosa)”⁴¹⁰. Nenhuma esperança! Esta, inclusive, é vista de modo negativo. Para ele, a esperança é uma farsa, ela fornece forças para se continuar a viver, mas não conduz a nada, apenas ilude os homens para permanecerem na condição na qual se encontravam. Melo não afirma a inexistência de esperança no mundo, mas a associa com algo nocivo, pois ela nutre o desejo nos homens de quererem prosseguir e oferece-lhes uma anestesia, que os move a continuarem a viver. Mas também oferece uma esperança positiva: “Só me deixa a esperança da morte ou da vida desesperada, muito peor que ela mesma”⁴¹¹. Existia uma verdadeira esperança de pôr fim a esta “vida desesperada” por meio da morte. Assim, para o autor, se o mundo é um carrasco e a vida nossa penitência, temos uma verdadeira redentora – a morte. Vejamos então que lugar esta ocupa nas *Cartas Familiares*.

2.2.2 ... morrer é preciso!

Nas *Cartas Familiares* encontramos alguns exemplares de cartas de pêsames e nelas o autor reflete acerca da relação do homem com a vida e a morte. Embora fossem cartas que objetivavam oferecer conforto aos destinatários enlutados, Melo declara: “escrevo a V. S. estas regras que, sendo minhas, desculpas ficam de que não sejam de consolação”⁴¹². Tais cartas, em sua maioria, não oferecem um discurso patético, apelando à comoção e a palavras vazias, cheias de lugares-comuns. O autor, às vezes beirando à dureza, elabora em tais cartas um consolo que recorre à racionalidade para apresentar ao parente enlutado sua reflexão. É interessante extrair destas missivas sua concepção de morte, pois se esperava encontrar nelas uma formulação de morte como algo destruidor e prejudicial, contudo mesmo nestas epístolas o autor apresenta a morte como uma verdadeira libertadora da humanidade. Quem morre na verdade “descansa”⁴¹³. Obviamente que o autor “reconhece a grande falta”⁴¹⁴ que a morte nos causa ao levar uma pessoa

consequência do pecado original e, portanto, fazia parte da *natureza humana*, tal como ela é entendida pelo autor? A documentação não nos permite ir além, todavia essa é uma hipótese provável e que se conecta com o pensamento do autor – Cf. nota 207 deste trabalho.

⁴¹⁰ *Cartas Familiares*, 13.

⁴¹¹ *Cartas Familiares*, 270.

⁴¹² *Cartas Familiares*, 510.

⁴¹³ *Cartas Familiares*, 510.

⁴¹⁴ *idem*.

amada, mas explica: “Certamente, sobre as mais, é sensível a morte dos parentes e dos amigos. E não só por vermos acabar aqueles que amamos, senão também porque, vendo dar tão perto de nós os tiros de aquilo inescusável seta, podemos crer que não estamos seguros”⁴¹⁵. Sofremos diante da morte primeiramente por perdermos um ente querido. Mas também, porque a morte é sempre uma experiência reflexiva, fazendo-nos voltar para nós mesmos e meditar sobre o próprio sujeito, o mundo e a vida. Obrigando-nos a perceber nossa real situação: “não estamos seguros”! Nossa existência é sempre um risco, é fugaz. Somos frágeis e nos esquecemos disso constantemente – a morte serve, assim, de advertência e lembrete.

Ela é, em certo sentido, uma benfeitora dos homens. Numa carta a um pai enlutado que perdera uma filha religiosa, Melo afirma: “Quer Nosso Senhor levar os moços pra mostrar aos velhos que lhe não faz agravo quando os chama; e aos moços também lhe faz mercê, socorrendo-os com sua mão e tirando-os dos perigos de tão ruim mundo”⁴¹⁶. Assim, Deus ‘chamar’ alguém à morte era um favor, pois o “socorre” “tirando-o” do mundo. Percebemos, aqui, uma dupla reação: um descontentamento com o mundo e em consequência a visão de morte como libertadora, já que é ela que nos salva do mundo. “Seja o vermos aquele espírito que amamos já livre dos contrastes da vida, fora dos perigos do mundo, isento das leis da morte”⁴¹⁷. Notamos em Melo uma relação mais achegada à morte, de modo que ele sequer medita sobre a possibilidade da perdição eterna, embora ele também acreditasse nela – seria um anacronismo supor o contrário, visto que essa era uma concepção presente em todos os cristianismos do século XVII. Dessa maneira, o louvor que o autor faz a morte nos parece muito mais uma medida desesperada, mas não irrefletida, de rejeição e fuga ao mundo do que propriamente um apego à morte em si. É um reflexo dessa relação conflituosa com a vida e o mundo – “deste mundo que tanto nos despreza”⁴¹⁸.

Ora, mas se a morte é tão apreciável, perguntamos juntamente com Melo: “Pois de que nos queixamos na morte dos bons? Sentimos acaso de que repousem eles?”⁴¹⁹. O autor aqui parte do pressuposto de uma pessoa boa que faleceu, e, portanto, receberá a vida eterna. Se a morte nessas condições só resultaria em vantagens, por que então os familiares

⁴¹⁵ *Cartas Familiares*, 45.

⁴¹⁶ *Cartas Familiares*, 462.

⁴¹⁷ *Cartas Familiares*, 411.

⁴¹⁸ *idem*.

⁴¹⁹ *Cartas Familiares*, 509.

e amigos enlutados sofrem tanto? “Isso então fora inveja e não saudade”⁴²⁰. De maneira enérgica ele afirma que o sentimento diante da morte de uma pessoa boa e querida, embora pareça “saudade”, não é outra coisa senão “inveja”. Inveja dela ter conseguido fugir logo do mundo, acabar de vez com essa vida mesquinha e ganhar seu prêmio, sua recompensa celestial. Desta forma, ele testifica seu desprezo pelo mundo. Sentimento tão intenso a ponto de sentir inveja por quem consegue sair dele. O desejo de estar no lugar de tal pessoa – aos seus olhos, em profundo deleite – se dava, não necessariamente pelos prazeres da vida celestial, que sequer foram mencionados em suas cartas, mas pelo simples fato de deixar o mundo.

Contudo, se o mundo e a vida nos rejeitam tanto “donde nos veio a nós este amor, esta estimação, em que temos ao mundo”⁴²¹? Seria de se esperar que em tais circunstâncias odiássemos o mundo, mas os homens ainda possuem certa ligação com ele. Melo considera na mesma carta que tal apego enganoso poderia ter duas fontes, das quais procedem todo o engano: o Diabo e/ou os homens. O Diabo, contudo, em troca de um único ato de adoração de Jesus lhe oferece todo o mundo⁴²² – logo o mundo é um espaço do Diabo e nem mesmo ele tem apreço pelo mundo, tanto que o trocaria por tão pouco. Adão, que só conheceu o melhor do mundo, pois viveu no Paraíso do Éden, também trocou o mundo por uma porção de comida⁴²³. De modo que esse apego que temos pelo mundo não é de origem nem demoníaca nem humana. Por que então esse afeto pelas coisas terrenas? Melo apenas diz que “Se discorrêssemos nesta matéria, ela sobejara e faltara o descurso, porque ela é maior que o descurso”⁴²⁴. O interesse do autor nessa carta não é explicar tal relação com o mundo, embora seu tema perpassasse por isso, mas refletir sobre a vida humana e a morte a um marido enlutado. E sobre tal tema conclui:

S. Bernardo, com primoroso pensamento, como escandalizado das perdas desta vida, achou grandes interesses na morte. Boa lhe chamou, porque é descanso; melhor, porque é meio de melhorar; excelente, porque é instrumento de segurança da vida, à morte e ao descanso. E S. Anselmo, consolando aos que ficam, diz assi: <<se vês que mata ao bom, olha que o não ofende; se vês que mata ao mau, olha que é digno de ser ofendido>>. Claro fica logo que, por todas as considerações, não é a

⁴²⁰ *Cartas Familiares*, 509.

⁴²¹ *Cartas Familiares*, 411.

⁴²² Mateus 4:8-9.

⁴²³ Gênesis 3:3.

⁴²⁴ *Cartas Familiares*, 411.

morte dor inconsolável, senão muito digna de que a trate e leve um ânimo católico e prudente⁴²⁵.

Melo, fundamentado em alguns doutores da Igreja, oferece consolo lembrando que a morte não é nossa inimiga, mas meio de salvação. Conduz-nos ao descanso e é justa. Quando morre o mal, lhe foi merecido; quando morre o bom ele, na verdade, está em vantagem por sair deste mundo e receber o prêmio da vida eterna. De modo que a morte não deve ser vista como uma dor inconsolável, mas com ânimo, desejo, já que por meio dela temos a oportunidade de fugir deste “tão desprezado mundo”⁴²⁶.

São nas considerações de Melo acerca da morte e do mundo que percebemos um esforço dele em ser mais detalhista e claro a seus destinatários, como se houvesse a necessidade de provar a estes uma ideia da qual não estavam familiarizados. A escrita de Melo geralmente é mais sintética, vai direito ao ponto e não se delonga em explicações demasiadas. Era isso que se esperava de uma carta bem escrita⁴²⁷. E fazia-se isso, pois por se tratar de um assunto do qual partilhavam da mesma opinião a missiva seria facilmente inteligível. Ora, suas meditações sobre a morte e o mundo pareciam se distanciar do pensamento mais ordinário. Contudo, não parecia também ser tão estranho às pessoas da época. A forma como ele expõe seu pensamento nos leva a um discurso claro sobre uma verdade conhecida, mas ignorada, uma verdade que por ser difícil de aceitar ignorava-se voluntariamente. Talvez por isso ratifique: “Mal fazemos deixando-nos enganar de um mundo que nos não quer enganar”⁴²⁸. A vida e a própria relação dos homens com o mundo, segundo nosso autor, poderiam ser facilmente observadas por qualquer pessoa, contudo aos seus próprios olhos parecia que a humanidade persistia no erro, preferia se iludir a aceitar uma verdade que nem o mundo fazia questão de esconder. Em um ato de ingenuidade, preferia-se o obscurantismo a aceitar tal rejeição! Aí reside o grande problema, pois para Melo existe a necessidade dos homens compreenderem sua real situação no mundo e, a partir daí, reagirem, resistirem e superarem as condições oferecidas por ele⁴²⁹.

⁴²⁵ *Cartas Familiares*, 411.

⁴²⁶ *idem*.

⁴²⁷ Francisco Rodrigues Lobo no Dialogo III – *Da maneira de escrever e da diferença das cartas missivas*, apresenta algumas características fundamentais para que uma carta fosse bem escrita, são: “brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios e propriedade sem metáforas nem translações” – Cf. LOBO, Francisco Rodrigues. *Côrte na Aldeia...*, *op. cit.*, p. 53. Ao longo da explicação do autor fica evidente que o que define uma carta bem escrita é ser sucinto e claro. As cartas de Melo são excelentes exemplos nesses quesitos.

⁴²⁸ *Cartas Familiares*, 238.

⁴²⁹ V. as cartas 562, destinada a Marsílio, e 492 que fala que devemos escarnecer do mundo assim como ele faz conosco. Ambas já considerados nesse tópico.

2.2.3 *Os homens no mundo, o mundo em Melo*

Não é do interesse do autor representar toda a plenitude do homem, nem realizar um exame profundo de seu íntimo. Por outro lado, é plausível assinalarmos algumas características negativas inerentes aos homens daquele período e que agravam o panorama do mundo. Uma dessas características é a mentira e o engano.

As pessoas graves [...] ainda são mais sujeitas aos enganos que as humildes. Eu cuido que foi pensão de Deus que Deus pôs à grandeza, faltar-lhe a verdade aos ouvidos, para que ninguém desejasse um estado donde de ordinário falta a melhor cousa que há no mundo, se a há no mundo⁴³⁰.

As pessoas que ocupavam lugares de destaque no mundo viveriam cercadas pela mentira, pois algo específico da “grandeza” era ter de lidar com a falta de verdade. Interessa-nos aqui perceber o questionamento do autor sobre a existência ou não de verdade no mundo. O que estava sendo dito era que tais pessoas estavam cercadas por bajulações, falsidades e por pessoas que procuravam obter algum benefício – exatamente porque muitos se aproximavam destes procurando obter alguma vantagem. Faltava àquela sociedade sinceridade, eram movidas por desejos egoístas, eram hipócritas, e estavam correndo atrás apenas de seus próprios interesses.

Talvez fosse por observar tal atitude nas pessoas que Melo nutrisse tanta aversão à Corte. “A malícia corre tal (segundo ouço) que a nossa Corte, não sendo antiga, pode ler e ensinar artes e tretas aos Tácitos e Machiavelos”⁴³¹. Em outra carta, na qual pondera sobre questões políticas, o autor demonstra repulsa pelos ideais políticos de Tácito e Maquiavel, concebendo-os como “veneno”⁴³². Contudo, ao examinar a Corte portuguesa⁴³³ constata que havia tanta falsidade, oportunismo e astúcia entre seus membros que esta era mais “maquiavélica” que o próprio Maquiavel. Os “virtuosos” temiam a Corte, pois era lugar “que para outra cousa não considero útil [...] senão para dar motivo ao santo escândalo”⁴³⁴. O autor, na verdade, critica não apenas esse estilo de vida da Corte, mas tudo

⁴³⁰ *Cartas Familiares*, 416.

⁴³¹ *Cartas Familiares*, 158.

⁴³² *Cartas Familiares*, 2.

⁴³³ Esta carta data de 1648, nesse período Portugal estava, há aproximadamente oito anos, independente da Coroa espanhola, por isso Melo diz que a Corte não era antiga, pois após a Restauração Portugal constituiu nova corte sediada em Lisboa.

⁴³⁴ *Cartas Familiares*, 319.

que procura ostentar um estilo “civilizatório”, ou, segundo suas palavras a “urbanidade”⁴³⁵, a “galantaria”⁴³⁶ e a “fineza da amizade”⁴³⁷. “Porque muito há que a cerimônia empece o amor”⁴³⁸, este estilo de vida opulento é baseado nas aparências, são meras formalidades, que impedem que relacionamentos e sentimentos bons e verdadeiros possam florescer⁴³⁹.

Francisco Manuel reconhece também a aspiração à maldade como outro traço comum das pessoas do seu período. Essa temática não é uma novidade, contudo o objetivo do autor nessas cartas não é meditar acerca da maldade enquanto um componente da natureza humana ou não, questão recorrente na Filosofia Moderna, o que realiza é apenas uma observação quanto às ações e o comportamento humano. “A troca de ver consumido este portento de maldade, em cuja ruína consiste o remédio de muitos?”⁴⁴⁰. Os homens tinham prazer em ver a desgraça alheia. Muitos se consolavam, inclusive, por meio do sofrimento de outros. Já alguns não se contentavam apenas em observar a moléstia de outrem – a suscitava também. “Porque os males que nos Deus dá têm mais fácil cura, que os que nos azam os homens”⁴⁴¹. As adversidades provocadas pelos homens eram intensas, pois se fazia mais fácil obter livramento das tribulações oriundas de Deus, cuja “coisa terrível é cair nas [suas] mãos”⁴⁴², do que conseguir alívio das ocasionadas pelos homens. De modo que a humanidade vivia como que numa arena, em que a qualquer momento poderia sofrer um ataque, um golpe. Poder-se-ia possuir tantos inimigos que sequer conheceria todos eles⁴⁴³. Além de tantos inimigos, ainda se era frequente observar um espírito de ingratidão nas pessoas⁴⁴⁴.

Por fim, outro aspecto da sociedade identificado por Melo era a decadência moral. O autor comenta, em certa carta, problemas relacionados com as casas de jogos, tais como a perda dos bens, da honra e da própria vida. Relata também uma situação em que

⁴³⁵ *Cartas Familiares*, Carta aos Leitores, p. 51.

⁴³⁶ *Cartas Familiares*, 84.

⁴³⁷ *Cartas Familiares*, 411.

⁴³⁸ *Cartas Familiares*, 390.

⁴³⁹ Típico problema apontado por Norbert Elias sobre o nascimento de uma vida de Corte em que a sociedade do século XVI passava por uma transição que se fazia notar pela gradual diminuição do conceito de *courtoisie* para o crescente uso de *civilité*. Consistia numa transformação dos costumes de uma cavalaria feudal para um processo civilizador de mudanças de comportamentos de grandes proporções – Cf. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. 1. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

⁴⁴⁰ *Cartas Familiares*, 304.

⁴⁴¹ *Cartas Familiares*, 110.

⁴⁴² Hebreus 10:31.

⁴⁴³ *Cartas Familiares*, 478.

⁴⁴⁴ *Cartas Familiares*, 515.

“quatro velhos consulares estejam obedientes a ãa sota [mulher astuciosa]”⁴⁴⁵. Em meio a esse clima sórdido, afirma: “Gritem os velhos e venha-se o mundo abaxo: mas não cairá que ele já tão baxo que não tem pra donde cair”⁴⁴⁶. Os velhos – representando uma moral tradicional e conservadora – escandalizados diante de tamanho declínio moral gritariam, mas nada aconteceria, o mundo não podia cair mais visto que já se encontrava no “fundo do poço”. Melo acreditava que vivia no clímax da decadência moral. A imoralidade se fazia tão grande que nem ao menos conseguiria imaginar que as coisas poderiam piorar, estavam totalmente perdidos nesse sentido.

Diante dessa relação conflituosa com o mundo, a humanidade não saíra ileso. Se o mundo oferece condições inóspitas à vida, ele obriga a humanidade a ser cada vez mais insensível para resistir às condições por ele criadas.

Não sei que façamos neste tempo em que é necessário ser algũa cousa ruim para ser algũa cousa! E a muitos ainda lhes não basta o serem de todo ruins, como a mi que o digo. Quem mudará os bons de seu costume, mas que o mundo se não mude de suas manhas?⁴⁴⁷.

O mundo por manha, capricho, gosta de nos fazer sofrer e conseqüentemente para conseguirmos viver neste mundo é preciso apelar a meios “ruins”, fazer o que se acreditava ser errado, dessa forma, o mundo é capaz de tirar dos homens o que há de pior. Os bons vão assim, mudando seus costumes, se tornando pessoas piores, para se adaptarem a este lugar. “Disse já a V. S. que não se lhes dera o grande ânimo aos homens, senão para grandes experiências. Agora acrescento que nem as grandes virtudes para durarem muito no mundo”⁴⁴⁸. De modo que as virtudes que por ventura alguém desenvolvesse rapidamente seriam sufocadas por ele.

Embora o mundo fosse o maior inimigo dos homens e os transformassem em pessoas piores, Melo não isentava a humanidade de também criar condições aflitivas à vida. “Ultimamente, Senhor, este mundo é de Deus ou governa por sua providência; ou por ela mesma nos consente que o desgovernemos. Sigamos sua santa vontade”⁴⁴⁹. Melo acredita que o mundo fora criado por Deus, porém Ele nos permitiu que o “desgovernemos”. Os homens também conduzem e dominam as coisas no mundo, por isso

⁴⁴⁵ *Cartas Familiares*, 175.

⁴⁴⁶ *idem*.

⁴⁴⁷ *Cartas Familiares*, 322.

⁴⁴⁸ *Cartas Familiares*, 427.

⁴⁴⁹ *Cartas Familiares*, 358.

não foram eximidos dele se encontrar da maneira como estava – “desgovernado”. Desse modo, o mundo também reproduzia as características da sociedade. Mundo e homens formavam um sistema heterogêneo, antagônico, mas que se correspondiam e se influenciavam mutuamente.

Obviamente, as concepções de D. Francisco Manuel de Melo acerca da vida, do mundo, da morte e da sociedade de seu tempo estão intimamente relacionadas à sua própria experiência no mundo. Sua obra, que antes mesmo de ser *obra*, eram *cartas pessoais*, nos traz uma reflexão do autor a respeito do mundo derivada de uma escrita de si. Assim, faz-nos importante procurar compreender como o autor se sentia neste mundo e na sociedade de seu tempo. Esses não eram apenas o meio, o palco, no qual os homens viviam, eram forças impessoais que os moviam, os direcionavam e os orientavam. Não que determinassem o seu agir no mundo, mas o agir era muitas vezes dirigido, influenciado, ou dado como resposta, desta relação.

“Negro mundo maldito, onde as partes são partes que nos acusam; a inocência é razão para que nos condenem, e o viver delito que se nos castigue! [...] Deu-me agora o desmancho em conhecer o mundo, depois que me importava o desconhecê-lo”⁴⁵⁰. Melo desejou, diante dessa relação conflituosa com este “negro mundo maldito,” rejeitá-lo, ignorá-lo, mas isso se tornou impossível. Foi massacrado pelo mundo a ponto de passar a conhecê-lo, pois fora vítima/alvo das artimanhas dele. Sua experiência e sua reflexão interior são o que fundamentam essa descoberta de si, do outro e do mundo. “Tristes de esses a quem a idade só serve de peso e não de doutrina, porque a estes, dá-lhes a dor e tira-lhes a experiência”⁴⁵¹. Todos vão sofrer nas garras do mundo, a dor é uma consequência imediata da vida, mas apenas alguns conseguiriam transformar essa experiência em “doutrina”. Melo conseguiu fazer tal transposição didática. “Mas de verdade quem, em tão poucas folhas lidas deste livro do mundo, tem já aprendido, pelo menos notado, tantos escarmentos?”⁴⁵². Apesar da pouca idade, o autor, devido sua intensa relação com o mundo, se considerava muito experiente. “Quem mais trajado dos enganos do mundo que eu? Quem mais despido dos seus desenganos?”⁴⁵³. Aprendizado esse adquirido em grande parte por sofrer na pele o que o mundo tinha a oferecer. Constantemente cultivou a esperança e vez após vez foi decepcionado. Diante dessa

⁴⁵⁰ *Cartas Familiares*, 368.

⁴⁵¹ *Cartas Familiares*, 450.

⁴⁵² *Cartas Familiares*, 568.

⁴⁵³ *Cartas Familiares*, 82.

relação próxima com este mundo, sua curta experiência foi, veemente, o que resultou não apenas em uma grande experiência pessoal, mas num cabedal que poderia, e deveria, ser compartilhado.

Há infinitos tempos que me faltam novas de V.M. E é esta ãa das circunsntâncias que bem ajuda a minha confusão e tristeza, que se funda em tantas causas, como V. M. haverá conhecido, e conhecera o mundo, quando ouvir o eco das sem-razões que se fazem, respondendo nos efeitos⁴⁵⁴.

Acreditava que outros poderiam conhecer o mundo a partir de sua história de vida e de sua própria experiência nele. Mesmo porque ele experimentara uma oportunidade, lamentável, mas única, e da qual tirara grande proveito: “estar fora do mundo”⁴⁵⁵. Sair, conseguir fugir do mundo, foi uma circunstância não apenas propícia, mas necessária à sua reflexão e por isso “lá se tem suas comodidades”⁴⁵⁶. “O mundo certo vai tal, que tanto mais longe dele nos podemos julgar melhor acomodados”⁴⁵⁷. Podemos analisar melhor o mundo quando nos distanciamos dele. Por quê? “Pois assim como o furor ministra as armas, dor entorpece o entendimento”⁴⁵⁸. A dor, o principal alimento que esse mundo nos oferece, altera nossa capacidade de interpretar as coisas ao nosso redor. “Pienso yo que la melancolia también muda estilos como transtorna juicios”⁴⁵⁹. Para ele, esse processo deixa nossas faculdades cognitivas alteradas pela melancolia, tristeza – sentimentos copiosos no mundo.

Melo se sente retirado do mundo. “Fora serviço de Deus deitar-me já do mundo”⁴⁶⁰. Sente-se protegido dele, como se Deus o tivesse resguardado. Não significa isto que deveria viver como se nada estivesse acontecendo, fechar os olhos, ou ignorar essa experiência que derivava do mundo. “Peores homens seremos se, à vista de tais desenganos, não nos desenganarmos”⁴⁶¹. Os homens deveriam se revoltar diante desta relação nada confortável com o mundo: aprender e meditar sobre ela para dessa forma, transformá-la em instrução⁴⁶².

⁴⁵⁴ *Cartas Familiares*, 264.

⁴⁵⁵ *Cartas Familiares*, 104.

⁴⁵⁶ *idem*.

⁴⁵⁷ *Cartas Familiares*, 454.

⁴⁵⁸ *Cartas Familiares*, 168.

⁴⁵⁹ *Cartas Familiares*, 15.

⁴⁶⁰ *Cartas Familiares*, 257.

⁴⁶¹ *Cartas Familiares*, 479.

⁴⁶² Cf. *Cartas Familiares*, 450, em que o autor afirma que a “experiência” deve virar “doutrina”.

“Tristes son las horas de la soledad a los que las pasan asidos al temor de los sucesos. Sabrosa es su melancolía al que gasta en la profundidad de su contemplación”⁴⁶³. Meditar sobre os acontecimentos presentes poderiam deixá-los tomados pelo medo, angústia e tristeza. Já gastar tempo refletindo no passado gerava uma nostalgia paralisante. Melo não estava interessado apenas em entender friamente o mundo como um objeto de estudo cujo olhar direcionado é distante e imparcial. Nosso autor ao olhar o mundo estava preocupado em encontrar seu próprio lugar e sua correlação com ele. Mas enquanto se empreitava nessa busca seu desejo era o de ser esquecido pelo mundo⁴⁶⁴ já que era perseguido⁴⁶⁵ na/pela vida.

Em duas cartas⁴⁶⁶ ele afirma ideias similares: a fortuna e a vida, haviam-lhe retirado tudo, menos as coisas que habitam a alma – como o respeito e a gratidão. Tais afirmações são interessantes, pois revelam que para o autor apesar dessa relação problemática com o mundo este não tinha o poder de invadir a alma humana – não sem um esforço vigoroso, sem uma querela. Era por meio de pressões externas, como o sofrimento, que o mundo procurava arruinar nosso espírito, mas este poderia ser um refúgio. Se o mundo e a vida não eram favoráveis – se as condições existentes eram adversas – dever-se-ia refugiar em um lugar seguro: dentro de si. Dessa forma, se o mundo e a vida perseguem os homens como poderiam se esconder, como se protegeriam deste encalço? Voltando-se para dentro de si mesmos. O fugir do mundo de Melo não significava sua prisão. Seu cárcere permite-lhe esta condição favorável, mas seu esconderijo não era a Torre – seu refúgio era em si mesmo⁴⁶⁷. Por isso sua reflexão vem à tona por meio da escrita epistolar, pois essa se utiliza deste conteúdo subjetivo como matéria-prima. Por outro lado, isso revela-nos um sério problema: o foco dos projéteis do mundo e da vida eram no próprio íntimo do indivíduo. Por isso, era comum o sujeito se ver perdido não apenas no mundo, mas perdido de si mesmo. Tal situação, fruto dessas circunstâncias, provocava-lhe grande inquietação. Era necessário, contudo, para que o homem vencesse o mundo e encontrasse seu lugar nele, (re)encontrar, antes de qualquer outra coisa, a si mesmo.

⁴⁶³ *Cartas Familiares*, 4.

⁴⁶⁴ *Cartas Familiares*, 76, 99, 277.

⁴⁶⁵ *Cartas Familiares*, 551.

⁴⁶⁶ *Cartas Familiares*, 159, 165.

⁴⁶⁷ Na carta 209 afirma: “saiba, Senhor meu, que estou solto e livre, porque a alma não está na Torre Velha”. Nesse sentido, embora preso na Torre, por se refugiar em seu íntimo se sentia livre da Torre e do mundo.

CAPÍTULO 3

CARTAS FAMILIARES, UM “EDIFÍCIO DA MEMÓRIA” E OS CAMINHOS DA BUSCA DE SI NA IBÉRIA SEISCENTISTA

Julgava Plínio por a maior felicidade da vida fazer hum homem taes obras, que todos desejassem saber qual fosse o Autor dellas [...]. Nasce este desejo da condição do entendimento humano, o qual como seu fim seja o conhecimento da verdade, não se satisfas, como diz o Filosofo, até não alcançar a causa verdadeira das cousas. Daqui tiverão seu fundamento todas as disputas, e questões das sciencias, querendo mostrar cada qual, que a sua noticia estâ mais ajustada com a razão natural de cada cousa.

Manuel Severim de Faria, *Discvrsos Varios Politicos*.

Em 1624, Manuel Severim de Faria publica os *Discursos Vários Políticos*. Nele o chantre e cônego da cidade de Évora apresenta-nos sete discursos de diversos assuntos e desses três são biográficos. Relata-nos sobre as vidas de João de Barros (1496 - 1570), Luís de Camões (1524 - 1580) e Diogo do Couto (1542 - 1616), os quais tiveram experiências pessoais no Oriente e escreveram sobre esse contexto do século XVI. Homens dados às letras e à escrita, expoentes da literatura portuguesa do período, Camões especialmente pelas obras poéticas e os outros dois pelas obras históricas. As palavras citadas se encontram na primeira biografia publicada sobre Camões.

Faria, um dos correspondentes de Melo, acreditava que a vida de homens das letras também eram dignas de serem escritas e arquivadas. Enfatiza que os homens buscam o conhecimento verdadeiro, e não se encontravam satisfeitos até o encontrarem – entende essa busca como uma necessidade humana. Assim, devido a ânsia humana pela verdade acredita ser importante registrar a vida de homens que mesmo não sendo “Princepe” ou

“varão ilustre” dedicaram sua vida nessa empreitada em busca do conhecimento verdadeiro, dos homens das letras, dos intelectuais. E dessa forma justifica sua empreitada. Na conclusão da biografia de Camões declara: “honras da sepultura, na autoridade das estátuas, na dilatação da fama, com o qual he celebrado em todo o mundo, em tantas linguas, dos melhores Poetas, Históricos, e Oradores, de maneira, que sua gloriosa memória durará igualmente com séculos seguintes”⁴⁶⁸. Embora o poeta, em vida, sofresse uma “contraria fortuna”, na morte recebeu as honras, estátuas e fama, que eram importantes meios de glorificar o autor, por outro lado Faria acreditava que seria por meio dos registros escritos por outros “Poetas, Históricos, e Oradores” que a memória de Camões se eternizaria.

Essas palavras sintetizam bem o que Melo aponta como o remédio para a perda de si. Vejamos, neste capítulo, como ele nos apresenta esse remédio e como ele está intimamente relacionado ao que Faria afirma acerca do homem em busca da verdade e da necessidade da escrita para salvar a memória de um indivíduo.

3.1 *As mezinhas nas Cartas Familiares: de polígrafo a boticário*

Conforme analisamos no primeiro capítulo desta dissertação, a “perda de si” que Melo sentia e sobre a qual nos informa possuía um caráter psicológico e também uma natureza epistêmica, e embora tenhamos feito metodologicamente tal distinção ela não se encontra presente no seu pensamento. Ora, então por que o fizemos? Nesse processo de análise, foi necessário distinguir a forma como o problema se apresentava na obra do autor para entendermos a maneira como ele pensou a solução para essa perda de si. Sem esta distinção sua obra perde seu valor. Ignorarmos o problema epistêmico por trás da perda de si faz com que o leitor encare as *Cartas Familiares* como o relato de lamúrias. Reconhecemos que não é fácil realizar tal distinção, justamente porque havia para o próprio autor essa dificuldade em perceber a dualidade do problema. A natureza epistêmica da perda de si não foi algo nítido nem para Melo nem para seus contemporâneos. Além do mais, não podemos negar que ambos os problemas foram descritos na forma de uma melancolia, pois se fizeram sentir de maneira semelhante.

⁴⁶⁸ FARIA, Manuel Severim de. *Discursos Varios Politicos*. Évora: Impresso por Manoel Carvalho (impressor da Universidade), 1624, folha 135 verso.

Não podemos nos furtar da real natureza desta ‘melancolia’ em Melo, pois isto nos levaria a conclusões semelhantes às de Maria Sarmiento, organizadora crítica da edição das *Cartas Familiares* que utilizamos neste trabalho, que no prefácio à obra afirma:

Há coleções de cartas que interessam como documentos vivos de uma época pelo que revelam dos costumes, das ideias e dos problemas que agitam determinada sociedade. Assim é – para citarmos um escritor do mesmo período – a correspondência do P.^o António Vieira que, para além de seu valor artístico, é importante para o estudo dos tempos agitados que se seguiram à Revolução de 1640. *Não é este o caso das Cartas Familiares*⁴⁶⁹.

Para Sarmiento, as *Cartas Familiares* pouco, ou nada, possuem de valor histórico. Elas não podem nos informar acerca “dos costumes, das ideias e dos problemas que agitam determinada sociedade”. Ora, nosso esforço neste trabalho é o de mostrar justamente o contrário, ou seja, perceber Melo enquanto um intérprete de seu tempo e as *Cartas Familiares* como um índice de certos *costumes* da época, das *ideias* que alicerçavam o pensamento ibérico, e principalmente de um *problema* que agitou não apenas o autor, mas os homens dos séculos XVI e XVII. Não se trata aqui apenas de uma concepção de história problemática que tal autora adotou, mas de uma dificuldade em apartar o momento em que Melo fala de si pensando na sua particularidade e singularidade, e quando Melo fala de si enquanto um homem do século XVII, como um porta voz de tantos outros homens.

Então, onde reside o valor desta obra? Para Sarmiento, um “valor documental”, “importância bibliográfica” e “dimensão literária”⁴⁷⁰. “Mas o que realmente importa nas *Cartas Familiares* é o conhecimento que elas nos dão a respeito da pessoa do seu autor”⁴⁷¹. Seu objetivo não é diminuir a obra – ao contrário, faz todo um esforço para valorizá-la –, mas sua constatação é a de que tal obra não passa de um mero testemunho pessoal que nada nos informa além da vida do próprio autor. Ora, esse testemunho por si só já é de interesse histórico, contudo colocado dessa forma, parece haver um desligamento entre Melo e seu tempo e sociedade. Entendemos as *Cartas Familiares* da mesma forma que

⁴⁶⁹ SARMENTO, Maria da Conceição Morais (Notas e prefácio). In: MELO, Francisco Manoel de. *Cartas Familiares*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional - Casa da Moeda, 1981, p 34, grifo nosso.

⁴⁷⁰ *ibidem*, p. 33.

⁴⁷¹ *ibidem*, p. 36.

António Luís Azevedo um “edifício da memória”⁴⁷² – um testemunho pessoal, um registro da sua cultura e um arquivo de seu tempo.

Não podemos negar que ao nos debruçarmos sobre estas missivas o que encontramos num primeiro momento foi o triste, melancólico e confuso relato de um cárcere português do seiscentos. E essa ideia de perda de si que perpassa a obra pareceu-nos ser o relato de um homem em crise devido suas pesarasas circunstâncias. Contudo, veio-nos a interrogação: Se essa perda de si é fruto da situação pessoal de Melo, porque esse tema atravessa toda a literatura barroca portuguesa? Talvez essa perda fosse decorrência de certa melancolia presente na cultura portuguesa acarretada de uma maneira de viver e de pensar o tempo e a história baseada na saudade⁴⁷³. Mas se fosse este o caso, por que encontramos essa mesma inquietação em autores fora de Portugal?

Tais questões nos levaram a pesquisar melhor o contexto de Melo, inseri-lo em seu tempo, lê-lo não apenas como uma obra literária, mas enquanto um documento histórico. A documentação e a bibliografia sobre o período apresentou-nos uma crise, não de Melo, ou de Portugal ou mesmo da literatura barroca, mas que Koyré analisa enquanto a “crise de uma cultura”⁴⁷⁴, cultura da qual Melo também participava. Daí, voltamos nossa atenção às *Cartas Familiares* na tentativa de perceber até onde tal crise se fazia perceber, ou não, nessas missivas. E foi após caminhar por todo esse trajeto que conseguimos identificar os vestígios dessa crise apresentadas sob a forma de uma melancolia – encontramos aí a natureza epistêmica da perda de si.

Melo, como a maioria de seus contemporâneos, não tinha a clareza nem as dimensões desta crise. Mas quando nos oferece reflexões sobre como aliviar, atenuar, ou até mesmo resolver essa perda de si, ele acaba por distinguir o que seria o remédio para sua melancolia e para a crise. Ao passo que é difícil notar a diferença entre o caráter psicológico e a natureza epistêmica do problema da perda de si, quando o que está em jogo é o remédio para esse mal, a diferença se torna mais evidente. É o próprio D. Francisco que faz a distinção – parece neste momento ficar ciente de que há uma fórmula para emendar seus males e outra capaz de ajudar os homens de seu tempo e não apenas a si ou aqueles

⁴⁷² *Cartas Familiares*, Carta à Academia dos Generosos, p. 47.

⁴⁷³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. As Sombras do Tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 117-139.

⁴⁷⁴ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, 1963, p. 43.

que passam por tribulações semelhantes às suas. Vejamos como o autor se faz aqui “boticário” para ambos os casos.

O aspecto psicológico da perda de si é mais evidente nas *Cartas Familiares*, de fácil percepção e sua solução é igualmente menos complexa que a da natureza epistêmica do problema. Lembremo-nos da situação na qual Melo se encontrava: “Sobre três anos de cárcere exquisitos, cheo de trabalhos, injúrias e enfermidades, cada vez mais perseguido, mais só e peor tratado [...] e sobre não ser ainda ouvido, nem me ser lícito até agora meu livramento e natural defesa”⁴⁷⁵. Assim se sentia no seu terceiro ano de prisão, mas ao todo ficou preso de novembro de 1644 a abril de 1655 quando foi degredado para o Brasil (havia sido condenado a degredo perpétuo) e aqui permaneceu até provavelmente março de 1658 quando recebeu a clemência régia e pôde voltar a Portugal⁴⁷⁶.

Não podemos nos esquecer que Melo foi um nobre, criado na corte, envolto em atividades militares e intelectuais, que de repente se encontrava, segundo nos conta, preso injustamente, sendo perseguido, experimentando toda sorte de injustiça e maldade maquinadas por seus fortes inimigos, sofrendo as lamentáveis condições de um cárcere penoso: o que ansiava tal homem? Qual poderia ser o remédio, ou a solução para seus problemas? A obviedade da resposta vem à tona: justiça e liberdade! Era isso o que Melo mais ansiava.

Em 1648, Melo recebeu uma carta do Rei da França Luís XIV (1643-1715) dirigida ao rei D. João IV, intercedendo por ele. Sobre o recebimento dessa carta, declara: “Por este meio, confio alcançar algum seguro porto em que possa *salvar-me* da ira desta minha Fortuna que há cinco anos me persegue”⁴⁷⁷. Confiava que por meio de tal intercessão pudesse, enfim, ficar livre.

Mas porque a minha mofina é tal que, por mais males que eu espere, muito mais me soem vir, me vem a ser necessário *pôr a mira alta ao remédio*, a ver se posso ficar onde é como desejo.

A este fim tenho procurado a intercessão da Rainha Regente da França e do Cardeal Mazarino⁴⁷⁸.

Melo atesta que tal carta de intercessão era o remédio para sua mofina e seus males⁴⁷⁹. Tal carta declarava: “escrevemos esta carta a V. Magestade para lhe rogar, com

⁴⁷⁵ *Cartas Familiares*, 95.

⁴⁷⁶ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 185-293.

⁴⁷⁷ *Cartas Familiares*, 148, grifo nosso.

⁴⁷⁸ *Cartas Familiares*, 158, grifo nosso.

toda a afeição que nos he possível, lhe queira conceder a graça que lhe he necessária, para que elle [Snr. D. Francisco Manoel] não satisfaça tal condemnação”⁴⁸⁰. A única coisa que essa carta solicitava era a liberdade de Melo. Ao redirecionar tal carta ao Rei de Portugal, Melo diz ao seu correspondente: “*Todo o meu remédio e esperança* está nas mãos de N. e não pouco na direcção e patrocínio de V. M.”⁴⁸¹. Acreditava que sua liberdade viria por meio daquela carta, que representava então todo seu remédio e esperança. Aqui fica evidente que o remédio para o caráter psicológico do problema era a sua liberdade.

Contudo, Melo também admitia: “Senhora minha, mal ou bem, os seus males tem remédio, os meus não”⁴⁸². Com o tempo, Melo foi se desiludindo com a esperança de se tornar livre, “porque é juízo de homens, às vezes sem juízo”⁴⁸³. Seu remédio era a liberdade, mas isso não estava em suas mãos e sim nas de uma Justiça, humana e, portanto falha. De modo que é uma constante nas *Cartas Familiares* a oscilação entre um enérgico esforço dispensado pelo autor em medidas que pudessem auxiliá-lo no seu processo de liberdade e uma profunda desesperança. “Ou isto se quer acabar, ou eu; porque as opressões vão de monte a monte. Deus me ensine o vão, que eu estou fraco e cego”⁴⁸⁴. Com o tempo, esforços gastos e esperanças frustradas Melo vai acreditando cada vez menos na possibilidade de sua soltura. Se sente esgotado e desiludido. Confessa: “Todo ódio, toda a iniquidade, toda a violência, toda a maldição que cabe em homens, e homens maus, se armou contra mim, fraco, preso, abatido e indefeso; veja V. M. que igual batalha, ou que esperança, posso ter de vitória neste transe?”⁴⁸⁵.

À medida que seus esforços não produzem o resultado esperado, Melo percebe que embora sua mofina tenha um remédio, não conseguirá tomá-lo. Não poderá ver seu problema solucionado. Tal conclusão, de difícil aceitação, não paralisa nosso autor. “Meu desejo se não estende a mais que alcançar me mudem de prisão a prisão, e não dela para a liberdade”⁴⁸⁶. Se não podia ter a liberdade, ele se empenharia pra ficar mudando de prisão em prisão, até ficar em uma com melhores condições. E de modo sarcástico conclui:

⁴⁷⁹ A Rainha Regente da França que Melo se refere era Ana da Áustria, mãe do Rei Luís XIV, que nesta ocasião tinha 9/10 anos de idade.

⁴⁸⁰ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 226, 227.

⁴⁸¹ *Cartas Familiares*, 151, grifo nosso.

⁴⁸² *Cartas Familiares*, 553.

⁴⁸³ *Cartas Familiares*, 201.

⁴⁸⁴ *Cartas Familiares*, 258.

⁴⁸⁵ *Cartas Familiares*, 412.

⁴⁸⁶ *Cartas Familiares*, 359.

“ficarei aqui até que o eco da trombeta do Juízo Universal nos chame a todos”⁴⁸⁷. Até mesmo quanto ao seu desterro, que inicialmente era para as Índias, e depois para o Brasil, uma terra da qual nosso autor a princípio não era “afeiçoado”⁴⁸⁸ e por fim se tornou seu “grande alívio”⁴⁸⁹.

Depois de aceitar que havia um remédio para seu mal, mas não o alcançaria, qual foi a atitude de D. Francisco? Lamentar-se? Não. Melo mostra uma atitude de aceitação, não se trata de estar jubiloso com a situação, mas uma desesperança quanto à sua liberdade e, diante disso, um posicionamento de continuar apesar das adversidades. Não é ingênuo a ponto de acreditar que sua vida será prazerosa, ou que ao aceitar sua condição a dor que sentia desapareceria. Por isso, visto que não pode alcançar tal remédio, e que mesmo assim deveria continuar, elabora uma solução paliativa a fim de que consiga prosseguir. “Eu amo e busco juízos, não juízes”⁴⁹⁰. Não apreciava os juízos, a Justiça, visto que essa não resolveu seu problema, mas estimava e buscava juízos – palavras/attitudes de consolo, que o ajudassem a não cair na desesperação e a manter um ponto de vista equilibrado e realista das coisas. Na falta de remédio, buscou consolo.

Em que consistia esse consolo? O que poderia ajudar um homem sem esperança a continuar? D. Francisco elabora uma fórmula para esse alento. Vejamos, algumas coisas que forneciam refrigério a nosso autor:

Eu o fico lendo, com um firme conhecimento de que Nosso Senhor inspirou em V. P., neste tempo de tanta amargura minha, quisesse comunicar-mo para que nela tivesse outro melhor alívio que aqueles primeiros que V. P. tão benignamente me solicitou, e assi a passasse consolado [...] E o lerei de sorte como se só para mi fosse escrito⁴⁹¹.

Uma das formas que nosso autor utilizou para obter alívio foi se aplicar à leitura. Agradece a seu correspondente por ter escrito e lhe enviado um “livro espiritual”, quanto a este leu e releu de modo pessoal, como se estivesse sido escrito para ele, como se tal livro lhe fosse uma missiva pessoal. “Mas pois Deus, por sua bondade, houve por bem de sustentar este pobre edifício que se não arruinasse a ùa desesperação”⁴⁹². Novamente se compara a um pobre/velho edifício em ruínas que precisava de apoio pra se sustentar e não

⁴⁸⁷ *Cartas Familiares*, 412.

⁴⁸⁸ *Cartas Familiares*, 226.

⁴⁸⁹ *Cartas Familiares*, 412.

⁴⁹⁰ *Cartas Familiares*, 171.

⁴⁹¹ *Cartas Familiares*, 297.

⁴⁹² *idem*.

se desesperar, esse auxílio provinha da leitura e essa feita a partir de uma técnica específica: aplicando a matéria a si mesmo, como se a obra fosse uma carta e ele o destinatário dessa.

Outra forma de obter conforto era se empenhando à escrita. “Passo no meio de meus porfiosos trabalhos e vivo, não sei se mais neles, se por eles ou para eles”⁴⁹³. Melo focou-se nos seus trabalhos, principalmente na escrita de suas obras poéticas, históricas, hagiográficas e na troca de correspondências. Envolvia-se nelas para obter alívio de sua “penosa prisão”, tanto é que seus principais trabalhos e os que obtiveram maior destaque foram aqueles escritos durante o período em que permaneceu encarcerado. Todavia, a principal fonte de consolo para nosso autor derivava, certamente, de seu comércio epistolar. Ele sintetizava muito bem os meios encontrados para consolar-se. “Meu Senhor: Eu recebi a sua carta e com ela grande consolação e esperança, letra e nota, e, na minha alegria em tudo enxerguei bons sinais da desejada saúde de V. M.”⁴⁹⁴. Expressões como essa, em que Melo agradecia pelas missivas e deixava claro que elas lhe forneciam o consolo necessário para suportar os problemas com os quais lidava, são constantes nas *Cartas Familiares*.

Não temos acesso às cartas que D. Francisco recebera de seus correspondentes, mas por meio da carta-resposta que enviara podemos ter ideia do que foi dito para oferecer tal lenimento. “Lembre-se V. M. de mi, lastime-se embora, calante-me com suas razões”⁴⁹⁵. Em algumas ocasiões o autor recebia diretamente palavras fortalecedoras e de encorajamento. As cartas consolatórias eram um gênero bem comum de missivas. O próprio Melo divulgou na sua obra inúmeras dessas cartas, especialmente para oferecer consolo a quem estivesse doente ou houvesse perdido na morte alguém que estimasse.

Contudo, o conforto que essas cartas ofereciam para nosso autor ia além do conteúdo que possuíam. “V. M. me mande mui boas novas suas, que é a melhor munição para passar neste Castelo”⁴⁹⁶. Sua melhor munição, ou arma, para enfrentar tais problemas era receber novidades por meio das cartas, por isso pede, e é insistente nesse ponto: “Mande-me V. M. de socorro muito boas novas suas e do senhor N., que essa é munição da alma é com que eu me darei por muito satisfeito”⁴⁹⁷. As cartas que recebia chegavam-lhe

⁴⁹³ *Cartas Familiares*, 173.

⁴⁹⁴ *idem*.

⁴⁹⁵ *Cartas Familiares*, 245.

⁴⁹⁶ *Cartas Familiares*, 247.

⁴⁹⁷ *Cartas Familiares*, 366.

como respostas a um pedido de socorro. Por isso, eram constantes as cobranças de cartas do nosso autor a seus destinatários⁴⁹⁸. Receber as cartas em si, e poder dar continuidade a sua atividade epistolar, já era motivo suficiente para se sentir consolado. “Sempre as novas de V. M. me chegam a mui bom tempo ou me trazem o tempo bom”⁴⁹⁹. Também atesta que “A qualquer das palavras que V. S. pôr neste papel, que recebi ontem, é pouca paga ãa vida, por que cada ãa me deu ãa alma”⁵⁰⁰.

Indiferente ao conteúdo da mensagem, estar envolvido nessa atividade epistolar – lendo e escrevendo cartas, recebendo novidades, dando notícias – ajudava Melo a não se perder. “Agora si, que eu pudera de soberbo esquecer-me, vendo-me tão lembrado de V. M., que me acho com dous papéis seus”⁵⁰¹. Quando Melo estava perdido de si era por meio dessa atividade que se reencontrava. “Eu, pouco a pouco, vou perdendo o gosto de tudo. E já com este péssimo exercício tenho guerras apregoadas, e mando mais raramente um papel”⁵⁰². Em momentos de melancolia o autor se abalava a ponto de sequer ter forças para continuar escrevendo cartas e recebê-las de seus correspondentes era o que lhe fornecia consolo. Já que não pode “tomar” o remédio para seu sofrimento – a liberdade que curaria o aspecto psicológico da perda de si – podia, através das suas missivas, receber o lenimento necessário para continuar vivendo.

Esse aspecto das *Cartas Familiares*, essa atitude de Melo diante da vida – de procurar forças para prosseguir com a vida, ante a lamúria – é o que Carvalho⁵⁰³ denomina de aceitação da vida. Isso, contudo nos revela apenas uma parte superficial do problema. A perda de si é bem mais complexa e Melo, consciente disso, também pensa em um remédio bem mais consistente para que os homens possam enfrentá-lo.

Para entendermos melhor o que Melo concebia como remédio para o problema epistêmico, e que remédio era esse, é preciso compreender o que ele não era. Perante a confusão que existia para os autores ibéricos do período, inclusive para Melo, acerca de tudo o que envolvia a perda de si, devemos delimitar precisamente em que consiste o remédio para a natureza epistêmica do problema e para isso a negativa faz-se necessária.

⁴⁹⁸ Podemos observar alguns exemplos disso nas cartas 19, 22, 77, 79, 80, 89, 90, 92, 136, 229, 366, 395, 397, 555.

⁴⁹⁹ *Cartas Familiares*, 315.

⁵⁰⁰ *Cartas Familiares*, 331.

⁵⁰¹ *Cartas Familiares*, 166.

⁵⁰² *Cartas Familiares*, 90.

⁵⁰³ CARVALHO, José Adriano de. *Aspectos do desengano...*, op. cit.
_____. *Aspectos do desengano (II)...*, op. cit.

Primeiramente, tal remédio é distinto do remédio/consolo pensado por Melo para o aspecto psicológico da perda de si. Insistimos nessa diferença, pois a originalidade deste trabalho está justamente em perceber a natureza epistêmica do problema, o que abre novos rumos interpretativos para todo o pensamento de D. Francisco. “O remédio só está nas mãos de Deus; e eu lhe disse mereço tão pouco, que nem ousa a lho pedir”⁵⁰⁴. Essas palavras são escritas por nosso autor a um parente, informando-lhe das injustiças que sofrera. Para ele, o remédio era sua liberdade, no entanto acredita que apenas Deus poderia dar-lhe. “Eu já não procuro por remédio e me deixo por incurável”⁵⁰⁵. Sobre seu cárcere afirma que nem buscava mais o remédio, desistiu de alcançá-lo, e prossegue como se fosse um mal sem cura. “Temo tanto as mēzinhas como a enfermidade. Desacreditou em mi o tempo suas virtudes”⁵⁰⁶. Quando se tratava do seu problema na prisão, o autor temia tanto o remédio quanto a doença em si – tanto sua liberdade quanto sua prisão – pois ambas estavam nas mãos da Justiça dos homens, da qual não acreditava e chegava inclusive a repudiar. Nessas passagens evidencia-se que embora existisse um remédio para o aspecto psicológico, Melo já não o considerava.

“Lembra-me haver já lido que os Atenienses castigavam a todos os que davam conselho sem dar remédio. Eles faziam bem, porque, Senhor meu, de que me serve conselho sem remédio, senão de assanhar mais a dor com a desesperação?”⁵⁰⁷. Quanto ao aspecto psicológico do problema sabemos que Melo já não o buscava, mas se empenhava pelo alívio. Contudo, fala-nos aqui de um problema pelo qual o consolo não era suficiente e deveriam, portanto se empenhar pelo remédio, pela cura, e não com medidas paliativas. Desse modo, o remédio que o autor nos apresenta nas *Cartas Familiares* não se trata da solução para seus problemas pessoais, para a parte psicológica da perda de si.

Em segundo lugar, esse remédio não é um remédio para a dor da morte. As cartas aos enlutados representam um volume considerável na sua obra. E parece-nos ser uma preocupação do autor enviar uma carta consolatória nessas ocasiões. Porém, em uma dessas missivas afirma: “para que a dor se suporte com muito cristã paciência”⁵⁰⁸. O remédio que nos apresenta não poderia ser para tal dor porque a natureza dela já é a de ser uma dor suportável e, neste caso, não há necessidade de remédio.

⁵⁰⁴ *Cartas Familiares*, 130.

⁵⁰⁵ *Cartas Familiares*, 66.

⁵⁰⁶ *Cartas Familiares*, 329.

⁵⁰⁷ *Cartas Familiares*, 407.

⁵⁰⁸ *Cartas Familiares*, 216.

Por fim, tal remédio não é uma solução para os problemas cotidianos, uma fórmula para aprendermos a lidar com problemas costumeiros. “Se [o tempo] é remédio, apesar de todos, V. S. está remediado; mas este não é remédio, e assi convém buscar outro”⁵⁰⁹. O problema do qual o autor buscava o remédio não é daqueles que com o tempo se solucionam. Não são os problemas diários, que se resolvem por conta própria. Trata-se de um problema pelo qual os homens deveriam se empenhar na busca por uma solução, num esforço consciente, porque o remédio não apareceria de forma natural.

Dessa forma, o autor esperava “achar a tábua que me salve deste naufrágio”⁵¹⁰, encontrar o mapa que o ajudasse a navegar por esse “mar incógnito”⁵¹¹ e o remédio que auxiliasse os homens a viverem nesse mundo de incertezas e confusão, onde não (re)conheciam mais nem o mundo, nem a si mesmos e nem o lugar que ocupavam no mundo. “Já sabe que todas as mezinhas usa quem procura a saúde; e que a desgraça é como os mordidos de tarântula, cujo o remédio está em que lhe acertem com um som que tem proporção com aquele mal”⁵¹². Quem está doente precisa de remédio e se empenha em alcançar a saúde. Ora, diante do que explanamos até o momento, verificamos que a problemática principal da obra de Melo é a perda de si, cuja real natureza é o problema epistêmico. O remédio deveria ser proporcional à doença, conforme nos exemplifica com a mordida da tarântula.

Se o mal da sua época era a perda de si, qual deveria ser a mezinha proporcional a essa doença? “Pouco importa, Senhor, vencer os inimigos aquele que a si mesmo se não sabe vencer. Nem tem para que se prezar das vitórias dos outros *quem de si próprio a não alcança*”⁵¹³. Se a doença era a perda de si, pelo princípio da proporcionalidade a combateriam com a busca de si – deveriam alcançar a si mesmos. Devemos confessar que tal ideia é deveras vaga. O que é alcançar a “si próprio”? Na mesma epístola explica-nos: “Sabem todos quão grande vitória aquela é que V.S. de si mesmo vai alcançando, *conhecendo-se a si mesmo e ao mundo*”⁵¹⁴. O remédio é semelhante ao que indica para Marsílio: “Conocela [a Fortuna], conóce-te, y seas bueno”⁵¹⁵. A busca de si, o remédio para tal perda, tratava-se do (re)conhecimento de si e do mundo:

⁵⁰⁹ *Cartas Familiares*, 358.

⁵¹⁰ *Cartas Familiares*, 166.

⁵¹¹ *Cartas Familiares*, 101.

⁵¹² *Cartas Familiares*, 435.

⁵¹³ *Cartas Familiares*, 319, grifo nosso.

⁵¹⁴ *idem*.

⁵¹⁵ *Cartas Familiares*, 362.

construir uma nova imagem de homem, uma nova concepção de ser, que encontrasse lugar no mundo, e conhecer esse mesmo mundo ou pelo menos fornecer os instrumentos pelo quais o homem pudesse se lançar nesse movimento de descoberta.

Por ventura haverá alguém que possa levar o golpe da adversidade sem algum prêmio? Não por certo. [...] Como se fizera tolerável ao lavrador lidar um ano e muitos anos com a terra fria e estéril? [...] se não e por aquele prêmio que espera, por aquela esperança que o aconselha ao ouvido e o persuade a levar o peso de tal trabalho, porque enfim dará o fruto, honra e prêmio? [...] Oh! Senhor! por isto eu peço que não seja a mágoa somente mágoa. Apure-se a mágoa, e seja *escarmento, desengano, doutrina*. Se assi for, não contemos por mal a adversidade, por diligência, si, felicíssima⁵¹⁶.

Para Melo, todo esforço deveria resultar em um prêmio. Assim como o labutar de um camponês resultava numa colheita, igualmente, não “se merece o que se não sofre”⁵¹⁷ e o sofrimento que sentiam pela perda de si não poderia ser em vão. Ele também derivaria em um prêmio. E qual seria este? Deveriam transformar todo o “escarmento” e “desengano” em “doutrina”. A perda de si deveria resultar em uma doutrina, essa era o verdadeiro remédio para tal mal, era isso que estava envolvido na busca de si: a produção de uma doutrina – um conjunto de princípios que formassem um sistema a partir do qual o homem pudesse conhecer a si mesmo e ao mundo.

3.2 O Renascimento da Fênix⁵¹⁸: a mezinha ibérica para a perda de si

A perda de si não era uma situação suportável. O homem tem a necessidade de certezas para viver e se orientar na vida⁵¹⁹. De modo que surgiram reações à crise do século XVI, crise essa que analisamos no capítulo anterior. Koyré⁵²⁰ considera que já no final deste século surgiram respostas a essa crise. Pierre Charron na tentativa de oferecer uma resposta à incerteza da razão natural edificou a certeza sobrenatural da fé. Bacon encontrou na experiência o remédio para essa crise. Se não se pode confiar na razão, deve-se “travá-la

⁵¹⁶ *Cartas Familiares*, 411, grifo nosso.

⁵¹⁷ *idem*.

⁵¹⁸ Utilizamos aqui “Fênix” como uma referência a St. Agostinho, visto ser o próprio D. Francisco Manuel quem fez essa menção em uma hagiografia sobre este santo com o título *El Fenis de Africa* que publicou em duas partes nos anos de 1648 e 1649.

⁵¹⁹ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre...*, *op. cit.*, p. 28.

⁵²⁰ *ibidem*, p. 28-33.

com regras numerosas e precisas, trazê-la à força ao solo firme do uso empírico”⁵²¹. E, finalmente, a reação que o autor considerou ter realmente conseguido dar uma resposta satisfatória à crise: a resposta de Descartes baseada na certeza da razão, que garantiria o reencontro de si e mostrou o caminho para a certeza do conhecimento intelectual.

Ora, o que D. Francisco Manuel de Melo fez nas *Cartas Familiares* foi *apresentar* também uma resposta a essa crise. Não acreditamos que Melo tenha desenvolvido uma resposta original e de sua autoria ao problema. Suas epístolas não contêm o vigor filosófico e retórico necessário para tal empreendimento. Contudo, é possível captarmos nela como a Península Ibérica procurou lidar com esse problema e qual foi a solução pensada, e vivida, por essa sociedade. Um caminho que talvez não respondesse ao problema com a mesma veemência e originalidade que Descartes. Mas foi uma resposta que orientou o agir e o viver dos homens ibéricos, e, nesse sentido, foi uma resposta bem-sucedida à medida que ofereceu-lhes certezas que os permitiram superar, ou pelo menos atravessar, a referida crise.

A resposta apresentada por Melo – o remédio ou mezinha para a natureza epistêmica da perda de si – baseava-se num retorno a Agostinho de Hipona (354 - 430), cujo pensamento é caracterizado pela síntese que realizara entre a fé cristã e a razão, especialmente através do pensamento (neo)platônico. A tentativa dos ibéricos de encontrarem um caminho seguro para a “busca de si” – conhecerem a si mesmos e ao mundo – fundamentava-se em uma concepção agostiniana sobre o conhecimento e a verdade. Analisemos, então, como St. Agostinho entende o processo pelo qual os homens conhecem as coisas.

No primeiro momento dessa busca, Agostinho pergunta a terra, mar, abismos, répteis, ao ar, céu, Lua, Sol, estrelas: “Quem é Deus?”⁵²², mas todos eles respondem que não o eram. Agostinho então solicita: “dizei-me, ao menos, alguma coisa d’Ele”. E responderam: “Foi Ele quem nos criou”.

Em seguida, o bispo volta-se para si e questiona-se: “E tu, quem és?” “Um homem”⁵²³. Ora, ele possuindo um corpo e uma alma, a qual desses deveria perguntar por Deus? Já havia procurado com o corpo – através dos sentidos, quando questionou o céu, a terra e o ar – e só descobriu através deles a criação. Assim, questiona sua parte interior,

⁵²¹ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre...*, *op. cit.*, p. 30.

⁵²² AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, Coleção Os Pensadores, p. 213.

⁵²³ *ibidem*, p. 214.

“que é a melhor”⁵²⁴, pois na verdade as informações obtidas pelos sentidos foram direcionadas à alma, e é nela que a razão julga a percepção sensorial como um juiz. “O homem *interior* conheceu esta verdade pelo ministério do homem *exterior*. Ora, eu, homem interior – alma –, eu a conheci-a também pelos sentidos do corpo”⁵²⁵. Assim, ao perguntar à sua alma por Deus, ela igualmente lhe informou que também fora criada por Ele.

Desse modo, sua *vontade* de conhecer a Deus o levou à sua alma, e nela à sua *razão*, e essa passa a questionar as coisas e a si mesma acerca de Deus, de modo que a razão precede a *fé*. Mas Agostinho deveria ir além, encontrara apenas a criação e desejava encontrar o Criador. Considerava que o homem vivia na ignorância, mas que era possível conhecer algumas coisas sobre Deus mediante uma *revelação divina*. Citando⁵²⁶ 1 Coríntios 13:12⁵²⁷ mostra, que não se pode ver as coisas diretamente, mas através de um espelho, então ao aprender sobre Deus era como se olhasse em um espelho e pudesse assim se ver, aprender sobre si mesmo.

Confessarei, pois, o que sei de mim, e confessarei também o que de mim ignoro, pois o que sei de mi, só sei porque Vós me iluminais; e o que ignoro, ignorá-lo-ei somente enquanto as minhas trevas se não transformarem em meio-dia, na vossa presença⁵²⁸.

O homem, por meio da sua *razão*, procura por Deus e não o encontra. Mediante essa busca, Deus se revela ao homem – e aqui o homem conhece as coisas por meio da *fé*. Aprendendo sobre Deus, o homem pode conhecer a si mesmo e o mundo, pois a criação é um reflexo do Criador. Desse modo, o homem se lança ao mundo exterior em busca desse conhecimento. Os sentidos transmitem à alma, à *razão*, a percepção do mundo. No entanto, a alma humana reside no corpo que é tão mutável quanto à percepção sensível, de modo que tal mutabilidade “contaminaria” também a *razão*, havendo, desta maneira, a necessidade de uma intervenção divina que iluminaria a *razão* para que essa viesse a chegar ao conhecimento perfeito, verdadeiro. Mediante este processo, o homem poderia alcançar por, intermédio da *razão*, o conhecimento acerca de si mesmo, do mundo e de Deus – de modo que o conhecimento de Deus poder-se-ia também ser adquirido pela

⁵²⁴ AGOSTINHO, Santo. *Confissões...*, *op. cit.*, p. 214.

⁵²⁵ *idem*.

⁵²⁶ *ibidem*, p. 212.

⁵²⁷ “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido”.

⁵²⁸ AGOSTINHO, Santo. *Confissões...*, *op. cit.*, p. 212.

razão, sendo esta igualmente uma consequência da própria fé. “É necessário compreender para crer e crer para compreender (“*Intellige ut credas, crede ut intelligas*”)⁵²⁹.

Vejamos agora como o pensamento ibérico se apropria desse esquema e como Melo nos apresenta o sistema pelo qual o homem seria capaz de sair do erro e encontrar a si mesmo e o mundo.

De modo geral, a ideia que está presente nas *Cartas Familiares* é a de que o homem conhece as coisas por meio da percepção sensível e caminha, inexoravelmente, para o erro. Mas pode-se encontrar a verdade, e aqui está o remédio para perda de si. O homem deveria utilizar-se da razão para realizar um julgamento correto das coisas, mas isso ainda não os conduziria ao acerto, embora fosse fundamental. Somente por meio de uma intervenção divina junto à razão é que o homem teria condições de alcançar o conhecimento verdadeiro e em consequência disso poderia se orientar na vida e ser feliz.

Eu desejo caminhar por esta estrada [da ciência e da prudência], e se por ventura não achar por ela a razão, de quem sou tão amarelado que estimo pela melhor sentença do Sêneca aquela malícia com quem ele declara <<que os príncipes a aborrecem porque é a cousa mais poderosa que eles na Terra>>⁵³⁰.

Melo buscava a razão, era afeiçoado a ela. Esse era o caminho para o conhecimento que julgava o mais correto e que, portanto desejava trilhar. Assim como Sêneca, tinha a razão como a coisa mais poderosa que havia na Terra. Na mesma epístola prossegue nos informando a respeito de como percorria o caminho para o conhecimento:

E sobe que já fui censurado de esquisito, ainda me não arrependo de entender por meu entendimento e não pelos alheos; porque esta diferença vai das cousas que se devem saber pela fé ou pelo entendimento: aquelas só se devem crer sem procurar entendê-las; estas entender-se sem nos contentarmos de que somente sejam cridas. Não é tão pouco nobre parte de nossa alma o juízo, para que o tenhamos ocioso. Ele nasceu para mandar e não para ser mandado⁵³¹.

O conhecimento seria alcançado primeiramente através dos sentidos, mas não enquanto dados puros da realidade, já que por si só não eram capazes de mostrar as

⁵²⁹ PESSANHA, José Américo Motta. Vida e Obra. In: AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 18.

⁵³⁰ *Cartas Familiares*, 185.

⁵³¹ *idem*.

certezas do mundo exterior. A percepção sensível deveria ser analisada pela razão, e desse modo Melo poderia “entender pelo meu entendimento”.

O autor também nos mostra que existem dois tipos de conhecimento: um que se deveria entender e outro que era crido. Havia um conhecimento que era fruto da *fé* e outro que era adquirido pela *razão*, o último, consequência de um processo de entendimento. E para tal a alma era dotada de *juízo*, a fim de poder discernir os dados adquiridos pela percepção sensível – esse é o empreendimento da razão. De modo que para se garantir um conhecimento menos propício ao erro, a razão não poderia ser ociosa, deveria guiar e mandar no pensamento humano. “Parece que não faz muito quem troca um haver incerto por dous tesouros infalíveis: ciência e santidade”⁵³². A ciência, o conhecimento que o homem atinge através da razão, e a santidade, o conhecimento adquirido pela fé, são como dois “tesouros infalíveis”, pois por meio deles o homem poderia encontrar o conhecimento verdadeiro. Santo Agostinho, como já consideramos, apresenta também essas duas formas de obter conhecimento: fé e razão.

Há uma carta extremamente profícua para compreendermos melhor o caminho que o homem deveria fazer para se alcançar o conhecimento, tal carta foi também publicada no *El Mayor Pequeño* (1647), uma hagiografia de São Francisco de Assis escrita por D. Francisco Manuel. Prosseguimos com um fragmento desta missiva:

Desvelou-se a filosofia dos antigos por nos *dar a conhecer o que seja o mundo*. Antes esse conhecimento é sem dúvida a própria *filosofia*, porque de duas partes em que ela se divide, Natural e Moral, ambas concorrem a este só benefício.

[...] Feridos desta dor [de vivermos perdidos no mundo], os primeiros sábios começaram a dibuxar cartas e roteiros que nos deixassem para sempre; nos quais, declarando a diferença das condições do mundo, nos mostrassem a variedade dos perigos deste mar e a multidão dos riscos deste deserto. Mas já era tal a cegueira com que os avaliava o apetite que, não bastando aos brados dos prudentes, foi tão contumaz a malícia, que nos induziu a experimentar os danos de aquele primeiro engano.

[...] Padeceu esta falta na virtude persuasiva a antiga filosofia, porque lhe faltava então o maior elemento do entender qual é a primeira verdade: pelo que, assi como cega, andou por todos os tempos apalpando uns e outros desenganos sem que lhe fosse mostrado o verdadeiro. Pois sendo o *Criador e a Criatura aquelas dous distantíssemos termos que entre si compreendem o ser de todas as cousas*, em vão trabalha por alcançar notícia das obras quem ignora o Autor delas. Mas depois que a Divina Omnipotência houve por bem de *acender sobre nós o lume de sua palavra, logo altamente alumizados os homens*, não só grandes e sábios

⁵³² *Cartas Familiares*, 535.

mas os humildes e inorantes, tiveram vista para conhecer o mais necessário dos escondidos segredos.

Neste estado saiu sobre a terra aquele grande conhecedor de sua valia, S. Francisco, vosso e meu gloriosíssimo Patriarca; o qual, entre todos os nascidos parece foi o que melhor soube *ajuntar as observações dos filósofos com as verdades dos fiéis*; [...] *Passou tanto adiante no conhecimento de si e do mundo* que, assi como nos meios de filosofar, os venceu nos fins de tão profunda Filosofia, *acrecentando às virtudes* (em que também foi maior) aquela incomparável ventagem de adorar e conhecer a verdade de Deus, que os filósofos não acertaram em descobrir⁵³³.

Assim como para o Bispo de Hipona, Melo acreditava que o homem vivia na ignorância e, portanto no erro. Essa situação é dolorosa e daí a necessidade dos homens de procurarem meios para fugirem do engano e encontrarem a verdade. E aqui Melo lança a metáfora do navegante no mar incógnito ou do homem no deserto para ilustrar como é a condição dos homens no mundo. Desse modo, os antigos começaram a desenvolver a filosofia que é um “conhecimento” cujo objetivo é “dar a conhecer o que seja o mundo”. Era propriedade da filosofia servir como “cartas e roteiros” – mapas para os navegantes desse mar, orientação para os homens no mundo. De maneira semelhante, St. Agostinho afirmava que “o homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade”⁵³⁴.

Esta “antiga filosofia” – ou como afirmara em outra passagem da mesma carta, essa “humana filosofia” – era originada da percepção sensível e mesmo que processada pela razão essa filosofia era “cega”, conduzia os homens ao “engano” e não era capaz de mostrar o que era verdadeiro. Ora, mas por que não se alcançava o conhecimento perfeito se essa filosofia era fruto da razão? Porque ela ignorava o “maior elemento do entender”, o “Criador”. Ao ignorarem o “Autor” de todas as coisas do mundo, tal conhecimento nunca alcançaria a verdade, pois embora tão distantes “*Criador e Creatura* [...] entre si compreendem *o ser* [a essência] de todas as cousas” – o conhecimento acerca de Deus, dos homens e do mundo se entrelaçavam. Ou como bem lembrado por St. Agostinho, referindo-se às palavras do apóstolo Paulo, “vemos como por um espelho”⁵³⁵.

Mas é neste ponto que o retorno a St. Agostinho se faz evidente. Para os homens alcançarem o conhecimento verdadeiro, era imprescindível que a “Divina Omnipotência” ascendesse sobre os homens o lume de sua palavra e, assim, se tornassem “altamente alumiados”. Apenas por meio dessa interferência divina, através do

⁵³³ *Cartas Familiares*, 101, grifo nosso.

⁵³⁴ AGOSTINHO, *apud*, PESSANHA, José Américo Motta. *Vida e Obra... op. cit.*, p. 16, 17.

⁵³⁵ AGOSTINHO, Santo. *Confissões...*, *op. cit.*, p. 212.

conhecimento que os homens viessem a obter pela Revelação, é que se alcançaria a verdade. Ora, que é isso senão a doutrina agostiniana da iluminação divina? Nas palavras já citadas do bispo: “pois, o que sei de mim, só o sei porque Vós me iluminais”⁵³⁶. Não se trata aqui que Melo atestasse que o conhecimento adquirido através das Sagradas Escrituras fosse uma verdade revelada e incontestável, embora, para ele, de fato o fosse. Mas, além disso, Melo nos informa da necessidade de uma intervenção divina junto à razão humana para que essa pudesse alcançar o conhecimento perfeito, para tirar o homem do erro e conduzi-lo à verdade.

Se nosso juízo bastara para tudo que basta, bem aventurados homens. Essa e a pedra, perder ele a dignidade ou a virtude. Crea V. M. que por só entendimento ninguém é bastante a vencer-se. Necessitamos de ãa sobrenatural luz que os mais não merecemos [...] Estas são conclusões universais que eu rudamente tiro dos meus sucessos⁵³⁷.

O juízo feito pela razão da percepção sensível é fundamental, mas ele sozinho não é capaz de conduzir os homens ao verdadeiro entendimento. Necessitariam de uma “sobrenatural luz”, que embora não a merecesse Deus a cedia, para que pudessem “vencer-se”. Da mesma forma que para Agostinho “existiria uma luz eterna da razão que procede de Deus e atuaria a todo o momento, possibilitando o conhecimento das verdades eternas”⁵³⁸. Eis aqui a certeza do conhecimento – o remédio da perda de si! Dessa forma os ibéricos acreditavam poder vencer esta crise e sentiam-se seguros para buscarem o conhecimento acerca de si e do mundo.

Nesse sentido, um exemplo de como os homens poderiam conhecer a si mesmos e o mundo foi S. Francisco de Assis. Ao “ajuntar as observações dos filósofos com as verdades dos fiéis” e “acrecendo às virtudes” S. Francisco conseguiu alcançar a verdadeira filosofia, e acertou onde “os filósofos não acertaram em descobrir”. E aqui vemos a originalidade do pensamento ibérico frente ao agostiniano. Não se trata apenas de uma cópia. Há uma apropriação, mas existe também uma novidade. Para alcançar esse conhecimento verdadeiro eram necessários mais dois elementos junto à razão, além da “sobrenatural luz”: as “observações dos filósofos” (a tradição) e as “virtudes”.

O sucesso de S. Francisco é creditado tanto pelo uso do conhecimento revelado quanto da filosofia. Essa filosofia é chamada no início da missiva de “filosofia dos

⁵³⁶ AGOSTINHO, Santo. *Confissões...*, *op. cit.*, p. 212.

⁵³⁷ *Cartas Familiares*, 244.

⁵³⁸ PESSANHA, José Américo Motta. *Vida e Obra...* *op. cit.*, p. 21.

antigos”, cujo objetivo era dar a conhecer o mundo e desse modo se transformava na “própria filosofia”, ou seja, consolidava-se sob a forma de tradição. Embora ela fosse cabível de erro, fornecia um acúmulo de experiências que os ibéricos julgavam úteis ao juízo da razão – e por isso, não abriram mão dela. Diferentemente de Descartes, que julgou necessário abrir mão de tudo o que conhecia para encontrar a certeza do conhecimento⁵³⁹, Melo não *reconstrói*, mas *reforma* o edifício do conhecimento. Para melhor compreendermos essa novidade, faremos uma digressão ao processo pelo qual Melo acreditava poder alcançar a certeza do conhecimento.

A base do conhecimento em Melo era a percepção sensível: “<<rejo-me pelos meus sentidos>>, como aconselha aquele discreto”⁵⁴⁰. A partir dos dados sensitivos o homem, por meio da razão, produziria conhecimento. “Assi ninguém se espante que os sentimentos de homem se subam sobolas considerações de filósofo”⁵⁴¹. Os sentimentos de homem – o que os homens podem sentir pelos sentidos (visão, tato, paladar...) e os próprios sentimentos (amor, alegria...) – são a matéria prima para a razão produzir “considerações de filósofos” – conhecimento.

De aquelas três faculdades que deu a Providência a alma do homem: vegetativa, sensitiva e racional – a faculdade sensitiva não negou a quase todo número das cousas criadas. Donde é de notar que, quanto as fez mais capazes de sentimento, tanto lhe deu maior grau de nobreza.
[...] Sentimento e entendimento tanto se parecem, que todos aqueles a quem Deus tirou o entendimento, lhes deu em seu lugar o sentimento, como mostrando que só o sentir enche o lugar do entender.
[...] Senhor o erro não está no que sentimos, senão no que erramos o sentimento. [...] porque se, como sensitivos, nos desobrigamos de sentir, como racionais somos obrigados a temperar o sentimento⁵⁴².

O autor considera que a alma humana é constituída por três faculdades: a vegetativa, a sensitiva e a racional. Essa é uma concepção aristotélica retomada por Tomás de Aquino⁵⁴³, em que a primeira faculdade está ligada às necessidades do corpo, como se alimentar; a segunda, relacionada aos sentidos, é a operação da alma ligada aos órgãos sensitivos e ao mundo exterior; e a terceira envolve a atividade intelectual, o pensamento, este ocorre por intermédio da razão, na alma, sem a necessidade de estar ligada a qualquer

⁵³⁹ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, op. cit., p. 44, 45.

⁵⁴⁰ *Cartas Familiares*, 542.

⁵⁴¹ *Cartas Familiares*, 126.

⁵⁴² *Cartas Familiares*, 411.

⁵⁴³ AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Questão 78, Artigo 1.

órgão corporal, e é, portanto, superior, visto que havia uma preferência à alma que ao corpo. Desse modo, para Melo, os sentidos e os sentimentos⁵⁴⁴ constituem uma forma importante dos homens alcançarem o conhecimento das coisas.

A faculdade sensitiva foi dada por Deus, e está presente em todos os seres humanos, mesmo naqueles que não possuem a faculdade racional, porque ela também produz conhecimento, ela inclusive, pode ocupar o “lugar do entender”, pois é capaz de produzir certo conhecimento. Contudo, existe a necessidade dessa faculdade ser ponderada pela razão. Razão é justamente a capacidade de pensar para produzir conhecimento, e por meio do juízo avaliar o que o corpo captou do mundo exterior pelos sentidos. Ou segundo uma concepção agostiniana: “razão – juiz que julga o que os sentidos lhe anunciam”⁵⁴⁵.

Ora, a crise do século XVI colocou em cheque justamente todo esse conhecimento produzido por meio dos sentidos. Nesse caso, Melo faz uma defesa agostiniana do conhecimento sensitivo, identificando o erro não no sentido em si, mas na razão. “O erro – diz ele [Agostinho] – provém dos juízos que se fazem sobre as sensações e não delas próprias. A sensação enquanto tal jamais falha. Falso é querer ver nela a expressão de uma verdade externa ao próprio sujeito”⁵⁴⁶. Só se alcançaria a verdade mediante a razão, contudo existe a necessidade de “temperar” o sentimento com a razão. Mas não qualquer razão, não bastava simplesmente passar os sentidos pelo “filtro” da razão, pois ela também era passível de erro.

“Porém como nossa natureza, já do antigo avoengo, seja rebelde a toda a autoridade, bebendo sempre como à força aquele saudável, bem que amargoso, licor do desengano”⁵⁴⁷. Em D. Francisco Manuel o erro do qual a razão está vulnerável é intrínseco aos homens, pertence à natureza humana⁵⁴⁸. Os homens são tomados, mesmo que a força, pelo desengano. Para Santo Agostinho, “o fato de ser o homem tão mutável quanto as

⁵⁴⁴ Os sentimentos, as sensibilidades são a interpretação primeira que o pensamento dá à experiência sensível, estando mais próximos dos sentidos do que da razão. Segundo Pesavento “as sensibilidades correspondem também às manifestações do pensamento ou do espírito, pela qual aquela relação originária é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis e contínuos. Esta seria a faceta mediante a qual as sensações transformam-se em sentimentos, afetos, estados da alma. Ou, em outras palavras, esse seria o momento da percepção, quando os dados da impressão sensorial seriam ordenados e postos em relação com outras experiências e lembranças do “arquivo de memória” que cada um traz consigo” – Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cultura e Representações, uma trajetória. Anos 90 - Revista*. Porto Alegre, v. 3, n. 23/24, p.45-58, 2006, p. 51.

⁵⁴⁵ AGOSTINHO, Santo. *Confissões...*, *op. cit.*, p. 214.

⁵⁴⁶ PESSANHA, José Américo Motta. *Vida e Obra...* *op. cit.*, p. 20.

⁵⁴⁷ *Cartas Familiares*, 319.

⁵⁴⁸ Cf. com a nota 207 desta dissertação.

coisas dadas à percepção” é o que explica o fato da razão errar⁵⁴⁹. Assim, em ambos há uma natureza humana que faz com que a razão se engane.

Em Melo, existe um fator adicional e muito relevante. Além dessa natureza propícia ao erro, os homens encontravam-se totalmente envolvidos em dor e sofrimento – a perda de si – e tal circunstância os induziria ainda mais ao erro. “¿ Sí al dolor niegas la experiencia que fe darás a la enseñanza?”⁵⁵⁰. Como no caso do céptico Marsílio, a dor poderia fazer com que a pessoa negasse a experiência, fruto do conhecimento sensível, e por fim desacreditasse em todo o conhecimento. Isso aconteceria porque a dor perturba a razão: “mas não sou eu o primeiro a quem a dor se revelou contra a razão. O entendimento tem suas batalhas e os mesmos sucessos. Soe às vezes, em se vendo atado, acompanhar diante o carro do vencedor”⁵⁵¹. Dor e razão batalham entre si, e às vezes a dor domina a razão, neste caso ela seria incapaz de conduzir os homens a um conhecimento certo.

“E, suposto que um espírito afligido está incapaz de todo o bom discurso (pois assim como o furor ministra as armas, a dor entorpece o entendimento)”⁵⁵². O espírito afligido não alcança a verdade, pois a dor paralisa e enfraquece a razão, de modo que o entendimento fica deficiente. “Nesta maneira de vida, poucos acertos se podem esperar de aquela que a padece. Vem aqui os preceitos da filosofia”⁵⁵³. Aquela vida onde o homem se encontrava numa arena contra o mundo, cheia de “achques, aflições, misérias, tudo junto fazem ãa ruim composição de humor”⁵⁵⁴, provocavam um espírito afligido e “poucos acertos podem esperar” de uma razão assim.

“O juízo com ais ainda não, porque tudo fica, como já disse, embaraçado da raiva e do sobressalto”⁵⁵⁵. Um juízo com “ais” fica perturbado e impedido de alcançar à verdade. Por isso Melo tinha a convicção que quando estava sofrendo e mesmo assim oferecia um conselho, este era ruim, pois conduziria o aconselhado ao erro: “em que hei de força errar, porque falo com dor e com paixão”⁵⁵⁶.

Contudo, mesmo diante dessas circunstâncias, o conhecimento deveria ser mediado pela razão: “aquele [juízo] que é guiado do amor, ainda que por cego é guiado,

⁵⁴⁹ PESSANHA, José Américo Motta. *Vida e Obra... op. cit.*, p. 19.

⁵⁵⁰ *Cartas Familiares*, 562.

⁵⁵¹ *Cartas Familiares*, 244.

⁵⁵² *Cartas Familiares*, 168.

⁵⁵³ *Cartas Familiares*, 201.

⁵⁵⁴ *Cartas Familiares*, 191.

⁵⁵⁵ *Cartas Familiares*, 358.

⁵⁵⁶ *idem*.

nem por isso deixa de ser o que melhor acerta”⁵⁵⁷. Melo já dizia que o “amor é cego”⁵⁵⁸, mesmo assim era melhor ter um cego guiando a razão, do que não usá-la. Apesar dessas condições – dor e natureza humana – a razão deveria ser utilizada mesmo que ela, em tais circunstâncias, dificilmente alcançasse a certeza do conhecimento, pois caminhava em direção ao erro. “Tendo sempre grande lástima de que até dos céus e das estrelas queiramos conhecer os secretos que nos negam, e ignoremos de nós mesmos os desenganos que nos oferecemos”⁵⁵⁹. O homem se encontrava perdido, ignorava até mesmo o quanto estava oportuno ao engano. Desconhecia a si mesmo, sua própria condição favorável ao erro, e mesmo assim queria conhecer o mundo.

Diante desse quadro, o que fazer? Desistir de encontrar a certeza do conhecimento, assim como fizera Montaigne⁵⁶⁰? Não! “E buscar a ciência é achá-la. Reconheço o que não conhecia. Foi venturosa minha ignorância, e não é a primeira”⁵⁶¹. A ignorância do homem foi de proveito, e, provavelmente, ainda erraria mais, todavia isso não significava que jamais encontraria o conhecimento verdadeiro. Essa certeza do encontro com o conhecimento foi apresentada por St. Agostinho e apropriada por Melo, ambos reconheciam o que não conheciam.

Agostinho aproxima-se da doutrina platônica segundo o qual todo conhecimento é reminiscência. [...] Agostinho afasta-se, porém, de Platão ao entender a percepção do inteligível na alma não como descoberta de um conteúdo passado, mas como irradiação divina no presente. A alma não passaria por uma existência anterior, na qual contempla as ideias: ao contrário, existiria uma luz eterna da razão que procede de Deus e atuaria a todo momento, possibilitando o conhecimento das verdades eternas⁵⁶².

Já que “Tudo está em que não possamos pegar com as mãos no pensamento e levá-lo à força onde a razão pede”⁵⁶³, se a razão não consegue sozinha controlar o pensamento, por estar invadida pela dor e por existir uma natureza humana que freie a razão, os homens podem contar com a iluminação divina junto à razão para ajudá-la nessa busca pelas verdades eternas. O “juízo, livre da dor ou do alvoroço, sobe outro tanto”⁵⁶⁴ –

⁵⁵⁷ *Cartas Familiares*, 189.

⁵⁵⁸ *Cartas Familiares*, 26.

⁵⁵⁹ *Cartas Familiares*, 145.

⁵⁶⁰ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, p. 28.

⁵⁶¹ *Cartas Familiares*, 185.

⁵⁶² PESSANHA, José Américo Motta. *Vida e Obra...* *op. cit.*, p. 21.

⁵⁶³ *Cartas Familiares*, 277.

⁵⁶⁴ *Cartas Familiares*, 33.

mas não existia nos tempos de nosso autor um juízo livre dessa dor –, então, deveriam contar com a iluminação divina para reconhecerem o que não conheciam.

Não é meu ânimo disputar do melhor e mais certo modo de vida boa. Entendo que o bom o será por todos os caminhos; e que só aquele é o certo e seguro por onde Deus nos chama. O que o santo e Rei Profeta de modo alcançou, que inumeráveis vezes fazia a Deus (por diferentes palavras) aquela mesma petição do Salmo 142. v. 8: Daí-me, Senhor, a conhecer aquele caminho por onde vá minha alma direita a vós⁵⁶⁵.

Deus revelaria aos homens o caminho que deveriam seguir. Não ficariam perdidos, pois a Providência guia os homens e tiram deles o caminho do erro. Era necessário crer nisso. Mas, similarmente ao pensamento agostiniano, ocorria um duplo movimento da razão. Primeiro é por meio da razão que Melo entende que deveria buscar a Deus – a razão antecede a fé. Por meio da fé, da “sobrenatural luz”, o homem passa a conhecer e a entender Deus e, a partir daí, pode entender as coisas da fé pela razão.

[...] é bastante mezinha qualquer leitura das profanas histórias ou fábulas, quanto devemos esperar de ensino e de alegria destroutras razões e palavras, que a Fé nos assegura serem ditadas pelo entendimento de Deus! Desvelam-se os homens por ler as obras de um grande filósofo, político, orador, ou poeta, sem que as hajam visto, só pela opinião que neles tem seus autores. Que será, e que não é bem que seja, por ver, por estudar os livros compostos do Espírito Santo, que foi o inefável Oráculo que influi nos Santos Profetas?⁵⁶⁶.

Primeiramente, a razão buscava Deus e por meio da fé chegava às Sagradas Escrituras. A partir daí a fé produziria entendimento – a razão aqui já aparece enquanto consequência da fé – e não apenas entendimento das coisas da fé, mas ia-se “desvelar os homens”. Assim como as obras da “humana filosofia” procuravam entender o homem, a razão iluminada por Deus alcançaria tal objetivo e ainda com maior sucesso. Era necessário entender para crer e crer para entender. A relação entre razão e fé era intrínseca e uma corroboraria com a outra, mas o que garantiria que de fato o homem alcançasse a certeza do conhecimento, quer das coisas cridas quer das entendidas, era uma intervenção divina junto ao homem. Esse fator essencial do pensamento agostiniano também se faz presente no de Melo.

⁵⁶⁵ *Cartas Familiares*, 319.

⁵⁶⁶ *Cartas Familiares*, 319.

Nas cartas 101 e 319 analisadas anteriormente, podemos perceber que por intermédio dessa iluminação divina a razão humana poderia encontrar a verdade não apenas de Deus, mas também do ser e do mundo. Ora, os contemporâneos de Melo não seriam os primeiros a receberem a “sobrenatural luz”, de modo que ao longo da história já havia um vasto conhecimento verdadeiro que o homem havia alcançado através dessa iluminação e que poderia, ou melhor, deveria, ser utilizado: a experiência e a tradição.

O conhecimento adquirido pela experiência cotidiana era prático e servia de orientação. Trata-se do que entendemos por “experiência de vida”, a simples observação dos fatos ordinários e pessoais, que também são fruto da percepção sensível, e que possuía grande valor no pensamento de Melo. É importante ressaltar que o autor tinha grande interesse pela cultura popular, chegando a pesquisar e escrever um livro⁵⁶⁷ sobre o assunto, sendo publicado postumamente, contendo coletâneas de provérbios, ditados e expressões populares de seu tempo. Nas próprias *Cartas Familiares* essas expressões são frequentemente utilizadas e postas com a mesma autoridade de um pensamento da filosofia clássica ou cristã⁵⁶⁸. Como a perda de si possui uma natureza epistêmica, que envolve uma incerteza acerca do que o homem conhecia e do que poderia conhecer, o uso dessa experiência pode parecer bem ingênua, mas provém de uma constatação ordinária: a experiência por ter partido de um conhecimento posto em prova, já testado, pode evidenciar o que seria um conhecimento correto ou errado. Dessa forma, os ibéricos acreditavam que mesmo por caminhar por entre erros e acertos a experiência também era uma fonte de orientação válida aos homens.

Na carta 226 em um comentário acerca do temor que os homens tinham do mar, Melo aconselha seu destinatário a ter o mar por “amigo fidelíssimo”, não por esse não ser perigoso, mas porque deveriam ter a fé e a “experiência por doutrina”. O autor tinha conhecimento de causa, experiência, pois na condição de soldado de armadas marítimas participara de algumas expedições militares no mar. Orientava-se destemidamente através da experiência, e aconselhava outros a seguirem por esse caminho. “Devemos ir seguindo aquele farol que nos forem mostrando. Mas com tal que seja antes o dos feitos, que não dos ditos”⁵⁶⁹. O conhecimento cuja veracidade é dada pela prática, pelos feitos, deveria guiar os homens, assim como um farol ilumina o caminho de uma embarcação no mar, seu valor é

⁵⁶⁷ MELO, Francisco Manuel de. *Feira dos Anexins*. Lisboa: Editor 50, 1875.

⁵⁶⁸ As seguintes cartas são alguns exemplos do uso de provérbios populares pelo autor: 114, 131, 154, 159, 193, 244, 300, 301, 307, 328, 381, 406, 479, 491.

⁵⁶⁹ *Cartas Familiares*, 250.

legítimo. Melo, em uma carta consolatória,⁵⁷⁰ afirma que diante da situação de luto na qual se encontrava seu destinatário ele produzia “regras” para que pudesse tirar proveito daquela circunstância a ponto de produzir um “remédio” que pudesse “alumiar minhas trevas e advertir meus desconcertos”, ou seja, através daquela experiência ele buscaria regras, orientação para a vida.

“Tristes de esses a quem a idade só serve de peso e não de doutrina, porque a estes, dá-lhes a dor e tira-lhes a experiência”⁵⁷¹. Essa experiência deveria se transformar em doutrina, a experiência tomada como dado sensível junto à razão iluminada deveria produzir considerações filosóficas – conhecimento – as quais resultariam em um remédio de grande valor: “É meia mèzinha curarmo-nos com os médicos de reputação, e quase toda usar dos remédios de experiência”⁵⁷².

Toda essa experiência dada como certa passaria a produzir uma tradição, da qual Melo era muito afeiçoado: “porque os grandes mestres nunca envelhecem, claro está, se nunca morrem as grandes obras”⁵⁷³. As produções dos pensadores eminentes, o vasto conhecimento já produzido pelo homem e que resistira ao tempo, por ter sido experimentado, e dessa forma mostrou-se válido, era uma rica fonte de orientação para os homens. Por isso, nosso autor afirmava: “Quem pergunta a quem sabe mais que ele, quer saber mais. [...] Não é obstinada; mas ainda tem que duvidar, por ter mais que aprender”⁵⁷⁴. Os homens deveriam perguntar, a fim de obterem um guia seguro, a quem sabia mais que eles, as fontes dessa tradição, pois essa sempre seria fonte de conhecimento, poderiam sempre aprender com os grandes mestres.

Mas quem seriam esses mestres para Melo? Santo Agostinho? São Francisco? Certamente, e por isso mesmo D. Francisco Manuel escreveu e publicou a respeito da vida e do pensamento desses santos⁵⁷⁵. Todavia, o caminho da tradição produziu um vasto conhecimento que o autor julgara seguro. De modo geral, aconselhou a Marsílio: “Óyelo a los filósofos, escúchalo a los Santos, ya que descrees a la Naturaleza”⁵⁷⁶. Se o cético duvidava das coisas e já não acreditava mais na Natureza, deveria escutar a tradição,

⁵⁷⁰ *Cartas Familiares*, 411.

⁵⁷¹ *Cartas Familiares*, 450.

⁵⁷² *Cartas Familiares*, 492.

⁵⁷³ *Cartas Familiares*, 90.

⁵⁷⁴ *Cartas Familiares*, 185.

⁵⁷⁵ Sobre Santo Agostinho: MELO, Francisco Manuel de. *El Fenis de Africa*. Lisboa: Pablo Craesbeeck, 1648; *Segunda Parte del Fenis de Africa*. Lisboa: Pablo Craesbeeck, 1649. E sobre São Francisco: MELO, Francisco Manuel de. *El Mayor Pequeño*. Lisboa: Manuel Silva, 1647.

⁵⁷⁶ *Cartas Familiares*, 562.

procurar nela o conhecimento verdadeiro, por consultar os filósofos e os Santos – a filosofia secular e a cristã de um modo geral.

A experiência, pessoal e de outros, somada à “lição das Santas Escrituras; em as quais o Espírito depositou grande parte de seus preciosos tesouros”⁵⁷⁷ produziria também outro elemento fundamental à razão: as virtudes. “Porque, na verdade, não consiste a filosofia moral ou católica em só trazer os corpos despidos de alguma pompa, mas em trazer os ânimos ornados de toda a virtude”⁵⁷⁸. O objetivo da fé católica, fortemente presente no pensamento ibérico moderno, era conduzir os homens à salvação, mas para isso era indispensável que tal homem produzisse virtudes, pois essas disciplinariam os desejos, corroborando para o triunfo da alma sobre o corpo.

Não está a desgraça em si senão em nós, donde já disse Plutarco que bem ou mal que nos sucedia procedia a nos mesmos. A vida vence tudo. A constância a vida. O entendimento à constância. A virtude o entendimento, e para conseguir essa virtude que tantos bens nos faz, não há cousa como o conformar com a vontade divina⁵⁷⁹.

Acreditava Melo que a desgraça não estava em si mesma, mas dependia da forma como o homem encarava as circunstâncias. Daí para se ter êxito na vida era necessário o uso de constância, ter equilíbrio para não “perder o juízo”. Nesse sentido, o homem deveria adquirir entendimento e virtude, e essa se obteria através da aceitação da vontade divina – era fruto da fé. E das quatro virtudes cardeais – a saber, prudência, justiça, temperança e fortaleza – a maior delas era a prudência, que se relacionava e se confundia com a própria sabedoria. É especialmente esta que nosso epistológrafo acreditara ser essencial para à razão. A prudência é cheia de experiências⁵⁸⁰ e deveria ser a “mestra de tudo” pra “aliviar” e “temperar”⁵⁸¹.

As virtudes, enquanto expressão da religiosidade católica e a tradição produzida a partir da experiência, marcam o pensamento ibérico moderno. Todavia, não podemos tomá-las como simples desenvolvimento do pensamento cristão-medieval em detrimento de um espírito racional que se desenvolvia do outro lado da Europa. A tradição que vemos em Melo não se refere meramente à tradição aristotélica/escolástica, tão

⁵⁷⁷ *Cartas Familiares*, 319.

⁵⁷⁸ *idem*.

⁵⁷⁹ *Cartas Familiares*, 454.

⁵⁸⁰ *Cartas Familiares*, 283.

⁵⁸¹ *Cartas Familiares*, 234.

combatida nos séculos XVI e XVII, trata-se muito mais de um conhecimento produzido, qualquer que seja, que se mostrou válido pela prática. As virtudes no pensamento de Melo – mais que frutos da fé para a salvação – eram frutos da fé para iluminar a razão que estava propícia ao erro devido às dores e sofrimentos desta vida. Tradição, experiência e virtudes eram artifícios produzidos pela razão humana e que deveriam retornar a ela para guiá-la assim como a “sobrenatural luz” divina.

No pensamento agostiniano:

A iluminação divina, contudo, não dispensa o homem de ter um intelecto próprio; ao contrário, supõe sua existência. Deus não substitui o intelecto quando o homem pensa o verdadeiro; a iluminação teria apenas a função de tornar o intelecto capaz de pensar corretamente em virtude de uma ordem natural estabelecida por Deus⁵⁸².

Igualmente em Melo, a iluminação não substitui o intelecto do homem, nem sua vontade. De modo que mesmo tendo a razão iluminada o homem poderia errar. E se vivia em tempos de muitos enganos, daí a necessidade de equipar a razão com todos os artifícios possíveis para se aumentar a certeza do encontro com o conhecimento verdadeiro. Como a natureza epistêmica da perda de si significava um homem perdido de si e do mundo cujo remédio – a busca de si – era baseado no esforço do homem de reconstruir seu lugar no mundo e o próprio mundo, fazia-se necessário traçar um caminho pelo o qual fosse possível o homem encontrar os fundamentos do conhecimento.

Melo, representante do pensamento ibérico seiscentista, acreditava na certeza do conhecimento que seria possível através de uma razão guiada pela “sobrenatural luz” divina, e também pelas virtudes, experiência e tradição. Desse modo, a razão humana trabalharia para seu próprio triunfo, produzindo suas próprias rédeas, não com a finalidade de um dia se ver livre da iluminação divina, mas no esforço de ter um intelecto cada vez mais preparado para vencer aquilo que puxava a razão para o engano, a própria natureza humana e o sofrimento. Essa razão agostiniana iluminada e reforçada pela experiência, tradição e virtudes, eis aqui a mezinha dos ibéricos para a crise do século XVI.

Richard Morse⁵⁸³ considera que a Europa não passou por apenas um processo de modernização, de modo que foi necessário cada sociedade fornecer respostas às “revoluções religiosa e científica” que as confrontavam. Assim, orientadas por um

⁵⁸² PESSANHA, José Américo Motta. *Vida e Obra... op. cit.*, p. 21.

⁵⁸³ MORSE, Richard. *O Espelho..., op. cit.*

substrato histórico e pelas diferentes experiências que enfrentavam, foram adotando caminhos distintos para os desafios lançados pela modernidade desenvolvendo um “programa”, uma matriz cultural, que atravessou o Atlântico juntamente com elas. Quanto à “opção” ibérica de modernidade, afirma:

Os ibéricos foram mais cautelosos. Acompanharam as questões-chaves durante o final da Idade Média e então, no umbral da modernidade, mantiveram suas posições. Não, a metáfora é incorreta. Eles não cavaram simplesmente trincheiras, mas retrocederam, por razões circunstanciais, ante as implicações últimas das duas revoluções. [...] Ao retrocederem, porém, os ibéricos estavam muito conscientes de que os tempos impunham uma revisão das orientações da última parte da Idade Média⁵⁸⁴.

Os ibéricos tomaram uma “escolha” frente aos problemas lançados pela modernidade – a crise do século XVI que analisamos. Não é um simples retorno ao pensamento medieval, trata-se de uma atitude “cautelosa” diante desta crise e de suas consequências, culminando em um empréstimo consciente de elementos medievais, reestruturando-os conforme a necessidade. A Ibéria, por ter de lidar diretamente com os desafios políticos, sociais, econômicos, culturais, religiosos, espirituais, morais e filosóficos, de sua relação com o Novo Mundo, necessitou urgentemente fornecer respostas a essa crise antes mesmo de ver as últimas consequências destas duas “revoluções”. Assim, procurou na experiência do passado, da tradição, elementos que lhe permitissem fornecer uma resposta e desenvolver seu próprio programa cultural capaz de lidar com tais problemas.

Mas que modernidade ibérica é essa? Uma modernidade baseada no que Morse denomina de “compromisso ibérico”⁵⁸⁵. Esse envolve uma tradição católica, um interesse pela experiência humana (pelo conhecimento adquirido com a prática e acumulados pelo tempo) e, principalmente, sua postura fiel ao aristotelismo tomista, embora o renovando de modo original – através da razão agostiniana reforçada que acabamos de analisar. Ora, isso não contradiz nossa tese da retomada de St. Agostinho, e por consequência do neoplatonismo, como resposta à crise da cultura do século XVI? Aparentemente sim, mas vejamos como o autor entende esse (neo)tomismo:

⁵⁸⁴ MORSE, Richard. *O Espelho...*, *op. cit.*, p. 29.

⁵⁸⁵ *ibidem*, p. 36.

A grande conquista de Aquino foi unir os princípios filosóficos de Aristóteles com os preceitos da teologia cristã numa estrutura racional e harmoniosa, isenta de fantasias pessoais. Nem Deus era deslocado do seu papel de Criador onipresente, nem a razão humana era privada da capacidade de conhecer a verdade no mundo acessível a ela. Prescindindo da necessidade de uma “dupla verdade”, Tomás de Aquino tratava as verdades da fé e as do mundo natural como complementares e sempre compatíveis. *Assim sua reinterpretação de Aristóteles vinculava-se tanto ao neoplatonismo quanto à teologia cristã*⁵⁸⁶.

Esse neotomismo ibérico dos séculos XVI e XVII pressupõe um retorno a Aristóteles e também a Platão, ou melhor, ao neoplatonismo e, conseqüentemente, a St. Agostinho. Desse modo, encontramos em D. Francisco Manuel de Melo um homem que busca o conhecimento através dos sentidos, mas que também acredita na necessidade da razão julgar tal conhecimento sensível. Mas não a razão humana por si só, uma razão iluminada por Deus e guiada pelos frutos da experiência e das virtudes. Não estamos falando de coisas distintas. Morse apenas privilegia o caráter aristotélico do pensamento ibérico do período quando expressa essa síntese e nós o agostiniano, visto ser esse o elemento “original” que mais corrobora com a resposta à crise que questiona justamente a validade desse conhecimento aristotélico⁵⁸⁷. Além disso, a preocupação de Morse nessa obra é a de mapear o pensamento ibérico, e por isso observa seus traços mais evidentes, já o nosso de o de perceber como o pensamento ibérico respondeu aos problemas do período e por isso interessa-nos a novidade, neste caso, um retorno a Santo Agostinho – o renascimento da Fênix.

3.3 Arquivo-me, logo, existo.

Vimos que a perda de si da qual Melo nos informa possui tanto um aspecto psicológico quanto uma natureza epistêmica. Ela é resultado da sua reflexão com relação à sua prisão e a crise da cultura que vivenciava. Embora estejam relacionadas, vimos que o próprio autor ao pensar o remédio para esse mal se apercebe da dualidade do problema. Existe uma relação intrínseca entre seu cárcere (que nos remete ao aspecto psicológico do problema), sua reflexão acerca do homem e do mundo (que revela a natureza epistêmica da perda de si) e sua atividade epistolar.

⁵⁸⁶ MORSE, Richard. *O Espelho...*, op. cit., p. 32, grifo nosso.

⁵⁸⁷ Cf. analisamos no item 2.1.3 *A crise da razão* desse trabalho.

Como dissemos no início desta dissertação, Melo utilizou amplamente da troca de missivas para se comunicar. Todavia, sua prisão derivou em uma intensificação desta atividade – espantando o próprio autor ao contabilizar que em 6 anos de prisão escrevera 22.600 cartas⁵⁸⁸, uma média de pouco mais de 12 cartas por dia. Esta enérgica atividade resultou em uma maior reflexão acerca de seu tempo, do homem e do mundo em que vivia – isso pode ser averiguado na diferença existente entre o conteúdo das cartas antes e depois do seu cárcere que foi o fator que desencadeou a intensificação de sua epistolografia. Além disso, quanto mais melancólico – em grande parte consequência da sua prisão – menor foi sua troca de correspondências e igualmente constatamos que as missivas escritas nesses momentos eram confusas, cheias de informações que não ultrapassavam o mero relato de fatos ordinários e poucas reflexões. Sua correspondência não foi apenas um suporte para a sua reflexão, mas o próprio espaço consagrado de produção do seu pensamento, foi no seu interior que ele se desenvolveu.

Ao optarmos metodologicamente pela separação da perda de si em parte epistêmica e psicológica, fizemos por uma necessidade de observar além do que a crítica atual já revelava – um D. Francisco Manuel melancólico, que procura os meios de suportar seu cárcere e aceitar as condições impostas pela vida. Ao separá-las conseguimos perceber Melo enquanto um intérprete de seu tempo, um intelectual representante do pensamento ibérico seiscentista que meditou sobre o homem e o mundo e buscou dar uma solução para a crise que a cultura ocidental enfrentava.

Então, faz-se indispensável reunir novamente a parte psicológica e epistêmica do problema, afinal ambos se completam, estão presentes no mesmo autor e por meio deles podemos compreender a totalidade do pensamento de Melo. É necessário também que não nos descuidemos da relação existente entre o cárcere, a atividade epistolar e o desenvolvimento do pensamento do autor. Ele mesmo se apercebeu dessa relação, de modo que não podemos negligenciá-la. Para alcançarmos seu pensamento é necessário perceber o que envolvia a produção epistolar por trás da elaboração das *Cartas Familiares* – sua produção, arquivamento, seleção, organização e publicação. E é nesta questão que a dualidade da perda de si conflui e resulta na originalidade da obra.

Foi por meio das *Cartas Familiares* que empreitamos nossa busca para alcançar o pensamento de D. Francisco. Seu conteúdo nos revelou o problema em torno da perda de si. Mas a própria atividade epistolar do autor em si e a construção das *Cartas*

⁵⁸⁸ *Cartas Familiares*, 292.

Famíliares, aquilo que Salomon⁵⁸⁹ denomina de prática do arquivamento, nos coloca diante de outro problema e que igualmente se relaciona com a perda de si.

Já consideramos algumas questões sobre como Melo construiu esse arquivo⁵⁹⁰. Diante de tamanha atividade epistolar, António Luís Azevedo – amigo mais achegado de Melo, e um dos seus principais correspondentes – chama à atenção do autor para o valor de tais cartas e incentiva-o a organizá-las e publicá-las. Azevedo provavelmente notou o valor histórico, literário e estilístico de tais missivas. Se o mérito por implantar em Melo o desejo de publicar tal obra – que resultou nas *Cartas Famíliares* – foi de Azevedo, o arquivamento de tais cartas, e a forma como selecionou e as organizou é certamente fruto do próprio autor. Tudo indica que Melo tinha por hábito guardar uma cópia das missivas que enviava⁵⁹¹. Notamos isso na carta 39, como também na 49, ao pedir ao destinatário as cartas que lhe enviara para que pudesse copiá-las e guardá-las e em um momento oportuno as devolveria. Melo arquivava as missivas que escrevia! Ora, porque esse interesse de preservar essas cartas? Porque produzir esse arquivo?

D. Francisco Manuel concebe o tempo como uma força impetuosa que nada é capaz de frear. “À piedade e valor de Josué, lemos se deteve o Sol. Mas do tempo, não li, nem ouvi que por alguém se detivesse”⁵⁹². O relato bíblico⁵⁹³ declara que em certa batalha o povo de Israel, juntamente com os de Gibeão, guerreavam contra outros 5 reinos. Josué, líder do exército israelita, ao perceber que escurecia e que os soldados inimigos aproveitariam a oportunidade para fugir orou a Deus para que esse parasse o Sol e assim a batalha pudesse prosseguir até a vitória. Deus então parou o Sol por quase um dia inteiro. A comparação feita pelo autor é de efeito: nada para o tempo. Mesmo quando o sol ficou parado o tempo prosseguiu. Diante dessa constatação, como fica o homem um ser totalmente findável e vulnerável ao tempo?

“Davam-lhe os pêsames a um discreto da morte de um seu filho que amava muito. Respondeu: – <<Já não sinto tal morte, mas a injúria de que me hei de esquecer dela>>”⁵⁹⁴. Apropriando-se das palavras deste tal homem, nosso autor aponta o problema: a

⁵⁸⁹ SALOMON, Marlon Jeison. Escrita e prática de arquivamento no século XVIII (Prefácio). In: CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. *A prática epistolar moderna e as cartas vice-rei D. Luis de Almeida, o marquês do Lavradio*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 16.

⁵⁹⁰ No capítulo 1, no item 1.1.2 *A escrita de si: epistolografia e a construção da obra*.

⁵⁹¹ Quanto às epístolas que D. Francisco Manuel recebia a documentação não nos permite afirmar se ele as arquivava ou não.

⁵⁹² *Cartas Famíliares*, 46.

⁵⁹³ Josué 10:12-14.

⁵⁹⁴ *Cartas Famíliares*, 411.

dor causada pela morte não é a dor da perda em si, mas a dor em saber que ao morrer a pessoa deixará de ser lembrada, será esquecida. Interessante observar que D. Francisco faz questão de esclarecer que esse pai amava muito este filho que morrerá, mas, mesmo assim, o tempo levaria consigo a memória dele. Prossegue: “Não sei eu cousa menos patente que ãa sepultura, a que parece que de propósito escondemos nas entranhas da terra, para esconder com ela sua memória e nosso aviso”⁵⁹⁵. A morte como que engole e esconde a pessoa e todos seus feitos, seus avisos, suas reflexões, tudo o que lhe representa desaparece. Ao morrer, o tempo apaga todos os vestígios da existência da pessoa, ela entra num processo de esquecimento. Assim como viver é mais que existir, para Melo morrer é mais que deixar de existir é deixar de ser lembrado, por isso declara: “o padecer no silêncio dos amigos é mais que morrer”⁵⁹⁶. Ser esquecido essa é a verdadeira morte.

Desse modo, os homens se encontravam em uma batalha entre ser lembrado e ser esquecido. Chama à atenção de certo correspondente quanto a isso: “e ficará assi da mesma sorte, em pedras escrita a lembrança da devoção e zelo de V. M. contra as forças do esquecimento”⁵⁹⁷. São duas forças oponentes – memória e esquecimento. Neste o destinatário venceu as forças do esquecimento ao conseguir, metaforicamente, escrever seu nome em pedras, um material sólido e resistente ao tempo.

E como nosso autor se sentia diante desta batalha? “Senhor, não sei qual é melhor se ser lembrado se esquecido. Sei que para mi tudo é peor”⁵⁹⁸. Ser lembrado seria o a situação ideal para todos, e por isso ser esquecido era ruim. “*Para mi tudo é peor*”, já para Melo tanto ser lembrado quanto esquecido era ruim. Não almejava ser esquecido no sentido de querer ter sua existência apagada no tempo. Contudo, não desejava mais ser lembrado por seus inimigos para que, dessa forma, lhe sobreviesse tempos de refrigério – apenas esse tipo de memória que rejeitava. É nesse sentido que faz afirmações semelhantes: “Lá se avenha o mundo, de que não quero parte nem em sua memória”⁵⁹⁹ e “Nada do mundo desejo, senão o que nele sobeja [sobra], que é o esquecimento”⁶⁰⁰. O autor quer ser esquecido apenas por aqueles que lhe persegue, este é o esquecimento que procura e a lembrança que recusa. É interessante observarmos também que nos informa que o que sobra no mundo é o esquecimento. Na batalha entre ser lembrado e esquecido, o

⁵⁹⁵ *Cartas Familiares*, 411.

⁵⁹⁶ *Cartas Familiares*, 311.

⁵⁹⁷ *Cartas Familiares*, 242.

⁵⁹⁸ *Cartas Familiares*, 277.

⁵⁹⁹ *Cartas Familiares*, 99.

⁶⁰⁰ *Cartas Familiares*, 76.

esquecimento é certamente o grande vencedor, neste caso faz-se necessário um amplo esforço para vencê-lo. Inclusive este é o desejo de nosso autor – vencer o esquecimento.

“Inculcar ao mundo os famosos nomes dos sábios e nesse inculca o próprio nome [...] Assi acontece a quem para escapar do golfo profundíssimo do esquecimento humano lança a mão de algum memorável sujeito”⁶⁰¹. Nesta epístola, Melo nos fala sobre seu desejo de organizar e publicar uma edição crítica de antigos poemas escritos em português. Pede a colaboração de outros para ajudá-lo nesse empreendimento, lembrando-os que quando se edifica a memória de grandes nomes o seu próprio nome também fica edificado. Melo almejava “escapar do golfo profundíssimo do esquecimento”.

Como, então, vencer a batalha contra o esquecimento e escrever o nome em pedra, vencer o tempo através da memória e desse modo, vencer a própria morte? Por arquivar sua própria vida, registrá-la, guardá-la. Vejamos como tal ideia se desenvolve nas *Cartas Familiares*.

Mas quem sou eu, ó alta e poderosa Princesa, para que me atreva a valer dele [seu “poderoso auxílio”, a intervenção dela junto ao processo de D. Francisco na Justiça]? Sou um pequeno homem, porém possuidor de um espírito ousado a prometer eternizará sobolo Mundo, em vozes e escritos, os veneráveis atributos de vossa singular bondade⁶⁰².

Em troca deste “poderoso auxílio” Melo promete eternizar o nome da Rainha regente da França, D. Ana de Áustria, mãe do Rei Luís XIV, por escrever um poema em sua memória. Ora, não seria através dos feitos que tal Rainha conseguiria se eternizar, ou de monumentos em sua homenagem, ou mesmo estátuas, mas através de uma obra escrita que também seria lida (por isso diz “vozes e escritos”). Melo acreditava seguramente que através da escrita se poderia eternizar um nome, e a pessoa cujo nome representava, e é por isso que faz tal “oferta” à Rainha.

Havendo eu escrito a <<História dos Movimentos, Separação e Guerra de Catalunha>> em que me achei, e havendo de a pôr aos olhos do mundo, pus eu também logo os olhos por todo ele, buscando a quem pudesse oferecer a memória de um negócio assi importante à Cristandade, chea de verdades, observações e advertências em benefício público⁶⁰³.

⁶⁰¹ *Cartas Familiares*, 579.

⁶⁰² *Cartas Familiares*, 160.

⁶⁰³ *Cartas Familiares*, 75.

Melo escreveu a referida obra e pensava em alguém a quem pudesse fazer-lhe a dedicatória do livro. Na mesma carta continua explicando-nos que cogitou a possibilidade de dedicá-lo a algum rei, mas visto que o assunto do livro era delicado e tratava de fatos ainda recentes acerca da política e fronteira de reinos europeus, acreditava que a dedicatória não seria apropriada e poderia lhe causar adversidades. Assim, após ‘por os olhos no mundo’ a procura de uma pessoa para dedicar a obra e visto que ela era de “benefício público” por registrar na história um fato importante para a “Cristandade” achava oportuno dedicá-la ao Papa Inocêncio X, e assim salvá-lo na memória. Reis e o próprio Papa venceriam o esquecimento não por seus feitos, e tais homens por sua grande importância social eram bem (re)conhecidos por esses, mas por meio da escrita. Não porque acreditava que seu livro seria um *best-seller* da época, mas o simples fato de ter o nome dedicado na obra era suficiente para preservá-lo na memória.

“Porque suposto que deste nome o podem livrar as grandes ocupações em que V. S. se emprega, todavia estas passam com a vida, e aquelas da escritura duram para sempre, como eu espero dure nelas, com todas as mais de V. S., imortal sua memória”⁶⁰⁴. Considera com seu destinatário que a fama, honra e glória, frutos das “grandes ocupações” eram passageiras, o tempo também às consumiam. Se através delas não poderiam se eternizar, acreditava por outro lado na capacidade da escrita de vencer o esquecimento, o tempo, e tornar imortal uma memória.

Vejamos um último exemplo de como o autor considera a escrita como o meio de vencer o esquecimento. No livro encomendado pelo Rei. D. João IV sobre seu pai D. Teodósio, nosso autor pede a seu primo, D. Francisco de Melo, para que faça uma ilustração para a obra. Abaixo, a imagem⁶⁰⁵ e em seguida a explicação de D. Francisco Manuel acerca da imagem solicitada.

⁶⁰⁴ *Cartas Familiares*, 226.

⁶⁰⁵ Reproduzido em: MELO, D. Francisco Manuel de. D. Teodósio II. Porto: Civilização, 1944, p. 57.



É a tal pintura: – A Verdade em figura de ninfa que está pintando em sua estante, e por detrás à orelha lhe dita o que há de pintar outra ninfa, que significa a Memória. Em o painel se vê a pessoa do Duque Teodósio armado, como pintura feita da Verdade e da Memória. Por detrás está Mercúrio moendo tintas, significando o estilo (por ser ele o deus da Eloquência), que são as tintas de que se compõe a fermosa história. Os dísticos desejo que digam cousa semelhante. Pinta a Verdade o que lhe dita a Memória, e da Verdade e da Memória é fiel retrato a história de Teodósio, a quem Mercúrio, deus da Eloquência, prepara as cores do estilo. Tais sujeitos merece Teodósio se ocupem da sua imortalidade⁶⁰⁶.

Melo desejava imortalizar D. Teodósio através do seu livro. A imagem encomendada demonstra bem as intenções do autor, representa como ele entende sua própria obra e é elucidativa quanto aos meios pelos quais a memória vence o esquecimento. As tintas para pintar D. Teodósio foram feitas por Mercúrio, deus da Eloquência, quem desenhava era a Verdade e o fazia segundo o que era dito pela Memória. Para imortalizá-lo, fazia-se necessário “pintar” uma “fermosa história”, uma história perfeita, construída com a verdade alcançada via memória. Contudo, a memória não vence o esquecimento sozinha, era fundamental as tintas da Eloquência para pintar tal obra – para registrar, por escrito, a história de D. Teodósio. Para difundir o nome desse nobre na

⁶⁰⁶ *Cartas Familiares*, 227.

história, e assim a memória se fazer triunfante diante do esquecimento, Melo lança mão da escrita, esse seria o meio de imortalizar uma pessoa – um registro material escrito.

Nesse sentido, Melo estava muito bem armado na batalha contra o esquecimento. Prestage⁶⁰⁷ apresenta-nos todas as obras de Melo e todas as edições e reimpressões que se havia notícia até o ano de 1914. Produziu uma vasta obra, trabalhou temas diversificados e em diversos gêneros. Em vida pode ver mais de dez obras suas publicadas, algumas com mais de uma impressão, como *Las Tres Musas del Melodino* (1649), uma de suas coletâneas poéticas que só em vida foram publicadas 5 vezes entre diferentes edições e reimpressões, inteira ou em partes. Desse modo, não podemos julgá-lo pretensioso ao anunciar: “É certo que os trabalhos fazem ou muito lembrado ou muito esquecido. A mi o primeiro”⁶⁰⁸. Os trabalhos a que se referia eram obras escritas e publicadas e quanto as que ele mesmo havia produzido acreditava que por meio delas iria ser lembrado. Tinha consciência de que havia consolidado, acertadamente, sua memória enquanto escritor.

Se Melo acreditava ter construído um edifício da memória para seu nome, onde podia vencer o combate contra o esquecimento, as *Cartas Familiares* nada possuem de novo e pouco corroboram nesse sentido. Inclusive, em 1664, ano de sua publicação, Melo já havia publicado suas principais obras, e até hoje as de maior destaque: *Historia de los Movimentos y Separacion de Cataluña* (1645), *El Mayor Pequeño* (1647), *El Fenis de Africa* (1648), *Las Tres Musas del Melodino* (1649), *Carta de Guia de Casados* (1651) e *Epanaphoras de varia Historia Portuguesa* (1660). Através dessas obras, Melo se consolidou enquanto escritor e deixou seu legado para a sociedade. Contudo, tais obras são como os grandes feitos, produzem glória, fama, mas não são os meios mais seguros de vencer o esquecimento. A melhor maneira de vencer o esquecimento, para Melo, é utilizar-se da escrita por arquivar a própria vida. E aqui reside a importância e originalidade do fazer epistolar do autor.

Suas missivas são uma importante forma de comunicação, lhe fazem interagir com o mundo, são através delas que constrói e amadurece seu pensamento, lhe fornecem consolo, porém, juntamente a tudo isso, ou mais importante que todos esses fatores, sua epistolografia é uma forma de registrar e guardar, para longe do alcance do esquecimento, sua própria existência, ou melhor, sua própria vida – nelas Melo ia construindo seu próprio

⁶⁰⁷ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel...*, op. cit., p. 571-611.

⁶⁰⁸ *Cartas Familiares*, 231.

ser. Devemos notar aqui a distinção que ele faz em relação a vencer o esquecimento. Há o esquecimento dos feitos da pessoa, se aproxima das noções de atribuir a honra ou glória a alguém por seus grandes atos ou façanhas; e o esquecimento da própria vida, o esquecimento da pessoa em si, do indivíduo em sua totalidade e trivialidade.

Em D. Francisco existe uma preocupação em salvar não apenas as ações da pessoa e o legado que deixou ao mundo, mas a vida em si, em seus pormenores, não apenas aquilo que faz a pessoa extraordinária, mas aquilo que realmente a representa. O destaque aqui, o que se pretende guardar na memória, não é um ato, uma ação, um feito, um grande pensamento ou consideração filosófica, mas é a própria vida do sujeito. Uma tentativa de criar uma memória não com aquilo que a pessoa foi capaz de produzir – e aqui a ênfase é para esse *feito* – mas para aquilo a pessoa *foi*, o que marca todo o seu *ser*⁶⁰⁹.

Melo quer, nas *Cartas Familiares*, vencer a batalha contra o esquecimento não por seus grandes feitos, neste sentido já possui outras obras literárias e históricas, mas por arquivar sua própria vida, e nesse sentido guarda suas cartas e mais que isso, as organiza e publica. “Aquelas que com melhor pena se escreveram, não esperou a tempestade da desgraça que os levasse outro vento, porque, enfim, como obras de penas e de palavras, haviam de ter no ar sua sepultura, bem como no fogo seu nascimento”⁶¹⁰. O autor se refere aqui as missivas que compõem as *Cartas Familiares*, acreditava que essas eram frágeis na batalha contra o esquecimento, pois por serem produzidas de penas e palavras possuíam uma pequena duração. Nasceram do fogo, de seu sofrimento, e morreriam no ar, brevemente seriam (des)cartadas, se transformariam em lixo e junto delas o registro de sua vida. Por isso, no esforço de preservar sua memória Melo seleciona e publica suas cartas, fazendo dessas um *arquivo seguro* para sua memória. Nessa afirmação, Melo nos revela outro dado interessante de sua época: o conteúdo dessas cartas – aspectos da vida pessoal de um sujeito simples – não era considerado digno de se fazer memória e de serem guardados. Por isso que acreditava que o fim de suas cartas era uma sepultura no ar. Talvez por isso que de toda sua enorme atividade epistolar além das 500 cartas publicadas por ele mesmo foram encontradas apenas mais 81. Todo o restante se perdeu porque não foi considerado um material que deveria ser conservado ou feito memória dele, e, provavelmente, as outras missivas de Melo também não teriam chegado a nós se não fosse por seu esforço de publicá-las.

⁶⁰⁹ O *ser* que consideremos frente ao *existir* no item 2.2.1 “*Viver não é preciso*” desta dissertação.

⁶¹⁰ *Cartas Familiares*, Carta aos Leitores, p. 52.

Melo tem consciência de que um arquivo é um espaço privilegiado de memória. Sobre uma biografia de D. Nuno Álvarez Pereira escrita por Rodrigo Mendes Silva, Melo afirma em carta ao autor da dita biografia: “Tais são as ações que tal lição nos oferece; tão poderosos e tão claros seus exemplos [...] donde se conhece quanto seu autor soube pôde e quis inquirir os papéis, *destranhar os arquivos*”⁶¹¹. Elogia a obra pelo fato de considerar D. Nuno Álvarez um grande homem que servia de exemplo para toda a sociedade, mas elogia o autor pelo fato de ter ido aos arquivos, pesquisá-los meticulosamente para somente assim escrever essa história. Melo reconhece o estatuto dos arquivos como espaço privilegiado de preservação da memória, uma fonte de memória oficial, uma memória que pretende ser verdadeira e capaz de vencer o esquecimento. Sua vida só seria preservada se sáísse do seu arquivo pessoal e entrasse nesse “arquivo público”, publicando as *Cartas Familiares*. Não que Melo acreditasse que publicando suas cartas essas iriam parar num arquivo oficial, mas sairiam de sua gaveta e ao se tornarem públicas aumentaria suas chances de vencer o tempo.

Mas que (re)apresentação Melo faz de si mesmo e nos oferece em suas cartas? A de um intelectual, que soube se apropriar de maneira pragmática do conhecimento, e, por isso, era um sábio, por saber aplicar o conhecimento ao sofrimento, fazer da filosofia remédio para o sofrimento, para a perda de si. Azevedo afirma sobre as *Cartas Familiares*: “Aqui vemos por experiência os documentos da Filosofia no sofrimento”⁶¹². Também se representa enquanto uma pessoa que foi injustiçada, e que mesmo inocente suportou com paciência e perseverança tudo aquilo que a vida lhe impôs.

Estou conforme com que só à minha desgraça se perfilhem os motivos de meus trabalhos. A maior dor era buscar-se outra. Isto fariam ou os que não conhecessem o meu coração ou a minha fortuna. Sei que padeço, e que, se da paciência com que tenho levado o que se passou, me não fazem cargo para que por ela mesmo padeça mais; por impaciência não seria, porque aquele lugar que se não desocupou do sofrimento jamais, mal poderia receber a desesperação agora. Esta é boa filosofia. Assi ela seja bem crida, como é bem verdadeira⁶¹³.

Mesmo mergulhado em sofrimento, não se desesperou dando lugar a novos sofrimentos, antes aplicou a paciência. Um homem que procurou nos vínculos de

⁶¹¹ *Cartas Familiares*, 37, grifo nosso.

⁶¹² *Cartas Familiares*, Aos Discretos, p. 50.

⁶¹³ *Cartas Familiares*, 318.

amizade⁶¹⁴ e da atividade epistolar a força necessária para suportar a perseguição e para compreender a si, os outros e o mundo. Por isso, declara que sem escrever pelo menos 20 cartas por dia “nem sou gente, nem entendo a gente”⁶¹⁵.

A perda de si da qual Melo nos informa envolvia seu cárcere e a crise da cultura – a incerteza do conhecimento e da capacidade do homem de conhecer a si e o mundo – de modo que o maior remédio que nos apresenta para todo esse mal era o arquivamento de sua própria vida. Por meio desse arquivamento, Melo poderia provar, ou pelo menos registrar para a posteridade sua inocência e desse modo fazer justiça, resolvendo assim a natureza psicológica do problema. Também, através da epistolografia, passava a se conhecer, ao arquivar sua vida produzia um *corpus* documental que lhe dava garantia de sua própria existência e lhe permitia, então, buscar o conhecimento verdadeiro, tornando-se mezinha para a natureza epistêmica do problema.

É por conter este efeito tão eficaz que o autor aconselha certo parente que iria para a guerra: “Sede embora [como] Plínio Júnior, que se tudo isto fizerdes, ainda sereis mais”⁶¹⁶. Plínio Júnior⁶¹⁷ foi um grande epistológrafo latino, escreveu as *Litterae Cuceratius Scriptae*, uma coletânea de 247 cartas destinada a diferentes amigos, em que por meio delas é possível perceber vários elementos de sua vida cotidiana. O incentivo de Melo para esse parente soldado era o de escrever cartas e assim produzir um arquivo de sua vida.

D. Francisco Manuel de Melo encontrou nessa prática do arquivamento o melhor remédio para a perda de si. Procurou construir uma memória a seu respeito baseada numa representação de si da qual é inocente de tudo o que lhe acusavam. Interessante que o autor julgava que a memória de uma pessoa era quase sagrada, de modo que não se permitia referir aos seus inimigos por nome, para não criar uma memória deles baseada em coisas ruins⁶¹⁸. Além disso, por meio desse arquivo conseguiria se encontrar, e por meio da certeza do conhecimento de si acredita na possibilidade de se lançar rumo à busca do conhecimento do mundo.

A epistolografia de Melo representa o arquivamento que o autor faz de si ao passo que as *Cartas Familiares* são a garantia de manter esse arquivo seguro. E ambas convergem para um mesmo objetivo: representam o esforço de um homem do século XVII

⁶¹⁴ “Os parentescos da fortuna [os amigos] são mais apertados que os de sangue” – Cf. *Cartas Familiares*, 228.

⁶¹⁵ *Cartas Familiares*, 361.

⁶¹⁶ *Cartas Familiares*, 368.

⁶¹⁷ Refere-se a Caio Plínio Cecílio II, ou Plínio o Moço (61/62 - 114).

⁶¹⁸ *Cartas Familiares*, 412.

de encontrar a si mesmo e que, através da prática epistolar, buscou arquivar sua própria vida e, assim, construir uma concepção de homem e de mundo que suportasse as transformações dos novos tempos advindos com a modernidade e com todos os desafios propostos aos homens deste período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinto que trago em mim uma alma medieval e creio que é medieval a alma de minha pátria; que esta passou à força pelo Renascimento, a Reforma e a Revolução, aprendendo com elas, é verdade, mas sem deixar que lhe tocassem a alma, conservando a herança espiritual daqueles tempos que chamam de a Idade das Trevas.

Unamuno, *Del sentimiento trágico de la vida*.

Se iniciamos este trabalho como um catador que sonhava com o passado que nunca alcançaria⁶¹⁹, acreditamos ter chegado aqui como um historiador consumido pela pugna contra as *Cartas Familiares*, e que embora desconheçamos o desfecho deste combate, acreditamos ter conseguido fazer submergir “restos” de um passado-presente⁶²⁰.

Quando nos deparamos com as *Cartas Familiares*, no primeiro momento procurávamos por vestígios do cotidiano dos portugueses seiscentistas, encontramos nelas um autor melancólico, que expressava por meio da escrita o seu íntimo marcado pela dor e sofrimento. Encontramos poucas informações nessa obra que pudesse nos levar a uma História do Cotidiano, mas percebemos aí a possibilidade de trabalharmos com a História das Sensibilidades. Buscávamos historicizar as formas de sentir, as suas cosmovisões e as representações desses homens. Ou seja, apreender como a dor, a tristeza, e o sofrimento, se faziam presentes na forma como encaravam o mundo e a vida.

Contudo, o historiador deve aprender a “escutar os mortos com os olhos”⁶²¹, dar voz ao documento e não lhe impor uma interpretação predefinida – deixar-se ser guiado pela documentação, embora sempre amparado dos instrumentos da pesquisa histórica. E assim, percebemos que as *Cartas Familiares* poderiam nos informar muito mais que as sensibilidades de um homem e de sua cultura. Havia mais que lamentos e melancolia.

⁶¹⁹ Fazemos aqui referência à ilustração de Michel de Certeau que evocamos na Introdução desta dissertação.

⁶²⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado...*, *op. cit.*

⁶²¹ CHARTIER, Roger. “*Escutar os mortos...*, *op. cit.*, p. 19.

Embora, essas missivas se enquadrassem perfeitamente na estética barroca, por que um *estilo de arte* se fazia presente numa obra, que antes de qualquer outra coisa era uma compilação de *cartas pessoais*? Este foi, sem dúvida, um questionamento que nos acompanhou nesta pesquisa. E ao nos depararmos com uma historiografia que alarga o conceito de Barroco e o compreende como um *estilo de época* que se fazia sentir e se expressava em todos os âmbitos sociais e culturais, as marcas do Barroco que nos chamaram à atenção na obra, mostraram ser indício de algo maior. Foi a busca por esse “algo” que passou a guiar nosso estudo.

A investigação mostrou-nos que essa melancolia barroca era fruto da “perda de si”, que por sua vez possuía um aspecto psicológico e uma natureza epistêmica. Fazer essa distinção permitiu-nos encontrar as bases históricas da “melancolia” de Melo – encontramos a crise da cultura do século XVI⁶²². Essa abordagem metodológica propiciou captarmos o espírito da época e compreendermos como os ibéricos se lançaram nessa modernidade tão perturbadora. Entender esse processo foi deveras importante e de um enérgico esforço, pois “O Renascimento foi variedade, jogo de contrários, exploração ardente e, por vezes, confusa de um oceano de novidades”⁶²³. O homem do Renascimento, conforme analisamos ao longo desse trabalho, é um homem que se relaciona com tudo ao seu redor. Desse modo para compreendê-lo foi necessário inseri-lo em um complexo contexto onde aspectos aparentemente opostos se entrelaçavam: percebê-lo na forma como se relacionava com o universo físico; com aspectos da vida espiritual e social; e suas concepções históricas e filosóficas. Esse homem buscava o conhecimento de tudo, pois este se convergia para o encontro do homem consigo mesmo, com o mundo e com Deus.

Foi D. Francisco Manuel de Melo quem nos chamou à atenção quanto a isso. Para ele o verdadeiro conhecimento se dava pela junção, e não separação, entre teoria e prática. “É razão distinguir as operações que por próprio modo os mestres da Filosofia artificiosa nos chamaram teórica e prática”⁶²⁴. A separação entre teoria e prática é obra de uma “Filosofia artificiosa”, falsa, vã – “[...] este engano tem custado muitas ruínas aos homens e ao mundo”⁶²⁵. Além disso, acreditava que o pensamento constituía uma unidade. “Sempre que posso, afirmo que o entendimento não tem portas que se cerrem para ã

⁶²² KOYRÉ, Alexandre. *Considerações...*, *op. cit.*, p. 43.

⁶²³ DELUMEAU, Jean. *A civilização...*, *op. cit.*, p. 393.

⁶²⁴ *Cartas Familiares*, 125.

⁶²⁵ *Cartas Familiares*, 125.

ciência e para outra se abram”⁶²⁶. Não existe um limite que define e estabelece as fronteiras para o conhecimento. “É prerrogativa dos talentos sublimes gozarem de uma mútua relação de idéias, que ãas com outras fidelissimamente se correspondem. Ser grandes em ãa só parte quem nas outras é pequeno, antes o julgaríamos monstruosidade que a perfeição”⁶²⁷. O conhecimento verdadeiro só existiria se estivesse interligado através das relações feitas entre uma forma de se conhecer e outra, por meio dos diferentes dispositivos cognitivos que dispunham. Separar esse conhecimento, ou tentar chegar à verdade sem percorrer por todos esses dispositivos seria uma “monstruosidade”, era contrário à própria natureza do conhecimento.

Desse modo, não é que tivemos a pretensão de escrever uma história total ou universal. Mas fazia-se imprescindível compreender o maior número de elementos que constituíam o pensamento do autor, pois ele se desenvolvia em uma unidade, e assim descurar certo elemento poderia nos impedir de alcançar a matriz de seu pensamento. Nessa busca, encontramos aquilo que marca a modernidade ibérica, uma “medievalidade”, que Miguel de Unamuno ainda sentia no início do século passado. É nesse sentido que declara ter, ele e sua pátria, a alma medieval. Reconhece essa herança para a formação de sua matriz cultural. Mas não se trata de uma visão de mundo medieval da qual não conseguiram se livrar, como se o pensamento ibérico estivesse totalmente amarrado por estruturas medievais.

Esse “retorno” à Idade Média, que a historiografia, de modo geral, interpretou como um “arraigamento” produziu uma visão de atraso acerca da Península Ibérica Moderna. Esta, preocupada demais com a administração dos domínios ultramarinos não desenvolveu sua economia, política, ciência, filosofia, em comparação com os outros Estados Modernos, como a França e a Inglaterra, permanecendo, assim presa à Idade Média e com certa dificuldade de se lançar na modernidade.

Ora, compreendermos o pensamento de D. Francisco Manuel de Melo nos permitiu perceber essa situação por um ângulo diferente. A Ibéria não negou a “modernidade”, tão pouco foi incapaz de acompanhar o “desenvolvimento” do restante da Europa. O problema é posto como se houvesse uma escala de evolução para a modernidade. A Ibéria, com suas particularidades, se lançou de modo diferente neste período e respondeu à sua própria maneira os desafios encontrados nela. Respostas

⁶²⁶ *Cartas Familiares*, 125.

⁶²⁷ *Cartas Familiares*, 535.

igualmente satisfatórias, à medida que o homem ibérico moderno conseguiu se orientar por meio delas.

Julgarmos o passado partindo do presente numa posição privilegiada, uma vez que daqui “assistimos” as consequências das ações tomadas e criarmos a partir disto, parâmetros de desenvolvimento, não é um procedimento histórico. Incurrer nesse erro produziu grandes narrativas históricas explicativas que viram atraso e subdesenvolvimento na Ibéria Moderna e na Ibero-América atual, em detrimento, por exemplo, da Inglaterra e da Anglo-América⁶²⁸. Devemos assim, olhar o passado com o olhar do homem daquele tempo, com suas angústias e limitações, suas visões de mundo e suas incertezas, e tentar reconstruir o “horizonte de expectativas” que tal sociedade dispunha⁶²⁹.

Melo foi um assaz representante do espírito da época. Apesar das suas particularidades – as quais procuramos respeitar e relacionar ao problema central, sem conceder-lhe um crédito maior do que lhe era devido – acreditamos ter tomado seu pensamento como parte de um todo. Para Burckhardt “Existem homens que são fundamentalmente um espelho daquilo que os cerca; a estes cometemos uma injustiça ao procurarmos insistentemente por suas convicções, conflitos internos e conquistas”⁶³⁰. Nosso autor lembra este homem que a historiografia cometeu a “injustiça” de ignorar o que falou sobre a sua época por insistir que discorria apenas sobre as suas próprias convicções e conflitos pessoais. Aliás, isso não ocorreu apenas com Melo, percebemos essa atitude com certa frequência ao tratarmos de outros autores barrocos. De modo geral, toda a crise do período é desconsiderada – talvez por acreditar que a Ibéria estivesse na periferia da Europa, distante até mesmo da crise – e o que se percebe nesses autores são apenas os traços psicológicos refletidos em suas obras. O Barroco se transformou então em uma arte que refletia a angústia e o sofrimento, e isso por um mero gosto estético. Alguns estudiosos perceberam que esta “angústia e sofrimento” possuíam raízes históricas, e não somente pessoais, contudo pouco esforço foi lançado para explicar o que caracterizava esta crise. Mas afinal, se essa tensão dos séculos XVI e XVII não foi a primeira, nem a última da história, e o Barroco teve nela sua gênese e não em outras, dever-se-ia relacionar um problema ao outro.

⁶²⁸ MORSE, Richard. *O Espelho...*, *op. cit.*

⁶²⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado...*, *op. cit.*

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

⁶³⁰ BURCKHARDT, Jacob. *A cultura...*, *op. cit.*, p. 245.

Desse modo, nosso esforço foi o de perceber Melo enquanto um intérprete de seu tempo. A fim de apreender como o pensamento ibérico da época concebeu o homem, o mundo e a vida do homem no mundo, bem como encontrar as repostas ibéricas para essa crise e como procuraram construir uma nova imagem de homem no mundo. Acreditamos, assim ter contribuído por levantar o problema sob essa perspectiva e por esboçar outros caminhos para se pensar a História Ibérica Moderna. Todavia, idealizamos esse trabalho assim como Melo concebia toda e qualquer atividade intelectual, a qual a comparava como a de certo “pintor filósofo que nas pinturas mais perfeitas escreveu sempre <<fazia>> e não <<fez>> para mostrar que todo tempo poderia melhorar-se qualquer obra, por bem acabada que ela fosse”⁶³¹.

⁶³¹ *Cartas Familiares*, 428.

REFERÊNCIAS

Fontes Documentais

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, Coleção Os Pensadores.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2002. 9v.

ARISTOTELES. *Tópicos; Dos argumentos sofisticos; Metafísica (Livro I e Livro II.); Ética a Nicômaco; Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

_____. Babel e Sião. In: CAMÕES, Luís de. *Lírica: redondilhas e sonetos*. São Paulo: Publifolha, 1997.

DESCARTES, René. *Meditações*. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1996.

ESCRITURAS SAGRADAS. *Livro de Exôdo*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de Gênesis*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de Hebreus*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de João*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de Josué*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de Mateus*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de Primeira aos Coríntios*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de Romanos*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de Salmos*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Livro de Tiago*. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

FARIA, Manuel Severim de. *Discursos Vários Políticos*. Évora: impressos por Manoel Carvalho, impressor da Universidade, 1624.

HUE, Sheila Moura. *Antologia de Poesia Portuguesa, século XVI: Camões entre seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LOBO, Francisco Rodrigues. *Côrte na Aldeia e Noites de Inverno*. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1945.

- MELO, Francisco Manuel de. *D. Teodósio II*. Porto: Civilização, 1944.
- _____. Memorial a El-Rei D. João IV N.S.. In: MELO, Francisco Manuel de Melo. *Carta de Guia de Casados*. Porto: Lello & Irmão, 1971.
- _____. *Cartas familiares*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional - Casa da Moeda, 1981.
- _____. O canto de Babilônia. In: MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *História e antologia da literatura portuguesa: século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- PORTUGAL. Leis, decretos, etc. *Lei sobre os estilos de falar e escrever*. - S.l. : s.n., depois de 16 Setembro 1597. Disponível em: <http://purl.pt/15187>.
- SANCHEZ, Francisco. *Que nada se sabe*. Buenos Aires: Aguilar, 1977.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. São Paulo: L&PM Pocket, 1997.
- VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Bibliografia

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As Sombras do Tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 117-139.
- _____. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru. São Paulo: EDUSC, 2007.
- AMADO, Maria Tereza. O pensamento histórico de Francisco Manuel de Melo. *Penélope: fazer e desfazer a história*. Lisboa, n. 9/10, 1993, p. 189-195.
- AMARAL, Gloria Carneiro do. Sévigné em ação: sévignações. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 19-33.
- ANACLETO, Marta Teixeira; AUGUSTOS, Sara; SANTOS, Zulmira (coord.). *D. Francisco Manuel de Melo e o Barraco Peninsular*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.21, 1998/01. Dossiê Arquivos Pessoais.

BARBOZA Filho, Rubem. A Ocidentalização Barroca da América. In: *Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro. Anais. Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-Americano, 2004. p. 37-56.

BARROS, José D'Assunção. Imagens da História – Algumas Reflexões sobre os aspectos formais e estilísticos da escrita da história. *Revista do Mestrado de História*. v. 3, p. 199 – 239 - Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2000.

BARTHÉLEMY, Dominique. A vida privada nas casas aristocráticas da França feudal - Parentesco. In: DUBY, Georges (org.). *História da Vida Privada, 2: da Europa a Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BARTHES, Roland. Da ciência à literatura. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 55.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOURDIER, Pierre. A Ilusão biográfica. In: FERRERA, Marieta; AMADO, Janaína (coords). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 183-191.

BOUREAU, Alain. Fé. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006.

BOXER, Charles R. *O império marítimo português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAGA, Teófilo. *História da Literatura Portuguesa: os seiscentos*. Açores: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.

BRITO, Casimiro de. *Navegação da Morte*. Lisboa: Plátano Editora, 1974.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CABRAL, Avelino Soares. *Camões Épico: introdução à leitura de “Os Lusíadas”*. Lisboa: Sebenta, 2003.

CABRAL, Manuel Villaverde. *A Identidade Nacional Portuguesa: Conteúdo e Relevância*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 46, no 3, 2003, p. 513 a 533.

CALVINO, Italo. Leveza. In: *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudo de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CARVALHO, José Adriano de. Aspectos do desengano e da aceitação da vida em D. Francisco Manuel de Mello. *Revista Brotéria*. Lisboa, v. LXXVIII, nº 3, p. 277-291, 1964.

_____. Aspectos do desengano e da aceitação da vida em D. Francisco Manuel de Mello (II). *Revista Brotéria*. Lisboa, v. LXXVIII, nº 4, p. 423-438, 1964.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006.

CASTRO, A. P.. D. Francisco Manuel, um Polígrafo de <<Cartas Familiares>>. In: ANACLETO, Marta Teixeira; AUGUSTOS, Sara; SANTOS, Zulmira (coord.).. *D. Francisco Manuel de Melo e o Barraco Peninsular*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

CASTRO, E. M. de Melo. Odeio Cartas. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs). *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 11-17.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987.

_____. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, 1991, vol.5, nº.11, p.173-191.

_____. As práticas da escrita. In: _____ (org.). *História da Vida Privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. “Escutar os mortos com os olhos”. *Estudos Avançados*. São Paulo, 2010, vol.24, nº. 69, p. 7-30.

COELHO, Maria Helena da Cruz. O final da Idade Média. In: TENGARRINHA, José (org). *História de Portugal*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2011.

DUBY, Georges. A vida privada nas casas aristocráticas da França feudal - Convívio. In: _____ (org.). *História da Vida Privada, 2: da Europa a Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALCON, Francisco; RODRIGUES, Antonio. *A Formação do Mundo Moderno: A construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006.

FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: A religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 144-162.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. *Os três dedos de Adão: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: EDUSP, 2010.

GASSET, Ortega Y. *O Homem e a Gente*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960.

_____. *História como Sistema, Mirabeau ou o Político*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

GAY, Peter. O traço comum. In: *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 337-376.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GODOY, Luciana Bertini. Introdução; a obra e suas leituras. In: *Ceifar, semear: a correspondência de Van Gogh*. São Paulo: Anablume; Fapesp, 2002, p.89-107.

GOMES, Rita Costa. As formas de vida: a corte e o espaço. In: *A corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Viseu: Difel, 1995.

GUARINELLO, Noberto Luís. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politeia, Vitória da Conquista*, v. 3, nº 1, p. 41-62, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HATZFELD, Helmut. *Estudos sobre o Barroco*. São Paulo: Perspectiva: EDUSP, 2002.

IONTA, Marilda. Cartas de Pijama - amizade e relações de gênero na correspondência de Mário de Andrade e Anita Malfati. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. (orgs.). *Destinos das letras: História das letras: História, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 243-263.

KANTOROWICZ, Ernst. H. *Os Dois Corpos do Rei. Um Estudo sobre a Teologia Política Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 134-146.

_____. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.

KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes*. Lisboa: Editorial Presença, 1963.

_____. *Aristotelismo e Platonismo na Filosofia da Idade Média*. In: Estudos de história do pensamento científico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991, p.22-45.

_____. *Galileu e a revolução científica do século XVII*. In: Estudos de história do pensamento científico. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1991, p. 181-196.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTI, Elías José. *"Giro lingüístico" e história intelectual*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1998, p. 237 - 293.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 14, 15.

LISBOA, João Luís; MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A cultura escrita nos espaços privados. In: MONTEIRO, Nuno Gonçalo (org). *História da Vida Privada em Portugal: A Idade Moderna*. Maia: Circulo de Leitores Temas e Debates, 2011, p. 333-394.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da micro - análise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.

MAGALHÃES, Joaquim Romero (coord.). *História de Portugal: no alvorecer da modernidade*. Lisboa: Estampa, 1997.

MARAVALL, José Antonio. *A Cultura do Barroco*. São Paulo: EDUSP, 2009.

MARTINS, Guilherme. *A vida dos livros*. Disponível em: <<http://www.cnc.pt/Artigo.aspx?ID=623>>. Acesso em: 09 de maio de 2013.

MATTOSO, José. *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 2003.

MEGIANI, Ana Paula Torres. *O Rei Ausente. Festa e cultura política nas visitas dos Filipes a Portugal. 1581 e 1619*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2004.

MENDONÇA, Manuela. Sociedades e Minorias. Mentalidades em mudança (séculos XV-XVI). In: AZEVEDO, Manuela de (coord.). *Fim do milênio / Foruns VII e VIII dos Encontros Camonianos*. Constância: Edições Colibri, 1999.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (orgs). *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 41-54.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

- MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. *O que é Filosofia Medieval?*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- NOVAES, Adauto (org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. *Anos 90 - Revista*. Porto Alegre, v. 3, n. 23/24, p.45-58, 2006.
- PESSANHA, José Américo Motta. Vida e Obra. In: AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- PIGLIA, Ricardo. Una narrativa sobre Kafka. In: *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.38-73.
- PITA, Isabel Beceiro. *Libros, lectores y bibliotecas em la España medieval*. Murcia: Nausícaä Murcia, 2007.
- PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel de Melo Esboço Biográfico*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p. 235-264.
- RONCIÈRE, Charles de La. A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da Renascença. In: DUBY, Georges (org.). *História da Vida Privada, 2: da Europa a Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RUCQUOI, Adeline. *De los Reyes que non son taumatugos: los fundamentos de la realeza en España*. Relaciones, 1992.
- RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- _____. *Reconstrução do passado: Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Ed. UnB, 2007.
- SALOMON, Marlon Jeison. Escrita e prática de arquivamento no século XVIII (Prefácio). In: CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. *A prática epistolar moderna e as cartas vice-rei D. Luis de Almeida, o marquês do Lavradio*. São Paulo: Alameda, 2013.
- _____. *Arquivologia das correspondências*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. Alexandre Koyré e o nascimento da ciência moderna. In: Marlon Salomon. (org.). *Alexandre Koyré, historiador do pensamento*. Goiânia: Almeida & Clément, 2010, v. 1, p. 75-95.

_____. Dados da experiência e objetos do saber: em torno da história de uma distinção filosófica. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; PIAZZA, Maria de Fátima (org.). *História e Arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, v. 1, p. 49-74.

SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. Paixões da alma, melancolia e medicina (sécs. XIII-XV). In: MACEDO, José Rivair (org.). *A Idade Média portuguesa e o Brasil*. Porto Alegre: Vidrágua, 2011, v. 1, p. 107-119.

SARMENTO, Maria da Conceição Morais (Notas e prefácio). In: Melo, Francisco Manuel de Melo. *Cartas familiares*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional - Casa da Moeda, 1981.

SCHAUB, Jean-Frédéric. *Portugal na Monarquia Hispânica (1580-1640)*. Lisboa: Horizonte, 2001.

SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e alma. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006.

SILVA, Francisco Ribeiro da. Introdução. In: *Felipe II de Espanha, Rei de Portugal* (Colectânea de documentos filipinos guardados em Arquivos portugueses). Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques, 2000.

_____. D. João IV, O Restaurador (1640-1656). In: MENDONÇA, Manuela (org). *História dos Reis de Portugal: da Monarquia dual à implantação da República*. Lisboa: Academia Portuguesa da História / QuidNovi, 2011.

SOUZA, Laura de Mello. *Inferno atlântico: demonologia e colonização - séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. São Paulo: EdUsp, 2000.

TERNES, José. Alexandre Koyré e a Renascença. In: SALOMON, Marlon Jeison (org.). *Alexandre Koyré, historiador do pensamento*. Goiânia: Almeida & Clément, 2010, v. 1, p. 75-95.

TEYSSIER, Paul. O século gloriosos. In: *Lisboa ultramarina, 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*. Michel Chandeigne. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

VECCHIO, Carla Casagrande e Silvana. Pecado. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006.

VENTURA, Margarida Garcez. Sociedades e Minorias. Mentalidades em mudança (séculos XIII-XV). In: AZEVEDO, Manuela de (coord.). *Fim do milênio / Foruns VII e VIII dos Encontros Camonianos*. Constância: Edições Colibri, 1999.

WOORTMANN, Klass. *Religião e ciência no Renascimento*. Brasília: Editora UNB, 1997.